



# Família

Família Giovanni Battista Ferrari e Angela Furlan

Giovanni Battista Ferrari  
e Angela Furlan







*Família*  
*Giovanni Battista Ferrari*  
*e Angela Furlan*





*Família*  
*Giovanni Battista Ferrari*  
*e Angela Furlan*

Bento Gonçalves - RS  
2006





PROJETO E COORDENAÇÃO:

Hadair Ferrari

TEXTO:

Marli Teresinha Ferrari Crespim

PESQUISA:

Hadair Ferrari

Marli Teresinha Ferrari Crespim

PESQUISA DO CAPÍTULO DE  
JOÃO BAPTISTA FERRARI:

Vânia Maria Ferrari

Hadair Ferrari

TEXTO DO CAPÍTULO DE  
JOÃO BAPTISTA FERRARI:

Vânia Maria Ferrari

REVISÃO:

Irmão Demétrio André

IMPRESSÃO:

Lotigraf

Para aquisição do livro, contatos com:

HADAIR FERRARI

Fones: 0xx54 3452-2121 / 9966.8888

e-mail: [familiagbferrari@italnet.com.br](mailto:familiagbferrari@italnet.com.br)



## *Agradecimentos*

*Agradeço em primeiro lugar a Deus que me deu o dom da vida e colocou em meu caminho tantas pessoas maravilhosas que ajudaram a construir esta fantástica história de Giovanni Battista Ferrari e Ângela Furlan.*

*Agradeço a confiança e o carinho que Hadair Ferrari, idealizador desta obra, homem de fibra que não mediu esforços, superou barreiras e derrubou qualquer impecilho para que este livro se tornasse realidade e sua maravilhosa família que o apoiou: Sandra sua esposa e suas filhas Regina e Elisa.*

*Agradeço em nome de Hadair, a todas as pessoas que colaboraram para a construção desta obra, lembrando o passado, acolhendo-nos em suas casas e demonstrando interesse pelo passado de seus familiares.*

*Agradeço a Vânia Maria Ferrari que se empenhou em reconstruir minuciosamente a história de seus avós João Baptista Ferrari e Amélia Belluzzo.*

*Agradeço a minha família, a meu esposo Adilso, meu filho Afonso e minha pequena Lavinia que foi gerada, cresceu dentro de mim e nasceu no término deste trabalho.*

*Agradeço ao Irmão Demétrio André, Marista que fez a revisão desta obra.*

*E espero não estar sendo injusta, esquecendo de alguém. Todos os que, de uma forma ou de outra, colaboraram, sintam-se agradecidos. E que Deus abençoe a todos!*







## *Sumário*

Introdução .....	9
Sobrenome Ferrari - Suas origens históricas .....	10
O processo da imigração .....	13
Linha Silva Pinto .....	24
Maria Rosa Ferrari e Antônio Rubbo .....	53
Danilo volta a freqüentar aulas noturnas e grupo de teatro .....	66
Uma história engraçada .....	67
Uma história contada por gerações! .....	67
Os filhos de Danilo e Maria .....	68
A partida de Antônio .....	69
Partida de Maria Rosa .....	70
Atualmente... ..	71
Santa Joana Ferrari e Angelo Mazzocco .....	73
João Baptista Ferrari e Amélia Madalena Belluzzo .....	89
II - A família começa... nascimentos .....	96
III - Infância e adolescência .....	107
IV - Namoros e casamentos .....	117
V - As bodas de prata e demais casamentos .....	124
VI - A saúde de João Baptista e Amélia .....	148
VII - Considerações finais .....	160
Galeria de fotos .....	167
José Ferrari e Assunta Theresa Piva .....	173



Maria Verônica Ferrari	
Ângelo Ferrari e Rosa Parisotto .....	185
Santo Ferrari e Cecília Poloni .....	227
Ernesto Ferrari e Otilia Fochesatto .....	249
Ângela Colomba Ferrari e João Zandoná .....	259
Ana Maria Ferrari e José Rubbo .....	275
O casamento .....	276
Maria Josephina Ferrari e Severino De Bortoli .....	287
Vitório Ferrari e Josephina Da Campo .....	303
Dionisio Ferrari e Adele Poloni .....	303
Cristiano Roque Ferrari e Joanna Rosa Sartorello .....	303
Genealogia da Família de Giovanni Battista Ferrari .....	325
Aniversário dos Descendentes da Família Ferrari .....	349



## *Introdução*

Os homens são a síntese do passado. Conhecer os tempos e as pessoas que nos antecederam, compreendendo suas ações, seu cotidiano, seus hábitos e seu modo de vida nos faz repensar o que somos hoje. Por isso, a História tem como papel, não apenas recontar fatos, mas buscar em fontes documentais e na memória dos idosos, os momentos vivenciados por nossos antepassados.<sup>1</sup>

Reconstruir a história da FAMÍLIA FERRARI e resgatar seus hábitos, afazeres, cultura, lazer, fé, dificuldades, festas e até lembranças singelas da infância é nosso objetivo. Lembrar daqueles que nos antecederam e nos deixaram uma herança bem maior do que uma colônia de terras: o respeito pela vida, o amor à família, a religiosidade e a esperança.

Para reconstruirmos esta história luzente, iniciada em 1878, buscamos informações nos documentos antigos preservados pelas famílias, nos registros das Paróquias de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia e Santo Antônio e principalmente, nos depoimentos das pessoas que conheceram, viveram ou simplesmente ouviram seus pais e avós contarem a história de nosso primeiro italiano, GIOVANNI BATTISTA, que com muita fé e coragem chegou aqui, em terras selvagens, com a esposa – grávida – dois filhos pequenos e o sogro de idade avançada e iniciou a saga dos Ferrari.

Esperamos que apreciem este livro e nos perdoem se houver alguma diferença em algumas histórias, porque são lembranças que enfrentaram o tempo e sobreviveram assim na mente das pessoas.

---

<sup>1</sup> Bento Gonçalves, História e Memória – Distrito de Pinto Bandeira





# Sobrenome Ferrari

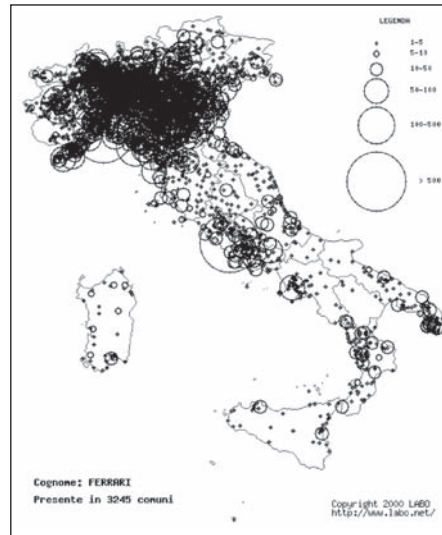
## Suas origens históricas

O nome de família **Ferrari** se constitui num sobrenome designado com pan-italiano, ou seja, que ocorre em todo o território da península itálica. Talvez seja o sobrenome mais freqüente em toda a Itália. De fato, seus índices numéricos são elevadíssimos e, segundo alguns estudiosos, trata-se realmente do sobrenome mais difundido em toda a Itália.

Este nome de família, portanto, pode ser tanto característico da Lombardia ou do Vêneto, regiões do extremo norte, quanto da Calábria e da Sicília, do extremo sul.

Sob ponto de vista lingüístico, o nome de família **Ferrari** é composto de dois elementos latinos distintos: o vocábulo *ferrum*, **ferro**, mais o sufixo *arius*, formando o derivado *ferrarius* indicativo da profissão de **ferreiro**.

Deste vocábulo latino que designava a atividade exercida por aquele que malhava e maleava o ferro, derivam os designativos italianos de profissão e sobrenomes correspondentes **Ferraro** e **Ferrari**. Este sobrenome possui uma longa e rica história. A bem verdade da verdade, o *ferrarius* dos latinos já era conhecido como notável profissional do ferro forjado e batido em várias civilizações anteriores à dos romanos, mormente na dos egípcios e dos gregos.



Portanto, **Ferrari** significa descendente de um *paterfamilias* medieval assim cognominado por exercer a **profissão de ferreiro**.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> MIORANZA, CIRO. *Dicionário dos Sobrenomes Italianos*. Editora Escala, 1997.



## *Brasão da Família Ferrari*



FERRARI - FAMÍLIA DE GRANDE IMPORTÂNCIA EM TODA ITALIA ONDE TIVERAM INÚMERAS CASAS NOBRES, CASTELOS E DOMÍNIOS, TENDO PODER DE PRÍNCIPES SOBRELAÇOS, CONDES, NOBRES, MILITAREM EM TODAS AS ORDENS E TAMBÉM NAS ORDENS ECLÉSIASTICAS, SENDO QUE MUITOS MEMBROS FORAM AGRAÇADOS COM TÍTULOS DO "SACRO IMPÉRIO ROMANO" - ENTREM ASIMAM EM QUASE TODAS CASAS NOBRES DA EUROPA. - INICIA-SE ESTA FAMÍLIA, PRINCIPALMENTE, EM VENEZA TRAZENDO-CONSIGO O BRASÃO DE ARMAS COM CORUA IMPERIAL COROADA, SENDO QUE OUTROS ILUSTRES E NOBRES DESTA FAMÍLIA OBTIVERAM ARMAS PRÓPRIAS. - NA ITALIA EXISTEM CASAS NOBRES DOS FERRARI EM INACIDENTE, GENOVA, NÁPOLES, NOCERA, NA LIGÚRIA E NA LOMBARDEIA. - ESTÃO INSCRITOS NO "LIBRO D'ORO DELLA NOBILTA ITALIANA", NO "DIZIONÁRIO STORICO MILANESCO", NO "ELLENCO STORICO DELLA NOBILTA ITALIANA" E EM OUTRAS PUBLICAÇÕES HERALDICAS



*“O nome de um homem não é como uma capa  
que lhe está sobre os ombros, pendente,  
e que pode ser tirada ou arrancada a bel prazer,  
mas uma peça de vestuário perfeitamente  
adaptada ou, como a pele, que cresceu junto  
com ele: ela não pode ser arrancada sem causar  
dor também ao homem!”*

(Johann Wolfgang von Goethe, 1832)





## *O processo da imigração*

Para nos situarmos dentro da História, segue o relato da situação sócioeconômica da Itália e do Brasil.

O processo de colonização das áreas devolutas no Brasil concretizou-se a partir das últimas décadas do século XIX, com a vinda de grande número de imigrantes. A mão-de-obra dos imigrantes substituiu a mão-de-obra escrava e foi bastante incentivada no Brasil com o objetivo de “clarear” a população brasileira, constituída praticamente de escravos negros.

A Itália passava por um processo delicado na sua economia e a minoria dos senhores feudais detinham o poder. Não havia terra para todos plantarem. O país passava por uma delicada fase pós-guerra e o início do capitalismo industrial. Os pequenos proprietários perderam suas terras para os grandes ou para o governo, devido à falta de pagamento dos elevados impostos. A maioria da população ficou à mercê da miséria e da fome.



*Assim viviam os contadinos...*

Doenças se abateram sobre o povo e uma delas foi a “*pelagra*” causada pelo excesso de polenta. Isso mesmo! O povo só se alimentava de polenta e o corpo não recebia outro tipo de nutriente a não ser aquele! Vejam as conseqüências:



Chefes de família, desesperados, iam para outros países vizinhos trabalhar em serviços temporários e, assim ganharem dinheiro para a família. Mesmo dentro da Itália, mudava-se muito de local, conforme a oferta de trabalho, sendo que a família permanecia em casa. Nos invernos rigorosos, onde todos eram bastante castigados pelo frio, devido à situação miserável em que viviam, todos se reuniam nos estábulos, tanto de dia como no serão para economizar lenha e aproveitavam o calor que emanava dos animais. Fazia seus trabalhos manuais, rezavam e, com fé, esperavam um milagre, uma luz para que seus dias melhorassem.



A notícia do incentivo do governo brasileiro à imigração, deu uma nova esperança (o milagre!) àquele povo que pouco ou nada tinha. “*Nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catar ela cucagna!*”<sup>3</sup> Assim, como Nanetto Pipetta,

<sup>3</sup> BERNARDI, Aquiles *Nanetto Pipetta*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976.



entre 1876 e 1877, quase 5.000 imigrantes italianos saíram do Porto de Gênova e, cheios de esperança e carregados de muita fé, se aventuraram numa travessia arriscada e nada confortável do Oceano Atlântico.

Deixaram tudo para trás: venderam seus móveis, deixaram parentes, amigos e familiares, sonhando com a nova vida no Brasil. Inclusive, um agente de imigração era padre, que se

valendo do seu poder de orientação do povo, reuniu pequenas comunidades e incentivou a imigração.

Chegando em Gênova, se cadastravam e esperavam sua vez para embarcar. Famílias inteiras tinham que esperar dias, ou até semanas, para embarcar. Ficavam hospedadas em pousadas ou até mesmo nas casas de moradores próximos ao porto, que se dispunham a alugar. Acabavam gastando, nesta espera, todo o dinheiro que arrecadaram com a venda de seus pertences. Um detalhe: na hora do cadastramento, tinham que provar que eram pobres. Somente os pobres podiam emigrar. Inclusive, tinham que ter em mãos um atestado do pároco do lugarejo de origem, com a data de casamento religioso, nascimento e batismo dos filhos e no alto do atestado, devia estar escrito: “*MISERÁBIL*”<sup>4</sup>. Muitas pessoas ficaram de fora deste projeto do governo e foram barradas, não podendo embarcar.



<sup>4</sup> GASPERIN, Alice. *Vão simhora*. Est/Educs – 1984.





Depois disso e de mais alguns constrangimentos, quem era “aprovado” recebia o “Manual do Imigrante”.



*“Noi italiani lavaratori  
Allegri andiamo nel Brasile  
E voi altri dell'Italia Signori  
Lavoratevelo il vostro badile  
(si volete mangiare)”<sup>5</sup>*

(Canção cantada por imigrantes)

Partiam em navios à vela ou a vapor e praticamente eram empilhados nos navios, em condições subhumanas, dormindo em tábuas duras e sem nenhum conforto.



<sup>5</sup> “Nós italianos trabalhadores alegres vamos ao Brasil. E vos outros da Itália Senhores empunhai as vossas pás (se quiserdes comer!)”. GASPERIN, ALICE, *Vão Simbora*. Est/Educs - 1984.



Homens, mulheres e crianças (inclusive bebês de colo) tentavam tornar a viagem mais agradável possível, apesar do desconforto do balanço do navio que provocava náuseas, dor de cabeça e vertigens. A higiene era de péssima qualidade e faltava água potável para matar a sede de tantas pessoas. Um exemplo para se pensar: como podem 1500 pessoas ficarem em alto mar por tanto tempo, sem o mínimo de condições para se viver? Meses na água e aqui chegavam ainda com as mesmas roupas com que haviam embarcado em Gênova...

Traziam pouca coisa na bagagem e ainda enfrentavam o risco de ter o pouco, extraviado no navio. As crianças eram as que mais sofriam. Muitas delas não resistiram. Morriam e eram jogadas ao mar. Aquelas que resistiram, foram atormentadas durante meses por enfermidades adquiridas na viagem. Adultos também. Inclusive, segundo o Sr. Vitório Pedro Tommasin, filho de Luigia Giovanna Ferrari, a sua mamãe sempre lhe contava que dois irmãos de seu papai Giovanni Battista teriam morrido no navio e teriam sido

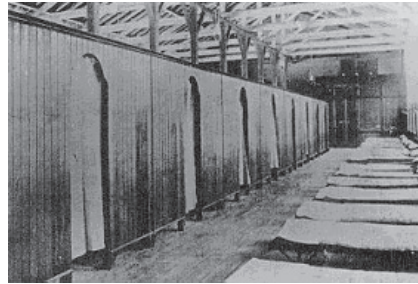




jogados no mar. Também contava que uma menina havia falecido e seus familiares queriam enterrar seu corpo em terra firme. Colocaram-na dentro de um saco de “grisa” e a esconderam. Dias após, devido à decomposição do corpo e do mau cheiro, a tripulação a encontrou e obrigou seus familiares a jogá-la no mar. Sol ou chuva, ao relento, eles resistiram e aqui chegaram, primeiramente desembarcando no Rio de Janeiro. O “*mal dell’acqua*” (mal da água) se acometeu praticamente sobre todos. A pele do corpo, devido à água saloba do mar, se renovava, descamando o corpo todo. Ficavam “pelados”, segundo o Sr. Vitório Pedro Tommasin, que, com seus 89 anos de idade, tem uma memória viva de tudo o que sua mãe contava sobre a história dos imigrantes. Mas bem, aqui chegando quem tinha sorte, ficava hospedado na Pousada das Flores, primeira casa de acolhida aos imigrantes.



*Pousada das Flores – Rio de Janeiro (externo)*



*Pousada das Flores – Rio de Janeiro (interno)*

Aqui chegados, os imigrantes eram cadastrados e aguardavam sua vez para, em embarcações menores, partirem para as terras já designadas. Numa viagem de mais três dias, em navios menores e de pior situação, chegaram a Porto Alegre, para depois, numa outra baldeação, por mais algumas horas, dirigirem-se a São João de Montenegro.

*Travessia de  
Imigrantes do  
Rio Caí, em  
Montenegro  
- 1875*



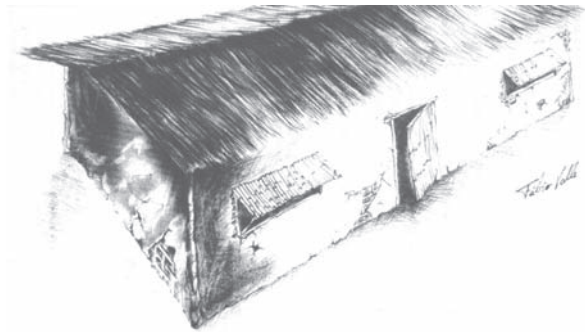


O trabalho de embarque dos imigrantes era demorada e confusa. Muitos passavam horas, num sol escaldante, até terem seus nomes catalogados e suas bagagens liberadas.

Em Montenegro, enquanto aguardavam, uma casa velha, sem cômodos, servia de pousada. Muitos preferiram se abrigar na praça, enquanto aguardavam meios de transportes para as Colônias Dona Isabel e Conde D’Eu. Aqui destacamos que a imigração italiana na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, iniciou em maio de 1875.

Cada colono recebia, além do transporte, que vale salientar era de má qualidade, pois usavam animais “xucros”, difíceis de domar, as sementes, as ferramentas, alguns alimentos e um auxílio gratuito de 20\$000 réis para cada imigrante maior de 10 anos e menor de 50 anos. O valor das terras, das sementes, das ferramentas, o preço da derrubada, da casa provisória e os possíveis adiantamentos compunham a dívida dos colonos.<sup>6</sup>

Por “picadas” abertas a facção, os colonos e suas famílias, numa longa e difícil viagem, aos poucos foram chegando aos seus destinos. Na viagem, muitos dormiam ao relento, embaixo de árvores e/ou paravam nos barracões construídos para receber os imigrantes, onde deitavam-se no chão frio (*su el nudo terreno*) e homens, mulheres e crianças dividiam o mesmo espaço. Aqui, queremos destacar o barracão que acolheu Giovanni Battista e família. Ele se localizava no bairro Barracão (que assim ficou designado devido ao barracão de capim dos imigrantes). Este local foi escolhido devido à facilidade à água potável, local apropriado para o banho sem contaminação da água potável e boa localização.



<sup>6</sup> Regulamento das Colônias de 1867 – Capítulo III do Decreto Imperial nº 3784 de 19 de janeiro de 1867.





Segundo o Cônsul italiano no Rio Grande do Sul Gerolamo Vitaloni, nos seus relatórios sobre as condições da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1876, as colônias Conde D'eu e Dona Isabel “são duas colônias unidas, cada uma delas com 16 léguas quadradas de superfícies. Sua população é de 800 indivíduos, alemães, tirolezes, franceses e italianos, quase em igual número entre si. Estas colônias contavam apenas um ano de existência. Suas terras são muito férteis e próprias para o cultivo do trigo, do centeio, do milho, pois encontravam-se em elevada altitude”.<sup>7</sup>

Já em 1883, o Cônsul Italiano em Porto Alegre Enrico Perrod escreve sobre a Colônia Dona Isabel e Conde D'Eu: (...) Não há um palmo sequer de campina no horizonte à vista, a não ser o que foi desmatado e arroteado pelos colonos. Se não, é apenas uma densa floresta, que impõe terror. (...) Contudo, apesar de todas estas vantagens, que somente agora se conhecem, a colonização foi difícilíssima. As histórias sobre os primórdios da colônia causavam tremores. Requereu-se mesmo toda a força de nosso caráter, capaz de suportar todos os sofrimentos e privações, para lançar os fundamentos de uma civilização que, posso garantir, já despontou vigorosa e anunciando um esplêndido porvir.

Segundo informações obtidas, desde 1868 alguns colonos alemães arriscaram-se a desmatar aquelas selvas, mas todos eles acabaram retrocedendo.

O governo provincial deliberou, em 1871, fazer povoar por sua conta esta zona da Província, esquecida no meio das florestas e habitada por animais ferozes (...)<sup>8</sup>

*Reconstituição,  
segundo tradição oral,  
de Cruzinha, 1875.  
Acervo do historiador  
Pedro Koff.*



<sup>7</sup> COSTA, ROVILIO e outros. *As colônias italianas de Dona Izabel e Conde D'Eu*. Porto Alegre: EST, 1992.

<sup>8</sup> COSTA, ROVILIO e outros. *As colônias italianas de Dona Izabel e Conde D'Eu*. Porto Alegre: EST, 1992.





Como vemos, a situação da Colônia era de total abandono e habitada por “*bestie ferroe*”.

Os lotes foram divididos em três classes, conforme o tamanho: de 605.000 metros quadrados, 302.000 e 121.000. Pelo Regulamento das Colônias de 1867, o Artigo 12º estabelecia que os colonos perderiam o direito sobre seu lote, se não tivessem estabelecido morada num prazo máximo de 2 anos.

Regidos pelo mesmo Regulamento, os colonos recebiam juntamente com o lote: uma casa de tábua (com quatro metros por oito), um machado, um facão, uma pá, uma foice, sementes, medicamentos e assistência médica gratuita. Até que fizessem a primeira colheita o imigrante recebia um salário.



*Casa coberta de “scandole”. Esta é do ano de 1920.*

No termo assinado pelos colonos no período republicano ao receberem o lote, no segundo item acha-se: “Até seis meses depois desta designação deve estar roçada e plantada uma área de mil braças quadradas, pelo menos e, construída uma casa, que tenha pelo menos, quatrocentos palmos quadrados, para sua habitação permanente e de sua família. A inobservância desta obrigação importará a perda das benfeitorias que tiver feito, assim como das prestações que tiver pago, podendo ser o lote designado vendido pelo diretor, salvo somente os casos de força maior e enfermidade prolongada e provada, em que será concedida ao comprador uma moratória de 2 a 6 meses; sendo as questões, que entre ele e o mesmo diretor se suscitarem, decididas por árbitros escolhidos entre os que tiverem, pelo menos, três anos de residência fixa na colônia”. No item 3: “O comprador obterá o título definitivo de propriedade do lote designado,







depois de ter pago integralmente a sua importância saldado tudo quanto dever à Fazenda Nacional, e provado que, por si ou por pessoa de confiança, tenha tido no mesmo lote um ano, pelo menos, de residência habitual e cultura efetiva”.

As dificuldades enfrentadas no início, foram a miséria (mas, não haviam saído da Itália para fugirem disso?), a falta de assistência médica, o desprezo das autoridades e o não-cumprimento das normas estabelecidas por parte dos transportadores e das autoridades locais.

A mãe natureza, por sua maravilhosa fartura, muito ajudou os imigrantes. Não encontraram “*i salami picadi su lé piante*”, mas do alto dos pinheiros encontraram uma solução para a fome: pinhão! E a sede? Fontes naturais de água em quase todos os lotes.

Deus é providencial e não abandonou os nossos bravos antecessores, pioneiros nestas terras selvagens que até onça e “cobra de pernas”<sup>9</sup> tinha. Picadas de cobras venenosas eram tratadas com o antídoto que somente os padres e médicos tinham. As mulheres, enquanto seus maridos e filhos faziam a derrubada do mato, ficavam orando para que nenhum animal selvagem aparecesse e fizesse algum mal a eles ou os comessem.

Com certeza, a fé fez a diferença e a devoção aos santos uniu o povo e fortaleceu a organização dos mesmos em comunidades fortes e tementes a Deus.

O atendimento por partes dos padres era feito nas colônias, onde no lombo de mulas percorriam as mesmas, visitando, aconselhando, benzendo e rezando missas.

Aqui, queremos ressaltar a importância da presença dos padres em nossa colônia e nas vidas dos nossos queridos imigrantes.



*Dois padres em visita pastoral.  
No meio, um Bispo.*

<sup>9</sup> Lagarto. Depoimento de GASPERIN, ALICE. *Vão simhora*. EST/EDUCS, 1984





Sofridos, tratados como criminosos, pois ainda ouvimos dizer que quem havia saído da Itália e vindo ao Brasil, eram a escória da sociedade italiana: fugitivos de guerra, presos, vagabundos...

Esta imagem dos imigrantes, com certeza não condiz com tudo o que vimos até agora, ou vemos hoje: cidades em grande escala de crescimento, riquezas, empregos, vida saudável e, destacando Bento Gonçalves, como o município que está em primeiro lugar no Estado do Rio Grande do Sul em qualidade de vida.

E a fé do povo é muito forte. Somos, em nossa maioria, católicos. Herdamos dos nossos imigrantes, pois trouxeram consigo sua forte religiosidade, reuniam-se para rezar o terço, iam à missa todos os domingos, obrigatoriamente (voluntariamente e não por imposição!). Numa terra desconhecida iniciaram o Novo Mundo e tiveram a orientação forte e determinada dos padres que, tendo acesso às autoridades (e sendo uma!) ajudaram nossos imigrantes a vencerem as dificuldades. Tinham o poder de Deus, ensinavam as leis divinas, a ajuda-mútua, a organização das pequenas comunidades e até orientavam o povo em questões familiares, sociais e políticas.





*Bento Gonçalves – 1935*

## LINHA SILVA PINTO

Agora, vamos nos referir à Linha Silva Pinto Sul. Aqui iniciamos a história de GIOVANNI BATTISTA FERRARI e ANGELA FURLAN.

A Colônia de Dona Izabel foi colonizada primeiramente pelos alemães, que não gostaram da Região por ser de terreno acidentado. Vieram e logo se mudaram para os locais mais planos. Se você pensar, verá que lugares como Lajeado, Arroio do Meio, Estrela... todos foram colonizados por alemães e poloneses.



*Primeiros  
acampamentos  
dos imigrantes*



Então, assim sendo, vamos iniciar a nossa viagem pelo sonho de felicidade de Giovanni Battista e Ângela.

**FRATE** (nome assinado)  
**FRARI** (conhecidos por)  
**FERRARI**  
(no Brasil, transformados em)

Talvez, esta seja a narrativa mais difícil de ser feita dentro desta história.

O resgate das memórias da Família Ferrari é um desejo do tataraneto de Giovanni Battista, Hadair, filho de Pedro, filho de João Baptista, filho de Pietro, filho de Giovanni Battista.

GIOVANNI BATTISTA

PIETRO

JOÃO BAPTISTA

PEDRO

HADAIR

Dentro da família, os nomes são uma constante repetição, mas como disse antes, Hadair quer resgatar a trajetória do primeiro imigrante: daquele que deu origem a uma família tão numerosa, daquele que não teve medo e tudo suportou. Diante disso, várias pesquisas foram realizadas em todos os lugares prováveis e alguns improváveis também. Consultamos o Arquivo Histórico do Rio de Janeiro, o Arquivo Histórico de Montenegro, o Arquivo Histórico de Erechim, as Paróquias da nossa Região, principalmente de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia de Pinto Bandeira e a de Santo Antônio; a Mitra Diocesana de Caxias do Sul e finalmente, a Paróquia San Lorenzo de Fiumicello – Província de Udine – Região de Friuli Venezia – Itália. É claro que a história em si e os fatos que serão narrados a seguir, os familiares é que nos honraram com seu depoimento, resgataram suas





lembranças e reconstruíram a história. Hoje temos na família, vivos, somente as pessoas da segunda geração em diante de Giovanni Battista, isto é: netos, bisnetos, tataranetos...

A busca pelos documentos foi trabalhosa e o resultado foi surpreendente!

Foram contratados os serviços de um pesquisador, da Itália, para fazer as buscas.

Tínhamos em mãos o local e o ano de Batismo de Ângela, pois ela os havia declarado nas suas segundas núpcias, aqui no Brasil.

Anteriormente, no ano de 1992, o também tataraneto Gilmar Ferrari, filho de Domingos, filho de João Baptista, filho de Pietro, filho de Giovanni Battista, advogado, já havia dado início às buscas das origens, mas segundo a resposta por carta do pároco de Fiumicello, naquela Paróquia, não constaria o casamento de Ângela, somente seu nascimento.

Agora, numa pesquisa mais aprimorada, recebemos a resposta positiva e o fim de um mistério, pois até nos *sites* da Internet sobre genealogia nada foi encontrado, nenhum Giovanni Battista Ferrari havia sido localizado.



*Irmã Nives em  
visita a Chiesa  
Parrocchiale di  
San Lorenzo*







*Imagem de Nossa Senhora das Dores datada do séc. 16, que está no interior da Igreja San Lorenzo di Fiumicello.*

A surpresa foi grande ao recebermos as certidões de nascimento e casamento de Giovanni e Ângela.

Mas, antes de revelar esta descoberta, gostaria de esclarecer alguns pontos: Giovanni Battista e Ângela nasceram na Comune (cidade) de Fiumicello, Província de Udine, Região de Friuli.

Alguém já ouviu falar na cultura friulana?

Cada região da Itália possui seus costumes, linguagens, tradições e culturas próprias. Assim como o gaúcho se diferencia do resto do Brasil com suas tradições e linguagem gaudéria, os friulanos também e até possuem um dicionário próprio.

E dentro dos seus costumes, um deles é o *sopranome*, isto é, uma subdivisão dentro de um grupo familiar com o mesmo sobrenome. Este é o caso da mãe de Ângela que se chama oficialmente Rosa Gagnan, mas é conhecida como Rosa Puntin. Portanto, Rosa Gagnan, *detto* Puntin. A pergunta: o que Puntin tem a ver com Gagnan?

O caso de Giovanni Battista é um pouco mais estranho que este, uma incógnita. Vamos transcrever o que o pesquisador nos mandou em sua resposta:





“Caro Hadair:

O mistério sobre o seu ascendente, finalmente está esclarecido!

Existe sim, o Registro de Batismo e Casamento dele, em Fiumicello, e na própria Parrocchia San Valentino.

O Pároco não havia ainda examinado os Livros, com o senso crítico, de quem está acostumado com os erros gráficos, ocorridos no passado, em consequência da grande imigração italiana para o Brasil e outros países. Ocorre que o sobrenome *original*, em italiano, é **FRATE**.

A presença do dialeto local, “**Friulan**”, é muito forte.

Até hoje, permanece como a língua mais falada em toda Regione Friuli-Venezia-Giulia.

Quem se chama **FRATE**, certamente será conhecido por **FRARI**.

Nossos ascendentes, quando foram para o Brasil, levavam somente um “*Passaporto*” coletivo, onde trazia apenas a composição familiar, sem muitos detalhes.

A partir daí, os nomes eram escritos “*a ovido*”.

Nossos “*bisnonni*”, na sua maioria, eram analfabetos.

Quando o Escrivão pedia para conferir o Ato e assinar embaixo, imagine a resposta ...

Por isto, creio que o ...

- ... **FRATE** na Italia, de seus ascendentes,
- ... era falado **FRARI**, e que no Brasil,
- ... foi transformado em **FERRARI**.

Disse anteriormente que esta narrativa seria a mais difícil. Mas vamos continuar nossa história, sem nos ater muito à transformação que ocorreu no sobrenome, pois todos são conhecidos e assinam Ferrari. Então:

Giovanni Battista Frate (Frari), nasceu no dia 11 de dezembro de 1845, na Paróquia San Valentino Martire, via São Lorenzo, 60, Comune di Fiumicello, Província di Udine. É filho de Giuseppe (Frate) Frari e Anna Michelin.

Quando a Irmã Nives Ferrari, filha de Santo Ferrari e Cecília Poloni, bisneta de Giovanni Battista visitou a cidade de Fiumicello, percorreu a Via San Lorenzo, rua esta em que Giovanni nasceu, e registrou este momento tão importante.



Via San Lorenzo di Fiumicello. Foi na casa de n° 60 que Giovanni Battista nasceu.

ARCIDIOCESI DI GORIZIA  
PARROCCHIA SAN VALENTINO MARTIRE  
n. 122/05 COMUNE DI FIUMICELLO  
Tenuta al rilascio degli atti di stato civile, compilati anteriormente al 1° gennaio 1924,  
in base all'art. 5 del R.D. 24-9-1923, n. 2013, rilascia il presente

**ESTRATTO PER RIASSUNTO  
DAI REGISTRI DEGLI ATTI DI NASCITA**



Di questa Parrocchia.

Tomo..... X ..... pag. 851 ..... n. 92

Risulta che addi. 11. luglio del mese di. 12. dicembre  
Dell'anno..... milleottocentoquarantacinque 1845  
in Fiumicello, nel S. Comune Co.,  
è nato Giovanni Battista Frate  
figlio di Giuseppe  
e di Anna Marcolini

Annotazioni marginali.

Il presente si rilascia in carta libera per gli usi di legge.  
Fiumicello, il 18.1.2007



*Certidão  
Nascimento de  
Giovanni  
Baptista Frari*

Ângela Furlan, nascida em 14 de agosto de 1848, na Paróquia San Valentino Martire di Fiumicello – Província de Udine, filha de Giuseppe Furlan e Rosa Gagnan, *detto* Puntin.

**ARCIDIOCESI DI GORIZIA**  
**PARROCCHIA SAN VALENTINO MARTIRE**  
**COMUNE DI FIUMICELLO**

Tenuta al rilascio degli atti di stato civile, compilati anteriormente al 1° gennaio 1924, in base all'art. 5 del R.D. 24-9-1923, n. 2013, rilascia il presente

**ESTRATTO PER RIASSUNTO**  
**DAI REGISTRI DEGLI ATTI DI NASCITA**

Di questa Parrocchia.


Tomo... X ... pag... 285 ... n... 49

Risulta che addì... 15 (quindici) ... del mese di... Agosto (8)  
 Dell'anno... 1848 (milleottocentoquarantotto)  
 al N.º 80 della frazione di San Lorenzo I  
 è nata: Ângela Furlan figlia di Giuseppe  
e di Rosa Guntin

Annotationsi marginali... Non risulta dai nostri registri che le  
stessa sia sposata  
né che sia morta.

Il presente si rilascia in carta libera per gli usi di legge.

Fiumicello, il 30.12.2004



*Sto unquar*

*Certidão Nascimento de Ângela Furlan*

**ARCIDIOCESI DI GORIZIA**  
**PARROCCHIA SAN VALENTINO MARTIRE**  
**COMUNE DI FIUMICELLO**

Tenuta al rilascio degli atti di stato civile, compilati anteriormente al 1° gennaio 1924, in base all'art. 5 del R.D. 24-9-1923, n. 2013, rilascia il presente

*11/05*  
**ESTRATTO PER RIASSUNTO**  
**DAI REGISTRI DEGLI ATTI DI MATRIMONIO**

Di questa Parrocchia.


Tomo... 11 ... pag... 78 ... n... 259

Risulta che addì... 24 ventiquattro ... del mese di... 11 Novembre  
 Dell'anno... 1869 (milleottocentosessantanove)  
 a Fiumicello contrassero matrimonio  
Giovanni Battista Frate di Giuseppe ed Anna Micheli  
e  
Ângela Furlan di Giuseppe e Rosa Gagnan

Annotationsi marginali... /

Il presente si rilascia in carta libera per gli usi di legge.

Fiumicello, il 28.1.2005



*Sto unquar*



Para melhor nos localizarmos, a Comune (cidade) di Fiumicello fica na Província (espécie de Estado) de Udine, que pertence à Região de FRIULI – Venezia Giulia. A Região é dividida em 4 Províncias: Trieste, Gorizia, Pordenone e Udine. A Província de Udine é composta por 137 *Comunes* (cidades) e a Comune de Fiumicello é dividida em quatro *frazione* (distritos): San Valentino, San Lorenzo, Pappariano e San Antonio.



## Fiumicello

Il suo nome deriva dal latino flumen, fiume. Di antiche origini, dopo la fine del Patriarcato di Aquileia (1420) nel 1516 passò sotto il domino asburgico fino alla fine della Prima Guerra Mondiale. A tale dominazione risalgono alcune interessanti ville nobiliari e case padronali. Centro agricolo, tra la cui produzione spiccano le pesche e il vino, è anche meta di escursioni lungo i canali o nella riserva naturale dell'Isonzo.

Fiumicello, no ano de 1700, não passava de um banhado, cercada por dois rios, com terra totalmente imprópria para moradia e plantações. Foi assim, até que um grupo de monges resolveu drenar as terras para torná-las produtivas, pois sabemos que terra era um “artigo” de luxo, eram muito escassas... estes monges alcançaram seu objetivo e drenaram através de canais, toda a água, para um local vizinho chamado Izola Marosin.

Assim, a Congregação lá se instalou e aos poucos, o lugarejo foi habitado e as plantações de trigo e milho e algumas casas de comércio por lá se fixaram. É nesse contexto histórico de Fiumicello que nasceram Giovanni Battista e Ângela Furlan.

Na Região de Friuli – Venezia Giulia está localizada a Região Natural chamada Planície Adriática: “é uma pequena região no extremo norte do Mar Adriático. A metade leste da Planície é conhecida como o planalto Carso. É uma zona de solo calcário, *imprópria para a agricultura*. Nessa região a água em geral forma rios subterrâneos”<sup>10</sup>

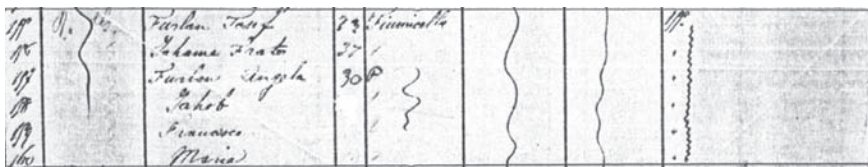
<sup>10</sup> Enciclopédia Delta Universal – Itália. Editora Delta S.A. – RJ – Brasil – pág. 4.472.



Então essa era a situação de Giovanni Battista e Ângela: além de toda a situação sócioeconômica da Itália, o solo era impróprio para a agricultura.

Confrontados por esta realidade, também venderam suas coisas e rumaram para Gênova, esperando sua vez de embarcar. Aprovados por serem “*miserabiles*”, embarcaram no Vapor Ligúria, onde estavam a bordo 190 pessoas. Veja na página seguinte, o registro da embarcação com o nome de Giovanni, Ângela, seu pai e filhos.

Conforme listagem, o pai de Ângela Furlan, Giuseppe Furlan (aparecendo como Furlan Josef), ela e Giovanni Battista e os filhos Francesco (2 anos) e Maria (3 anos) eram os passageiros de número 155, 156, 157, 158, 159 e 160, respectivamente. Confirmam:





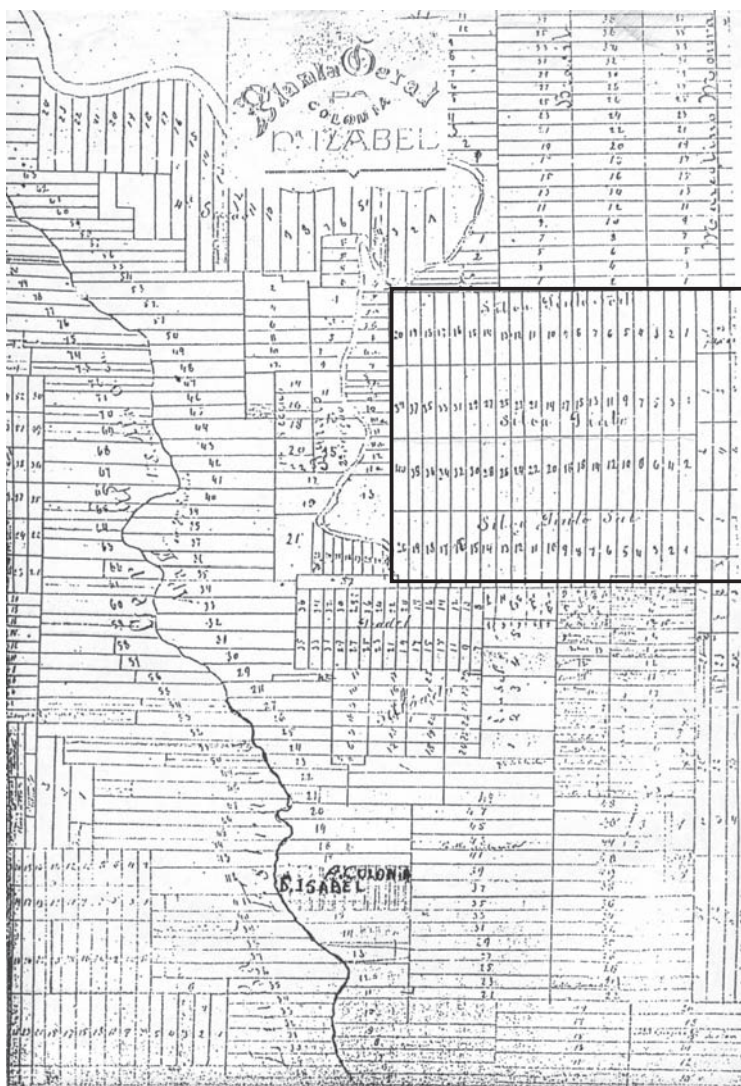


N.º	Porto d' imbarco	NOME e COGNOME	Idade	Nazionalidade	Condição	Destino	Idade	Osservações
123	Porto	Motter Silvio	1	Brasileira	Gravolini	Rio de Janeiro	1925	
124	X	Moutach	1		Gravolini		191	
127	X	Soldado Livramento	2		Carapitea		178	
128	X	Falco Anselmo	1				168	
129	X	" Jolano	1				168	
130	X	Anacost Francisco	1				177	
139	X	Francoiseo Ruzio	1				177	
140	X	Correia Botelho	1		Gravolini		178	
141	X	Costello Augusto f. P.	52		Gravolini		179	
142	X	Pinto Francisco	1				1628	
143	X	Rosa Vincenzo	29	Italiano	Gravolini		179	
144	X	" Francisco	26				176	
145	X	" Ruzio	18				179	
146	X	Bosco Maximiano	36		Gravolini		178	
147	X	Angel Roberto	1	Brasileira			170	
148	X	Adala Silvio	17	Italiano			171	
149	X	" Antonio	10				170	
150	X	Estabna Petala	29				170	
151	X	Carvalho Angel	27				172	
152	X	Benedito Gerente	39				178	
153	X	Melloni Giuseppe	29				177	
154	X	Antonio Giuseppe	21				171	
155	X	Melloni Antonio	10				171	
156	X	Gerente Giuseppe	27				172	
157	X	Flora Angela	26				173	
158	X	Antonia Emilia	29				174	
159	X	Costa Benedito	10				177	
160	X	Chaves Angel	10				178	
161	X	Salles Benedito	28				162	
162	X	Flora Livramento	26				172	
163	X	Francisco	26				177	
164	X	Francisco	26				177	
165	X	Francisco	26				177	
166	X	Francisco	26				177	
167	X	Francisco	26				177	
168	X	Francisco	26				177	
169	X	Francisco	26				177	
170	X	Francisco	26				177	
171	X	Francisco	26				177	
172	X	Francisco	26				177	
173	X	Francisco	26				177	
174	X	Francisco	26				177	
175	X	Francisco	26				177	
176	X	Francisco	26				177	
177	X	Francisco	26				177	
178	X	Francisco	26				177	
179	X	Francisco	26				177	
180	X	Francisco	26				177	
181	X	Francisco	26				177	
182	X	Francisco	26				177	
183	X	Francisco	26				177	
184	X	Francisco	26				177	
185	X	Francisco	26				177	
186	X	Francisco	26				177	
187	X	Francisco	26				177	
188	X	Francisco	26				177	
189	X	Francisco	26				177	
190	X	Francisco	26				177	
191	X	Francisco	26				177	
192	X	Francisco	26				177	
193	X	Francisco	26				177	
194	X	Francisco	26				177	
195	X	Francisco	26				177	
196	X	Francisco	26				177	
197	X	Francisco	26				177	
198	X	Francisco	26				177	
199	X	Francisco	26				177	
200	X	Francisco	26				177	

Lista de Passageiros do Vapor Liguri – dezembro/1878. Fonte: Arq. Nacional do Rio de Janeiro



Chegaram ao Brasil, após 42 dias no mar, na cidade do Rio de Janeiro. Aqui, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Colônia de Dona Izabel, receberam o Lote nº 24 da Linha Silva Pinto (assim denominada, provavelmente, em homenagem ao engenheiro ajudante Bacharel Antônio Inocêncio da Silva Pinto).



Mapa dos lotes da Colônia Dona Izabel. Em destaque a Linha Silva Pinto (Norte e Sul)





Conforme o Regulamento das Colônias, deveriam fazer sua casa (e a fizeram de pedra) coberta de “scandole” e iniciaram o corte das árvores para a sua plantação. Deste período, não temos muitas informações, mas temos certeza que não foi nada fácil o reinício para esta família nestas terras estranhas. E acrescentamos que este lote é de terreno acidentado e, como diriam os antigos, no “fundo” de um morro! Para nos localizarmos melhor, o terreno é cortado pelo Rio Buratti e o lugar é mais conhecido como *“la su al vintecinqe della Linba Quaranta!”*

Pois é, só que Ângela estava grávida e em 30 de junho de 1879, às “12 horas da noite” nasceu Pietro Ferrari, primeiro filho brasileiro de Giovanni Battista e Ângela Furlan (provavelmente “fabricado” no Navio). Foi batizado no dia 18 de setembro de 1879 na Paróquia Santo Antônio, sendo escolhidos como padrinhos Pietro Rosin e Colomba Durante. Aliás, a família de Colomba Durante vai se fazer muito presente na família de Pietro Ferrari, ela que casou com Santo Santolin, pais de Teresa, futura esposa de Pietro.



### Diocese de Caxias do Sul

Rua Os 18 do Forte, 1771 Centro CEP 95001-970 Caxias do Sul - RS  
Caixa Postal 59 - Fone/Fax (54) 214-5388 www.diocesedecaxias.org.br

CERTIFICO que no Livro N.º ..... 1 ..... de assentamentos de Batismo  
da PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO - BENTO GONÇALVES  
de Caxias do Sul à folha ..... 116 ..... Número: ..... 177 ..... acha-se o seguinte:

A ..... 18 de Setembro de 1879 ..... na  
PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO - BENTO GONÇALVES  
foi batizado(a) **PIETRO FERRARI**  
Nascido(a) em 30 de Junho de 1879  
filho(a) de: Giobattista Frari  
Ângela Furlan  
Padrinhos Pietro Rosin Colomba Durante  
Celebrante Pe. João Menegotto  
O Pároco Pe. João Menegotto  
Anotações Avós paternos: Giuseppe Frari Avós maternos: Giuseppe Furla  
.....  
.....  
.....

E nada mais consta.

Caxias do Sul, 1 de Novembro de 2005



Taxa R\$ 25,00

Pe. Arduino Lazzari  
Pe. Arduino Lazzari  
Econômo da Diocese



A notícia boa é que Pietro nasceu bem, com saúde, mas temos duas ruins para relatar:

A morte do filhinho Francesco, de apenas 4 anos, no dia 26 de maio de 1880, às 6 horas da manhã. Não temos a causa da morte. E o falecimento de Giuseppe Furlan, pai de Ângela, com 73 anos de idade, no dia 10 de Junho de 1880.

*L. 10 Luglio 1880. Silva Pinto S.º 26.*  
 69. Giuseppe Furlan fu Antonio privo degli ajuti spirituali passò a vita migliore li 10.º Luglio p. p. ore 6 ant. in età d'anni 75. Il giorno 11.º fu sepolto il d. lui cadavere nella Linea Silva Pinto S.º.  
 D.º Giovanni Monzegotto Parroco.

*Livro de Óbitos da Paróquia Santo Antônio de BG. Assentamento nº 69 da pág. 57*

*Eadem die Silva Pinto S.º 26.*  
 70. Francesco Ferrari d.º Giobattista e d.º Ângela Furlan nonjugo se ne volò al cielo li 26.º Maggio p. p. ore 6 ant. d'anni 4.  
 Il giorno 27.º fu sepolto nell. d. lui cadavere nella Linea Silva Pinto S.º 26.  
 D.º Giovanni Monzegotto Parroco

*Livro de Óbitos nº 01 da Paróquia Santo Antônio de BG. Assentamento nº 70 da pág. 57*

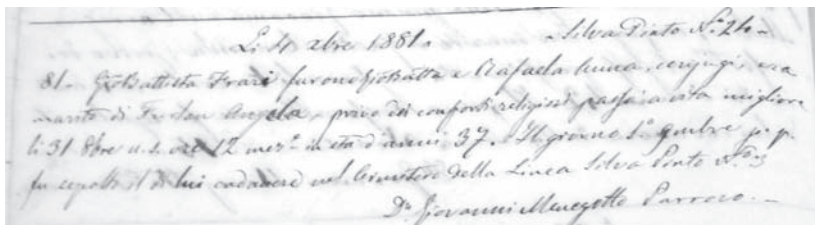
Temos que relatar aqui, que no mês de agosto de 1880, houve uma grande e inédita nevasca em Nova Pompéia. A neve acumulada durante a noite chegou a um metro de altura. Imaginem o frio com a infra-estrutura precária da época... O mato sofreu grandes danos: boa parte dele acabou secando.

Como se não bastassem essas tragédias, ocorridas em menos de um dois meses, segundo o relato do Sr. Domingos Ferrari, bisneto de Giovanni Battista, ao realizar uma queimada de mato, no ano de 1881, isto é, três anos após sua chegada, sentindo muito calor, foi tomar água e se banhar num riacho (Buratti) que cortava sua propriedade. O choque térmico foi fatal: provocou “o mal da ponta” (pneumonia) e após alguns dias, mais precisamente no dia 31 de outubro de 1881, às 12 horas, aos 37 anos de idade, dava-se por encerrada a aventura no Novo Mundo para Giovanni





Battista Ferrari (conhecido pelo Padre João Menegotto como Frari, pois assim registrou seu óbito!). Foi enterrado no Cemitério do Lote nº 3 da Linha Silva Pinto, onde ele teria “inaugurado” este Cemitério. Ângela estava grávida de Luigia Giovanna, sua segunda filha mulher.



Libro de Óbitos nº 01 da Paróquia Santo Antônio – BG. Assentamento nº 81 da pág. 84.

No dia oito de fevereiro de 1882, nasceu Luigia Giovanna Ferrari, filha de Giovanni Battista (in memórian) e Ângela Furlan. No dia 27 de Junho de 1882 foi batizada na Paróquia Santo Antônio, pelo Padre João Menegotto, sendo padrinhos Tommaso Arioli e Anna Bossin.



### Diocese de Caxias do Sul - RS

Rua Os. 18 do Forte, 1771 - Centro CEP 95001-070 - Caxias do Sul - RS  
Caixa Postal 59 - Fone/Fax (54) 214-5388 - www.diocesedecaxias.org.br

PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO - BENTO GONÇALVES

Libro 2 Folha 197 N° 207

Consta o registro do batismo de

**LUIGIA GIOVANNA FRARI**

Batizado(a) 27 de Junho de 1882

Nascido(a) 8 de Fevereiro de 1882

Filho(a) Giobattista Frari

Ângela Furlan

Padrinhos Tommaso Arioli

Anna Bossin

Celebrante Pe. João Menegotto

Anotações Avós paternos: Giuseppe Frari Avós maternos: Giuseppe Furlan

E nada mais consta.

Caxias do Sul, 16 de Novembro de 2004

Taxa R\$ 0,00

*Graciana Schmitt*  
Arquivista



Pois é: Ângela Furlan, viúva, sem o pai, com Maria (7 anos), Pietro (3 anos) e Luigia Giovanna (ainda bebê de colo) em sua colônia, sozinha!

Então, conheceu, ou já conhecia, Filippo Beluzzo, viúvo de Carolina Andreoli, falecida no ano de 1873, provavelmente na Itália ainda, morador no Lote nº 7 da Linha Silva Pinto e com ele casou-se em 18 de setembro de 1882. Ele, filho de Fidenzo Beluzzo e Paolina Sacco, nasceu em Merlara, Província de Verona no ano de 1843, estabelecido no Brasil no ano de 1878.



## BISPADO DE CAXIAS DO SUL

CERTIFICO que no Livro N.º 01 de assentamentos de

CASAMENTO da Paróquia de SANTO ANTÔNIO

de Bento Gonçalves à fl. 171 acha-se o seguinte:

Li 18 de settembre 1882                      Silva Pinto Nº 7

71 - FILIPPO BELLUZZO di Fidenzio e della fu Sacco Paolina, conjughi, nato a Merlara, Provincia di Verona l'anno 1843, vedovo di Andrioli Carolina morta l'anno 1873; e da li anni transferitopi a D. Izabella, Linea Silva Pinto nº 7, ove prejentemente tiene domicilio, catholico, contadino.  
Com

ANGELA FURLAN furone Giuseppe e Guliana Roza, conjughi, nata a Fiumicello, Provincia di Gorizia l'anno 1848, e da anni 3<sup>1</sup>/<sub>2</sub> arrivata a D. Izabella, Linea Silva Pinto nº 24, one prejentemente tiene domicilio, vedova di Frari Giöbattista morto li 31 ottobre 1881, catholica, contadina. Premesje le ter prescritte Canoniche ublicazioni in questa Chiesa nei ter giorni festivi 15-20-27 Agosto p.p. senza comparza d'impedimentoaluno, ed ottenuto il mutuo e separato consenso, furono congiunti in Santo Matrimonio da me D. Giovanni Menegotto Parroco alla prezenza dei testimony Piccoli Luigi di Giuseppe Sagrestano e Loss Giöbattista fu ... falegname ambedue di D. Izabella.

O b s e r v a ç õ e s :

Não há.

E nada mais consta.

Bento Gonçalves 30 de março de 2005

*Kátia R. da Cruz*

Taxa  
S C - 18

8866/217/0033-88

PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO  
Cx Postal 85  
95.700 - BENTO GONÇALVES - RS





Uma nova família estava formada: Filippo e Ângela. Os filhos de Ângela Furlan eram chamados (por apelido) de “Furlani” (pela mãe ser Furlan, ou pela região de origem na Itália) ou “... de Pipo”. Um exemplo é Pietro que passou a ser conhecido como “*Pierin di Pipo*”. Aqui salientamos que dentro da tradição italiana, o apelido “faz parte do negócio”. Vejam abaixo, uma quadrinha que mostra muito claro isso, desde os tempos do Velho Mundo, e que expressa como era conhecido cada povo das regiões italianas:

*“Veneziani gran signori,  
Padovani gran dottori,  
Vicentini mangia gatti,  
Veronesi... tutti matti,  
Udinesi castellani,  
col cognome di Friulani,  
Trevigiani pan e trippe,  
Rovigotti baco e pipe,  
I Cremaschi sciocchi,  
I Brisciani indifi:  
E ce ne sono di peggio...  
I Bergamaschi brusacristi!  
E Belluno? Povero Belluno,  
Sei próprio di nessuno!”*

(quadrinha de Neuza Archetti Conrado, de Franca – SP)

Aqui explico o porquê de Furlani: Ângela Furlan, além de seu sobrenome, veio de Udine, que eram conhecidos por “Friulani”.

Filippo tinha um filho do primeiro casamento: Giovanni de 14 anos de idade. Ângela e seus filhos foram acolhidos por Filippo (mais conhecido como PIPO) na sua residência, no lote 7.

Segundo o Censo realizado pelo Governo em 1883, assim estava constituída a família de Filippo e Ângela:





35	Beluzo Filippo	40 M	6	6	2	92	Chegada em 1884
36	Ângela	35 F					
37	Giovanni Sr 9M	14					
38	Ferrari Pietro	6 M					
39	Maria	8 F					
40	Teresa	1 1/2 F					

Arquivo  
Histórico de  
Montenegro

Beluzo Filippo, 40 anos.  
Beluzo Ângela, 35 anos.  
Beluzo Giovanni, 14 anos.  
Ferrari, Pietro, 4 anos.  
Ferrari, Maria, 8 anos  
Ferrari, Teresa (Luigia), 1 ano e meio.  
Todos não sabiam ler nem escrever.

Em 1884, a Colônia de Dona Isabel foi elevada à condição de povoação comum, passando a ser o 4º distrito de São João de Montenegro. O quadro estatístico da população da Colônia Italiana de Dona Isabel destaca a Linha Silva Pinto com um total de 217 habitantes: 114 homens e 103 mulheres, sendo 42 brasileiros e 175 italianos. Dos 40 lotes da linha, 39 estavam ocupados e 1 devoluto. Quanto às casas, 48 eram de madeira e 1 de pedra. A produção agrícola se baseava no trigo, aveia, feijão, milho e vinho.<sup>11</sup>

Neste mesmo ano de 1884, nasceu Ana Beluzo, filha de Filippo e Ângela Furlan e em 1885 nasceu José Beluzo.

Quanto a Ana Beluzo, não encontramos o registro do seu nascimento. Mas em 12 de abril de 1902 ela se casou com Santo Grégio, ele de 22 anos de idade, filho de Natanno Grégio e Margarida Mezzanini, nascido no Brasil e ela de 18 anos, nascida no Brasil. O óbito de Ana foi precoce, com 41 anos no dia 17 de outubro de 1924 e foi sepultada no Cemitério São Marcos da Linha Brasil.

Nos últimos meses do ano de 1884, que não sabemos precisar, segundo o Sr. Vitório Pedro Tommasin, Maria Ferrari, menina de 9 anos, aproximadamente, filha de Giovanni Battista e Ângela, portanto, irmã de sua mãe Luiza, numa brincadeira de criança, acabou falecendo devido à gravidade das queimaduras que sofreu.

<sup>11</sup> COSTA, ROVILIO e outros. *As colônias italianas de Dona Izabel e Conde D'Eu*. Porto Alegre: EST, 1992.



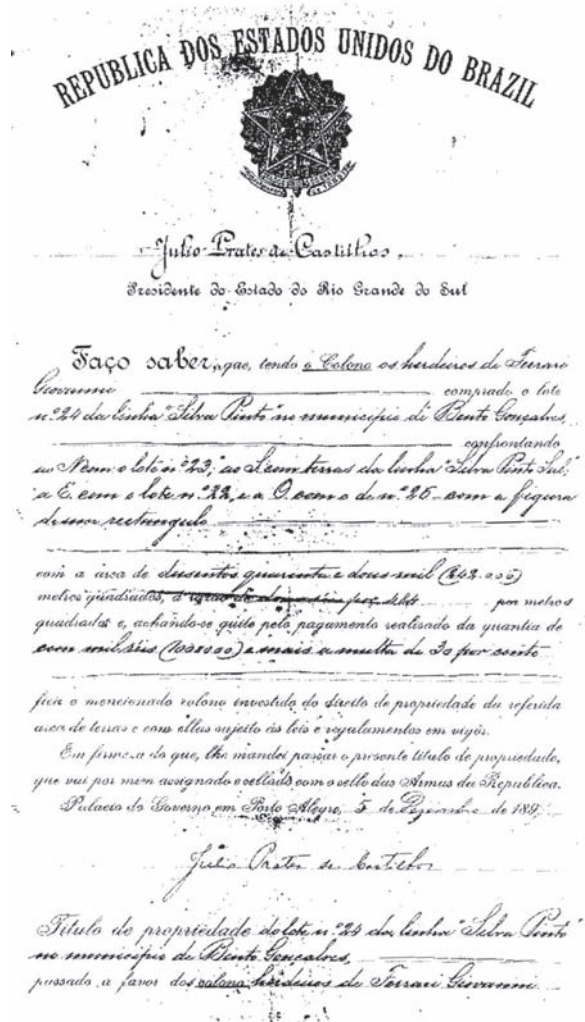
*Dionísio Ferrari, Vítório Pedro Tommasin e Hadair Ferrari, na primeira entrevista*

Moravam todos no Lote nº 7, na casa de Filippo Beluzzo. Ele e a esposa Ângela Furlan estavam na roça, cuidando da lavoura. As crianças pequenas ficaram em casa. Provavelmente estavam Maria, Pietro, Luiza e também crianças vizinhas. Estavam brincando no pátio da casa. Ateavam fogo nos “scartoci” de milho e ficavam brincando. Maria teria gritado às crianças menores, pedindo que parassem com a brincadeira, pois era perigosa. Pietro teria achado graça e zombando da irmã, passou o fogo perto da saia de Maria, que com o vento, pegou fogo. Assustada, sem saber o que fazer e com o vento ajudando a alastrar o fogo pelas suas roupas, em poucos segundos estava em chamas. O fogo teria atingido o seu umbigo e provocado a morte. Luiza, com dois anos e meio de idade, assustada, se escondeu dentro da caixa da lenha e acabou adormecendo. O casal foi chamado às pressas na lavoura e após ter dado assistência a Maria notou a falta de Luiza. Procuraram-na em todos os lugares. Desesperados pelo acontecido com Maria e mais pelo sumiço de Luiza, foram procurar o Padre e o levaram até sua residência, onde ele teria rezado e abençoado a casa. Calcula-se que, com o barulho, Luiza acordou e saiu de seu esconderijo, muito assustada e em estado de choque. Levou dias para voltar ao normal. Aqui, abrimos um parêntese, pois pode haver divergências nesta história. Não localizamos o óbito de Maria na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia e nem na Igreja



Santo Antônio. Relatamos o que Luiza Ferrari contava aos seus filhos e salientamos que ela sempre afirmava ter dois anos e meio de idade.

Filippo e Ângela, após mais este desastre em suas vidas, também trabalhavam nas terras que eram de Giovanni Battista, no Lote nº 24. Os filhos foram crescendo e, em 1897, depois de terem quitado sua dívida com o governo, receberam o Título definitivo de proprietários das terras, onde o mesmo foi extraído com o nome: Herdeiros de Giovanni Ferrari, isto é: Pietro Ferrari e Luigia Giovanna (Luiza) Ferrari.





A vida dos colonizadores italianos era muito difícil. Tudo era longe demais de suas casas: comércio, hospitais, moinhos, locais de venda de seus produtos... Para se chegar até à sede de Dona Izabel já era complicado, agora imaginem ir até São João de Montenegro, moer o milho para fazer a polenta!!! E de mula... Isso quem as tinha, porque o Sr. Vitório Pedro Tommasin nos contou que sua mamãe Luiza fora a pé até o moinho! Um dia para ir e outro para voltar... Essa farinha era para fazer uma polenta mais “especial”. Quando não era possível ir ao moinho, sentava-se no pilão e esmagava o milho que ficava mais grosso do que deveria ficar para se fazer a polenta. Para quem tinha água de sobra, o pilão era por ela movido: toc...toc...toc...



Somente anos depois da chegada dos imigrantes é que a Linha Silva Pinto começou a desenvolver-se.

No ano de 1890 aconteceu a emancipação política de Dona Izabel e Conde D’Eu, passando a formar o município de Bento Gonçalves.

Em 1892 foi nomeado intendente Joaquim Marques de Carvalho Júnior, que permaneceu 32 anos no poder. O município estava dividido em 5 distritos. No final do mesmo ano, o município foi redividido e passou a ter 3 distritos: da Vila, de Conde D’Eu e Zemith.



Com a emancipação, os negócios se alastraram. No quadro abaixo, destacamos as casas de comércio da Linha Silva Pinto, no ano de 1893:

O que?	Proprietário
Casas de Negócios de 2ª classe <sup>12</sup>	Giovanni Bergamo, Luiz Toriani, Luigi Cecconelli e Carlo Raimundi
Moinho de 1 mó	Giovanni Puerari, Antônio Tommasin e Alessandre Ghisolfi
Fábrica de Cerveja	Luigi Cecconelli
Sapateiro	Giovanni Battista Marchetto
Casas de Negócios de 4ª classe <sup>13</sup>	Santo Castellani, Giovani Chimello e Pietro Duranti
Pasto Público	Luigi Lazarini

Quanto aos impostos, segundo uma pesquisa feita no Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves, em 1896 ninguém pagou os do Lote nº 24 da Linha Silva Pinto, pertencente a Giovanni Ferrari, segundo o Livro de Lançamentos dos Contribuintes Municipais de Bento Gonçalves – Ano de 1896. Na página 31, do Lote 23, passa-se para o Lote 25, sem citar o nº 24. Talvez não plantavam nestas terras.



*Livro de Lançamento de Contribuintes Municipais de Bento Gonçalves – Ano de 1896  
Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves*

<sup>12</sup> Casas de negócio sortidas em menor escala: secos, molhados, fazendas, ferragens e bebidas de qualquer espécie. BENTO GONÇALVES: HISTÓRIA E MEMÓRIA – DISTRITO DE PINTO BANDEIRA. Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, 2004.

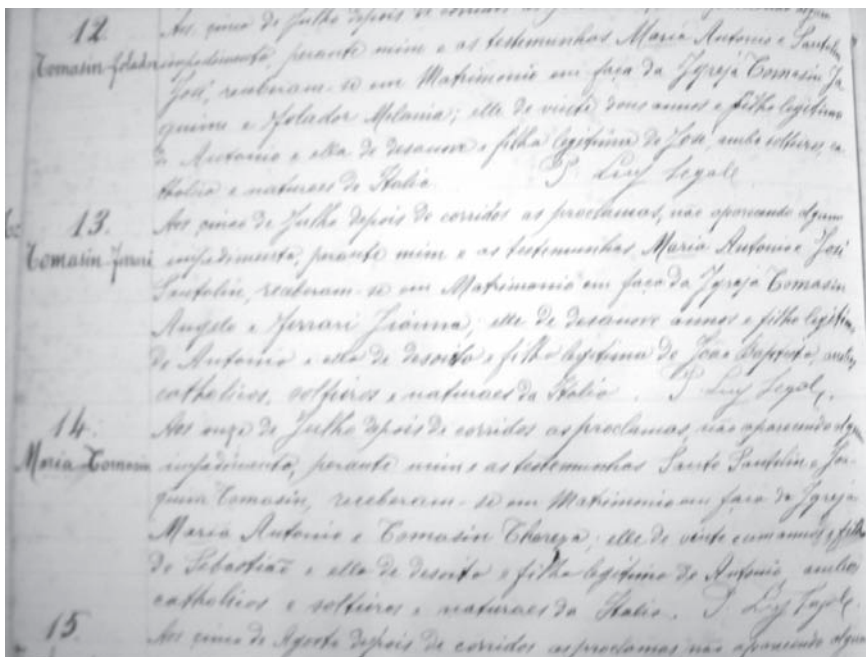
<sup>13</sup> Secos, molhados e bebidas. BENTO GONÇALVES: HISTÓRIA E MEMÓRIA – DISTRITO DE PINTO BANDEIRA. Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, 2004.







Em 1899, precisamente no dia 5 de julho, Luigia Giovanna Ferrari casou-se com Ângelo Tommasin, na Capela da Annunciatta, situada no Lote 12 da Linha Silva Pinto. Ela com 18 anos, menina ainda, casou-se com Ângelo, depois do namoro que começou e se desenrolar nas roças das famílias, na hora do descanso do meio-dia (*sesta*). Luigia (Luiza) e Ângelo sentavam-se nas pedras, nas sombras das árvores um longe do outro e como forma de conversa, jogavam-se pedrinhas. Nada de toques ou mesmo de dar-se as mãos. Jovens, foram morar com a família de Filippo Beluzzo e Ângela Furlan (sua mãe) no Lote nº 7 da Linha Silva Pinto.



*Livro de Casamentos da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia – Pinto Bandeira*

A família estava unida, todos juntos. Filhos do primeiro casamento de Filippo e Ângela e os filhos do atual casamento. *Pieirin di Pipo*, assim passaremos a chamá-lo a partir de agora, por causa de seu padrasto Filippo (conhecido por Pipo), estava de namoro com Theresa Santolin, filha de Santo Santolin e Colomba Durante, aliás, sua madrinha de Batismo. *Pieirin* era conhecido da casa dos Santolin e considerado um bom partido para Theresa.



Ano: 1900. Um novo século se iniciou. Muita coisa é almejada, sonhada... Muitos planos são feitos...

Neste novo começo de ano, a família Belluzzo – Ferrari entra em discórdia, e diga-se de passagem, uma discórdia vitalícia: os primeiros a sofrerem as conseqüências foram Ângelo Tommasin e Luigia Ferrari, que, após meio ano de casados e Luigia estando grávida, saíram do Lote nº 7 e foram morar com os pais dele.

Mas, a grande desavença é com *Pierin*, isso porque Ângela queria que o Lote nº 24, herdado por Luigia e *Pierin*, fosse dividido com os filhos de Filippo.

*Pierin* se defende, compra os 2 terços da terra do Lote nº 24 que pertenciam à Luigia e Ângelo Tommasin e passou a ser o único dono do Lote, mas manteve na escritura uma cláusula que permite o casal de Filippo Belluzzo, enquanto viver, fazer plantações naquelas terras.

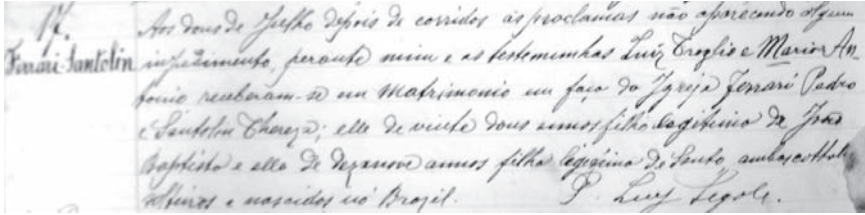
Filippo e Ângela, então, com os seus filhos e o filho de Filippo, Giovanni Belluzzo ouvem falar das tais terras novas que precisam ser colonizadas na região de Erechim. Como não havia mais tanta terra disponível aqui, nas terras velhas, e porque os casais, incentivados pelo governo, tiveram muitos filhos, várias pessoas migraram para a região de Erechim. Era promessa de terras boas, planas e de ser a primeira cidade projetada do Estado.

Assim, o casal, novamente sai de sua terra e vai em direção às terras novas, agora, no mesmo continente, sem precisar atravessar Oceanos. A viagem era demorada, cansativa, feita no lombo dos cavalos. Alguns iam a pé para não castigar demais os animais. E ainda havia a bagagem... E Filippo e Ângela não eram mais tão jovens assim...

Num clima de desentendimento, a família se separou e nunca mais voltou a se ver! Ângela não presenciou o nascimento de sua primeira neta e nem tomou conhecimento dos demais.

Em 23 de março de 1901, nasceu a primeira filha de Ângelo e Luigia Ferrari Tommasin. Em homenagem à mãe, Luigia a chama de Ângela. Mas ela não resiste e morre.

*Pierin di Pipo*, no dia 2 de julho de 1901 casou-se com Theresa Elisabetha Santolin no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, perante o Padre Luiz Segale e as testemunhas Luiz Troglio e Antônio Maria.



Com relação aos filhos do casal Antônio Tommasin e Luigia Giovanna Ferrari, bem, eles tiveram nada menos que 21 filhos. Somente dezoito viveram. Relacionamos abaixo, os nomes e suas datas de nascimento:

1. Ângela - dia 23 de março de 1901.
2. João Batista – dia 3 de março de 1902.
3. Pedro – dia 21 de abril de 1903.
4. Ângela Ana – dia 21 de março de 1904.
5. Joana Ângela – dia 13 de setembro de 1905.
6. Stella Eloísa – dia 31 de janeiro de 1907.
7. Teresa – 24 de junho de 1908.
8. Vitória Maria – 14 de setembro de 1909.
9. Catarina – dia 17 de novembro de 1910.
10. Angélica Madalena – dia 19 de agosto de 1912.
11. Antonio Fernando – dia 14 de novembro de 1914  
(era conhecido por *Nandim*)
12. Vitório Pedro – dia 7 de março de 1916  
nosso grande colaborador. Suas lembranças mantêm-se  
vivas em sua memória.
13. Francisco – dia 6 de agosto de 1917.
14. Braz – dia 20 de janeiro de 1919.
15. Domingos – dia 5 de julho de 1920.
16. Gregório – dia 1º de setembro de 1921.
17. Adelina Otávia – dia 10 de dezembro de 1923.
18. Oliva – dia 27 de março de 1926.

Nesta relação, faltam os nomes de três filhos, provavelmente os que morreram antes mesmo de serem batizados.



Quanto a *Pierin* e Theresa... 12 filhos.

Antes de nascer a primeira filha, Maria Rosa, *Pierin* levou Theresa até o cartório do sr. Bertolini, na Sede da cidade, afim de oficializar, perante a Lei, a sua união. Era o dia 8 de março de 1902. Precisamente 9 dias depois, nasce Maria Rosa – dia 19 de março de 1902.

Eles estavam morando no Lote nº 24 da Linha Silva Pinto – o mesmo herdado de seu pai – e *Pierin* cultivava em suas terras diversas culturas diferentes para garantir o sustento da família.

Abaixo, por ordem cronológica, o nascimento dos filhos do casal:

1. Maria Rosa – dia 19 de março de 1902.
2. Santa Joana – dia 15 de maio de 1903.
3. João Baptista – dia 28 de junho de 1904.
4. José – dia 25 de setembro de 1905.
5. Ângelo – dia 3 de março de 1907.
6. Maria Verônica – dia 16 de novembro de 1908.
7. Santo – dia 16 de novembro de 1910.
8. Ernesto – dia 9 de Julho de 1912.
9. Antônio Luiz – dia 24 de março de 1914.  
Antônio morreu bebê.
10. Ângela Colomba – dia 9 de junho de 1915.
11. Ana Maria – dia 25 de outubro de 1917.
12. Maria Josephina – dia 4 de agosto de 1920.

Com relação aos deveres de *Pierin di Pipo* para com o Município, em 1905 pagou impostos da terra do lote nº 24 e do lote nº 16, ambos da Linha Silva Pinto, onde do nº 16 possui  $\frac{1}{4}$  da Colônia. O restante das terras eram de Luigi Lazarini e Antônio Pavan.

Em 1907, *Pierin* pagou novamente o imposto da terra dos lotes 24 e do lote 16, onde ainda possuía  $\frac{1}{4}$  da colônia.

Já em 1910, o Lote nº 7 que pertencia a Filippo Belluzzo, está em nome de Erminio Da Campo.

No ano de 1914, *Pierin* comprou de João Coghetto  $\frac{1}{2}$  colônia do Lote nº 22 da Linha Silva Pinto Sul e pagou quinhentos mil réis. E em 1915, *Pierin* não mais era dono de  $\frac{1}{4}$  da colônia do lote nº 16.

Visando o futuro, em 1917, *Pierin* comprou meia colônia do Lote nº 11, pertencente a Betto Gottardo. Pagou 1 conto e dez mil réis. Estava



inclusa nestas terras uma casa velha de madeira do tamanho 3x4.

Aos poucos, *Pierin* construiu seu capital, viu seus filhos nascer e crescer.

*Pierin* gostava muito de visitar sua irmã e cunhado. Chegava na casa deles aos sábados – com esforço eles haviam construído uma casa muito confortável e espaçosa – e permaneciam por lá até no domingo à tardinha.



*Casa da Família Tommasin*

Os irmãos tinham grande carinho um pelo outro, o cunhado era considerado o melhor amigo e o fim de semana era regado a muita conversa e bastante vinho. *Pierin* bebia a ponto de ficar “*tchuchetto*” e *Luigia* e *Antônio* também. Mas não causavam problemas: bebiam, conversavam, riam e iam dormir...

Quanto à mãe *Ângela* e o padrasto *Filippo*, sabemos que *Pierin* e *Luigia* nunca mais tiveram contato com eles. Não houve troca de visitas nem mesmo por ocorrência da morte deles. A única informação que temos de *Filippo* é com relação à sua morte. Assim nos narrou o Sr. *Vitório Pedro Tomasin*: “O *Pipo* gostava de beber sua cachaça, seu “*traguinho*”, mas os filhos estavam controlando isso. Um dia o filho pediu ao pai que cuidasse dos animais e como recompensa, deu um pouco de cachaça numa garrafa. *Pipo* não satisfeito, foi até o pasto, escolheu um *canelin* para servir de palheta, abriu um barril de cachaça e sentou em cima dele. Colocou o *canelin* devidamente preparado no barril e chupou... Os filhos ao retornar o encontraram morto. Dizem que foi o gás do álcool da cachaça concentrado no barril. Quando ele chupou, o gás o matou.”



Mas, no novo Distrito de Nova Pompéia, acontecia algo muito triste: mais precisamente na família de *Pierin*: Sua esposa Theresa, após ter dado à luz a 12 filhos faleceu. Maria Josephina, a última filha nascida estava com 6 meses de vida, Ana com um pouco mais de 3 aninhos.

As crianças não sabiam o que estava acontecendo: o caixão para enterrá-la é feito no porão da casa. Elas pensam que sua mamãe está dormindo. Cortam uma mecha de seus cabelos para que ela nunca se esqueça delas e as proteja. Era o dia 28 de fevereiro de 1921.

Maria Rosa, a filha mais velha, assumiu as responsabilidades da casa e Santa Joana casou-se com Ângelo Mazzocco no dia 24 de agosto deste mesmo ano.

*Pierin di Pipo* então, passou a procurar uma nova esposa, alguém que assumisse os deveres de casa e a criação de seus filhos, mas foi no enterro de sua esposa que notou a atenção de Ângela Basso para com seus filhos. Recebeu respostas negativas de algumas pretendentes, mas foi com ela, Ângela, filha de Giovanni Basso e Matilde Durante, prima de Thereza por parte de mãe, que ele contraiu segundas núpcias no dia 16 de maio de 1923, no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Não houve os festejos tradicionais. Só uma simples cerimônia. Angela era solteira, tinha 36 anos de idade, nascida em Pinto Bandeira. Era solteira ainda por opção e assim permaneceria se não fosse a insistência de seu irmão Fortunato, que praticamente a obrigou a casar-se com *Pierin*. Ângela havia passado por um problema de pele no nariz, curado, segundo declarações de quem a conheceu, por couro de sapo, aplicado sobre o local. Ângela além disso, fumava palheiro e costumava usar rapé, mas, como dissemos, tinha grande carinho pelos filhos da sua falecida prima Theresa.

Então, em 19 de março de 1924, Maria Rosa casou-se com Antônio Rubbo.

E da segunda união de *Pierin* com Ângela, nasceram mais três filhos:

- ☆ Vitório, no dia 30 de Junho de 1924.
- ☆ Dionísio, no dia 8 de setembro de 1925.
- ☆ Cristiano Rocco, no dia 19 de agosto de 1928.

Após isso, *Pierin*, percebendo que os filhos homens poderiam ir assumindo suas responsabilidades quanto à manutenção e aquisição do patrimônio da família, acabou se dedicando a um vício nada favorável: a





bebida. Passava a maior parte do tempo bebendo e sua saúde foi se desgastando, mesmo não tendo tanta idade para adoecer. E foi no dia 4 de janeiro de 1931 que *Pierin di Pipo* faleceu, com 52 anos de idade, deixando uma família de numerosa prole e viúva, Ângela, sua segunda esposa.

Encerramos aqui a primeira parte de nossa viagem às memórias da Família Ferrari. A partir de agora, contaremos a história de cada filho de *Pierin di Pipo*. Neste resgate, procuramos depoimentos de filhos, netos e conhecidos, principalmente de pessoas que viveram na Linha Silva Pinto, hoje mais conhecida por Linha 40. Mas o patriarca da família Ferrari não foi esquecido: nas famílias de seus descendentes, encontramos sete “Pedros” (netos ou bisnetos), numa homenagem simples, mas de grande valor sentimental.



*Maria Rosa Ferrari*  
*e*  
*Antônio Rubbo*



*Maria Rosa Ferrari* – primeira filha de Pietro (Pierin) e Theresa Santolin.

Nasceu no dia 19 de março de 1902 em Pinto Bandeira, na própria residência do casal.

Foi batizada pelo Padre Luiz Segali dois dias após seu nascimento e seus padrinhos foram Luis Troglio e Stella Piazza.

Uma curiosidade: Pietro e Theresa oficializaram seu casamento no Ofício de Registro Civil das Pessoas Naturais de Bento Gonçalves – Cartório Bertolini no dia 8 de março de 1902, oito dias antes de Maria Rosa nascer.



N.º 24	A vinte e um de março de mil novecentos e dois	foi batizada.
Nome: Maria Rosa Ferrari	na	
Anot. Canon 470, § 2	Maria Rosa Ferrari nascida a dezessete de março de mil novecentos e dois	filha legítima de
	Sedro Ferrari e de Teresa Santolin	
	Foram padrinhos: Luis Troglia	
	e Stela Pizga	
	Celebrante: Sr. Luis Legala	

*Livro de Batismo da Paróquia N. S.ª. Rosário Pompéia - Pinto Bandeira (livro 01, pág 70)*

De sua infância pouco ou nada sabemos, mas parece-nos que aprendeu a ler e escrever.

Aos dezenove anos de idade, tendo onze irmãos menores, viu sua mãe Theresa Santolin morrer aos trinta e nove anos de idade.

Para entender melhor a situação: Pietro ficou viúvo e seus filhos, em 1921 se enquadravam nesta escala:

- Maria Rosa – com 19 anos
- Santa Joana – com 18 anos
- João Baptista – com 17 anos
- José – com 16 anos
- Ângelo – com 14 anos
- Maria Verônica – com 13 anos
- Santo – com 11 anos
- Ernesto – com 9 anos
- Ângela Colomba – com 6 anos
- Ana Maria – com 4 anos
- Maria – com 6 meses.

Maria Rosa passou a ser a “mãe” de todos, principalmente de Maria, um bebê ainda.

Em 24 de agosto de 1921, Santa Joana, mais conhecida como Santina, casou-se com Ângelo Mazzocco. Maria Rosa perdeu seu braço direito.

Pietro não ficou sozinho por muito tempo e depois de algumas tentativas de arrumar uma esposa e mãe para seus filhos, em 1923 casou-se com Ângela Basso.

Maria Rosa ficou mais tranqüila, pois agora a família teve alguém (uma mulher) por ela e no dia 6 de agosto de 1924 ela se casou com Antônio Rubbo. Não sabemos maiores detalhes de seu namoro ou casamento, mas



sabemos que eles eram vizinhos. Provavelmente foi no cenário do caminho de ida e volta da missa aos domingos que se desenrolou o namoro e noivado.

**Antônio Rubbo** filho de Matheus (Mattéo) Rubbo e Ágata Pavan nasceu no dia 16 de setembro de 1900, em Pinto Bandeira. Seus pais, ao chegarem nestas terras, receberam o lote nº 27 da Linha Silva Pinto e Maria Rosa morava no Lote nº 24 da mesma Linha.



Homem de belo semblante, olhos claros e considerado de “grande” porte – alto – adorava as crianças, mas o casal, infelizmente não teve filhos. Aliás, não teve filhos legítimos, mas a história do casal surpreende. Antônio também era conhecido por *Filipo*, pois havia comprado as terras que pertenciam a Filipin Coghetto e o apelido passou para ele, mas devido ao seu porte, Filipin não ficava bem... então, o chamavam de Filipo.



*Primeira casa do casal*

Pois bem, quando Maria Rosa e Antônio casaram, Maria, a irmã mais nova dela, estava com 4 anos. O novo casal foi morar numa propriedade vizinha de seu irmão João Rubbo (na mesma Linha Silva Pinto) e pouco tempo depois, construiu sua casa no lote N° 12, terras essas de Sebastiano Maria. As madeiras foram transportadas de carroça pelo casal, juntos, mulher e marido fizeram sua modesta casa de madeira.



Maria Rosa ia lavar as roupas no rio Buratti, no local conhecido como Rio 25 (*lá só del vintecinque!*), bem pertinho da casa de seu pai Pietro. Lavava a roupa e aproveitava para ver seus irmãos, principalmente sua irmãzinha Maria.

A madrasta Ângela, em junho de 1924, havia dado à luz a um menino: Vitória.

Maria Rosa voltava para casa sempre aos prantos, pois sua irmãzinha chorava sem parar.

Numa decisão tomada pelo casal, Maria Rosa foi buscar a pequena Maria para morar com eles.

Ela recebeu do casal amor, carinho, comida, vestuário, aprendizado e ela lhe deu muitas alegrias.

Antônio tinha o hábito de acordar antes de o sol nascer. Tomava seu café e ia para a roça.

Maria Rosa ficava em casa e fazia os trabalhos domésticos e a comida.

Aliás, um detalhe importante: ela fazia uma polenta ma-ra-vi-lho-sa!!! Era a melhor polenta da redondeza. O segredo? Ela levava mais de uma hora para fazê-la e não parava nunca de mexer. Ficava uma polenta sem nenhum nozinho de farinha. Também se ficasse, Antônio não comia de jeito nenhum!

Assim, dia após dia iam construindo suas vidas.

Maria, a irmã mais nova, conheceu Severino De Bortoli e por ele se apaixonou.

O namoro era na casa de Antônio e Maria Rosa e o casal gostava muito de Severino.

O único incidente entre eles foi quanto à data de casamento: Antônio e Severino divergiram quanto ao dia. Um motivo bobo, logo superado, apesar de Antônio estar um pouco magoado no casamento.

Mas, no dia 21 de maio de 1941, data escolhida por Severino, a irmã Maria casou-se, ganhou uma linda festa de casamento na casa de Antônio e vai viver sua própria vida.

Maria Rosa e Antônio voltaram a viver sozinhos em sua casa.

O casal, mesmo não tendo filhos, era muito feliz. O respeito mútuo sempre existiu e Antônio era sempre muito carinhoso com Maria Rosa. Como todo marido, era muito ciumento. Não aceitava nenhum deslize dela e não cometia nenhum também.



*Maria, a irmã mais nova.*



*Severino De Bortoli*

Alguns anos se passaram e, em 1946, mais uma atitude surpreendente do casal.

Severino e Maria neste ano de 46, já tinham 4 filhos: João, Danilo, Antônio e Ciro. A vida para eles não estava nada fácil.

Certo dia, Antônio e Maria Rosa foram visitar o jovem casal. Como disse antes, Antônio era louco por crianças e lá já tinha 4 meninos... Só que João (*Joanin*) e Danilo estavam com um problema de pele: seus pequenos corpos estavam cheios de pequenas feridas. Segundo Danilo, até na sola dos pés ele tinha feridas.

Antônio, então, pegou um pelego e o jogou no chão, se atirando em cima dele e as crianças sobre ele. Pouco tempo depois, ele também começou a se coçar. Sua pele ficou toda coçando, num vermelhão danado!

Ao chegar em casa, resolveu passar "*spirito*" (álcool) na pele e os sintomas foram diminuindo, até desaparecerem. Aí ele percebeu que o que causava aqueles danos todos à pele dos meninos eram os "*miqüinis*", bichinhos microscópicos que se alojam na grama, na terra, nos pelegos... e ninguém percebe.

Pois bem, dias depois encontrou o cunhado Severino no armazém e sugeriu que Danilo fosse morar com ele e a esposa. Sua preocupação era com a saúde do menino.





Assim, Danilo, de mala e cuia, foi para a casa de seus tios. Antônio e Rosa passaram a cuidar de Danilo com maior carinho e dedicação. Maria Rosa dava dois banhos por dia no menino e trocava os lençóis de sua cama todos os dias.

Em pouco menos de 10 dias, Danilo estava totalmente curado e já estava mais “coradinho”, ganhando um peso (pequeno) extra.

Passados mais alguns dias, Antônio se encontrou novamente com Severino e lhe contou as novidades: Danilo estava curado e o que causava todo o mal aos meninos era o tal de “*miqûin*”. Então, Severino e Maria ministraram o mesmo tratamento ao outro menino, João. E assim, os dois ficaram curados.

O tempo foi passando e Antônio não mais se encontrou com os cunhados e Danilo... foi ficando! Ele era a alegria da casa!

Mas, certo dia, Maria Rosa visitou sua irmã. No almoço, Antônio comentou com a esposa que, se levasse Danilo com ela para a casa dos pais, ele não mais voltaria.

*- Te vê com Danilo, ma no te volti mia piu com lu!*

Maria Rosa, contrariando o medo que o marido estava sentindo, levou no lombo da mula Danilo.

Chegando à casa da irmã, Danilo foi brincar com seus irmãos e Maria Rosa foi conversar com Maria. Trocaram idéias, angústias, esperanças de um futuro melhor para todos, alegrias já fazia um bom tempo que não se viam e muitas outras coisas. Mas, nada sobre o menino Danilo. Na hora da saída, vendo Danilo que nada sobre ele havia sido definido, resolver traçar seu próprio destino, mesmo sendo apenas uma criança! Foi pegar a mula da tia, despediu-se dos irmãos e dos pais e se preparou para voltar para casa com a tia.

Enquanto isso, Antônio estava em casa, com o peito apertado, olhar distante, já sentindo saudades de Danilo, pois ele estava certo que o menino não mais voltaria.

Foi quando viu a esposa amada voltando, sobre a mula e, agarrado em sua cintura, estava Danilo. A felicidade tomou conta do seu coração e seu rosto se iluminou. E Danilo passou a fazer parte da vida de Antônio e Maria Rosa e o faria para sempre.

Danilo foi crescendo e recebia o amor e o carinho dos tios. Tinha liberdade de ir-e-vir da casa dos seus pais e costumava brincar com seus



irmãos, mas sempre voltava para a “sua” casa. Seus tios não substituíram seus pais e Danilo sempre os chamou de tios (*i ziii!*). Ele nos conta que sempre viveu entre as duas famílias. Diz ele: “Um pouco aqui, um pouco lá!”

Vejam que menino bonitinho, de “moreninhas” nos pés! Aqui, ele aparece de mãos dadas com seu pai. Tinha aproximadamente 7 anos.

Antônio, esposo querido, amava Maria Rosa e demonstrava seu amor a ela. Respeitava-a muito e exigia dela o mesmo respeito. Sentia ciúmes de sua esposa, mas ela era muito devota a ele. Com Danilo, era rígido e severo, como todos os outros chefes de família da época.

Maria Rosa cuidava da casa, do marido e do sobrinho. Também amava muito seu marido e era feliz ao seu lado.

O tempo continuou passando (ele não pára nunca?) e Antônio e Maria Rosa têm um motivo muito grande para reunir os familiares, parentes, amigos e vizinhos: suas Bodas de Prata.



*Bodas de Prata de Maria Rosa e Antônio – 1949*



Eles não tinham filhos legítimos e nunca deixaram isso atrapalhar sua vida de casal. Danilo já estava com 7 anos.

Era o mês de agosto do ano de 1949. A festa foi na casa do casal e muitos convidados estavam presentes.

Também muitas fotos foram tiradas por um fotógrafo contratado. Antônio quis registrar os melhores momentos. E um deles, talvez o melhor de todos, foi o de Danilo, que desesperado e chorando aos prantos não queria que seus tios fossem bater a foto porque, na cabeça dele, eles iriam entrar na máquina de fotos para sempre, seriam sugados pela máquina e não cuidariam mais dele. Então correu e foi se esconder atrás do forno. Olhem só!



O irmão de Maria Rosa, João Baptista Ferrari, deixou sua mula amarrada perto da estrada e compareceu ao grande momento do casal.





Os pais do noivo,  
Matheus e Ágata também  
compareceram.

E as amigas,  
cunhadas, primas,  
vizinhas, irmãs....



E os amigos, cunhados, primos, vizinhos, irmãos e até os garçons...





Foi um grande dia de festa! Muita festa!

Na segunda-feira, tudo voltou ao normal. Antônio tinha o costume de acordar antes de o sol nascer, tomava seu café e ia à roça. Havia vezes que ele ficava sentado numa pedra, esperando o sol dar o ar de sua graça, mas tinha que ser na roça e não em casa.

Maria Rosa cuidava dos afazeres da casa, preparava a comida e ficava de olho em Danilo.

Após o almoço, Antônio e Rosa deitavam religiosamente todos os dias, para descansar. Era a “*sesta*”.

Danilo havia sido matriculado e estava freqüentando a escola. Coursou as aulas até o Quinto Livro e se formou.



*Danilo De Bortoli*



*Grupo escolar de Danilo*

Entre a escola e as obrigações com seus tios, na roça, Danilo começou a freqüentar um grupo de teatro, liderado pela professora Giselda Antonioli. Eles ensaiavam e apresentavam uma “*novelinha*” no Salão de Pinto Bandeira.



Esta foto foi batida depois de uma apresentação no Salão. Atrás, aparece o antigo prédio do Salão Comunitário de Pinto Bandeira. Danilo é o que está de bigodes (pintados!) e pipa na boca. A professora Giselda é a gaiteira.

Danilo cresceu um pouco mais... agora já estava de olho nas meninas...

O encontro de todos os jovens, aos domingos, era na Praça de Pinto Bandeira, onde as jovens ficavam “desfilando” pelas ruas, à espera do príncipe encantado. Grupinhos de amigos de um lado e grupinho de amigas do outro. Cada um ou cada uma, mais ou menos tinha o seu alvo. E muitos casamentos nasceram ali! Pra não dizer quase todos!

Num desses domingos, Danilo estava na praça e estava de olho numa moça de um certo grupinho! Pediu para um amigo seu ir conversar com ela e pedir se ela queria a companhia de Danilo. Ela arregalou os olhos e disse:

– Danilo De Bortoli? Mas eu nem o conheço!

E neste dia, passou a conhecer Danilo, que com a famosa pergunta: “*Me chetito in cieme?*” (Me aceita junto contigo?) passou a fazer companhia à bela jovem Maria Bohn.

Só tinha um probleminha: Maria era da capela da Linha Rio Branco e os jovens da Sede não deviam se meter com as meninas das capelas. Havia uma rivalidade danada, pois a disputa era acirrada! Mas Danilo não se abateu e pediu Maria em namoro para os seus pais.





Num certo sábado à noite, Danilo sai de casa e vai namorar Maria. Os “aprontões” de plantão não deixaram por menos: fizeram uma barreira na estrada, isto é, construíram uma “*taipa*” no meio do caminho, assim Danilo ia ter que trabalhar bastante para tirar todas aquelas pedras e ir para casa. Só que Danilo já estava em casa, dormindo a um bom tempo! Sabem para quem sobrou? O leiteiro é claro! Antônio Guizzo, o leiteiro: foi o primeiro que passou, pois seu trabalho exigia que ele iniciasse bem cedo suas atividades, mesmo no domingo.

Danilo deu boas gargalhadas com este episódio!

Uma coisa que Danilo lamentou de sua juventude foi que Antônio nunca permitiu que ele fosse aos bailes. Lazer não era uma palavra que pertencia ao vocabulário de seu tio Antônio. E quando ele ia para alguma festa, não levava Danilo com ele não!

Também não recebia dinheiro de seu tio. Tinha tudo o que precisava menos dinheiro. Se quisesse tê-lo, tinha que plantar seu milho, cuidar dele, tirá-lo, limpá-lo, debulhá-lo e vendê-lo. Ainda assim, os tios controlavam seus gastos. Uma preocupação natural, já que queriam que Danilo construísse sua vida de uma maneira sólida.



*Danilo no meio  
do milho*



Com o pai e os irmãos aprendeu a pescar. Iam no Rio Burati, lá nas “lastes”, todos juntos. Outra diversão, aliás a mais praticada, é o futebol. Jogavam bola no campo da Capela Annunciata.

E no dia 17 de setembro de 1966, Danilo assumiu diante do altar, seu compromisso com Maria Bohn.

A festa do casamento foi na casa de Antônio e Rosa, onde os pais de Danilo haviam festejado a sua união. O tempo... ele passa, mas algumas coisas permanecem sempre iguais. Claro que a evolução dos tempos também entrou na casa deles.



Danilo e Maria foram morar também com os tios e Maria nos conta que sempre a chamou por “*zija*” (tia). As duas criavam galinhas caipira e quando Maria Rosa vendia, sempre dava um dinheiro para a sobrinha.



## DANILO VOLTA A FREQUENTAR AULAS NOTURNAS E GRUPO DE TEATRO

Mesmo após o casamento, Danilo não largou o grupo de teatro e passou a frequentar aulas noturnas para estudar matérias que ele nunca havia estudado, mesmo tendo tido condições de frequentar uma escola muito boa.



*Grupo de aulas noturnas, num momento de descontração Danilo em evidência.*

Abaixo, fotos do grupo de teatro “em cena”





## UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA

Bem, se tem uma coisa que nossos italianos gostam de fazer, é aprontar brincadeiras com os outros.

Alfonso De Bortoli estava servindo o Quartel e, num sábado, leva para casa sua farda. Puxando por nossas memórias, sabemos que a farda daquela época mais parecia uma vestimenta dos policiais cavalarianos.

Então, inventaram de vestir o Sr. Vincenzo (*Chencho*) Zandoná com a farda de Alfonso para pregar uma peça e prender Antônio (*Antonin*) Pavan. *Cencho* vestido de soldado e de espingarda na mão e os outros, saem pelas trilhas (ainda não existia estrada aberta) em direção à casa de *Antonin*.

No caminho encontram Hermínio Da Campo e a sua esposa “*Téia*” voltando da missa e *Cencho* grita:

– Alto lá! Vocês estão presos!

Os dois ficaram apavorados, pois não reconheceram as figuras. Hermínio então responde:

– MMMaaaa hóóóstia, mimimimi nononon gogogó faaaato mamamal a ninissunniiii!?!???

Então, vendo o desespero dos dois, começaram a rir e tudo ficou esclarecido.

## UMA HISTÓRIA CONTADA POR GERAÇÕES!

Danilo nos conta que, quando era pequeno freqüentava a casa dos pais de Antônio Rubbo, Mattéo e Ágata.





Os dois eram italianos e Ágata embarcou para o Brasil tendo mais ou menos uns sete ou oito anos. Ela não queria vir, pois teria que abandonar uma pessoa muito querida, que ela adorava: sua avó.

Chorando muito se despediu dela e a avó lhe disse que era para ela viajar tranqüila, pois ela nunca a esqueceria e ficaria rezando por ela. Disse-lhe ainda:

– Quando eu morrer, você vai saber!

Ágata chegou ao Brasil, foi morar em Pinto Bandeira com seus pais e irmãos e sempre lembrava de sua vizinha que ficara lá tão longe! Quanta falta ela lhe fazia.

Então, numa noite, enquanto estava dormindo, sentiu a mão de sua avó acarinhando sua perna, como ela costumava fazer, lá na Itália. Algum tempo depois, a família havia sido avisada que ela falecera, exatamente no dia em que Ágata a sentiu.

## OS FILHOS DE DANILO E MARIA

Três anos depois de terem casado e Maria ter sofrido um aborto espontâneo, nasceu a primeira filha do casal: Rosângela. Foi no dia 29 de agosto de 1969.

Ela foi o xodó dos tios-avós! Antônio, como já dissemos, era apaixonado por crianças e ele até trocava as fraldas dela.

No dia 31 de março de 1977, quase oito anos depois, nasce Fabiano e mais de cinco anos depois foi a vez de Claimor fazer parte desta família.

Não podemos esquecer de narrar que a mãe de Danilo, Maria Josephina também ajudava o casal nas lidas da roça. Na foto, Maria estava ajudando a preparar a terra para um novo plantio.







## A PARTIDA DE ANTÔNIO

Antônio era um homem muito forte, valente, mas acometido de um mal, que para a época, era um problema muito sério: asma. Não havia tratamentos preventivos e nem esperança de melhora. E sua dificuldade de respirar enfraqueceu seu coração. E assim, no dia 7 de maio de 1979, ele deixou sua amada Maria Rosa e partiu para junto do Criador.

Maria Rosa, após 55 anos de união matrimonial, vê-se sozinha. Claro, Danilo, Maria, Rosângela e Fabiano estavam junto dela, mas faltava aquele que a completava. Mesmo assim, manteve seu amor pela vida e curtiu o nascimento de Claimor, o último filho de Danilo e Maria.

Com o tempo passando e a modernidade chegando a todas as famílias do Distrito, Danilo e Maria não ficaram de fora: iniciaram a construção de uma casa nova, de alvenaria. Quando estava concluída, Maria Rosa disse ao sobrinho que não ia sair de sua casa, mesma ela sendo velha, de madeira ainda. Lá, ela havia vivido todos os momentos de sua vida com Antônio e deixá-la para trás, a esta altura da vida, era complicado. Mas, aos poucos e não querendo ficar longe dos netos, foi se acostumando e passou a morar definitivamente na nova casa.



*Danilo, Maria e a  
filha Rosângela*





*Batizado de  
Fabiano*



*Batizado de  
Clainor*

## A PARTIDA DE MARIA ROSA

Uma mulher dedicada à família, sempre visando o bem de todos. Amou a vida e todos os que a cercaram durante os seus 89 anos de idade. Numa noite de quinta-feira, foi ao banheiro, como de costume, mas, devido à fragilidade de seu corpo, caiu e fraturou o fêmur. Foi socorrida por Maria e Danilo que a conduziram ao hospital. Maria Rosa não mais se recuperou. E no dia 12 de novembro de 1991, terça-feira seguinte ao acidente no banheiro, ela faleceu, com falência múltipla de órgãos. Ela foi ao encontro do Criador e do seu grande e eterno amor Antônio.



### ATUALMENTE...

Após a morte de seus tios, Danilo e sua família continuaram sua vida na mesma casa, na Linha Annunciatta, onde residem até hoje.

A filha Rosângela casou-se com Mário Foresti e eles têm um filho chamado Romário, nascido no dia 11 de junho de 1995.



*Rosângela,  
Mário e os  
avós Maria e  
Severino De  
Bortoli*



*Maria, Danilo e o  
neto Romário em sua  
Primeira Eucaristia  
- 29/11/2003*

Fabiano e Clainor ainda moram com os pais, estudam e dividem com os pais o trabalho na agricultura, principalmente no cultivo do pêssego. Fabiano está no 5º ano de Faculdade, cursando Administração.

Mas, para quem acha que Danilo perdeu seu lado artístico, está muito enganado! Dêem uma olhada, como Danilo está vestido, nesta festa de final de ano!





*Santa Joana Ferrazi (Santina)*  
*e*  
*Angelo Mazzocco*



*Santa Joana Ferrazi*, a *Santina*, é a segunda filha a chegar ao lar de Pietro e Theresa. Este momento especial e feliz do casal ocorreu no dia 16 de maio de 1903, pouco mais de um ano depois do nascimento da primeira filha Maria Rosa.

Os relatos de Santina iniciam em sua infância. Na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia está registrado no Livro das Crismas o seguinte: nos dias 11, 12, 13 e 14 de fevereiro de 1905 receberam o Sacramento do Crisma das mãos de Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, Bispo Diocesano do Rio Grande do Sul, em sua segunda visita



Pastoral, entre tantas crianças, Santa Ferrari, tendo por madrinha Maria Marcon e Santa era um bebê de 2 anos.

Presenciou o nascimento de todos os seus irmãos e, por muitas vezes, foi companhia de sua mãe. Frequentou a escola e aprendeu a ler e escrever. Claro que não em tempo integral, mas foi o suficiente para se alfabetizar, pois a prioridade não era a escola, mas o serviço da casa e da roça, ainda mais com a condição de sua mãe, que estava praticamente sempre grávida e adoentada. Ainda havia seus irmãos menores... a responsabilidade pelos pequenos sempre era dos irmãos mais velhos, ainda mais se a mais velha era uma mulher.

Sua adolescência foi mais difícil ainda, mais trabalhosa, pois a saúde de sua mãe foi piorando os trabalhos a serem feitos, a roça precisava ser cultivada. Claro que já contava com a ajuda dos irmãos mais velhos (homens). E ainda tinha a mão forte da irmã Maria Rosa...

Como toda moça da época, estava em busca de seu companheiro, de seu futuro marido. O sonho de ter seu marido, sua casa, família e terras era o máximo que uma moça ousava ter. Rezavam muito para que tivessem sorte no casamento e que o escolhido fosse um homem bom, honesto e carinhoso. Enfatizamos que muitas moças não tiveram essa sorte e acabaram casando-se com homens que se tornaram agressivos e mal-humorados e, por diversas vezes, tiveram seu corpo machucado pelas mãos de seus próprios maridos e mesmo assim, agüentaram a humilhação e a dor por não terem alternativas.

Mas Santina, como todos a conheceram e a chamavam, em sua inocência de moça, encontrou seu príncipe encantado na pessoa de **Ângelo Mazzocco**. Ele era seu vizinho, morava mais ou menos a dois quilômetros de distância de sua casa e era um homem muito bonito, alto e robusto. Todos os relatos que nos foram dados de Ângelo são de admiração pelo homem bom que sempre fora. Ângelo era filho de Antônio Mazzocco e Maria Regalini, italianos, que chegaram às novas terras de Nova Pompéia, na localidade da Linha Amadeu, já com cinco filhos, nascidos na Itália: Josephina, Tereza, Luiz, José e Luiza; Rosa, Francesca e Ângelo (o *pôpo*) nasceram aqui. O *pôpo* Ângelo nasceu dia 29 de novembro de 1896 e frequentou apenas 3 meses de aula na escola do Professor José Pansera. Mesmo assim, sabia ler e escrever e calculava como ninguém. Também apaixonou-se por Santina e depois do pedido formal aos pais delas, passaram



a namorar. Não sabemos ao certo como se enamoraram, mas provavelmente nas idas à missa ou numa festa de Nossa Senhora do Rosário, onde as moças caprichavam seus visuais.

Mas Santina estava vivendo um momento muito difícil em sua casa. Sua mãe dera a luz à última filha, Maria Josephina e sua saúde estava bastante fragilizada. Seu pai Pietro pedira a Ângelo que adiasse o casamento, afinal, Santina era o seu braço direito dentro de casa.

Seis meses após o nascimento de Maria Josephina, a mãe de Santina, Theresa, falece. Uma grande tristeza abateu-se sobre a família e Santina agora, passou a ser a “dona” da casa juntamente com sua irmã mais velha Maria Rosa, tendo sob suas responsabilidades 9 irmãos menores: João Baptista, com 17 anos; José, com 16 anos; Ângelo, com 14 anos; Maria Verônica, com 13 anos; Santo, com 11 anos; Ernesto, com 9 anos; Ângela Colomba, com 6 anos; Ana Maria, com 4 anos e Maria Josephina com apenas 6 meses de idade.

Angelo permaneceu ao lado de Santina neste período, mas tinha grande vontade de casar-se e iniciar a sua família com ela, mas Pietro, viúvo, ainda estava tentando manter Santina em sua casa, pois ainda não havia escolhido nova esposa e precisava de alguém para cuidar de todos.

Aos sábados, Ângelo se dirigia sempre à casa de seu futuro sogro para namorar. É claro que estava descontente por ter que adiar seus planos. Mas nos relataram uma história muito engraçada deste período de namoro de Ângelo e Santina: contava-se que na Linha Silva Pinto, os rapazes costumavam muito “aprontar” com os amigos e sabiam que Ângelo tinha “certos medos”, principalmente à noite. Então, reuniram-se e resolveram ornamentar com velas uma cabeça de boi, ou melhor, a carcaça dela. Imaginem o quanto pavoroso é encontrar à noite, no meio da trilha estreita – porque ainda não existiam estradas - uma carcaça de boi iluminada por velas! Ângelo apavorou-se e voltou correndo para a casa de sua noiva Santina e lá chegou pálido e sem ar. Não temos certeza, mas provavelmente essa tenha sido a primeira e única vez que Ângelo tenha dormido na casa de sua noiva!

Alguns meses se passaram e Ângelo resolveu pressionar o sogro: ou ele concordava com o casamento ou então ele escolheria outra noiva. Seus pais já estavam velhinhos e doentes e também precisam de alguém que cuidasse deles. Pietro, vendo que Ângelo realmente estava disposto a deixar Santina, resolveu ceder e então o casal marcou o dia de seu enlace: 24 de





agosto de 1921, seis meses após a morte de Theresa. Como mandava a tradição, Santina fez o seu enxoval e preparou o quarto na casa dos pais de Ângelo. No dia do casamento, Pietro estava muito emocionado, afinal estava casando sua primeira filha... A *colassion* foi na casa da noiva e depois todos de dirigiram ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Cantorias alegraram a viagem de pouco mais de seis quilômetros. Os noivos foram na frente, os padrinhos e demais convidados os seguiam.

Após a cerimônia, o almoço foi servido na casa da família Mazzocco. Depois de um dia cheio de alegria e festa, Ângelo e Santina iniciaram o seu sonho de vida. Passaram a morar na casa dos pais de Ângelo. Santina se encarregava dos serviços de casa, pois tinha muita experiência, enquanto Ângelo trabalhava na roça, cultivando milho e trigo e demais culturas de sobrevivência.

Como todo casal, foi abençoado com uma filha logo no primeiro ano de casados. No dia 1º de julho de 1922 nasceu Maria Tereza.

A rotina de casa e da roça ia se estendendo. As crises políticas e a Primeira Guerra Mundial tornaram as coisas ainda mais difíceis para nossos colonos e não foi diferente com os moradores de Nova Pompéia. O dinheiro era escasso, o progresso custava a chegar aos locais mais distantes, as estradas ainda não existia, o trabalho era todo manual, praticamente não existiam máquinas, a não ser o arado artesanal e algumas ferramentas que os ferreiros – mais conhecidos como *brusaferro* - da região confeccionavam em suas ferrarias. Mas a natureza sempre foi bastante generosa com nossos colonos e eles sabiam retribuir o que ela lhes oferecia. Comparando com a vida que levavam no Velho Continente (Itália), haviam sido agraciados com grandes presentes nestas terras nobres.

E o casal vivia muito feliz, aliás, segundo depoimentos coletados, os dois eram inseparáveis, se amavam muito e compartilhavam das alegrias, angústias e dos problemas do dia-a-dia..

Assim, um pouco mais de dois anos após o nascimento de Maria Tereza, nasceu Carmelina no dia 23 de fevereiro de 1925. Os partos eram feitos em casa, por mulheres que aprenderam à arte de levar ao mundo os novos cidadãos. Esta arte era passada de geração em geração e ainda hoje nos perguntamos como elas realizavam seu trabalho com sucesso sem ter o mínimo de material necessário, ou até mesmo um local apropriado. Deus realmente estava com elas e ministrava suas mãos!



Contudo, aconteceu um fato interessante que não sabemos precisar exatamente a época em que ocorreu, nem mesmo o ano. Somente temos certeza que aconteceu, porque todos os entrevistados da comunidade narraram o fato:

Uma forte dor no abdômen de Ângelo fez com este homem forte e sadio fosse carregado de *portantina* da Linha Silva Pinto até o Hospital em Bento Gonçalves. A *portantina* era uma espécie de maca, onde quatro pessoas a carregavam, pois Ângelo, como já dissemos, era um homem robusto. Seguiram pela trilha que passava pelo Rio Buratti. Segundo relatos, vários homens se alternavam no caminho: quando era descida, os mais altos ficavam na parte da frente e os mais baixos na parte de trás, a fim de manter o equilíbrio e quando era subida, ocorria o contrário.

Todo este sacrifício por parte dos amigos de Ângelo, teve uma recompensa enorme: o médico, a tempo, diagnosticou apêndice rompido, já em estado grave, mas Ângelo foi socorrido a tempo e salvo, pelo sacrifício dos amigos e pela eficiência do médico.

Com certeza, este foi o primeiro e talvez o único caso de pessoas removidas de Nova Pompéia até Bento Gonçalves, de *portantina*.

Um outro acontecimento marcante na vida da família de Ângelo e Santina ocorreu por volta do final do ano 1926, início de 1927 e mudou para sempre a vida de Santina.

Ela estava esperando seu terceiro filho e como sabemos, as mulheres levavam a gravidez sem cuidados especiais, isto é, continuavam a realizar suas atividades normalmente. Santina então, foi encarregada de ir buscar num vizinho, um pouco de *verdrame* (sulfato de cobre) usado no tratamento das parreiras. Como esse vizinho ficava longe de sua casa, foi a cavalo. Pegou o sulfato e ao retornar para casa um acidente provocado pela imprudência de algumas pessoas, quase a matou: numa brincadeira de mau gosto, alguém colocou urtigas sob o rabo de seu cavalo. Ao iniciar o caminho de volta, o cavalo sentiu as urtigas e disparou, arremessando Santina ao chão, que acabou batendo a cabeça numa pedra. Imediatamente entrou numa espécie de coma. Foi socorrida e levada ao Hospital do Dr. Giorgi, onde ele mesmo a atendeu. Ficou neste coma por vários dias e não apresentou melhora alguma. O médico então, percebendo que o bebê ainda estava com vida, resolveu experimentar um remédio que a salvaria ou o quadro não teria mais reversão. Aliás, o médico tinha um ditado: “*ou te faço um leone ou te faço*



*um cassone*” (ou te faço um leão, ou te faço um caixão). Ângelo, no auge de seu desespero e muito apegado a sua fé, autorizou o médico. Ao aplicar o remédio, Santina, em pouco tempo, começou a reagir e ficou curada. O bebê não foi afetado e ela completou sua gestação. Assim, no dia 13 de abril de 1927 (dia votivo de Santo Antônio) nasceu Fausto Antônio, um lindo bebê. Para ilustrar o final deste acontecimento, veja a foto abaixo:



*Pietro Ferrari, Angelo Mazzocco, Santina Ferrari Mazzocco e Francesca Mazzocco. As crianças, por ordem de tamanho: Maria Tereza, Carmelina e Fausto, o lindo bebê no colo de Santina.*

Quando disse que este fato mudou radicalmente a vida de Santina, estava referindo-me ao efeito colateral do remédio milagroso do Dr. Giorgi: na foto ao lado, Santina ainda não sofrera o efeito, mas passado algum tempo ela perdeu totalmente os pêlos do corpo, incluindo cabelos, sobrancelhas e cílios.

Segundo a nora Rosa, este era o fato a que mais a sua sogra se referia, quando lembrava do passado.

Santina então, passou a usar diariamente um lenço na cabeça e todos a conheceram assim. A imagem da foto acima é inédita e alguns familiares não tinham conhecimento da mesma.

Depois de ter passado por tudo isso, a vida voltou ao normal, Santina não ficou com nenhuma seqüela do acidente que sofrera e o coma por que



passara, mas só voltou a engravidar em novembro de 1930, onde no dia 5 de julho de 1931 recebeu em seus braços Gema Maria, a quarta filha.

Ângelo também se preocupava com a comunidade em que vivia e fazendo sua parte, doou a madeira para a construção da primeira escola da Linha Silva Pinto – Plácido de Castro: uma pequena construção, de apenas um cômodo, onde as crianças recebiam as lições da professora Vanni que morava na própria escola.

A quinta filha Oliva nasceu no dia 5 de junho de 1932 e em 02 de setembro de 1935 nasceu o *pópo* Narciso.

Ângelo gostava muito, nas horas vagas, de pescar. Era costume, os homens irem pescar, até para garantir o almoço, já que havia grande oferta de peixes nos rios. Num desses dias de pescaria, saíram Ângelo e seu cunhado Luiz Rubbo. Foram até o rio 25, depois desceram até as astes. Ângelo Sansígolo, um morador da Linha Silva Pinto, gostava de armar o caniço (um funil, feito de vimes e colocado no rio) para pegar os seus peixinhos. Durante alguns dias, o armou no Rio Buratti, logo acima das astes.

Ângelo e José Rubbo (esposo de Ana Maria Ferrari), também sabiam que Ângelo Sansígolo costumava colocar o caniço para pegar os peixes. Decidiram então, “pegar” os peixinhos, antes do Ângelo Sansígolo.

Desconfiado pois não pegava peixe algum, sabendo que lá os tinha em abundância, Ângelo Sansígolo resolveu ficar de guarda. Esperou, escondido no meio do mato, de espingarda na mão.

Ângelo e José, não sabendo da desconfiança e muito menos da guarda, como sempre faziam, foram pegar os peixinhos, e... buuummmm... um tiro...

Ângelo com o susto caiu no rio e o cunhado José perguntou, todo desesperado:

– Ângelo, compare, te ga chapá???

Ângelo, todo molhado e assustado respondeu:

– Santa Madonna, speta que me apalpo...

Com certeza, Ângelo e José nunca mais foram mexer com o caniço de Ângelo Sansígolo.

Bem, o tempo para Ângelo e Santina também foi passando e no meio de sua rotina de trabalho, quase nem perceberam que seus filhos foram se tornando mulheres e homens, com desejo de formar suas famílias. Claro, para os pais, os filhos nunca crescem.



Assim, **Maria Teresa** casa-se com José Luiz Rigon, mais conhecido como *Bépi* Rigon. O noivo era muito conhecido por sua astúcia nos negócios. Tinha sua própria colônia e com Maria Teresa foi construir sua família. O casal teve 9 filhos: Vilma (23.05.1944), Helena (02.07.1946), Zenaide (01.09.1948), Diles (30.07.1950), Terezinha (25.08.1952), Natalino (27.11.1954), Valdir Pedro (23.02.1957), Anita (23.07.1959) e Gilmar (27.02.1963).

**Carmelina** casou-se com Alfonso De Bortoli e o novo casal gerou 8 filhos: Ladir (12.08.1947), Laudemiro (09.05.1949), Lurdes Maria (06.05.1951), Lucinda (28.11.1953), Lídia (15.11.1956), Leda (12.07.1958) Luiz (30.10.1959), Leomar (08.09.1962).

**Fausto** casou-se com Diles Maria Bottin e teve um filho: Cleimar nascido no dia 22 de maio de 1952. No dia 15 de dezembro de 1953, Fausto sofre uma grande perda: a morte de sua esposa Diles. Cleimar estava com apenas 1 ano e sete meses. Anos depois, Fausto casa-se com sua cunhada Maria Lourdes Bottin e o casal teve uma filha: Rezane Adiles nascida dia 15 de julho de 1963.

**Gema** uniu-se a Mário Severino Predebon e geraram três filhos: Geni (28.01.1951), Neida (10.04.1953) e Nilce (24.06.1957).

**Oliva** casou-se com Benjamin Sonaglio. Tiveram cinco filhos: Valdir (20.02.1953), Vanilda (23.08.1955), Vilma (29.06.1957), Marlene (08.09.1960) e Marcos (02.12.1967).

O *pópo* **Narciso** casou-se com Rosa Maria Possamai. Eles se conheceram num casamento de um amigo em comum e não se separaram mais.

Tiveram três filhos: Luciano Antônio nascido no dia 23 de dezembro de 1968, Leandro Antônio nascido no dia 25 de março de 1971, mas infelizmente falecido no dia 28 de janeiro de 1973 e Juliano nascido no dia 23 de maio de 1974.

Mas Ângelo e Santina não viveram toda a vida em Pinto Bandeira. Com os filhos casando e indo formar sua própria família,





Antônio comprou terras no bairro Santo Antônio e mudou-se para lá. Narciso ainda era solteiro e morava com os pais. Ângelo comprou uma colônia razoavelmente grande, onde podia cultivar suas parreiras. Narciso foi trabalhar na Scala fabricando acordeões e Santina cuidava da casa. O filho Fausto havia se mudado para o estado do Paraná, na cidade de Francisco Beltrão e lá montou sua casa de comércio.

Ângelo e Santina costumavam visitar seu filho Fausto.



*Ângelo e Santina numa visita ao filho Fausto*

Narciso, além de fabricar acordeões, costumava correr nas maratonas que a cidade promovia. Inclusive, numa delas, ficou em primeiro lugar.





*Naraiso, na chegada. Podemos apreciar, ao fundo, a beleza da cidade de Bento Gonçalves.*

O tempo foi passando, Ângelo e Santina foram agraciados com o carinho de toda a família e eles viveram sempre muito unidos, praticamente inseparáveis.

Mas, o inevitável bateu à sua porta no dia 24 de junho de 1984, quando Santina faleceu, aos 81 anos de vida.



*Santina, na  
Primeira  
Eucaristia do  
neto Vanderlei*

A vida de Ângelo ficou com bem menos brilho. Foram 63 anos de casamento e companheirismo, interrompidos pela lei natural da vida.

A família, com muita alegria, comemorou os 90 anos de vida de Ângelo, numa grande festa, onde muitos amigos, familiares e parentes próximos estiveram presentes.



*Angelo, rodeado  
de familiares,  
nos seus 90 anos  
de vida.*

Ângelo ficou muito feliz com a festa em sua homenagem. Cinco anos após, encerra sua caminhada, no dia 10 de maio de 1991, aos 95 anos de vida, muito bem vividos.



## GENEALOGIA DE ANGELO E SANTINA FERRARI MAZZOCCO

### *1. Maria Teresa Mazzocco*

Nascimento: 01 de Julho de 1922. Casou-se com JOSÉ LUIZ RIGON  
Óbito: 13 de outubro de 1999. Tiveram 9 filhos.

\* Vilma Rigon, nascida dia 23 de maio de 1944. Faleceu em 26 de novembro de 1944, com 6 meses.

\* Helena Rigon, nascida dia 02 de Julho de 1946. Casou-se com Claudino Dalla Costa. Filhos: Vanderlei nascido no dia 17 de junho de 1968 e Daniel Dalla Costa nascido no dia 21 de julho de 1974.

\* Zenaide Rigon, nascida dia 01 de setembro de 1948. Casada com Alcides Dalla Costa. Filhos: Rogério Dalla Costa nascido no dia 01 de março de 1972 casado com Lesandra Domingues Sonaglio e Cristina Dalla Costa nascida no dia 15 de fevereiro de 1974, casada com Artur Zorzi e mãe de Bianca Dalla Costa Zorzi nascida no dia 02 de agosto de 2001.

\* Diles Rigon, nascida dia 30 de julho de 1950, casou-se com Dorvalino Rizzardo. Filhos: Rudinei Rizzardo nascido no dia 03 de dezembro de 1981 e Daian Rizzardo nascido no dia 17 de agosto de 1987.

\* Teresinha Rigon, nascida dia 25 de agosto de 1952. Faleceu em 09 de setembro de 1956.

\* Natalino Rigon nascido dia 27 de novembro de 1954. Casou-se com Ivete Fornazier. Filhos: Fabiano Rigon nascido no dia 28 de abril de 1980, Patrícia Rigon nascida no dia 30 de março de 1982 e Adriano Rigon nascido no dia 24 de novembro de 1987.

\* Valdir Pedro Rigon nascido dia 23 de fevereiro de 1957. Casou-se com Marines Coghetto. Filhos: Márcio Rigon nascido no dia 02 de dezembro de 1978 casado com Mariani Cristina Arend e Aguimara Rigon nascida no dia 30 de janeiro de 1982 e mãe de Douglas Rigon De Bastiani nascido no dia 06 de junho de 1998.

\* Anita Rigon nascida dia 23 de julho de 1959, casada com Domingos De Toni. Filhos: Cassiano De Toni nascido no dia 26 de outubro de 1980 e Vinicius De Toni nascido no dia 21 de outubro de 1985.

\* Gilmar Rigon nascido dia 27 de fevereiro de 1963, casado com



Helena Pegoraro. Filhos: Jocimar Rigon nascido no dia 05 de julho de 1987 e Gustavo Rigon nascido no dia 23 de outubro de 1992.



*Esq/ dir: Anita,  
Adiles, Zenaide,  
Helena, Maria  
Teresa, José Luiz,  
Natalino, Valdir  
e Gilmar.*



*Maria Teresa  
e José Luiz*

## **2. Carmelina Mazzocco**

Nascimento: 23 de fevereiro de 1925. Casou-se com ALFONSO DE BORTOLI. Tiveram 8 filhos.

\* Ladir De Bortoli nascido dia 12 de agosto de 1947. Casou-se com Liria Francisca De Bortoli. Filhos: Leocadio De Bortoli nascido no dia 08 de novembro de 1977 casado com Romilda Felski, Luciano De Bortoli nascido no dia 15 de agosto de 1979 casado com Bruna Buba e pai de Eric



De Bortoli nascido no dia 20 de julho de 2000 e Luan Alexandre De Bortoli nascido no dia 20 de setembro de 1990.

\* Laudemiro De Bortoli nascido dia 09 de maio de 1949. Casou-se com Ivete De Bortoli. Filhos: Leandro De Bortoli nascido no dia 23 de novembro de 1978, Adriana De Bortoli nascida no dia 26 de novembro de 1981 e Evandro De Bortoli nascido no dia 07 de setembro de 1987.

\* Lurdes Maria Be Bortoli nascida dia 06 de maio de 1951, casada com Domingos Olivo Bergamaschi. Filhos: Ademir César Bergamaschi nascido no dia 14 de novembro de 1978 casado com Eliane Rossatto e pai de Jhenifer nascida no dia 04 de setembro de 2004 e Márcia Andréia Bergamaschi nascida no dia 14 de abril de 1987.

\* Lucinda De Bortoli nascida dia 28 de novembro de 1953, casada com Cirineu Luiz Anderle. Filhos: Luciane Anderle nascida no dia 27 de agosto de 1976 casada com Flávio Argenton e mãe de Carlos Henrique nascido no dia 02 de janeiro de 1998, Júlia Carolize nascida no dia 07 de maio de 1999, Eduardo Miguel nascido no dia 08 de agosto de 2000, Rafael nascido no dia 12 de novembro de 2004 e Gabrieli Catarina nascida no dia 12 de novembro de 2004. Lucilene Anderle nascida no dia 17 de julho de 1978 casada com Sidnei Carlos Baretta. Lucimara Anderle nascida no dia 17 de junho de 1979 casada com Leandro Paulo Dobner. Lorizete Anderle nascida no dia 05 de setembro de 1982 casada com Enio Dorival Wolfarth, mãe de Emili Caroline nascida no dia 25 de setembro de 1999 e Ana Paula nascida no dia 28 de junho de 2004. Ludimara Anderle nascida no dia 18 de setembro de 1983 casada com Valdecir Berghmann e mãe de Elania Berghmann nascida no dia 01 de abril de 2000. Lidiane Anderle nascida no dia 04 de maio de 1989. Luanda Anderle nascida no dia 04 de novembro de 1990 e Daniel Sezar Anderle nascido no dia 19 de novembro de 1998.

\* Lídia Be Bortoli nascida dia 15 de novembro de 1956, casada com Navilho João Bergamaschi. Filha: Elizandra Mara Bergamaschi nascida no dia 18 de agosto de 1982.

\* Leda De Bortoli nascida dia 12 de Julho de 1958, casada com Edilho José Bergamaschi. Filhas: Catiane Maria nascida no dia 02 de dezembro de 1983 casada com Jusimar Rigo e Cristiane Mara nascida no dia 19 de outubro de 1988.

\* Luiz De Bortoli nascido dia 30 de outubro de 1959, casado com Rosa Rogoski. Filhos: Luana Cristina nascida no dia 24 de maio de 1989 e





Douglas nascido no dia 29 de maio de 1992.

\* Leomar De Bortoli nascido dia 08 de setembro de 1962, casado com Adélia Maria Berwanger. Filhos: Jociane Raquel nascida no dia 06 de maio de 1987 e Jean Carlos nascido no dia 02 de abril de 1990.

### ***3. Fausto Mazzocco***

Nascimento: 13 de abril de 1927. Casou-se com DILES MARIA BOTTIN. Ficou viúvo em 15.12.1953 e casou-se com a cunhada MARIA LOURDES BOTTIN. Teve 2 filhos (1 do primeiro e 1 do segundo casamento)

\* Cleimar Mazzocco nascido dia 22 de maio de 1952, casado com Viviane M. de Caetano. Filhos: Moniciele nascida no dia 06 de março de 1979 casada com Luiz Vicente Costa Souza e mãe de Maria Carolina nascida no dia 03 de outubro de 2001 e Valérie nascida no dia 28 de fevereiro de 1982.

\* Rezane Adiles Mazzocco nascida dia 15 de julho de 1963, casada com Lucir Telmo Christ, que faleceu dia 20 de agosto de 1995. Filho: André Felipe nascido no dia 10 de junho de 1988. Casou-se novamente com Jackson Chioquetta. Filha: Ana Ligia nascida no dia 10 de novembro de 1997.

### ***4. Gema Massocco***

Nascimento: 05 de julho de 1931. Casou-se com MÁRIO SEVERINO PREDEBON. Tiveram 3 filhas:

\* Geni Predebon, nascida dia 28 de Janeiro de 1951, casada com Luiz Fabrício. Filhos: Valdir nascido no dia 16 de janeiro de 1974 e Vanderlei nascido no dia 19 de julho de 1979 casado com Lorivane De Biasi.

\* Neida Predebon, nascida dia 10 de abril de 1953, casada com Ulisses Casanova. Filhos: Adriano nascido no dia 14 de junho de 1973, Ismael nascido no dia 23 de novembro de 1980 e Cleonésio nascido no dia 30 de novembro de 1982.

\* Nilce Predebon, nascida dia 24 de junho de 1957, casada com Larri Laerte De Toni. Filhos: Cristian nascido no dia 15 de setembro de 1981 e Laerte nascido no dia 04 de fevereiro de 1987.





## 5. *Oliva Massocco*

Nascimento: 05 de junho de 1932. Óbito: 16 de agosto de 1997. Casou-se com BENJAMIM SONAGLIO. Tiveram 5 filhos:

\* Valdir Sonaglio nascido dia 20 de fevereiro de 1953, casado com Ivani Marcolin. Filhos: Sonia nascida no dia 09 de novembro de 1981 casada com Wilson Roberto de Carvalho, Franciele nascida no dia 22 de dezembro de 1988 e Giovanni nascido no dia 08 de abril de 2001.

\* Vanilda M. Sonaglio nascida dia 23 de agosto de 1955.

\* Vilma P. Sonaglio nascida dia 29 de junho de 1957, casada com Roberto P. da Silva. Filho: Rafael Diego nascido no dia 28 de setembro de 1989.

\* Marlene M. Sonaglio nascida dia 08 de setembro de 1960, casada com Jairo Casonatto.

\* Marcos Sonaglio nascido dia 02 de dezembro de 1967, casado com Sônia I. Sassi. Filho: Guilherme nascido no dia 08 de novembro de 1986.

## 6. *Narciso Massoco*

Nascimento: 02 de setembro de 1935. Casou-se com ROSA MARIA POSSAMAI. Tiveram 3 filhos.

\* Luciano Antônio Massoco nascido dia 23 de dezembro de 1968, casado com Rosane Suardi.

\* Leandro Antônio Massoco nascido dia 25 de março de 1971. Óbito dia 28 de Janeiro de 1973.

\* Juliano Massoco nascido dia 23 de maio de 1974, casado com Fernanda Sberse. Filha: Ana Júlia nascida no dia 12 de julho de 2005.



*Luciano, Narciso,  
Rosa e Juliano*



*João Baptista Ferrari*  
*e*  
*Amélia Madalena Belluzzo*



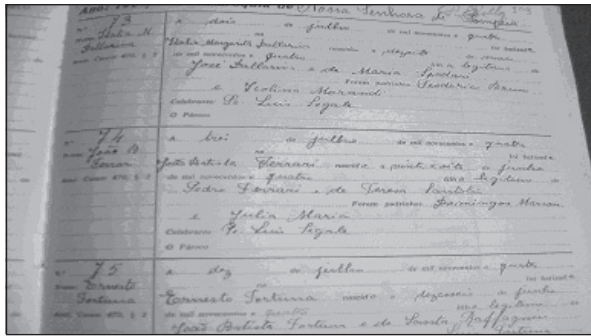
*João Baptista Ferrari*, nasceu em 28 de junho de 1904, na Linha Silva Pinto de Nova Pompéia, hoje conhecida como Linha 40 do Distrito de Pinto Bandeira. É o terceiro filho do casal Pietro Ferrari e Thereza Santolin Ferrari, mas o primeiro filho homem da família.

João Baptista foi batizado no dia 3 de julho de 1904, na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia e quem “segurou” o batizado foram Domingos Marcon e Julia Maria.

João Baptista destacou-se por ser um garoto obediente, integro e organizado, pois gostava de ter suas coisas no devido lugar, era prestativo, dedicado e sério.



*Livro de Batismos  
n° 01 – Folha 108.  
Paróquia N. S<sup>a</sup>  
Rosário Pompéia –  
Pinto Bandeira*



Em 11 de abril de 1906, com a chegada a Nova Pompéia das Irmãs São José, foi aberta a primeira escola. O colégio São José começou a funcionar no dia 22 de abril com duas salas de aula. João Baptista aos sete anos passou a freqüentar a mesma, onde aprendeu as primeiras letras. Como os tempos eram difíceis, por muitas vezes, no inverno João Baptista ia à escola descalço, enfrentando o frio, a geada e a chuva para chegar até a sua escola, na ânsia de aprender. Já nos dias ensolarados, muitas vezes não ia à escola, pois auxiliava a família na lida da roça. Trabalhava muito.

Durante a infância, por ser o filho mais velho da família de 14 irmãos, sempre trabalhou como agricultor, onde cultivava vários produtos para atender as necessidades da família, entre eles o milho, o trigo, o feijão, a batata entre outras. Na horta, plantava *radichi*, alface, ervas para chás - a medicina caseira era muito praticada pelas famílias - entre outros. Para a criação dos animais, também era preciso cultivar pastagens.

Desde a infância, apesar das dificuldades econômicas e a família numerosa, soube cultivar os valores herdados dos pais como a honestidade, a justiça e a bondade. Tornou-se um homem honesto, organizado, justo e bondoso, sentia-se sempre disposto e animado. Enquanto isso, em Nova Pompéia, com a possibilidade de encurtar distâncias, as coisas foram melhorando: chega a Agência de Correios e serviço de linha postal em 18 de abril de 1910. Até então, todos estavam privados dos meios de comunicação, as cartas passavam de mãos em mãos, o que acarretava muitos extravios. A correspondência chegava da cidade pelos “*stafettas*”, ou seja, o agente responsável pela correspondência que era esperado com muita ansiedade por todos, pois significava receber notícias ou mensagem de familiares ou alguém muito especial.



No ano de 1913, João Baptista Ferrari viu várias mudanças em Nova Pompéia, fatos que marcaram a história de seu povo. Primeiramente, Nova Pompéia em 15/01/1993 passou a ser 4º distrito de Bento Gonçalves. Segundo fato importante foi a criação do cartório, que possibilitou os moradores a fazerem seus registros na própria localidade. Todavia na noite de 22 de novembro, em poucos minutos as chamas, fizeram virar cinza o que seria a maior fonte de pesquisas. Para a felicidade de sua família e a de outras, chegou o telefone. Passando a facilitar a vida de seus pais, amigos e vizinhos, que tinham que suportar as viagens a cavalo até Bento Gonçalves. O que antes levaria dias, agora poderia ser feito em instantes, pelo simples uso do telefone.

João Baptista foi espectador e participante de outro fato importante para ele e os demais moradores de Nova Pompéia. A Igreja foi considerada o Primeiro Santuário Arquidiocesano. Foi uma grande festa onde estiveram presentes o Arcebispo de Porto Alegre e um número bastante expressivo de sacerdotes.

O jovem João Baptista, além das atividades na agricultura decidiu encarar um desafio diferente; aos dezoito anos, foi trabalhar “*a jornada*” (diarista), na casa de Antônio De Toni, onde aprendeu com ele a trabalhar em construções e o ofício de pedreiro. Pois além da profissão, nem imaginava que ali iria conhecer a mulher que mudaria sua vida. Próximo à casa do seu Antônio, a três quilômetros de distância, residia uma bela jovem. Mas quem era esta mulher?

***Amélia Madalena*** filha de Ângelo e Ana Gréggio Belluzzo, nascida no dia 24 de Junho de 1907, batizada no dia 30 de junho, sendo padrinhos José Belluzzo e Paula Predebon, na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia (é claro que estes detalhes ele ainda não sabia...). Amélia era bisneta de Fidenzio Belluzzo, pai de Filippo Belluzzo que casou-se com Ângela Furlan, esposa de Giovanni Battista Ferrari, onde narramos no início do livro.

Pois é, sempre que ela passava pela estreita estrada onde passavam os cavalos, a bela moça chamava a atenção de João Baptista, apesar dele vê-la só em determinados trechos do percurso. Era uma jovem atraente e bonita, com olhar esperto e doce que adorava sorrir. Vejam a fotografia a seguir e confirmem a veracidade:



*Amélia aos  
15 anos*

Foi então que resolveu descobrir mais detalhes sobre a linda jovem e passou a se interessar ainda mais por ela. Sem precisar enviar qualquer correspondência ou recado por alguém, tomou fôlego e, numa certa ocasião a pediu em namoro e... ela, abrindo um sorriso doce e com seus olhos brilhando, aceitou. Amélia tinha três anos a menos que seu namorado.

O namoro não foi diferente dos padrões da época. Quando João Baptista ia namorar na casa de Amélia, tinha que namorar na cozinha, com a presença de um dos pais, pois na sala, namorava sua irmã Dozolina (ela namorava Domingos De Toni... que era filho de Antônio De Toni... que ensinou João Baptista o ofício de pedreiro...). Enquanto os jovens namoravam, a mãe Ana ficava costurando ou fazendo “dressa”. Isso acontecia aos domingos, pela parte da tarde ou à noite e no máximo por duas ou três horas apenas.

Finalmente, marcou-se a data do casamento. Com 22 anos João Baptista, casou-se com Amélia de 19 anos, em 15 de maio de 1926, na Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia - Distrito de Pinto Bandeira, sendo as testemunhas Luis Durante e Candido Pietrobom (só eram registradas, no Livro, duas pessoas). Nesta mesma ocasião, casou-se também seu irmão José Ferrari com Assunta Teresa Piva, que narraremos no próximo capítulo.



A mãe de João Baptista, Theresa Santolin já havia falecido e seu pai Pedro havia-se casado com Ângela Basso e tido, até então, mais dois filhos: Vitorio e Dionísio, 2 e 1 anos, respectivamente. E todos moravam no Lote N° 24 da Linha Silva Pinto.

A festa de João Baptista e Amélia contou com uma grande comemoração, conforme os costumes da época. Era sábado, o dia com um céu azul, com finíssimas nuvens brancas e ensolarado. Pela manhã, foi feita a *colassion* ou *colassione*, na casa paterna da família Belluzzo, onde foram servidos para os convidados sopa de pão com bucho (mondongo), biscoitos, café, pão e vinho. Após estes comes e bebes, a noiva, já vestida e arrumada, foi levada a cavalo para a Igreja, sentada majestosamente no *selim* (sela feminina, forrada em veludo vermelho e ornamentada com franjas), apoiada no único estribo. Foi juntamente com o noivo João Baptista (não dá azar ver a noiva antes do casamento???) e os convidados, que também foram a cavalo até a igreja. Os noivos na frente e logo a seguir vinham os padrinhos e por fim os demais convidados. Após a cerimonia religiosa, dirigiram-se à casa paterna do noivo, onde o almoço foi servido, regado sempre com muito vinho. A festa prosseguiu alegremente até a noite, cantaram músicas italianas, jogaram a mora, as cartas e dançaram muito. No dia seguinte, o novo casal foi buscar a família da noiva, para o *rabaltão* (sobras da festa), pois este, como de costume, acontecia entre as duas famílias e as pessoas que trabalharam na festa. Depois de dois dias de festa, no dia 17 de maio de 1926, teve início uma nova vida para os dois.

Era costume que os filhos que casassem, morassem com suas esposas na casa paterna temporariamente. Dizem que era para testar as noras e prepará-las para assumirem uma casa, sozinhas, quando o casal adquirisse sua própria colônia de terras.

Um ano depois, em 1927 os casais João Baptista e Amélia e José e Assunta, com a ajuda da família, conseguiram conquistar, com muita alegria, a compra de uma área de terras no lote 28 da Linha Silva Pinto. Numa pequena elevação, recoberta por uma vegetação arbustiva, mata e algumas parreiras, deram início a sua nova morada. Ali construíram sua casa própria com a ajuda dos vizinhos, em mutirão como era o costume, devido às dificuldades econômicas, ao acesso ao material e à necessidade de mão-de-obra. Procuraram estabelecer sua residência numa localização em que recebia o sol matinal e, é claro, de terreno inclinado, justamente para





*Foto atual da propriedade de João Baptista*

construir “*la cantina*” (porão), sem precisar de maiores escavações. Para melhor nos situarmos, a casa estava no mesmo local onde hoje é a residência do filho do casal Dionísio Ferrari e Júlia Maso Ferrari, na Linha 40.

A casa era toda de madeira: paredes, janelas e inclusive o telhado, que era de *scandole* (tabuinhas sobrepostas). Até os dias de hoje, os que conheceram ou viveram nesta casa, contam que o telhado era cheio de furos e frestas, pois as “tabuinhas” haviam sido esculpidas por machados. Ali, também, foram construídas “*due cuzine*” (duas cozinhas), ambas distanciadas da casa de dormir, uma para o casal João Baptista e Amélia e a outra para José e Assunta. Ambas as cozinhas eram pequenas com bancos de madeira fixados junto às paredes.

O “*fogolaro*”, fogão de chão que era uma caixa cheia de barro endurecido pelo calor do fogo, onde era colocada a lenha. Sobre ele, uma corrente de ferro presa no teto, chegava bem próximo ao fogo, onde eram penduradas as panelas e a *caliera*, para fazer a polenta, prato principal das famílias italianas. Havia adquirido também um armário (caixão), onde guardavam o açúcar, sal, banha e outros alimentos. A pia era chamada de “*veciario*” ou “*vecer*”, feita de tábuas, postas inclinadas (para escoar a água) e fixadas na parede, dispensando os encanamentos. As cozinhas eram construídas longe da casa de dormir, porque havia o perigo do fogo, isto é, o *fogoler* não era seguro (esta era a forma que os imigrantes construíam suas casas, como precaução



*Antiga cozinha  
friulana*

para evitar possíveis tragédias por consequência de possíveis incêndios...).

Com a chegada do inverno, com noites escuras e frias, os casais se aproximavam do fogo para aquecer-se e colocavam batatas doces para cozinhar nas brasas. “Portate dolce e qualche volta mandolini (amendoin)”. Ali ficavam para conversar e comer, enquanto isso, a luz dos palheiros se fazia ver, exalando no ar o cheiro de fumo de rolo em todo o ambiente.

Na casa de dormir, havia quatro quartos e uma sala grande onde uma parte servia como depósito do trigo e espigas de milho, que cultivavam. Próximo à casa, o reservatório de água potável estava no lote do vizinho Poloni, onde as esposas buscavam a água com o “*bígolo*”, pau de madeira de aproximadamente 1,5 m de comprimento de forma curvada (para se encaixar nos ombros), com ganchos nas pontas, onde eram colocadas as *cechas* (balde feito de madeira) uma na frente e outra atrás, cheias de água para o abastecimento da casa. Numa certa ocasião, João Baptista estava indo para o seu trabalho e no caminho encontrou sua esposa e a vizinha, a parteira Joana Poloni, conversando com o *bígolo* nos ombros. Enquanto se aproximava ia observando atentamente as duas e elas não paravam de conversar. Ao se aproximar delas, ele disse:

– Bom Giorno! Varde done que par parlar ocorre mia portar peso.

As mesmas pararam um instante se olharam e viraram (as alertou que, para conversarem, não era necessário ficar carregando todo aquele peso nos ombros). Claro que foi para mexer com elas. Depois, prosseguiu seu caminho. Este relato é da lembrança do neto de Joana, Wilson Poloni.



## II - A FAMÍLIA COMEÇA... NASCIMENTOS.

Em 31 de março de 1927, para alegria do novo casal nasceu seu primogênito Severino Ferrari.

No ano seguinte em 26 de março de 1928, o segundo filho, Domingos.



*Severino (na escada)  
João Baptista,  
Domingos (na mesa)  
e Amélia (linda!)*

A casa de João Baptista fazia parte da comunidade da Linha Silva Pinto Sul. Ali havia uma capela em honra a N. Sra. do Carmo que possuía uma imagem que havia sido trazida da Itália. Foi a primeira capela construída pelos imigrantes. Era toda em pedra, rejuntada com barro e cobertas pelas artesanais “scandole”. Uma pedra talhada indica o ano de sua construção: 1892. Bem próximo à Capela, estava “el campo santo” - cemitério e um pequeno salão de madeira onde funcionava a *bodega* (bar) e eram realizadas as festas.

Em 17 de setembro de 1929, nasceu o terceiro filho, Ângelo Ferrari.

Amélia era uma pessoa de muita coragem, determinação, fé, amor e muito alegre. Ao contrário de João Baptista, gostava de sorrir e conversar. Já





com três filhos preocupava-se com o bem-estar dos mesmos, trabalhava na roça, cultivando milho, cebola, trigo e cuidava também dos afazeres do lar.

Quando estava em casa, colocava as crianças numa caixa de madeira com palha de milho e sobre a mesma um pano, onde dormiam enquanto ela trabalhava. João Baptista exercendo o ofício de pedreiro, trabalhava em lugares diversos e distantes. Era preciso construir o progresso... e era muito requisitado, pois trabalhava muito bem. Aliás, esta era uma qualidade sua: perfeição. Sendo assim, durante a semana, ficava longe de casa, só retornando aos sábados.

As duas famílias, João Baptista e José, trabalhavam na agricultura e ambos os casais tinham um filho por ano. Para cumprir sua parte na agricultura, João Baptista pagava “*jornada*” para seu irmão José substituí-lo na roça. Assim, Amélia, e os filhos tinham ajuda.

No dia 20 de outubro de 1930, nasceu a primeira menina da família, Maria Tereza.

No casamento, criavam-se muitas expectativas em relação aos filhos, pois a prole era um dom de Deus. Não se admitia qualquer rejeição aos filhos. Além de ser crime, existia o fator religioso e a necessidade de mais mão-de-obra. Nem se quer se pensava em controle de natalidade. Ninguém falava sobre isso. Devido à falta de recursos, de transporte adequado e assistência médica, a maioria das mulheres fazia o trabalho de parto de seus filhos em casa, contando com a ajuda das parteiras ou da própria família.

Na casa de João Baptista, não era diferente: os partos eram feitos pela vizinha Joana Garbui Poloni, boa alma que desempenhava um papel fundamental na comunidade e, em especial nesta família, pois dela dependeu o nascimento de todos os filhos do casal. Como forma de agradecimento pela ajuda, Amélia a recompensava com doações, sempre que possível.

Também, com muita alegria, em 24 de setembro de 1932, com muita economia, a família adquiriu mais um lote de terras, a de nº 36, para aumentar o capital. Com muita alegria, Amélia, no dia 26 de outubro de 1932, em “boa hora”, dá à luz a mais uma filha, Ana. Os filhos contam que nem percebiam quando a mãe estava grávida, talvez por ela usar vestidos largos ou pela própria ingenuidade. De repente, aparecia mais um bebê. Pensavam nas seguintes hipóteses: ou era trazido na sacola pela parteira ou pego na “*paluga*” – banhado – mais provável por causa do coaxar das rãs.

Enquanto João Baptista trabalhava fora e Amélia na agricultura, ambos contavam com a ajuda de sua vizinha Romana de Bortoli, que ajudava



a cuidar das crianças. Esta conta que “Amélia durante o dia fazia as plantações de cebola, remendava as roupas para os filhos. Quando noite chegava, iam fazer o “filó” na sua casa, onde ela fazia a “dressa” trança de palha de trigo, ocasião em que contavam histórias e cantavam. Era uma festa e todos se sentiam importantes. Mas antes de “*far la dressa*” a mesma colocava a palha de molho e fazia a trança de 4, 5, 6 e de até 7 palhas, até formar um “paco”, ou seja, um maço de 12 braçadas, que correspondiam aproximadamente a 16 metros. Depois, com a trança, faziam *capei* (chapéus) e *sportas* (cestos), onde eram moldados na madeira e ao seu redor entrelaçavam-se as tranças até formá-las. Amélia passou tais ensinamentos para seus filhos. Uma coisa muito comum na família era a competição que existia entre os filhos em fazer *la dressa*, para ver quem produzia mais braçadas, mas antes de trançar, periodicamente, juntamente com a vizinhança rezavam o terço. Quando João Baptista estava presente, era o primeiro a fazer o sinal da cruz e puxar a reza. Mesmo não sendo a hora do terço fazia isto, antes de entrar na própria casa. Era uma pessoa religiosa, determinada e era associado ao apostolado onde sempre na Quinta-feira Santa, participava do lava-pés. Conforme a época do ano e os trabalhos realizados na roça, especialmente no inverno pelas noites serem mais longas, a família se organizava na quantidade de “filós” que eram verdadeiros encontros de conversas, das boas risadas, oração e lazer. Sempre foram momentos fortes de amizade e união.

Quando os filós aconteciam nos vizinhos, a família nas noites escuras se preparava para montar “*cháro*”, que era feito com um maço de palha, sendo que ao seu redor colocavam gravetos, amarrados num pedaço de madeira de aproximadamente um metro, para iluminar o trajeto, o qual era percorrido juntamente com a vizinhança. Era um hábito muito comum nos filós servir vinho, amendoim, pinhão, batata doce, grostoli, biscoitos... um verdadeiro banquete. Para todos os filhos de João Batista e Amélia, estes foram os momentos mais importantes de suas vidas (mesmo sem rádio, TV ou livros) sendo considerados verdadeiros encontros de alegria. Neles aconteciam fatos mais alegres e pitorescos.

Desde o início da colonização italiana, muitas crianças foram privadas ao acesso da escrita e a leitura, isto devido à existência de poucas escolas ou pela distância da mesma e muitas vezes abandonavam o estudo para ajudarem a família em tarefas domésticas ou na lavoura. Para muitas famílias, mandar os filhos à escola representava gastos na compra de vestuário e material escolar.



*Escola Plácido  
de Castro –  
1ª construção*

No caso da família de João Baptista, a escola ficava a apenas alguns metros de distância de sua casa e, além desta facilidade, ao contrário de outras famílias, ele sempre teve muito apreço pelo estudo. A escola era municipal, denominada Plácido de Castro, toda em madeira com uma única sala de aula.

Em 27 de julho de 1934, nasceu o sexto filho, Pedro Ferrari.

Vivendo a quarentena de Pedro, Amélia num certo dia, foi à colônia com o seu filho nos braços. Chegando na roça pegou um cestão que ali estava e colocou seu filho dentro. Como o dia estava ensolarado, abriu um guarda chuva (“ombrela”) velho para protegê-lo do sol. Enquanto isso, Amélia foi limpar cebola. Estando tão entretida com o trabalho, não percebeu que a vizinha Rosa de Bortolli, com pena da criança, pegou-a e levou-a para sua casa. Ao terminar o seu serviço, foi até o cestão e não encontrou o bebê e em desespero começou a gritar muito, dizendo que haviam roubado seu bebê. A vizinha, então, mostrou que seu filho estava em seus braços, aliviando o susto de Amélia. “Ela com tuta la passiensia, la me gá dito che la se gávea spaurá”. Como nos dá conta Romana de Bortolli.

À noite, como sempre João Baptista e Amélia gostavam de ver a família unida, principalmente quando ele estava em casa. Certa noite, após o terço, como de costume, a família organizou-se para cantar. Amélia adorava as canções italianas, por isso convidou todos os filhos e o marido João Batista, *Titta*, como costumava chamá-lo, para cantar, só que ele não conseguiu acompanhar e teve um ataque de risos, surpreendendo a todos, causando certa surpresa, pois sempre demonstrou ser um homem sério e dificilmente “mostrava os dentes”.





Em março de 1935, foi a vez de Domingos iniciar sua vida escolar e aprender a se alfabetizar. O menino saiu de casa com um pouco de receio, mas chegando à escola, foi recebido por sua professora Julieta Vanni, que foi eficaz na acolhida, amenizando um pouco sua angústia.

Neste ano de 1936, no distrito de Nova Pompéia, concretizou-se a chegada da primeira linha de ônibus. A família de João Baptista Ferrari, podia agora dispor deste conforto, quando necessitava. A ligação com a Sede do Município foi facilitada, mas certamente os ônibus não eram tão bonitinhos como os que temos hoje: era uma espécie de microônibus, com uma fila única de bancos, da largura do ônibus e com duas portas laterais. Cada viagem era uma aventura, pois quando chovia era só barro e em muitos trechos os passageiros tinham que descer e empurrá-lo e se o clima estava muito seco, uma grande nuvem de pó se formava em cima dos passageiros.

Neste mesmo ano, é a vez de Ângelo ir conhecer a escola. Como ele nos conta, sua professora, também a srta. Julieta Vanni, gostava muito de aplicar os castigos, quando o mesmo não obedecia e o que mais cumpriu foi o de ajoelhar sobre os grãos de milho, pelo tempo determinado por ela.

Em 18 de julho de 1936, nasceu mais uma menina, Lurdes Ferrari.



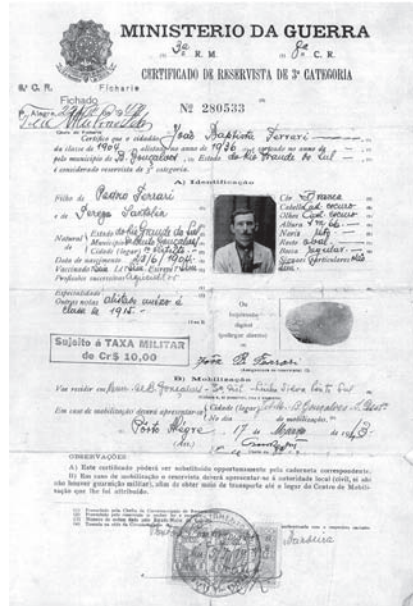
*João Baptista, Severino,  
Domingos, Ângelo,  
Maria Teresa, Ana,  
Pedro e no colo de  
Amélia, Lurdes (1937)*



Uma curiosidade: em todas as famílias visitadas, nesta reconstrução das lembranças, esta foto de João Baptista e Amélia estava entre as outras. Cada filho tem uma... e original.

Neste mesmo ano, João Batista teve que se alistar no Exército, pois ainda não tinha feito o registro obrigatório aos dezoito anos. Considerado reservista de terceira categoria, identificado como cor branca, cabelos e olhos escuros, 1,66 de altura, nariz reto, rosto oval e a boca regular, não apresentando sinais particulares.

Por não ter se alistado no período correto, corria o risco de ser preso, mas como já estava com 32 anos, casado e com filhos, foi revogado de tal situação. Mas teve de cumprir com seu dever, prestando o juramento à Bandeira.



*Certificado de reservista*

Em março de 1937, Maria Teresa começou a freqüentar a Escola Municipal Plácido de Castro. Como nos contou, ela respeitava sua professora e acatava suas ordens, pois sabiam que seus pais consentiam que fossem aplicados os castigos, caso não cumprisse os deveres. Diariamente carregava em sua sacola o material: uma “lousa” ou uma pedra com moldura em madeira e uma *pena*, espécie de giz que se caísse no chão poderia se partir. Tudo era registrado na lousa e após, apagado com um pano, preparando-o para a próxima lição.

Também neste ano de 1937, após juntar verbas para comprar mais uma área de terras, o irmão José Ferrari, juntamente com sua família se mudou para nova residência, próxima à família Bigolin, ficando assim cada família com sua área de terra. Neste mesmo ano, João Baptista participou da construção da Cooperativa São João, na Linha Jansen, em Farroupilha. Domingos nos relatou que sempre um dos filhos acompanhava o pai para retornar com a mula para casa. Levavam as ferramentas e a comida até





Nova Pompéia, onde João Baptista ia com sua equipe de pedreiros formada por Vincenzo Lovera, Severino Marini e Clemente Dalmas e chegavam a ficar por até quinze dias. Antes de partir, combinava com o filho a data do retorno, para ir buscá-lo.

Em 2 de maio de 1938, nova Pompéia passou a denominar-se Pinto Bandeira. Além disso, outros fatos mereceram destaque, como a proibição dos dialetos falados e as trocas de nomes das localidades. Era proibido falar qualquer outra linguagem que não fosse o português e quem ousasse falar o dialeto podia ser preso e chicoteado. A população em sua maioria sabia falar apenas o italiano (la língua portata dalla vecchia pátria). Certo dia, o vizinho de João Baptista Agostinho Da Campo e Ângelo Trivillin, seu compadre, estavam na praça conversando em dialeto, quando pela sua surpresa, foram pegos em flagrante pela polícia e presos. A cadeia ficava em baixo da subprefeitura e lá chegando viram que tinham companhia: além de alguns conterrâneos, havia também galinhas chocadeiras e pasto. Para que o tempo passasse mais rápido, adivinhem o que eles aprontaram? Furaram todos os ovos dos ninhos e depois os colocaram de volta nos ninhos virados para baixo, para que ninguém notasse, nem as galinhas. No dia seguinte foram liberados e voltaram para suas casas. Os italianos sempre falaram o dialeto, segundo a região de origem, e com o tempo, passaram por um processo de aculturação, e muitas palavras e expressões sofreram mudanças, principalmente pela influência do português. Não se sabe se isso aconteceu por questões políticas ou sociais.

Em 11 de maio 1938, chega o oitavo filho para fazer parte desta família, Dionisio Ferrari.

No ano seguinte, mais uma filha iniciava as atividades escolares: é Ana que estava feliz em aprender o alfabeto e a fazer contas (operações matemáticas), não esquecendo de acatar as ordens de sua professora.

A vida da família continuava tranqüila, como sempre Amélia trabalhava na agricultura e seus filhos foram aprendendo a cuidar um do outro. Mas, várias vezes, precisou colocar seus filhos mais velhos, como Severino e Domingos em dois cestões de taquara que ficavam sobre o cavalo, para acompanhá-la nos afazeres da roça. Além dos mais velhos, também carregava consigo seus filhos bebês.

Num certo dia, Amélia levou mais um grande susto. Desta vez foi com Dionisio. Colocou-o no *ceston* e foi para seu trabalho. Ao retornar para



vê-lo se estava bem, ficou paralisada ao ver uma cobra cercado seu filho. Não é que a danada da cobra havia derrubado a caneca do leite e estava se deliciando! Depois de beber todo o líquido, saiu tranquilamente sem causar nenhum mal à criança. Graças a Deus! Logo após o inquieto silêncio de Amélia e o susto passaram. Ao conferir que tudo estava tranqüilo, retornou ao seu trabalho com o seu bom humor.

Neste corrente ano, da sede do Distrito de Pinto Bandeira chegaram notícias de vários desentendimentos, ofensas e calúnias entre as pessoas, pois sem aviso prévio, construiu-se uma cancha de vôlei na praça central. Por ordem do Prefeito Municipal, a praça foi interditada, sendo cercada por arame farpado, causando grande desconforto para todos.

Em contrapartida, é inaugurado o sistema de alto-falantes da praça, grande novidade para a época e motivo de muitos inícios de namoros. Além do toca-discos, havia um dispositivo que imitava o toque dos sinos.

Em 1º de agosto de 1940, Amélia novamente dá à luz a uma filha: Gema. Apesar das conquistas da família, do trabalho e até das dificuldades.

As crianças sofriam algumas doenças que eram freqüentes como: dor de barriga, coqueluche, anemia, caxumba, sarampo e outras. Todas eram desconhecidas, pois nenhuma campanha de vacinação era feita, aliás, não haviam inventado as vacinas ainda. Por isso, os filhos eram cuidados em casa com chás e com os banhos de camomila ou malva. Um dos poucos remédios a disposição da família, inclusive muito usado e odiado por todos, era o óleo de rícino, considerado um “santo remédio” para todos os males. João Baptista era quem marcava o dia para dá-lo aos filhos, pois era um corre-corre e todos fugiam desesperadamente desta tal solução. Neste dia também matavam a galinha mais gorda do galinheiro para fazer o tradicional “brodo”, que acompanhava o óleo e proporcionava um efeito mais ameno.

Domingos, o segundo filho, sempre estava doentinho, fraco e com coqueluche e os pais o levaram (de mula) ao médico, em Bento Gonçalves. O doutor Walter Galassi (primo do Dr. Tacchini), diagnosticou anemia no menino, por isso ele deveria tomar, uma vez por semana, um copo de sangue de boi, bem fresquinho. Fica-nos difícil imaginar como conseguiria isto, mas logo veio a solução, pois em Pinto Bandeira funcionava o matadouro de José Fedatto. Domingos, que já tinha aprendido a cavalgar, era comunicado, pelos vizinhos que iam até à sede do Distrito, quando era abatido um animal. E lá ia ele, tomar seu copo de sangue fresquinho (meu



Deus!) no matadouro. Outras pessoas que sofriam do mesmo mal também eram orientados a fazer a mesma coisa e compartilhavam dos copos de sangue. Domingos aproveitava para comprar um pedaço de carne para a família. Fez isto, até se curar. Aviso: em caso de anemia, hoje, não repita esta operação. Consulte seu médico. Além disso, João Batista e Amélia, levaram o mesmo a uma “benzedeira” (do bem!) que atendia, conforme lembrança de Domingos, próxima aos trilhos de trem, na sede. A mesma dava sua benção e lhe dava chá. Como forma de pagamento, um galo ou galinha, cebolas e outros produtos que os pais cultivavam. Acreditava-se muito na cura da saúde pela fé através das benzeduras, nos relata Domingos.

Como os afazeres na lavoura eram de Amélia e agora podia contar com os filhos maiores, num certo dia, estando grávida, caiu de cima de um arado, levando um susto, mas felizmente nada aconteceu. Amélia dizia: “não se perde os filhos trabalhando!”. Assim eram todas as mulheres e aqui faço uma observação: as cesarianas não existiam!

João Baptista era um pai bondoso e gostava das coisas na mais perfeita ordem. Trabalhou como pedreiro durante toda sua vida e de seus braços se edificaram vultosas construções. Em 12 de janeiro de 1941, iniciou uma grande obra, a construção do colégio Medianeira de Bento Gonçalves. Com sua equipe, preparou seis metros de alicerce, em pedra, para idealizar esta construção. É o muro que está visível quando se passa pela rua. Como nos relata Domingos, para ajudar o pai, pegava a mula com todas as ferramentas e o acompanhava até o Buratti, ou até mesmo Bento.

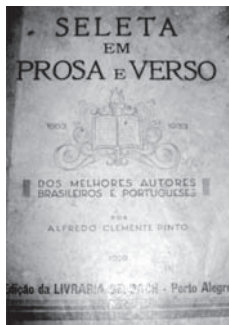
Em março de 1941 envia mais um filho à escola, agora é a vez de Pedro. Ele nos conta que as aulas eram mistas e separadas por série, ou seja, Primeiro, Segundo, Terceiro, Quarto e Quinto Livro – “a Seleta”. Ângelo na mesma sala, já está no quinto livro. Este nos conta, que até hoje guarda este livro, onde está registado tudo o que aprendeu e que poucos alcançavam este nível.

Pedro no final deste ano letivo não conseguiu se alfabetizar. No ano seguinte, ao retornar, encontrou uma nova professora: a srta. Cassilda Perin, autoritária demais. Num certo dia, ao ser repreendido pela professora, Pedro pulou a janela da escola e correu para casa, mas lá chegando, teve que contar a João Baptista o que havia ocorrido. Sabe o que lhe aconteceu? Escapou do castigo da professora, mas não o do pai...





Ângelo e  
Ortenila Ferrari



Em 19 de agosto de 1942, chegou a fazer parte desta família o penúltimo filho, José. Assim a família passava a ficar mais numerosa e neste meio tempo a filha Ana foi morar na casa dos avós maternos Ângelo e Anna, que por estarem sozinhos, precisavam de companhia. Passava semanas com seus avós e tinha a chance de desfrutar o carinho dos avós.

Enquanto João Batista trabalhava fora, Amélia continuava seus afazeres, sendo sempre a última a ir para casa da lavoura, bem como a última pessoa a deitar-se, mas a primeira a estar de pé.

Com o aumento da família e para a melhoria das condições de vida da família era necessário desenvolver mais a atividade promissora da cultura da videira. No período do tratamento usavam uma pequena “máquina spalle”, ou seja, usada na costas. Esta era de ferro com reservatório para o tratamento, tinha uma mangueira um cabo, que ao elevá-lo impulsionava veredame. Este era preparado numa “mastela”, ou seja, uma pipa de madeira que era rolada até o parreiral. Os filhos relatavam que assessoravam





usando o “Bigol” para levar o tratamento até o próximo a quem estava aplicando o produto.

Na época da colheita a uva era colocada em balaies feitos pela própria família com cipós e vime, onde se colocava as uvas. Uma parte da safra era destinada à produção de vinho para a família. Primeiramente, consumiam o vinho doce e quando fermentava era colocado nas pipas para que o vinho fosse consumido até a próxima safra. O transporte da uva era feito a cavalo, em “cargueiros”, cestões suspensos um em cada lado do animal. Depois de colher a uva, seguiam pelas trilhas até a cantina que era o ponto de recolhimento. Devido ao transporte lento e a situação da estrada por estreitas picadas, demoravam quase o dia inteiro.

Quanto ao dinheiro da safra, este ninguém mexia até mesmo se fossem obrigados, pois todo o lucro adquirido era destinado à compra de “capital” - terras mais precisamente falando.

E em Pinto Bandeira, chegou ao fim o episódio triste da Praça. São iniciados os serviços de ajardinamento e embelezamento da Praça, trazendo cor e alegria para todos.

Em março de 1943 é a vez de Lourdes freqüentar a escola. Era uma menina calma, recatada e temia muito sua professora, pois ela morava em sua casa e ela poderia relatar os deslizes a seus pais.

No cotidiano da família, além do trabalho nos finais de semana, o domingo era considerado dia sagrado, de descanso e era onde a família se reunia para ir à missa. Iam principalmente os filhos mais velhos com o pai João Batista. Amélia, muitas vezes, ficava em casa cuidando dos filhos menores. A família possuía uma mula só e esta era disputada entre Severino, Domingos, Ângelo e Maria Tereza, então, organizaram uma escala: um fim de semana para cada um. Então, o escalado (sortudo do fim de semana) ia cavalgando e os demais iam a pé, descalços. Conta-nos Maria Tereza, que antes de chegar no Santuário Nossa Senhora de Pompéia, paravam para lavar os pés e secavam com um pano que depois era jogado fora. Calçava suas “moreninhas” e os meninos calçavam os tamancos ou, quem tivesse, os sapatos. A religião para a família sempre desempenhou um papel importante de esperança para uma vida melhor.

Como toda mãe, Amélia preocupava-se com o bem-estar dos filhos e para não estar dependendo só do dinheiro (que era escasso) do trabalho do esposo *Titta*, saía de madrugada, com sua mula e ia vender produtos da



terra na cidade. No lombo da mula, levava também José, seu filho mais novo, que esperava ansioso o dia que ia para a cidade com a mãe. Amélia pegava as mulas em torno das 2 horas da madrugada no potreiro. Depois de tudo pronto, seguia pelo Buratti, num caminho sinuoso, íngreme em meio a uma mata espessa, cujo trecho tinha sido aberto pelos homens da comunidade, com a “ronca” onde havia apenas espaços para passar a cavalo, chegava à cidade de manhãzinha, (e aqui uma curiosidade: usava sapatos de salto) vendia seus produtos e comprava os que só o comércio ofereciam: café, açúcar, tecidos para fazer as roupas como algodão, brim e “fru-fru”... Voltava para casa somente à noite.

Era muito comum, na família antes da safra preparar seu vestuário, onde cada um possuía duas camisas e duas calças: “*un in dós e nantró in fós*” (uma no corpo e outra para lavar). Na infância dos filhos era muito comum Amélia fazer os “saiotes” para serem usados tanto pelas meninas, quanto pelos meninos, até os três anos de idade. Como existiam poucas mudas de roupas, as mais velhas, após um longo tempo de uso, rasgavam-se e cabia às mulheres fazer os remendos, isto é: “*empessar-le*”.

Em 21 de junho de 1944, nasceu sua última filha, a Olivia. Agora sim a família estava completa constituída por onze filhos.

### III – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Durante a infância dos filhos de *Titta* e Amélia era comum aparecerem sobre a região nuvens de gafanhotos. Numa ocasião, avistaram uma destas nuvens se aproximando cada vez mais e baixando em suas plantações. Em pouco tempo, destruíram toda a plantação atingida. Também causaram mal aos animais domésticos que comiam pequenas ervas, neste caso, os “porchi” (porcos), que acabavam por ingerir os gafanhotos juntamente com a erva e morriam. Dos porcos da família, sobreviveram somente três. Sua vizinha Romana De Bortoli perdeu todos os porcos e João Baptista, consternado com a situação, doou um dos seus para a família vizinha. Romana, que ainda vive, contou esse relato de solidariedade da família Ferrari muito emocionada e com muito carinho.

Havia nestes tempos a crença na existência de fantasmas e monstros, por isso nesta família não foi diferente. Esta história é muito interessante.



A maioria das pessoas sabia da existência de um menininho vermelhinho que costumava fazer “nós” nos rabos das mulas e uma trança muito bem feita em suas crinas. Alguns afirmaram tê-lo visto. Ângelo Marchetto, “Mori” atestou-nos que o viu e assim o descreveu: um menino baixinho e todo vestido de vermelho. Deu-lhe um susto tão grande que até hoje está guardada em sua memória aquela imagem. Outra pessoa disse que o enxergou em cima de um cavalo branco, passeando sorridente no meio da noite (ele era um menininho muito levado). Lenda ou fantasia da imaginação da criança influenciada pela história que os pais contavam o Massariol ou Saci Pererê italiano, existiu, assustou muita gente e fez vários nós e tranças nas crinas das mulas.

Então, qual é mesmo o nome do pássaro ou bicho noturno que fazia isso?

Bem, a história do Massariol era tão presente e forte na vida dos italianos que foram atribuídos a ele vários acontecimentos. Conta-se que na casa da família numerosa de João Batista, o Massariol estava bebendo o leite que Amélia tirava todas as noites de suas vacas. Dia após dia, o leite tirado era colocado num balde em cima da tábua de lavar louça “*vechér*”. Esta pia primitiva era formada por uma tábua aplainada encaixada na parede, inclinada para a saída da água. Assim, a água usada saía diretamente para fora da casa. Por diversos dias o leite sumiu e o seu desaparecimento foi atribuído ao Massariol. João Baptista, italiano, homem valente e sem medo de nada, disse:

– Esta noite, pego este Saci Pererê que vem tomar o nosso leite, e abre as gavetas de nossa mesa de refeições e come o que temos, Saco de Formento!

Nestas gavetas, Amélia guardava a comida que sobrava, o pão, o salame e o queijo. O danado do bicho comia tudo.

Armado de facão, João Batista ficou de prontidão.

Certa hora da noite, ouviu um barulho na “tramelá” da porta da cozinha. Puxando a cordinha, alguém abriu a porta. Esperando ver o levado menininho vermelho, João Baptista viu que quem entrou foi um cachorro enorme, do tamanho de um “*vedel*” da família Da Campo e este ele conhecia muito bem! João Baptista com o seu facão, cortou-o ao meio, pois já estava cansado das reclamações de todos sobre o desaparecimento do leite. No dia seguinte, quando o vizinho passou por sua casa, João Baptista estava na janela e perguntou se ele havia notado a falta de seu cachorro. Ele disse que sim. Então ouviu:





– Varda! Son stato mi, que ó copál

Mas, não é que este cachorro enorme tinha um irmão? E tão grande quanto o outro e com os mesmos vícios... Só que este entrava na casa da família Marchetto, onde “Mori” vivia. O danado entrava em sua casa não pela porta, mas pelo buraco da pia onde escoava a água. Também comia toda a comida que encontrava nas gavetas e ainda a polenta, que estava numa prateleira acima da mesa das refeições. Este teve um fim bombástico: levou um tiro de uma espingarda única, de dois canos – daquelas que o pessoal carregava a pólvora pelo cano... Bum!!!

Os filhos relataram que, nem mesmo durante a infância ou adolescência, tiveram qualquer tipo de brinquedo, por isso as meninas brincavam de casinha, onde imaginavam e confeccionavam suas bonecas com panos ou “*panotchias*” (espigas de milho) quando havia plantação. Já os meninos, faziam carrinhos de madeira e puxavam por uma cordinha ou faziam os “*carretos* -” carrinhos de lomba, constituídos por uma tábua com dois eixos e rodas de pinheiro. As terras íngremes do potreiro do vizinho, foram palco das disputas entre irmãos e amigos. Já no início do percurso, o *carreto* ganhava velocidade, porém eles deveriam ser rápidos e ágeis, pois no final da pista havia um barranco que exigia uma manobra rápida ou poderiam cair no açude.

Um certo giorno..

Os irmãos e amigos foram neste mesmo lugar como sempre. Vários já haviam feito o percurso. Mas quando foi a vez de Dionísio, o *carreto* bateu em uma pedra e esta foi rolando atrás dele. Seu irmão Pedro, assustado lhe gritou-lhe:

- Nizio, varda el sasso, scampa!

Dionísio rapidamente pulou do *carreto* que ficou quebrado. Com o susto, um dos seus amigos acabou com o *carreto*. Depois deste dia as complicações entre amigos acabaram..

Hoje, Dionísio nos relata que era loucura fazer aquilo: “nem imaginávamos o perigo que estávamos correndo. Apenas sofremos felizmente pequenas escoriações, algumas pancadas e não houve acidentes graves.” Isto quer dizer que eles eram muito bons em corridas de *carreto*.

João Batista deu aos seus filhos uma educação invejável, mas não nos parâmetros rigorosos da época. Sabia mediar a rigidez com o carinho, mesmo tendo, por raras vezes, mostrado seu sorriso aos filhos. Mas, quem



mexe com fogo é para se queimar! Certa ocasião, seus filhos Ângelo e Maria Tereza estavam brincando no porão da casa, sabe com o quê? Com la munisson da espingarda (“s-ciopa”) e, para fazer uma dupla explosiva, com fogo. Maria Teresa, em sua ingenuidade, sem ter noção do perigo, jogou a pólvora sobre o fogo. Buuuuummmm! Estourou e atingiu seu rosto. Maria Teresa conta que seu rosto ficou preto e com ferimentos. Foi rapidamente atendida pela mãe, mas com a chegada do pai, o chinelo entrou em ação. Ela diz que por um bom tempo, chorava devido às queimaduras, mas tinha um grande medo: que crescesse a barba e virasse um homem!

Parece que Ângelo gostava de aprontar. Num certo dia deram por sua falta. Todos em estado de alerta: os pais e os irmãos maiores começaram a procurá-lo em todo lugar e nada do Ângelo. Procuraram em boa parte de suas terras, nas fontes e no capão. Sumiu! Este menino tinha muita energia. Foi então que alguém teve a idéia de falar com os vizinhos. Um deles, vendo todo aquele corre-corre e desespero da família, perguntou o que havia acontecido e anunciou que havia visto Ângelo deitado, dormindo... no meio do capim. Aí, Angelo passou de novo, pelo chinelo de João Batista.

Quando João Batista não tinha trabalho como pedreiro ia para roça. Levantava-se cedo, tratava os animais e ia para o trabalho juntamente com os dois ou três filhos mais velhos. Quando nascia o sol, chegava a “colacion” que era servida na roça pelas mulheres. No cesto tinha polenta “brustolada”, pão, queijo, salame, vinho e leite. Esta refeição tinha que ser reforçada para poderem agüentar o trabalho na lavoura. No rigor do inverno, com geada, as mulheres iam com os famosos tamancos de madeira e couro levar o cesto da “colacion”. Mais tarde, Amélia aparecia e já chegava reclamando com João Baptista, pois ele nunca lembrava de acender um fogueiro para se aquecerem cabendo a ela a tarefa. Algumas vezes, a hora do almoço também era celebrada na colônia, onde arroz, feijão, queijo, salame, pão e vinho completavam o “prato feito” que as mulheres se encarregavam de levar no “cestel”.

Olívia, quando bebê, de aproximadamente 6 meses, apresentava em seu corpo muitas feridas. Neste meio tempo, Amélia começou a sentir dores no abdômen, não estava se sentindo bem. Foi conduzida até o hospital. Em casa, ninguém queria cuidar da criança, por terem receio de pegá-la no colo. No entanto, a Sr<sup>a</sup>. Judite Zandoná, mulher bondosa e de grande coração, que também tinha um bebê, ficou com Olívia. Tratou-a colocando vários tipos de ervas nas feridas, envolvendo-a com faixas, até a mesma



sasar por completo e a amamentou juntamente com o seu bebê. Amélia passou por uma cirurgia, onde teve que retirar o seu útero, pois estava com “*un bruto mal*” (cistos - espécie de tumor). Enquanto Amélia se recuperava, Dona Judite foi a “ama de leite” de Olívia e fazia banhos de malva no corpinho doente da menina. Já Teresa, a filha mulher mais velha da casa, assumiu todos os afazeres que eram de Amélia: lavava roupa no reservatório de água do vizinho, fazia comida e cuidava dos irmãos menores. Claro, sempre sob a vigilância de Dona Joana Poloni, a vizinha. Quando Amélia retornou para sua casa, após a cirurgia, encontrou sua menina Olívia curada e ficou muito agradecida à amiga Judite. Recomendou a todos os filhos que fossem sempre generosos e nunca se esquecessem desta bondosa senhora, pela sua ação para com Olívia.

Aos dezessete anos de idade, o filho mais velho, Severino, que já auxiliava João Baptista, decidiu ser voluntário ao “Tiro de Guerra”. Alistou-se e começou a freqüentar o quartel durante meio turno e no outro foi morar e trabalhar na colônia da família Maffessoni, na Linha Salgado, como forma de pagamento pela estada e comida.

Final de 1944, Ana encerra na Escola Municipal Plácido de Castro o Quinto Livro. Amélia, não deixou passar despercebida a vocação de Ana: a de ensinar. Era evidente a inclinação da menina em ser professora. Com o apoio de João Baptista, vai com Ana, ainda uma menina, para a sede a cavalo, no intuito de orientá-la na continuação dos seus estudos. Ela ficou morando de pensão na casa de uma família e deu continuidade aos seus estudos. Fez um curso intensivo de um mês de duração e, posteriormente, prestou a prova para ser aprovada como professora. Para sua alegria, sua aprovação é aceita e ela passou a ser a Professora Ana. Em março de 1945, Ana é a mais nova professora na Escola em que estudou, Plácido de Castro. Lecionou para os alunos do Segundo Livro. O ambiente escolar não havia mudado: uma única sala e poucos recursos. A merenda era preparada na casa de João Baptista. Amélia preparava o “leite em pó”, novidade para a época e chegando a hora do recreio, uma criança ou mesmo Amélia levava o preparo até às crianças para ser servido.

Neste mesmo período, na mesma sala, quem iniciava seus estudos é Dionísio, mas com a professora Gema Zandoná, segundo ele, era autoritária, e por muitas vezes ficou ajoelhado sobre os grãos de milho e pedrinhas.

Paralelo a isso, a família, neste mesmo ano de 1945, adquiriu uma





carroça (significava “status”: quem possuía uma carroça era visto como possuidor de maior poder aquisitivo e destacava-se dos demais) no valor de 1 conto e 200 réis, na loja do Sr. Dalla Coletta, na sede da cidade. O Sr. Guerino Coghetto foi buscá-la. É claro que a carroça foi um grande passo evolutivo, pois facilitou o transporte que até então, era feito pelas mulas com cargueiros, que seguiam pelas estreitas estradas. Mas nos fundos da casa de João Baptista Ferrari, aconteceram melhoria nas vias, e estas foram alargadas possibilitando as carroças por ali. E assim, o filho Domingos destacou-se como “carroceiro”. No seu depoimento, ele nos conta que, quando a carroça chegou, a família só tinha uma mula: a “Estrelinha” que haviam comprado de *Bépi* Fedatto. As mulas tinham nome, sim. E Domingos ainda lembra de todos. Como puxar a carroça com uma só mula? Pediram uma emprestada e depois de um tempo compraram a “Gateada”. Então faziam par a Estrelinha e a Gateada. Agora as coisas estavam melhorando: deixaram de pagar frete para o transporte da uva (Simão Massocco, Agostinho Da Campo e Andréa Ceccon é que prestavam este serviço) e, do dinheiro da safra, não havia dividendos.

Nas novas terras adquiridas pela família, o entusiasmo era muito grande e fez-se necessário ampliar a cultura da uva. Tereza conta que, junto com seus irmãos Severino, Domingos e Ângelo, teve que carregar muitas “*colonas*” (postes) do meio do mato para a sustentação do novo parreiral. Agora também se faz necessário a aquisição de uma nova máquina de sulfatar, para substituir a existente. Esta era colocada sobre uma “mastela” e anexada a ela aproximadamente 20 metros de mangueira, como nos relata Domingos. Num certo dia, Amélia estava trabalhando nestas terras, quando Tereza chegou carregando o irmão Dionísio em seus braços sangrando muito na cabeça. Desesperada, a mãe pega seu filho nos braços e corre para casa. Os primeiros socorros foram feitos por Amélia que lavou bastante o ferimento com água e, com um pano queimado com óleo, estancou o sangue. A causa do acidente? Brincadeira de criança: começaram a jogar com o pêndulo de rachar madeira e, num tiro certeiro, Tereza acerta a cabeça de Dionísio, causando-lhe o corte na testa.

Gema, aos 5 anos de idade, nos conta que passou por uma doença chamada na época de “*grupo*”, desconhecida por eles, devido à falta de um diagnóstico mais apurado. Alertado por uma vizinha que sua filha corria risco de vida, João Baptista pegou a menina, montou no cavalo, a colocou



embaixo de sua capa e dirigiu-se à enfermaria em Pinto Bandeira, sendo prontamente atendido pela Irmã Paula. Gema deveria tomar um remédio, mas recusou-se. Aqui, queremos lembrar a importância das Irmãs da Congregação de São José para o povo de Pinto Bandeira: elas mantinham a Escola e possuíam um pequeno ambulatório e uma pequena farmácia, onde atendiam e resolviam pequenos problemas de saúde das pessoas. Mas, Gema não quis tomar o remédio e, sendo assim, seu pai a levou para casa, onde sua mãe Amélia fez-lhe um chá. Mas, no dia seguinte, ela não estava nada bem. Então, João Baptista a levou para o Hospital na sede. Diagnosticada pelo médico, ficou internada por alguns dias, até melhorar.

Já bem melhor, numa certa ocasião, estando à mesa para o almoço, os 4 filhos mais moços: Dionísio, Gema, José e Olívia começaram a brincar. Era um cutuca daqui, um cutuca dali, uma provocação daqui e uma dali... João Baptista, como todo chefe de família, ordenou: *“Basta! Tosati basta...”* Não sendo atendido, o pai se impôs e sua voz enérgica perdeu-se dentro de casa. Gema saiu pela tangente e os outros três... apanharam. Ela ligeiramente, escondeu-se do lado de fora da casa, em cima de uma árvore, esperando a poeira baixar e voltar para almoçar, mas permaneceu por lá até seu pai sair para trabalhar. E sem almoço.

Num outro dia, foi a vez de Dionísio aprontar suas façanhas. No paiol, estavam ele e sua irmã Gema e começaram a se jogar espigas de milho (“panoce”). João Baptista só acompanhava a brincadeira. Nisso, Dionísio acerta a cabeça da irmã com uma espiga e ela começa a chorar. O pai acode e diz para Dionísio: *“te chapo tel fil della polenta”*. Apavorado, Dionísio se esconde atrás de um monte de “colonas” (postes) até o anoitecer. Ele nos contou que esperou seu pai ir dormir. Depois, a mãe Amélia, o deixou entrar para ir dormir *“sensa la polenta”*.

Já a filha Lourdes nos relatou que nunca apanhou dos seus pais. Ao contrário de seus irmãos que aprontavam, ela obedecia seus pais e recebia elogios por isso: *“Vá ti, Lurde, bela. Vá ti que te si brava!”*. Sentia-se valorizada e obedecia a eles prontamente.

João Baptista durante sua vida, passou por muitas dificuldades econômicas, apesar da farta oferta de trabalho, mas não havia enfrentado nenhum problema de saúde até então. Mas, no ano de 1945, começou a sentir-se mal, de um jeito diferente das doenças corriqueiras que assolavam a família. Foi levado ao Hospital do Dr. Tacchini (já falecido), na sede,



onde foi atendido e diagnosticado dilatação da veia aorta, causada pelo excesso de esforço físico no trabalho. Por um ano, permaneceu com os movimentos lentos, não fazendo qualquer esforço físico. Andava pela casa apoiado numa cadeira posta sobre um pano e nos degraus da escada da frente, sempre era auxiliado pelos familiares. Sua situação era delicada, como lembram os familiares. Mas, os imigrantes trouxeram consigo uma coisa que os ajudou muito: sua fé. E João Baptista fez uma promessa a Santo Antônio: se ele melhorasse e ficasse bom de novo, construiria, com suas mãos, um capitel em sua honra, - El dizea que Santantoni l'era el santo che giutea a tuti. Bastea ver la fede. E ele ficou bom. Foi então, que para realizar sua promessa, pediu a autorização ao vizinho Pedro Chimello para que o mesmo lhe cedesse um pedaço de terra na encruzilhada que ficava próximo a sua casa. Como reconhecimento da graça alcançada, contando com a ajuda de seu filho Severino, levantou o capitel em honra a Santo Antônio.



*Capitel em honra a Santo Antônio*

João Baptista, recuperado, fez melhorias também na casa: uma nova cozinha e uma saleta. Com os filhos Severino e Ângelo e a ajuda dos vizinhos, iniciou a construção de alvenaria. Os alicerces foram feitos de pedras, que chegaram à obra nas carroças. Os tijolos? Não compraram os tijolos, mas os fabricaram num banhado próximo à casa: pegaram o barro, colocaram num tambor de ferro que no centro continha uma rosca e com a tração das mulas girava. Esta pressionava o barro e fazia sair retângulos de barro em forma de tijolos, que depois, eram cozidos no forno por alguns dias. Para substituir o cimento, barro que os porcos produziam no chiqueiro. Como? Eles eram alimentados e recebiam água. Como o lugar era um cercado, pisoteavam bastante e já preparavam o rejunte. E assim, construíram um novo ambiente, deixando para trás a cozinha separada da casa de dormir.

Depois da construção, a vida da família corria tranquilamente. Parecia que a poeira das dificuldades havia se acabado. Mas não é que deu um surto de piolhos nos filhos? Todos foram atacados. A mãe Amélia vasculhava a cabeça dos filhos à procura das lêndeas e acabou raspando o cabelo dos



meninos. O problema foi com as meninas: Gema lembrou que chorou muito quando teve os seus cortados e ficou parecendo um “moleque”.

Apesar das melhorias já ocorridas na família, a assistência médica nas colônias era precária, aliás, sempre havia sido contrariando o que o Governo havia prometido aos imigrantes. Não havia assistência à saúde para os imigrantes.

Esta só existia no centro da cidade. Médicos e dentistas eram procurados somente em casos extremos. Em vista de tais dificuldades, a única solução era apelar para a medicina caseira que era passada de pais para filhos durante diversas gerações, tornando-se uma aliada importante para garantir o bem-estar naqueles tempos difíceis. Muitas vidas foram perdidas por aquilo que hoje consideramos banalidades. Mas, o que faziam quando o caso era dor de dente?



Evidentemente, também aplicavam a medicina caseira: bochechos com chás de malva e, segundo depoimentos, até “*verdaramé*” (produto usado para tratar o parreiral) foi usado em alguns casos. Ângelo, o terceiro filho do casal, conta que, numa das suas “dores de dente”, seus pais aplicaram tudo o que sabiam, mas o caso era grave e a dor não cessava. Então, pegou seu cavalo e foi procurar o dentista “Vanni” na Linha Jacinto que ficava no extremo de sua casa. Enquanto o cavalo andava, seu dente... latejava! E a dor... aumentava. Quando chegou na casa do dentista, ele lhe diz:

– Bom giorno! Mi stao mia bem!

O dentista o colocou em uma cadeira, o dentista olhou sua boca, pegou a alicate e a “seco”, sem anestesia nenhuma, arrancou-lhe o dente. Sem choro e sem chorumelas... Depois de uma hora, pegou seu cavalo e voltou para casa. O desenho acima ilustra a narração muito bem.

Amélia era uma forte mulher, muito trabalhadora que sempre demonstrou fé, coragem e otimismo. Já dissemos que ela gostava muito de sorrir... Contudo, agora sentindo dores fortes no peito, foi encaminhada a um médico. Chegando ao Hospital Tacchini, constatou-se que Amélia sofria “*de um bruto mal*” no estômago, por isso teve que passar por duas cirurgias, uma seguida da outra. O Dr. Antônio disse ao esposo que a única solução



para Amélia continuar vivendo era fazendo uma cirurgia imediatamente e convidou João Baptista a assistir a mesma se tivesse coragem para isso. Ele não se abateu e acompanhou Amélia na cirurgia, pedindo sempre a proteção de Santo Antônio. Depois deste episódio na vida de Amélia, jovem ainda, mãe de 11 filhos, com 40 anos de idade, pela primeira vez, ela deixou de trabalhar na roça e passou a se dedicar na confecção da “dressa”. A filha Teresa nos relatou que depois do almoço, Amélia saía para comer algumas frutas e não lavava nem mais a louça, deixando este serviço para as filhas.

Numa noite de verão, os filhos estavam reunidos, ao redor do “chareto” fazendo “dressa”, conforme orientação da mãe Amélia. Dionísio, José e Olivia estavam deitados no chão. Amélia sugeriu que eles fossem deitar-se em suas camas. Ao invés disso, esconderam-se na sala. Gema e Domingos permaneceram na cozinha fazendo “dressa”, só que Gema, cansada, acabou adormecendo. Domingos então, pegou uma latinha cheia de pedrinhas e prendeu na calça da Gema. Foi quando os três menores, que estavam escondidos na sala, a acordaram e ela assustou-se com o seu próprio barulho (da latinha!). Gema se descreveu como nervosinha e levada. O que será que aconteceu com os seus irmãos nesta noite?

Para ajudar no orçamento da família, Ângelo era o leiteiro. Ele passava pelas casas com a mula e o cargueiro, tocando um berrante, para recolher o leite das famílias e da sua própria família, que era colocado em latas e transportado até a cooperativa, que se localizava perto da família Tumelero, onde fabricavam o queijo para a venda. Certo dia, Ângelo não pôde realizar seu trabalho de leiteiro e sua irmã Ana quis substituí-lo. Realizou seu trabalho tão bem como Ângelo, mas quando estava chegando na Cooperativa, o tempo mudou e caiu uma forte chuva, encharcando-a. Ao chegar em casa, toda molhada, Amélia a acudiu rapidamente. Ana teve forte febre e falta de ar. Durante a noite, Amélia teve que abrir a janela várias vezes para Ana poder respirar melhor. Depois disso, Ana foi poupada do trabalho e então começou a lecionar em um turno e no outro dedicava-se a trabalhos artesanais como crochês e remendava a roupa da família.

Em março de 1947, Gema iniciou seu processo de alfabetização na Escola Municipal Plácido de Castro e na maior alegria, conheceu sua professora Gema Zandoná. Estudava numa única sala de aula, onde os meninos sentavam de um lado e as meninas do outro.



## IV – NAMOROS E CASAMENTOS

O tempo ia passando, a infância e adolescência dos filhos também, “L’era ora de par catarse el moroso e la morosa”. Então, numa festa da Comunidade de Nossa Senhora do Carmo, em 1947, a filha Teresa começou a mudar o seu destino. Estando em um grupo de jovens, sentados em círculo, ela quis participar da brincadeira: o jogo era “ovo podre”. Foi aí que começou a trocar olhares com Simão e deixar o ovo sempre atrás dele. Mas Simão, neste dia, estava interessado numa amiga de Tereza e a acompanhou até em casa.

Num domingo à tarde, Tereza foi novamente na comunidade, onde continuaram a brincadeira. Percebeu a presença de Simão no grupo e, com a sorte voltada para o seu lado, ele a percebeu também. Em novas tentativas, ela colocou sempre o ovo nele e ele... nela. Desta vez, quem foi para casa acompanhada por Simão foi ela! E adivinhe? Ele pediu se ela aceitava ser sua namorada. Passada a semana, no domingo seguinte, Simão vai até à casa de Tereza (que estava morrendo de ansiedade) para pedir permissão, agora aos pais, para namorá-la. Estes disseram:

– La gavará cata um omo bom, rispeta. Pol si smorosar.

Ao finalizar o Quinto Livro, Lourdes, a exemplo de Ana, é acompanhada pela mãe Amélia, a cavalo, até a Sede da cidade para fazer o Curso que a prepararia para lecionar. Ficou também morando de pensão e estudando, quando concluiu passou a ter problemas de saúde. Teve o “*tifo*”, assim como seu irmão Domingos. Então Amélia levou Domingos até à cidade e foi buscar também sua filha, conduzindo os dois ao Hospital, onde foram assitados por ela. Lourdes nos constou que o Dr. Antônio pede que Amélia lavasse suas mãos com Qboa (alvejante sanitário) para não ser contagiada. Passado algum tempo, com a melhora tiveram alta, Lourdes, no entanto, permaneceu na cidade para prestar a prova para ser aprovada como professora. Assim o fez e retornou para casa sendo a Professora Lourdes.

Em março de 1948, Lourdes foi contratada e começou a lecionar, assumindo o posto de sua irmã Ana, que estava de licença por problemas de saúde. Começou a lecionar para o Primeiro Livro. Na postura de professora, ela nos contou que aplicava apenas alguns castigos quando necessários, entre os quais destacou que deixava os alunos sem recreio.





Aos 14 anos de idade, o filho Pedro é quem sofreu muita dor de dente. Depois da medicina caseira, o remédio foi procurar o dentista Vanni, que agora estava em Pinto Bandeira. O que aconteceu? O mesmo que aconteceu com o Ângelo. Cadeira, alicate, nada de anestesia e dente fora de sua boca. Hoje, ele declara que se tivesse tido mais recursos, com certeza teria ainda muito mais dentes em sua boca.

No mês de maio, Pedro começou a ter problemas de saúde. Seu joelho esquerdo lhe causava muita dor. Não estava nada bem. Preocupados, os pais o levaram a cavalo até o Hospital na sede da cidade e quando recebeu atendimento médico, foi orientado a permanecer para receber o tratamento por um período de 50 dias. Como os pais não podiam ficar para dar assistência ao filho, João Baptista designou Dionísio para ser o acompanhante de Pedro. Nos primeiros dias, tudo bem, mas depois os dias foram passando lentamente. Como Dionísio não queria perder a Festa de Nossa Senhora do Caravaggio e devido à falta de comunicação com a família, conversou com o irmão e foi procurar um cabo de vassoura (já que o problema de Pedro era em sua perna) para auxiliá-lo a caminhar. Em suas andanças pelos corredores do Hospital, encontrou o cabo e fizeram o teste. Tudo ok! Deixou seu irmão no hospital e a pé, retornou para casa pelo caminho do Buratti. Chegando em casa, adivinhem qual foi a reação dos pais: além de levar um bela bronca (prédica), não pôde participar da Festa, pois os pais tiveram que se revezar na assistência de Pedro. Dionísio nos disse:

– Mi son stato casa e go ciapa la prédica.

Também neste ano, com Amélia ainda se recuperando de suas cirurgias, a família aumentou seu patrimônio adquirindo mais terras, as de Ângelo Zandoná, que se transferiu para Bento Gonçalves, abrindo sua casa de comércio. Nas terras, havia parreirais carregados de uva. Seria uma ótima safra. O problema é que João Baptista não possuía todo o dinheiro e foi pedir emprestado a Antônio Poloni. O empréstimo foi feito, só que depois de 20 dias, Antônio já foi cobrar a dívida. Algumas pessoas haviam “fofocado” que João Baptista não pagaria a dívida. Claro que ele ficou muito nervoso, quase adoeceu. Seus filhos ficaram preocupados. Severino, o mais velho, procurou Paulo Riboldi, no Buratti e pediu o dinheiro emprestado. Paulo, que confiava muito em Severino, pois conhecia sua índole, fez o empréstimo. Antônio recebeu seu dinheiro de volta. A safra se aproximou e foi abençoada! A família conseguiu colher 120.000 kg de





uvas. E Paulo também recebeu seu dinheiro. A produção de uva passou a ser a grande fonte de renda e prosperidade da família.

Passado o mal-estar por esta situação constrangedora por que passou, João Baptista estava mais animado e otimista. A filha Teresa estava namorando Simão Massocco, pessoa de boa índole, um bom partido como se diria hoje. Mas o namoro era sob vigilância constante. O namoro era a três: Simão, Teresa e a mãe Amélia.

Para comprar o seu enxoval, Teresa fez muita “dressa” e como gostava de competir com seu irmão Pedro para ver quem mais fazia, o tempo passava, o serviço rendia e eles se divertiam. Ela comprou o enxoval e o irmão Pedro um relógio de pulso.

A família agora tinha que trabalhar mais, pois possuíam mais terras para serem cultivadas. A “colacion” (café da manhã) era feita na colônia: pão, polenta sapecada, café com leite, *fortaia*, *puina*, salame e queijo. Um ótimo desjejum! Muitas vezes, o almoço também era na colônia. Gema recorda que, quando levava o almoço na roça, enquanto esperava, aproveitava o tempo fazendo “dressa”. Só retornavam à noitinha para casa. João Baptista era o primeiro a voltar, a pé, enquanto os filhos vinham atrás, de carroça. Já em casa, todos iam lavar-se (não tomar banho) e o pai, zeloso por seus filhos, fazia uma vistoria na higiene dos filhos. O filho Pedro era o mais malandrinho, que não gostava de esfregar seus pés! Apenas os mergulha na água, João Baptista Ferrari diz:

- Piero, vien qua che te lavo pie.
- No vedi che go lê gambete rento l'aqua.

Seu pai, então, vendo a sujeira, pegá-o pelo braço e com um sabugo de milho esfrega seus pés até ficarem limpinhos. Só depois o liberou para a janta.

Em março de 1949, José, o penúltimo filho, iniciou seus estudos na Escola Municipal Plácido de Castro, onde tem como professoras suas irmãs Lourdes e Ana. Seu comportamento? Dez!

João Baptista, como sempre, ia à missa todos os domingos e exigia que os filhos o acompanhassem, depois os liberava para





fazerem seus programas de domingo como bem entendessem.

Com amigos e vizinhos, os filhos, principalmente José e Dionísio (os mais novos) iam caçar passarinho de “funda” (estilingue) em cima dos ramos de pinheiro, tomar banho (pelados) (rio), “dove se lavava” (escondidos da mãe Amélia, é claro!) e brincar de carrinho de lomba, construídos por eles mesmos com as ferramentas do pai, tendo o cuidado de devolvê-las no mesmo local e do mesmo jeito que estavam, mesmo assim João Batista percebia que alguém mexera em seu material de trabalho e exclamava: “saco de formento!”.

À noite, após a janta, tinha uma mania muito gostosa: pegava uma cadeira, deitava-a virada no chão e sobre ela estendia um “pelego” de ovelha, descansando assim, um pouco, para depois, pegar o livro de histórias de Naneto Pipeta para contar aos filhos.

Neste ano também, a família adquiriu um novo “terno de mulas”: “Boneca” e “Saina”. A filha Teresa estava prometida em casamento para Simão, mas seu pai pediu que ela esperasse um pouco mais, pois ela era a mão direita e esquerda da família, já que Amélia não tinha mais condições de trabalhar. Mas Simão queria formar sua família e então, João Baptista consente. O enxoval de Teresa foi transportado nos cargueiros das mulas: um colchão de penas, travesseiros de penas, seis vestidos para o dia de trabalho e doze jogos de lençóis de bombazina e morim. E, no dia 11 de maio de 1949, dia que Dionísio fez treze anos, realiza-se o primeiro casamento da família: Teresa e Simão uniram-se no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Teresa nos contou que o seu casamento foi um dos primeiros a se realizar em dia de sábado, pois os mesmos somente podiam ocorrer na quarta-feira. Os padres alegavam que se o casório acontecesse no sábado, possivelmente os fiéis não participariam da missa dominical. Dia de grande



*Caminhão de  
Fausto que  
conduziu Teresa  
até a Igreja*





festa na família. Na casa da noiva, a “*colacion*” foi servida aos convidados: a tradicional sopa de pão com *bucho*, feita por João Francisco Maso. Com o progresso e a modernização, esta noiva foi privilegiada: foi conduzida à Igreja de caminhão, dirigido por Fausto Massocco (sobrinho de João Baptista).

Um detalhe da época: a mãe da noiva não participava dos festejos, nem mesmo ia à Igreja. Amélia, neste dia, ficou em casa, cuidando da casa e dos filhos menores. Após a cerimônia, o almoço foi servido na casa do noivo: sopa de arroz, churrasco, pão e vinho. Os noivos sentavam-se um de frente para o outro, mas em pontas opostas da mesa. Não podiam ainda se tocar!

Teresa hoje, ainda ri quando lembra do seu bolo de casamento: pequeno, sem adornos e meio “deformado”, mas foi servido como sobremesa a todos os convidados. Para animar a festa, uma gaita de boca e muita animação dos convidados, que dançaram até o anoitecer e já emendaram o filó.

No dia seguinte, Simão e Teresa nas primeiras horas da manhã (estavam morando na casa paterna de Simão) tiraram o leite das vacas. Depois dos afazeres foram buscar a família dela para o “rabaltão”, inclusive Amélia compareceu.

Logo depois do casamento, Severino, o filho mais velho, numa festa de Nossa Senhora do Carmo, na comunidade, no jogo da tômbola (bingo), se entusiasma com a bela jovem Ana, apesar de conhecê-la desde a infância. Então, como era o costume, pagou uma cartela para ela. Se ela aceitasse, ele poderia se juntar a ela, se recusasse, deveria investir em outra. Mas ela aceitou... Então, Severino, cumprindo o ritual, foi pedir Ana em namoro, mas o pai de Ana não o viu com bons olhos, porque diziam que era filho do “*sprozieta*”, apelido que João Baptista adquiriu por se vestir muito bem, por ser vaidoso, esbelto e elegante e exigir que seus filhos andassem também bem arrumados. Mas o amor sempre vence e Severino passou a namorar



Ana nos dias e horários determinados. Quando ia à casa de Ana, para agradar um irmão dela que sofria de uma deficiência, carregava consigo uma “corda de fumo”, onde ele fazia seus palheiros. Este ficava muito animado e adorava recebê-lo em sua casa.

No dia 25 de janeiro de 1950, Ângelo foi à missa juntamente com sua família participar das homenagens a São Paulo, na Paróquia de Pinto Bandeira. As festas religiosas eram sempre celebradas no dia certo, pouco importando se era domingo ou não. Na parte da manhã se realizou a missa e procissão e a tarde jogos diversos. Na praça e na rua principal, vários jovens desfilavam, atraindo olhares ou procurando novidades. Ângelo então, foi jogar a tómbola (na verdade era muito mais que um simples jogo...). Lá chegando, viu uma bela jovem que nunca havia visto antes e comprou a cartela, enviando-a a ela. A jovem Ortenila aceita e Ângelo, tímido e um pouco acanhado vai conversar com ela e meio sem jeito já a pede em namoro.

Mas, Severino e Ana, que já namoravam, marcaram seu casamento para o dia 12 de abril de 1950. É a segunda festa de casamento na família de João Baptista e Amélia.

A “colassion” na casa da noiva, o casamento pela parte da manhã, o almoço na casa paterna de Severino. Como a casa era pequena demais para tantos convidados, em frente, foi armado um coberto de folhas e galhos para se protegerem do sol. Além de guloseimas, a festa foi animada pela gaitinha de boca, onde os convidados, levados ao sabor do som, dançavam e se divertiam.



Gema, a irmã de Severino, recordou-se que neste dia, ela e a amiga Júlia (futura esposa de Dionísio) queriam muito dançar, mas foram advertidas por uma vizinha, pois a preferência na sala é para os maiores. No dia seguinte, a família da noiva juntou-se para o “rabaltão”. Saiu a filha Tereza de casa e entrou a nora Ana.

Em 07 de maio de 1950, Pinto Bandeira é que estava em festa: Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Neste dia a imagem foi coroada e além



de Mãe, Nossa Senhora passou a ser “Rainha” de Pinto Bandeira. A família de João Baptista e Amélia também compareceu a este momento de demonstração de fé que deixou marcas no coração de todos.

Com o passar dos anos, a paisagem da Linha Silva Pinto foi se modificando. Onde antes víamos muito mato e estreitas picadas, onde só os cavalos passavam já se observa à estrada que dava acesso ao distrito e a Sede da cidade, bem como a quantidade de plantações. Nos primeiros tempos, era preciso adaptar-se as condições do lote e a alimentação era obtida da natureza, onde recolhiam frutas e ervas silvestres, caçavam e pescavam. Com o passar do tempo, iniciou-se o preparo da terra para o cultivo de outros produtos agrícolas como o milho, o trigo e a videira que se adaptou muito bem ao clima da região. Do milho, a polenta – prato principal da família italiana; do trigo o pão e das uvas, o melhor vinho. Os bovinos e suínos eram criados e a carne consumida na família. Alguns detalhes: para melhor conservar a carne, os animais eram abatidos em lua minguante. Para não estragar, a carne suína era transformada em salames. Isso acontecia principalmente quando se aproximava uma festa da família. Devido a falta de energia elétrica e não terem meios de resfriar a carne, realizavam o sistema de troca. Um pedaço da melhor carne era dado para os vizinhos (e vice-versa) e todos se ajudavam, num sistema de rodízio, tinham sempre carne na mesa. Essa entre-ajuda entre vizinhos era o que unia e mantinha forte a comunidade. Os mutirões de construção, a ajuda a alguém doente... Sinais fortes de união, que o tempo está apagando.

Vivenciando este cotidiano, Amélia, que já não ia mais a roça, ficava em casa contando com a ajuda das filhas e da nora Ana para fazer a comida e os afazeres domésticos. Ana estava grávida e próxima a dar a luz ao primeiro neto de João Baptista e Amélia. Assim sendo, no dia 13 de fevereiro de 1951, nasce o primogênito neto, filho de Severino e Ana: é Natalino, um lindo bebê, forte e sadio. O parto contou com a ajuda da nona Amélia, que estava aprendendo o ofício de parteira.

Março representava o início do período escolar. Assim Olivia, a última filha do casal iniciou seus estudos na Escola Plácido de Castro. Dionísio nos contou que já estava no quinto livro, mas para ele este ano era uma diversão e não queria nada com nada, e passou por vários castigos. Mas como ele, seus colegas também o acompanharam. Isto levou a uma “reprovação”. Sim, foi realmente amarga a situação. No final de cada ano





a escola era visitada por um inspetor escolar para verificar o nível de aprendizagem das crianças, através da “sabatina” (prova). Estes inspetores vindo Bento Gonçalves, na maioria das vezes eram acolhidos pela família de João Baptista Ferrari, para almoçarem.

Do acaso ou a convivência, a filha de João Baptista e Amélia, a professora Ana, também começou a mudar seu destino: Ana costumava ir bordar seu enxoval e conversar na casa de sua grande amiga Armida Poloni. Numa dessas vezes, começou a trocar olhares com o irmão da amiga, Orestes. Depois dos olhares, a troca de palavras e depois... O pedido de namoro e o consentimento dos pais de Ana. Tudo acertado, Orestes passou a freqüentar a casa de Ana (o namoro continuava a três), mas desrespeitou, por diversas vezes, o limite das 24 horas, sendo repreendido por João Baptista.

Num domingo, Lourdes foi até a comunidade Nossa Senhora do Carmo para se encontrar com os amigos e amigas. O encontro na capela sempre foi importante na vida social de Lourdes. Era um momento de confraternização e alegria e, como de costume, jogavam tômbola (bingo). No grupo encontrava-se o jovem Selvino Rubbo, que era conhecido de Lourdes desde a infância, pois iam ao colégio juntos e ele vivia puxando suas tranças. Os dois viviam de implicância. Agora, jovens, no mesmo grupo de amigos, no jogo, Selvino lhe manda uma cartela da tômbola. Ela aceita, os dois conversam e ele a acompanha até em casa. Continuaram se encontrando aos domingos, na ida à missa. Selvino demorou a pedir permissão a João Baptista e, após algumas semanas, encheu-se de coragem e obteve o consentimento, dentro das normas atuais vigentes na casa (e a três!).

## V - AS BODAS DE PRATA E DEMAIS CASAMENTOS

João Baptista, bom esposo e ótimo pai! Bem visto por todos na comunidade, dificilmente arrumava problemas com os outros. Com Amélia formava um casal otimista, tinham um respeito muito grande um pelo outro e amavam seus filhos. Pelos relatos, um dos principais valores deixados pelo casal é o respeito à pessoa, entre o casal, dos pais para com os filhos e vive-versa e entre irmãos. E para festejar este bom relacionamento existente na família, iniciam-se os preparativos para a Festa de Bodas de Prata – 25



anos de união matrimonial: as roupas, principalmente os vestidos, foram confeccionados por Amélia e as filhas, alguns mais arrojados, com bordados, rendas e franjas que exigiam todo o capricho e dedicação. Teresa contou que confeccionou o seu vestido com um tecido azul que ganhou de sua sogra. Ela estava grávida de 4 meses. Quanto aos homens da casa, os trajes eram idênticos, terno e gravata de cores escuras, camisa branca. Um boi foi abatido para o churrasco. Convidaram vizinhos, parentes e amigos.

Tudo estava pronto e no dia 15 de maio de 1951, sábado, os convidados foram recebidos com muito carinho pela família Ferrari. Um convidado especial se fez presente: Padre Nazareno, sacerdote da Congregação dos Passionistas muito querido e respeitado por todos. Ele realizou a celebração em casa mesmo, por volta das 10 horas. Após, o churrasco foi servido acompanhado por sopa de arroz e salada verde, tudo regado com um bom vinho. Para sobremesa, biscoitos caseiros. A festa foi animada, com muita cantoria, jogos de cartas e “*la mora*”. Não houve baile, mas os convidados ficaram para o filó. Durante o dia, a panela de sopa ficou em cima do fogão e os convidados podiam se servir quanto quisessem.

Os filhos lembraram deste dia com muito carinho. Foi uma grande graça poder parar e refletir sobre o bom exemplo de seus pais: dignidade, amor e companheirismo.





Simão e Teresa receberam com carinho o seu primeiro filho Dorvalino, nascido no dia 6 de setembro de 1951, em casa, sob a orientação de Amélia, que assumiu o ofício de parteira, pois Joana não estava mais em condições de fazê-lo.

Em 05 de fevereiro de 1952, a família Ferrari lamentou a perda da pessoa que tanto ajudou a família e a comunidade a trazer ao mundo os bebês: Joana Poloni, vizinha e parteira, alma bondosa e de coração imenso, parte para junto de Deus. Todos sentem muito.

No dia 12 de fevereiro de 1952, nasceu a pequena Laura, filha de Severino e Ana (que ainda moravam na casa paterna). Quem realizou o parto é a avó Amélia. Na casa agora, já tinham dois netos.

Mas, após o nascimento de Laura, o novo casal Severino e Ana, mudou-se para as novas terras adquiridas pela família. Junto com eles foi o seu irmão Dionísio e este nos contou que não queria mais voltar para casa, pois Ana lhe preparava um café com leite “purinho” que ele adorava!

O ano de 1952 também foi um ano abençoado. João Baptista e Amélia conquistaram a construção de uma casa com mais conforto. Desmancharam a parte de madeira existente e construíram de alvenaria. Como os quartos haviam sido demolidos, durante a construção dormiam na “stala” - estábulo - em cima do pasto.

Os filhos mais velhos ajudaram João Baptista na construção e os vizinhos fizeram um mutirão de ajuda. Com o auxílio da carroça transportaram as pedras para o alicerce, os tijolos foram feitos no açude e o barro para o rejunte dos tijolos foi pisoteado pelos filhos até torná-lo consistente e pronto para ser usado e não mais pelos porcos. O restante do material foi comprado na loja da família Novello.

Iniciaram com pedras um amplo porão e o concluíram de tijolos. No andar de cima, uma sala e três quartos. No canto construíram uma escada em madeira em “L” para subir no terceiro andar (o disputado sótão ou *soler*) e embaixo da mesma, uma dispensa. A parte da saleta e cozinha já existiam. A construção prosseguia com o trabalho de todos. Levaram um mês para concluir a obra. Foi um grande acontecimento quando a família se mudou para a casa nova. O porão ficou amplo, tendo espaço suficiente para acomodar as pipas de vinho, as ferramentas, os salames, os pelegos... Mas, porque uma casa tão grande? Necessitava-se de espaço e conforto para a família numerosa.

Os quartos ficavam numa posição para que apanhassem o sol, pois



as mulheres colocavam os lençóis, cobertas e colchões “molhados” pelas crianças para secarem. Eram mobiliados com uma cama de casal, um guarda roupa e um baú onde era guardado o enxoval. Os colchões eram feitos de “*scartossi*”, palha de milho rasgada em tirinhas. Tinha 2 aberturas onde eram remexidos para serem “afogados”. No inverno rigoroso, sobre este de palha, era estendido o “*spiumim*” um colchão menor e cheio de penas de ganso, galinha ou pato que mantinha o corpo mais quente. Nas paredes, pregos para os homens pendurarem suas roupas e um lugarzinho para colocar o “*charet*” (pequeno lampião).

A ampla sala que ficava ao lado dos quartos era para os banquetes e os dias de festa. Quanto a esta sala, Ortenila, nora de João Baptista, lembrou que um dia ela e Lourdes resolveram deixar a sala bem brilhosa: lavaram, passaram cera e lustraram. Ficou linda, mas João Baptista ao passar por ali, devido a cera escorregou e caiu. Começou a resmungar ordenou que não mais fosse passado cera. Ortenila e Lourdes, ouvindo isso, se mandaram de fininho e ao anoitecer, no momento da janta, morriam de medo que João Baptista as xingasse de novo, mas ele nem lembrou do episódio. Apesar de ser uma pessoa severa, era coerente.

No sótão ou *soler* foram construídos 3 quartos grandes, um pequeno, outra sala e mais uma saleta que ficava ao lado da escada. Era nestes quartos que as visitas eram acolhidas, em caso de estadia. Numa das salas tinha dois caixotes que serviam para guardar a farinha de trigo e a farinha de milho. Na dispensa, embaixo da escada, havia algumas roupas velhas, próprias para os dias de chuva e alguns utensílios como a cesta de vime que levava a comida para a roça, as “*sportas*”, a palha e a *dressa* pronta.

Na *saleta* ficava a mesa com as bancas, onde eram servidas as refeições e ao lado a cozinha mobiliada com o fogão a lenha, um balcão espaçoso, uma pia de granito e uma cristaleira, onde colocavam as louças. Num canto, em cima de uma pequena mesa ficava o “*taier*” (tabuleiro) da polenta.

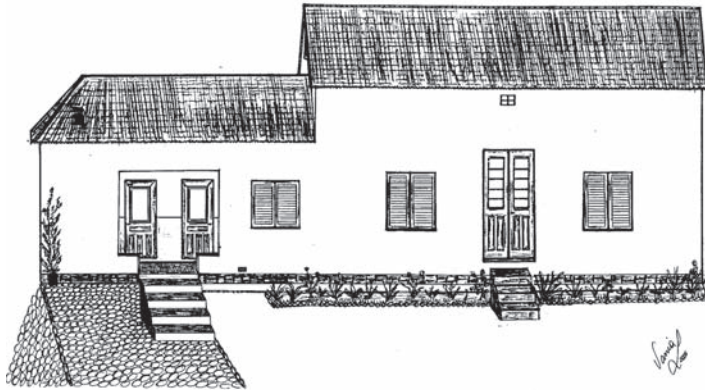
O telhado era todo de telhas-de-canal. As portas e janelas eram de madeira com dobradiças artesanais.

Na frente da casa havia um pátio de chão batido e próximo a mesma uma calçada feita com pequenas pedras que foram colocadas por *Titta* e os filhos. Um pouco mais afastado haviam árvores frutíferas e um pequeno *puner* (galinheiro).

As casas eram antigamente grande e espaçosas.



*Casa da  
Família de  
João Baptista  
e Amélia*



As salas grandes serviam para os filós e os bailes que aconteciam aos domingos. A casa de Antônio Marchetto era o principal ponto de baile: o gaiteiro tocava e todos, alegres, dançavam. Foi num desses que Domingos, o segundo filho de João Baptista, encontrou seu olhar com o de Lourdes Zandoná. A convidou para dançar e, entusiasmado, em poucas palavras pergunta: *“Me chetito in cieme?”* (me aceita junto contigo?). Os mesmos também se conheciam desde a infância, mas o encanto desse dia foi diferente. Domingos já havia namorado outras duas jovens, mas foi com Lourdes que ficou. A tardinha, acompanhou-a até sua casa. Nada de toques, apenas troca de palavras. No domingo seguinte, Domingos pediu Lourdes em namoro ao pai dela e desde então, demonstrou respeito pelo futuro sogro. Foi aceito e passaram a namorar conforme normas já citadas.

O amor se solidificou através do tempo. O tempo era 17 de maio de 1952 e os personagens eram Ana e Orestes. Era a segunda filha a casar-se. Conforme tradição, a *“colassion”* na casa da noiva, a cerimônia no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia sem a presença de Amélia, o almoço na casa do noivo, a festa, o filó e no dia seguinte, o *“rabaltão”*, com as sobras.

O casal passou a morar na casa paterna do noivo.





No mesmo ano, aconteceu a segunda festa de casamento: precisamente no dia 20 de setembro casaram-se Ângelo e Ortenila Botim. Ortenila morava na Vila, seu pai José Botim era dono de um Hotel e foi lá que a “colassion” foi servida. Após, dirigiram-se com seus convidados ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia.



Ao final da celebração, dirigiram-se, a pé, para o Cartório de Registro Civil de Pinto Bandeira para oficializar no papel o casamento. Saindo dali, foram para a casa de João Baptista no táxi do Sr. Francisco De Bortoli, onde foi servido o almoço e para alegria de todos, uma pequena gaita animou esta ocasião tão importante.

No outro dia, foram buscar, a pé, a família de Ortenila para o “rabaltão”. É a segunda nora a morar na casa, vivendo com Amélia. No dia seguinte, Amélia levou Ortenila para ver as plantações até o final das terras, onde havia uma plantação de arroz.

Ortenila, com a convivência na família, aprendeu muito mais com Amélia do que já sabia na costura. Aprendeu a cortar calças e vestidos.

Amélia com sua pequena máquina (manual ainda e sem pedal) que havia ganhado de seus pais no enxoval, sempre fez as roupas para toda sua família. Caprichava em cada peça. Quando se tratava dos vestidos inventava um detalhe diferente para cada um.

Em março de 1953, Gema, após a conclusão do Quinto Livro, a exemplo de suas irmãs Ana e Lourdes, é conduzida a Sede da cidade fazer o curso de um mês para prestar a prova de magistério. Ficou de pensão na casa de Genoveva Guindani.

Foi aprovada pelo município, mas João Baptista não permitiu que ela lecionasse, pois eram lugares distantes. Gema então, volta a morar com seus pais.

No dia 07 de dezembro de 1953, Ângelo e Ortenila recebem sua primeira filha Terezinha. Neste parto, além de Amélia, estava presente a parteira Carolina Carrer. Terezinha foi recebida no seio da família, passando





a compartilhar o amor e o carinho de todos.

Em 08 de junho de 1953, os abaixo-assinados: Ângelo Coghetto, João Tumelero, Ângelo Ferrari, Querino Santo Coghetto, Agostinho Olivo Da Campo, João Baptista Ferrari, Ângelo Massocco, João Battista Rubbo, José Santo Tumelero, Antônio Facchin, José Ferrari, Tito Pegoraro, Ângelo Manara, Francisco Manara, Fernando Basso, Alexandre Dalla Costa, Roço Luis Pastorello, Virginio Alderico Pietrobon, Federico Rubbo, Germano Pavan, Vitório Ferrari e Virginio Poloni, todos brasileiros, agricultores, maiores, residentes e domiciliados neste 3º Distrito, contratam uma sociedade por quota, para exploração de trilhagem de cereais, especialmente trigo, cevada e aveia. A sociedade girará sob a firma ou razão social de “Ângelo Coghetto & Companhia”. A colheita era feita de outubro a dezembro. Ao ser colhido, o trigo era amarrado em feixes com a própria palha ou vimes. Dos grãos produzia-se a farinha e da palha faziam as “medas” que se conservavam por anos e servia de alimento para os animais no inverno, quando o pasto escasseava por causa do frio.

Lourdes e Selvino decidem noivar! Marcaram o dia da compra das alianças e estavam muito ansiosos por este momento a dois... mas não foi a dois! Como o namoro, a compra das alianças foi a três. Pois é, Amélia não os deixou a sós não, e lá foram os três escolher as alianças!

Certa noite, como acontecia sempre quando João Baptista estava em casa, por ser um homem vaidoso e preocupava-se com o bem o bem estar de seus filhos, realizou uma vistoria.

Desta vez, quem não fugiu da inspeção da higiene dos pés foi o filho José. Era tarde e ele, menino, estava cansado, pois fizera algumas estripulias e decidiu não lavar os seus pés. Como ir para a cama, com os pés sujos, sem que o pai notasse? Então, saiu em disparada em direção ao corredor, mas quando chegou ao corredor sabem quem estava lá? João Baptista com o chinelo na mão... Isso lhe rendeu 4 belas chineladas no traseiro e a lavação muito bem feita dos pés. José lembra disso até hoje, pois foi o único desconforto que teve com o pai.

Em março de 1954, José muda-se para a Sede da cidade para continuar seus estudos no Colégio dos Irmãos Maristas Aparecida. Foi morar de pensão na casa de Orestes Zandoná e depois, do Sr. Zatt. Nos fins de semana, quando ia para casa, tinha que fazê-lo a pé, apesar de já existir uma linha de ônibus do distrito até a Sede da cidade e vice-versa.



Aos poucos, com os anos passando sorrateiramente, os filhos foram formando suas famílias. Dizem que percebemos os anos passando, quando olhamos para a evolução e crescimentos dos nossos filhos. Domingos e Lourdes, concretizando seu sonho de família, no dia 22 de maio de 1954, na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, recebem a bênção de Deus e passam a ser marido e mulher.

Claro que antes de irem para a Igreja, de táxi, tomaram a “colassion” na casa da noiva. Atrás do táxi, os convidados foram transportados de caminhão.



Na volta da igreja, os convidados que estavam no caminhão, animados pela união do casal, soltaram fogos de artifício (*lê bombe*) e acabaram causando um pequeno incêndio nos eucaliptos, perto da estrada. Todos pararam, mas não foi preciso apagar o fogo. Só foi um pequeno susto. Chegando à casa do noivo, almoçaram e ficaram dançando e cantando na sala até o entardecer, animados pelo gaiteiro Avelino Giusti. A animação se estendeu no filô, e, no dia seguinte, como mandava a tradição, forma buscar a família da noiva para o “rabaltão”.

Domingos e Lourdes passaram a morar na casa paterna dele. Imaginem a felicidade de João Baptista e Amélia ao ver que sua família era numerosa, saudável e feliz! Com eles estava morando o casal Ângelo e Ortenila e sua filha. Ao total eram 14 pessoas na casa. O ambiente familiar sempre foi agradável, sem intrigas ou atritos e João Baptista era o chefe desta família. As refeições exigiam esforço dobrado das mulheres, mas a mesa sempre era farta! Ninguém iniciava uma refeição sem a presença de João Baptista. Os adultos sentavam-se à mesa e as crianças no chão, formavam um círculo e ficavam com as panelas, divertindo-se em “limpá-las”.

Meses depois, para a alegria do novo casal e de toda a família de João Baptista, em 08 de fevereiro de 1955, nasceu Remi, recebendo o amor e o carinho de todos. Uma decisão importante foi tomada: nas terras adquiridas do Sr. Ângelo Zandoná, em 1948 (aquelas do empréstimo!),



havia uma casa de madeira com cozinha de alvenaria. Então, os dois novos casais e seus filhos passaram a viver e trabalhar juntos nestas terras. Juntamente com Severino e Ana, tudo era dividido: a casa, o cuidado com os filhos (que eram criados como irmãos, mesmo sendo primos), a comida. A esposa que ficasse em casa, cuidava das refeições e de todas as crianças e as outras duas, acompanhavam os maridos na roça. A casa de João Baptista fica menos alegre, mas ainda tem muita vida e festa pela frente! O neto Natalino ficou com os avós para ajudar. Agora os trabalhos nas terras de João Baptista sobraram para quem restou em casa.

Enquanto isso, Pinto Bandeira, 3º Distrito de Bento Gonçalves, embora pequeno, recebia o progresso de braços abertos. Já existia cartório, correio, telefone, casa de comércio e hotéis. Por ser designado como primeiro Santuário Mariano do Rio Grande do Sul, a devoção a Nossa Senhora do Rosário de Pompéia e a bela paisagem da região atraiu o turismo.

Em 1954, a energia elétrica estadual chega a Pinto Bandeira que até então, era fornecida pela usina do Buratti. Mas às comunidades rurais mais distantes da sede, ela ainda demoraria a chegar.

Dia 21 de maio de 1955. João Baptista e Amélia se alegraram, mais uma vez, com o casamento de sua filha Lourdes, a Professora Lourdes. Ela casou-se com Selvino Rubbo, na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia e sua mãe, como tradição, ficou em casa cuidando da casa e dos filhos menores. Nada de diferente aos outros casamentos aconteceu: “*colassion*” na casa da noiva, cerimônia religiosa, casamento civil, almoço na casa do noivo, dança, cantos, festa, filó e no dia seguinte o “rabaltão”.

Dizemos nada de diferente, mas salientamos que cada festa teve o seu brilho especial.



Lourdes e Selvino passaram a morar na casa paterna dele. Muitas vezes, a professora Lourdes ia até a escola a cavalo, dependendo do tempo que dispusesse para realizar o percurso. Além disso, a Escola Plácido de Castro passou por reformas e os alunos não tiveram para onde ir. Mais



uma vez, a bondade de João Baptista se revelou e ele emprestou a sala da sua casa para as aulas continuarem. Lourdes, então, voltou para a casa dos pais.

Em 11 de dezembro de 1955, João Baptista organizou uma comissão de moradores da Linha Silva Pinto para solicitar a extensão da energia elétrica até suas casas. Na verdade, a rede já estava na casa do sr. João Tumelero. Estavam faltando 13 famílias: João Baptista Ferrari, Domingos Predebon, Severino e Domingos Ferrari, Ernesto Poloni, Antônio Marchetto, João Poloni, Orestes Zandoná, Alcides Maso, João e Mário Predebon, Ângelo Marchetto e Luis Da Campo. Mas a energia ainda demoraria mais 3 anos para chegar à Linha.

No findar deste ano, Olivia conclui a “seleta” – 5º livro – o que era privilégio de poucos. João Baptista sempre teve muito orgulho de ver seus filhos estudados, apesar de muitas vezes, precisar dos filhos nos trabalhos de casa.

Domingo era dia de festa, principalmente para os jovens que procuravam um olhar para se enamorar. E com a festa maior de Pinto Bandeira em honra a Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, então, todos estavam em estado geral de alerta. A festa iniciava uma semana antes, com novena e reza do terço nas famílias. Pela manhã, vinham pessoas de toda a região, a missa era em latim e a procissão era acompanhada pela Banda de Música e muitos fogos de artifício. Na parte da tarde, vários divertimentos: jogo da tómbola (famoso por unir casais), a pesca, a “*cucagna*” ou pau de sebo entre outros. Estes eram os mais apreciados.

E foi nesta festa que Dionísio, tímido, mostrou interesse por uma linda jovem, vizinha sua, aliás, se conheciam desde a infância, mas na festa, os olhares mudaram de sentido. Era Júlia Maso, menina marota, muito bonita, que já havia, por várias colheitas, trabalhado na casa de João Baptista, junto com Dionísio. E com jeitinho, conseguiu iniciar uma conversa com o tímido Dionísio. Ao irem para casa, ele a acompanhou (somente podiam caminhar lado a lado, nada de mãos dadas ou beijinhos escondidos!) e pediu para namorá-la. Ela aceitou, mas a tradição mandava que ele pedisse ao pai dela, João Francisco Maso a permissão para o namoro. Durante a semana, esperou ansioso e ensaiou as palavras para, no domingo, ser aprovado como o namorado de Júlia. Mas, na casa dela, o namoro também era a três, sob a vigilância da mãe Rosa Zandoná Maso que, por diversas vezes, cansada, dormia com a “*dressa*” na mão. Mesmo assim, o namoro era



só conversa e troca de olhares, nada de toques e muito menos, beijos.

Júlia, na condição de namorada de Dionísio foi proibida de fazer a colheita da uva na casa de João Baptista e passou a trabalhar na casa da família Tumelero.

Júlia era uma jovem marota e simpática, e, acima de tudo, muito batalhadora. Fazia “dressa”, muita “dressa”, para guardar um dinheiro e “tirar os retratos” que guarda até hoje.

Mas, em maio de 1956, Dionísio se alistou no Exército e em 1957, foi incorporado como soldado do Batalhão Ferroviário. Fazia limpeza das ferrovias, por um período de 5 meses e 21 dias, como nos relatou.



Em 1957, Pedro ainda não havia encontrado sua cara metade. Num domingo de festa na Linha 28, saiu a cavalo com seus amigos para conferir esta promoção e dar uma olhada nas jovens. E foi no tradicional jogo da “tômbola” (bingo) que ele viu Margarida pela primeira vez. Mas Margarida já ouvira falar no tal de Pedro Ferrari e neste dia ficou conhecendo-o. E mais: ele pagou uma cartela de tômbola para ela e então... Ele foi conferir a cartela junto dela.

Tudo muito bem, só que os rapazes das outras comunidades não eram bem-vindos à comunidade da Linha 28. Havia muita rivalidade e “demarcação de território”. Só que Pedro ao ver Margarida nem se importou com esse detalhe e no final do dia, a acompanhou durante um trecho de estrada, a caminho de casa. Depois retornou, pois ela morava onde hoje é a comunidade São José da Linha Busa. Praticamente moravam em lados opostos.

Alguns meses se passaram e Pedro sentiu saudades de Margarida e foi numa festa que estava acontecendo na Linha 47 e adivinhem? Sim, Margarida estava lá e Pedro não esperou jogo nenhum para ir conversar com ela. Passaram o dia juntos e é claro: nada de toques, mãos dadas ou beijos... Só conversa.

Mas Pedro não foi pedir Margarida em namoro ainda. Passados mais uns meses sem vê-la, ansioso e com muitas saudades dela, foi participar de um jogo de futebol na Linha São José da Busa. Coincidência não? Pois lá morava Margarida, com seu irmão Tarcino Foresti e a cunhada Lourdes,



pois seus pais já haviam se transferido para a Sede da cidade e ela permaneceu ali, ajudando o irmão na roça. Ao ver Margarida, foi conversar com ela e no final do dia, acompanhou-a até em casa. Não foi neste dia que ele pediu a Margarida em namoro, não! Mas no domingo seguinte, lá estava Pedro, na porta da casa de Margarida para fazer o pedido oficial e já aproveitar o dia para namorar.

Pedro e Margarida não namoravam a três. Ela nos contou que quando namoravam à noite, a cunhada Lourdes se retirava e deixava os fósforos e o lampião para iluminar o ambiente. Então, os pais de Margarida ficaram sabendo do namoro e pediram que ela fosse morar com eles. Durante a semana, trabalhava com o irmão e no final de semana voltava para a casa dos pais. Pedro passou a ir a cavalo para a cidade a fim de encontrar Margarida. Ia no sábado e deixava seu cavalo na Casa de Pastos Zatt, no Bairro Borgo. A mãe Regina lhes fazia companhia, mas a vigilância do namoro não era tão severa como na casa de Pedro. E Margarida nunca havia estado na casa de Pedro antes do dia do seu casamento.

Em agosto de 1958, finalmente chegou a luz elétrica da rede estadual, após 3 anos de pedidos. A partir de agora, a vida de todos iniciou um novo ciclo: o da era da eletricidade. Assim, o “feral” e a “lâmparina” que consistia de um pedaço de pano mergulhado no querosene em uma vasilha, onde se colocava o fogo, vai ficando na lembrança merecendo o agradecimento aos serviços prestados por tantos anos. Nas noites escuras, nos filós nas conversas, nas festas, sempre tiveram um destaque importante na vida dessa gente e a de tantas outras. E João Baptista, homem sempre a frente do seu tempo, foi a Sede da cidade e na Loja de Armarinhos Michelin comprou um refrigerador. Na volta para casa, podia-se ver o sorriso no rosto de todos. Era o progresso chegando e beneficiando a saúde de todos, pois passaram a conservar melhor os alimentos, principalmente carnes e o leite.

Na roça os trabalhos eram constantes e abundantes, necessitando de mão-de-obra e João Baptista contava com a ajuda do neto Natalino, filho de Severino e Ana. Ele nos contou que, certo dia, foi trabalhar nas terras do Lote nº 36 e o filho de João Baptista, Pedro, também estava junto. Foram cortar pasto para secar e posteriormente, fazerem as “medas”. Fizeram a “*colassion*” na roça mesmo, e para ver o serviço render, almoçaram por lá: feijão, arroz, polenta, salame e vinho, que a filha Gema foi levar. Após o almoço, Natalino e João Baptista estavam sentados na porta de





uma casinhola que havia na propriedade e servia para guardar cestas, cestões, batatas, milho e outros produtos cultivados naquelas terras. Quando perceberam, João Baptista havia sido picado por uma cobra no tornozelo. Ele saltou e Natalino gritou:

– Nono una bissa.

El se gá spaurá e lê stato svelto.

Num movimento rápido, João Baptista pegou uma corda que estava próxima e bateu tanto na cobra, até matá-la. Depois, sem perceber, colocou esta mesma corda sobre seu braço e quando foi tirá-la levou um susto: no braço ficou estampada a corda e imediatamente, apareceu um inchaço de cor avermelhado. A assistência médica no momento, era inviável. Partiram sem demora para casa, onde a medicina caseira de Amélia entrou em ação: aplicou sobre o tornozelo e o braço, muita água, sal e vinagre. Por vários dias, repetiram este mesmo procedimento e João Baptista, em pouco tempo, estava de volta as suas atividades corriqueiras, provando empiricamente que o tratamento caseiro era eficiente.

Passados alguns meses após o episódio da mordida da cobra, João Baptista foi a Sede da cidade realizar uma compra fantástica: um rádio! Ao chegar à casa, a família fica encantada e feliz, pois viu que a modernidade proporcionava coisas incríveis como, de uma caixa de madeira (bem caprichada, é claro!), sair o som da música e das notícias. Começava uma nova Era dentro da família rural: o contato com o mundo. Saber o que estava acontecendo na cidade, no Estado, no País e até mesmo, no velho continente. Era a globalização da informação e um novo modo de pensar sobre tudo: negócios, futuro, economia... Que maravilha!

E neste contexto, os filhos Severino, Domingos e Ângelo que moravam na mesma casa, iniciaram a construção de uma nova moradia, toda em madeira, já pensando numa possível separação de casas, já que as famílias estavam crescendo, os filhos nascendo e a necessidade de mais espaço se fazia presente. Quando ficou pronta, Domingos, Lourdes e os filhos mudaram-se, não mudando, é claro, a união, amizade e carinho desses três irmãos e suas famílias.

A Comunidade de Nossa Senhora do Carmo estava em festa. Era setembro de 1959. Nesta comunidade, as festas costumavam ser diferentes: não faltava biscoito, mas o churrasco não era servido na comunidade. Cada família convidava parentes e amigos para almoçarem em sua casa. Pela



manhã, a missa era cantada e a tarde todos retornavam à Igreja para cantarem as ladainhas e rezarem o terço. Era um lindo dia de primavera, ameno e ensolarado que convidava os jovens a desfrutar da sombra dos eucaliptos, próximos à comunidade. Lá estava reunido um grupo de jovens e entre eles estava Gema e Casemiro Trevillin, que trocaram olhares que despertou o interesse um pelo outro. Casemiro era simpático, um lindo jovem dono de olhar um tanto maroto. E olhares eram tudo na conquista! No final do dia, Casemiro, chegando perto de Gema que já estava indo para casa, fez a pergunta decisiva: “*Me chetito in cieme?*” Gema, já encantada pelo belo jovem, aceitou. No domingo seguinte, Casemiro vai a casa de Gema pedi-la oficialmente em namoro. Sendo aprovado, já ficou para namorar (a três, não esqueçam!). Isso aconteceu todos os domingos, por três meses e no dia 25 de dezembro, dia de Natal, data celebrativa de todas as famílias, Gema e Casemiro assumiram o noivado. Gema lembrou que para comprar as alianças, sua mãe Amélia não podendo ir, mandou seu irmão Pedro. Tudo era mantido sob forte vigilância, mesmo sabendo que os casais de namorados não se atreveriam fazer algo que fosse proibido, por causa do forte medo que sentiam dos seus pais. E se algo desse errado? Como arcar com as conseqüências diante da família e da comunidade? Ainda não se havia perdido o sentido do pecado (não que amar seja pecado!) e a religiosidade era constante na vida de todos.

Ângelo e Ortenila viveram vários anos na mesma casa com Severino e Ana e foram muito felizes. Nasceram os filhos e Ângelo se especializou no mesmo ofício de seu pai: carpintaria. Aliás, foi o único filho a seguir os passos profissionais de seu pai. Com a divisão das terras, Ângelo recebeu em dinheiro e comprou um lote na zona urbana do município (hoje, bairro Licorsul). Alugou a casa do Sr. Coguetto e com a cama, roupeiro, fogão, mesa e cadeiras começa uma nova fase em sua vida: a construção da sua casa própria. Seus filhos Terezinha e Valdir ficaram na casa dos avós para concluírem o ano letivo. Mas o seu terreno era um banhado e, em certo dia, João Baptista e Amélia foram visitá-lo e o encontram edificando os alicerces de pedra, dentro de uma vala, rodeado por água e barro e perceberam as grandes dificuldades que Ângelo estava passando para ter o seu lar. Aqui registramos, que João Baptista e Amélia foram, na verdade, pedir a autorização de Ângelo para a entrada da nova cunhada na família: Margarida Foresti. Em tempo, esclarecemos que era tradição pedir a permissão a todos da família no caso da entrada de novos membros (genros e noras) e que, todos os que



entraram antes ou depois de Margarida também passaram pela aprovação dos membros “natos”.

O tempo foi passando e no ano de 1960, belas festas abrilhantaram a pacata vida da Linha Silva Pinto: três casais de belos jovens iniciaram sua vida familiar, passando a ver o futuro com outros olhos.

O primeiro casal, Pedro e Margarida. Relatamos aqui um fato curioso: Margarida nunca havia estado na casa de Pedro e não conhecia a sua nova casa. Pedro, a cavalo, foi buscar o enxoval da noiva, na casa dos pais de Margarida, na quarta-feira anterior ao casamento. João Baptista e Amélia conheceram a noiva de seu filho no dia em que combinaram a data do casamento e saíram para comprar o vestido de noiva e o tecido para o terno do noivo, nas Casas Fontanari. O quarto do casal foi preparado pelas irmãs de Pedro: Gema e Olívia.

No sábado, dia 06 de fevereiro de 1960, Pedro chegou bem cedo à casa de Margarida. Ficou esperando que ela se transformasse na noiva dos seus sonhos e quando isso aconteceu, foram juntos, em direção a Igreja Matriz de Santo Antônio, de automóvel, no centro da Sede. Esse foi o primeiro casamento dos filhos de João Baptista, onde não se realizou a “colassion” na casa da noiva. E após serem abençoados pelo padre, dirigiram-se para Pinto Bandeira para casarem no Cartório Civil.

As duas famílias se encontraram no almoço, na casa de João Baptista e Margarida, finalmente, pode conhecer sua nova família e casa. Estava com um pouco de receio: mesmo sabendo trabalhar na roça, pois ajudava muito seu irmão, era tudo novo: as pessoas da família, costumes, terras, modo de cultivar... Mas, seu receio se esvaiu, pois amava Pedro e tudo seria superado!



Esse casamento realmente foi diferente dos outros: a sopa não era de arroz, mas de capeletti e como sobremesa uma torta maravilhosa de dois andares (o sonho de toda noiva) e muitos docinhos, feitos por uma amiga de Pedro, Gema Durante que havia se especializado em tais “obras



de arte”. Só que nem todos os convidados conheciam os docinhos e alguns achavam que o papel também podia ser comido. Lá pelas tantas alguém diz:

- *Tchô compare! Magna el dolce e no la carta!*

E assim a festa se estendeu animada até o filó, com muita alegria e dança, pois contavam com a presença do gaiteiro.

Nesta festa de casamento a mãe da noiva, Regina, estava presente à cerimônia e à festa, contrariando a tradição anterior, onde Amélia não participou dos casamentos das filhas.

No domingo, o “rabaltão” contou com a presença do irmão de Margarida (e não dos pais, devido à distância!). Mais festa e dança! Quando tudo caiu em um profundo silêncio, era hora de iniciar a nova vida, enfrentando a rotina da roça e seus novos desafios, pois os anos 60 estavam iniciando.

É engraçado, mas para quem não conhece Casemiro, parece que ele estava muito bravo no dia de seu casamento!

Claro que não foi essa a descrição que me foi relatada dele. Acredito que seja o nervosismo do dia do casamento.

Então, no dia 30 de abril de 1960, Gema e Casemiro casaram-se na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia de Pinto Bandeira, onde os



noivos foram de carro e os convidados de caminhão. Nesta festa aconteceu a tradicional “colassion” na casa de João Baptista e o almoço aconteceu na casa paterna de Casemiro, onde foi servido sopa de capeletti e churrasco.

A animação ficou por conta do gaiteiro e dos convidados que ficaram cantando canções italianas e jogando cartas até o amanhecer.

Destacamos que o cupido não estava totalmente satisfeito com a felicidade de Gema e Casemiro e atirou sua flecha do amor em Olívia e Luís Trivillin, ambos irmãos dos noivos.

Os noivos? Ah, sim! Bem, eles foram dormir na casa paterna de Casemiro, longe da festa. Assim que o sol começou a despertar no horizonte, ao acordar foram lavar-se no riacho, atrás da casa, a fim de buscar a família da noiva para o “rabaltão”.





Pois é, a família estava em ritmo de festa em alto estágio: tanto que 15 dias depois, mais uma vez, convidados estavam freqüentando a casa de João Baptista: o belo e jovem casal Dionísio e Júlia, precisamente no dia 14 de maio, contrai matrimônio na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Destaque para o vestido de noiva de Júlia, todo em cetim branco e com flores em alto relevo, confeccionado detalha-damente, por sua cunhada Margarida.



A “colassion” foi feita na casa de João Francisco Maso, pai da noiva e de táxi foram até a Igreja. O almoço foi na casa de João Baptista, contando com a presença de aproximadamente 100 convidados.

Ao entardeceu iniciou o baile e os que permaneceram dançaram muito e tomaram “brodo” (caldo) até mais tarde.

Na derradeira manhã seguinte, Dionísio e Júlia foram buscar a família dela para celebrarem o “rabaltão”. Júlia conta que estava servindo o almoço quando escorregou e adivinhem só: quebrou a louça da casa! E era seu primeiro dia na casa dos sogros! Acredito que nada de mal tenha passado pela cabeça deles, pois Júlia permanece na casa paterna até hoje. E muito feliz!

Neste mesmo ano, o filho José é incorporado ao Segundo Batalhão Ferroviário de Bento Gonçalves. Foi promovido a Cabo e aprendeu a ser “sapador”, onde realizava a limpeza das ferrovias. Ficou um mês sem visitar seus pais.

Uma notícia maravilhosa: em 07 de novembro, exatamente 9 meses e um dia após o casamento, Pedro e Margarida recebiam em seus braços Hadair, o primeiro filho do casal e hoje, o idealizador deste livro de lembranças da família.

Em fins deste ano, a comunidade também sofreu mudanças bruscas e que causaram desconforto em algumas pessoas: era a demolição da capela de Nossa Senhora do Carmo e a prevista mudança desta para a Linha 40. Por um período, a comunidade ficava sem o seu local de encontro para a oração.



João Baptista, com as economias que a família toda juntou, comprou um caminhão Chevrolet – o Tigre – ano 1946, cor verde musgo e com a placa 45-20-50. Um sonho estava se realizando. Que alegria! Só que havia um pequeno detalhe: na família ninguém sabia dirigir, muito menos tinha habilitação para isso. O caminhão chegou dirigido por Ângelo Rubbo, amigo e vizinho. Mas era necessário que alguém aprendesse a movimentar esta máquina. Ângelo ensinou Dionísio a dirigir e a primeira viagem feita por ele foi a Nova Roma buscar vassouras e “*paie*” de milho. O caminhão facilitou o transporte e assim ia-se deixando para trás o “cargueiro” e a carroça, que fizeram parte por um bom tempo na vida das pessoas. Tudo estava muito melhor: a geladeira, o rádio e agora, o caminhão! Muita coisa boa estava acontecendo e no dia 17 de fevereiro, com a ajuda da avó Amélia, Gilberto vem agradecer a família de Dionísio e Júlia. Iniciou-se um novo ciclo de crianças na casa de João Baptista. Primeiro Hadair e agora, Gilberto.

O domingo continuou sendo o dia sagrado para João Baptista: esperava todos se arrumarem para irem à missa, juntos de caminhão. Os vizinhos pagavam uma pequena quantia para João Baptista e iam à carroceria do caminhão. Foi numa dessas viagens que Luis e Olívia começaram a conversar, com a ajuda de Dionísio. O cupido já havia flechado os dois no casamento de Gema e Casemiro, lembram? Ele a pede em namoro e é aceito. Então, pela parte da tarde, vai até a casa de João Baptista pedir Olívia em namoro a seus pais. Amélia, mais uma vez, vai fazer muita “*dressa*” na ânsia de vigiá-los.

José, o filho homem que ainda não tinha namorada e estava estudando para ser técnico em contabilidade, morava com seu irmão Ângelo e freqüentava o Armazém Foresti, onde conheceu Gládis e por ela enamorou-se. Além disso, por coincidência ou não, quando a mesma ia para o colégio, era observada por José e trocavam contínuos olhares. Mas foi num domingo, ao saírem da missa na Matriz Santo Antônio que iniciaram a conversa e José fica mais fascinado por Gládis, agora por sua simpatia. Ela, com a intenção de voltar a vê-lo, pede um livro emprestado. No domingo seguinte, José vai a casa de Gládis, tendo por desculpa o livro, acaba ficando e iniciando oficialmente o namoro, que não era sob vigilância. José relata que os pais de Gládis permitiam que eles saíssem se primeiro fossem à missa. Iam ao cinema, porém eram acompanhados pela irmã dela e voltavam de táxi.

No dia 06 de maio de 1962, nasce Ademir, o segundo filho de Pedro e Margarida, contando com a ajuda de Amélia no parto e no dia 24 de





setembro de 1963, nasce o também segundo filho de Dionísio e Júlia, João Carlos. Seu nome é em homenagem aos avôs paterno e materno. João Baptista e Amélia são escolhidos como padrinhos. Agora os avós curtem a companhia de Hadair, Gilberto, Ademir e João Carlos.

João Baptista tinha aquela mania gostosa, lembram, de deitar numa cadeira virada, com um pelego sobre ela. Pois é, as crianças adoravam brincar com ele, mas Hadair tinha uma mania danada: gostava de “*benedir*” o nono (fazer xixi em seu colo). Mas quem não queria pegá-lo no colo? Vejam que bebê lindo!



No ano corrente de 1962, outro fato importante aconteceu em Pinto Bandeira e na comunidade da Linha 40: é ampliada a rede telefônica.

O telefone já era conhecido e se fazia presente em Pinto Bandeira desde 1913, mas somente um aparelho existia na Sede do Distrito.

Se passaram 49 anos e agora, a Linha Silva Pinto passou a contar com um ramal (foi instalada no Distrito, uma mesa com capacidade para 20 ramais) que foi fixado na parede da sala da casa de João Baptista. Este aparelho era todo preto, de forma retangular, com uma manivela para efetuar as chamadas e fone de audição. Ao seu lado havia duas pilhas grandes. A comunidade passou a contar com esse utensílio valiosíssimo. Imaginem, em 1962 quantas viagens foram poupados, quantos casos de emergência solucionados, quantos problemas resolvidos em instantes, quantas respostas em minutos, quantas notícias alegres ou tristes foram anunciadas. Ajudou e facilitou muito a vida de todos.

Enquanto isso, em 07 de abril de 1964, também na Sede do Distrito de Pinto Bandeira, o Grupo Escolar passou a se denominar Grupo Escolar Professor José Pansera, em homenagem ao imigrante italiano que se dispôs a alfabetizar as crianças e, quando lhe sobrava tempo, alfabetizava os adultos nos primeiros anos da colonização do distrito. Lecionou por 30 anos e faleceu no dia 1º de maio de 1940, em Caxias do Sul.

Em novembro de 1964 foi feito um contrato de comum acordo entre João Baptista, Pedro e Dionísio: os Lotes 36 e 16 da Linha Silva Pinto foram divididos igualmente, mas os filhos deveriam trabalhar por 7



anos juntos, dividindo lucros e despesas. O caminhão Tigre só poderia ser vendido ou trocado com a autorização de João Baptista e Dionísio e Júlia assumem a responsabilidade de dar toda a assistência necessária a Amélia e João Baptista. Apesar de terem feito este contrato, os irmãos sempre trabalharam em defesa do progresso e desenvolvimento da família, procurando sempre o melhor para o coletivo.

Em 03 de maio deste ano, com o fechamento do posto de coleta de uvas da Cooperativa Riograndense, 59 pequenos sócios, liderados por Severino Ferrari, filho de Ângelo, irmão de João Baptista, foi fundada a Cooperativa Viti-Vinícola Pompéia. Domingos e Severino, filhos de João Baptista, eram dois deles.

Neste corrente ano, o Colégio das Irmãs de São José deixou de funcionar.

Enquanto isso, na casa de João Baptista, Dionísio estava enfrentando problemas de saúde: sentia fortes dores de cabeça. João Baptista preocupado, o levou até o Hospital, com o Tigre. Chegando lá, não encontrou o Dr. Antônio, que era o médico da família, mas um plantonista de Porto Alegre. Este o examinou e diz que Dionísio estava com sinusite e deveria ser submetido a uma cirurgia pela parte da tarde. Internado e morrendo de medo dessa tal cirurgia, esperou que a enfermeira saísse do quarto depois de aplicar-lhe uma injeção, verificou se havia alguém no corredor e fugiu do hospital. João Baptista estava próximo ao caminhão e ao vê-lo ficou surpreso e apreensivo. Dionísio lhe disse:

– Para o hospital eu não volto mais!

João Baptista então foi falar com o médico, pois precisava dar uma explicação para a fuga de seu filho. Entendendo a situação, o médico lhe receitou alguns medicamentos e Dionísio melhorou. A situação foi engraçada, mas Dionísio acertou em cheio em dar o fora do hospital.

Pois é, onze filhos, dez festas de casamento com esta de Olívia e Luis Trivillin. Conta-nos Luis que, quando foi pedir permissão para casar com Olívia, João Baptista só recomendou que fizesse sua filha feliz e em 18 de setembro de 1965 aconteceu o casamento. A “*colassion*” não foi feita e a noiva, o pai e seus irmãos saíram de casa em direção ao Santuário de Nossa Senhora de Pompéia. Após a celebração, o almoço foi servido na casa de Ângelo e Amábile, pais de Luis. À tarde, canto, dança e muita festa. Filó à noite e “rabaltão” no dia seguinte.

Após cinco anos de convivência na casa paterna Pedro, Margarida e



os filhos Hadair e Ademir mudaram-se para sua própria casa de alvenaria, com amplo porão, 4 quartos, cozinha, sala e banheiro. Na mudança contaram com a ajuda de todos, que com muita alegria organizaram os móveis na casa nova. Pedro e Dionísio passaram a ser vizinhos, mas continuaram trabalhando nas terras e dividindo as responsabilidades.



A comunidade não vive unida sem um local de encontro. Como o salão e a igreja de Nossa Senhora do Carmo haviam sido demolidas, por orientação de Dom Benedito Zorzi, a comunidade se uniu e começou a pensar nas possibilidades de construir a nova capela. Diversas reuniões depois, Domingos Ferrari, filho de João Baptista, doou um pedaço de suas terras para o início da construção do novo salão comunitário, que por uns tempos, serviu também como capela. De novo, a comunidade, que passou a se chamar São Gabriel, tem o seu local de encontro. Nos domingos, os homens se encontravam para jogar cartas, futebol, jogar conversa fora e assim, manter os laços com a vizinhança fortes.

Em 1966, o salão foi concluído e a pedra fundamental da Igreja inaugurada, num grande dia de festa, onde da pedra, saíam fitas coloridas, esperando por “padrinhos” e “madrinhas” que colocassem seu nome nelas e doassem qualquer quantia em dinheiro para a obra prosseguir.

*Salão da  
Comunidade  
São Gabriel –  
Linha 40*





No dia 07 de Julho de 1966, nasceu Vânia Maria, a primeira neta a morar com João Baptista e Amélia, filha de Dionísio e Júlia. Seu nascimento também contou com a ajuda da avó Amélia, que neste mesmo dia já havia realizado outro parto: a de sua segunda prima Maria Goretti. Muita festa e alegria, pois após o nascimento de tantos meninos, uma menina vem para derramar seu brilho e sensibilidade na família. Os tios Pedro e Margarida foram escolhidos como seus padrinhos de Batismo.

Falando nos netos, Gilberto era o encarregado de escolher as palhas mais macias do milho e preparar os “palheiros” que João Baptista fumava. Também era a companhia do avô na roça. Se Gilberto esquecesse de preparar os cigarros, João Baptista ficava muito chateado e o repreendia. O neto, então, deixava sempre alguns preparados com antecedência.

Após uma noite onde chovia muito e um manto de água derramava-se do céu, com a promessa de muitos dias de nuvens negras, o dia amanheceu nublado, mas João Baptista e Amélia estavam decididos a participar de um grande evento em Bento Gonçalves: a inauguração da 1ª Festa Nacional do Vinho, a Fenavinho. Era dia 25 de fevereiro de 1967. Saíram a cavalo pelo Buratti até à cidade. Chegando ao centro, nunca tinham visto tanta gente: eram milhares de pessoas aguardando a chegada do Presidente da República, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Devido ao mau tempo, ocorreu um atraso de uma hora, mas quando chegou foi aplaudido pela multidão que o aguardava.

João Baptista e Amélia encantaram-se ao ver o vinho encanado, servido à vontade. Nos pavilhões, tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a economia do município e as novidades na área vinícola como os novos modelos de garrações, barris e destilarias e aproveitaram para prestigiar as apresentações artísticas do evento. Receberam muitos *folders*: era muita informação para um só dia. Retornaram para casa magnetizados pela beleza do evento e mostraram a toda a família os anúncios que receberam.

No dia 25 de dezembro de 1967, dia de Natal, José e Gládis, trocam alianças de noivado, na presença das duas famílias, numa forma simples e singela, mas para ambos um momento muito importante. Uma semana depois, ao findar o ano de 1967, José tem grandes motivos para comemorar: conclui seus estudos no Colégio dos Maristas e forma-se em Técnicas Contábeis.



É o único filho da família a estender tanto seus estudos. João Baptista e Amélia estavam radiantes, pois haviam realizado um sonho: ter um filho “estudado e formado”. Eles sempre deram muita importância à educação e estudo dos filhos e João Baptista prezava a leitura: era assinante do Jornal Correio Riograndense e lia histórias do livro de Naneto Pipetta para a família.



Muita coisa estava mudando na casa de João Baptista e ao seu redor. A modernidade aos poucos ia chegando e ocupando seus espaços, mas dinheiro que era bom estava em falta, quer dizer, não existia o gastar do dinheiro em coisas fúteis, só com o necessário. Assim, as crianças não tinham a famosa “mesada” de hoje e muito menos o dinheirinho para o lanche ou doces. Vânia nos contou que nem chocolate conhecia. Pois bem, Gilberto então resolveu bolar um plano para comprar um sorvete seco. Movido pela curiosidade de experimentar o tal doce, pediu ao nono João Baptista (todo o dinheiro era controlado pelo chefe da família) uns trocados, alegando que sua mãe Júlia precisava comprar farinha no armazém. João Baptista deu o dinheiro e Gilberto ficou muito feliz. Pôxa! Conseguiu enganar seu nono! Então, no domingo comprou seu tão esperado sorvete seco.

Ao chegar em casa, naquele domingo, João Baptista, com seu jeito severo, mas amigo questionou Gilberto sobre o dinheiro do doce. Não tendo como mentir, contou a verdade e recebeu uma bela bronca, não por ter comprado o sorvete, mas por ter mentido a seu avô sobre o destino do dinheiro que lhe deu.

Para Gilberto, este acontecimento ficou em sua lembrança e lhe serviu como uma grande lição de vida deixada por seu nono João Baptista.

No dia 22 de fevereiro de 1969, a família de João Baptista e Amélia se preparou para a décima primeira festa de casamento. À tarde, Amélia não descuidando nunca do seu visual, pediu a nora Júlia para pintar seu cabelo, afinal a festa seria na cidade. Júlia não entendia muita coisa sobre pintura de cabelos, muito menos que deveria cuidar para não tingir a pele de Amélia, principalmente das orelhas. Quando foi lavar o cabelo, ela estava linda, mas suas orelhas... Elas haviam ficado da cor do cabelo. Amélia lhe diz:

- Varda che zé ora de ndar par festa.



- Spete um poquetin, responde Julia. E la ga metesta a sfregar.

Foi um dilema, mas depois de tanto friccionar com um pano molhado, a cor escura saiu.

Todos prontos, foram à cidade de caminhão até à Igreja. Depois, o jantar foi servido aos convidados no Salão do Poletto. Não houve baile, mas muita cantoria italiana.



No final da festa, os noivos saíram e foram de carona com o padrinho Jaime Possamai para casa a fim de se trocarem para a Lua-de Mel que passariam no Hotel Samuara, em Caxias do Sul. Na saída, havia muita neblina e quando estavam trafegando pela Avenida, próximo aos “Arcos da Fenavinho”, o motorista perde o controle do carro e bate num canteiro. Com o impacto, José bateu o queixo quebrando 4 dentes e Gládis que estava segurando um pedaço de torta do colo, teve escoriações na cabeça e na perna. Passado o susto, foram conduzidos ao hospital e estavam com as roupas sujas de sangue. O vestido de Gládis era todo bordado com pérolas e a enfermeira, querendo ajudar, passou éter, provocando manchas horríveis.

José é que estava em pior estado. No hospital não puderam fazer nada por ele e um dentista teve que ser chamado de emergência. O profissional disse que o seu caso era grave e José foi um dos primeiros pacientes a fazer um implante dentário. Do Hotel Samuara para sua casa no Bairro Licorsul: nada de Lua-de-Mel e muitos cuidados para que José se recuperasse. Sua boca estava toda inchada e teve que se alimentar por vários dias só de sopas e sucos. Gládis ficou muito transtornada com o ocorrido e guardou seu vestido de noiva, manchado de sangue, numa caixa por longos anos e





depois o doou. Este foi o primeiro acidente de automóvel que ocorreu com alguém da família e por uma fatalidade, foi no dia mais importante da vida deste jovem casal. Mas José se recuperou. E Gládis também.

Hadair e Gilberto, ainda criança, aprontavam suas peraltices. Imaginem o que dois meninos não aprontam num só dia! Vamos contar só uma das suas façanhas juntos: certo dia, os dois inventaram um plano diabólico. Foram até ao chiqueiro e pegaram sua vítima: um porquinho de rabinho enroladinho! Sabem pra que? Nem imaginam? Ora, para cortar seu rabinho enroladinho! E assim o fizeram, com uma faca que havia encontrado. Depois o soltaram e, com certeza, o pobrezinho correu para muito longe deles. Os pais Pedro e Dionísio, quando retornaram da roça, viram o ocorrido e os dois acabaram apanhando, juntos, pela malvadeza que fizeram com o pobre do porquinho que agora não tinha mais seu rabinho enroladinho.

## VI - A SAÚDE DE JOÃO BAPTISTA E AMÉLIA

Num fim de tarde frio do mês de junho de 1969, a família de João Baptista preparou-se para o jantar, após um árduo dia de trabalho. Tudo estava sobre a mesa: a “*puina*” (ricota), a polenta, o pão, o salame e o queijo. Como sempre, se respeitou a chegada de João Baptista à mesa para iniciar a refeição. Tudo estava muito bem. Após o jantar, como sempre faziam, rezaram o terço e conversaram um pouco. Cansado, João Baptista retirou-se para se deitar. Amélia permaneceu um pouco mais na cozinha e ao se retirar encontrou o esposo se debatendo na cama, para depois ficar inconsciente. Aos gritos Amélia chamou Dionísio e Júlia que imediatamente o trocaram e levaram para o Hospital. João Baptista havia sofrido um derrame e seu lado direito estava paralisado, principalmente o braço.

Hadair nos contou que, nesta noite, ao receber a notícia do mal-estar de seu avô, imaginou que a comida houvesse feito mal a seu avô. Imediatamente, na sua inocente imaginação, perguntou o que o avô havia comido. “*Puina*” (requeijão) foi a resposta que recebeu e a partir desse dia nunca mais comeu este alimento. Na sua inocência de menino, pensou que a tal *puina* havia sido a culpada pelo mal-estar do seu avô.

Amélia então, perante a situação de seu esposo *Titta*, como também não trabalhava mais na roça, passou a dedicar-lhe mais atenção. Certo dia,



nos afazeres domésticos, observava da janela da cozinha seus filhos Dionísio e Pedro trabalhando nas parreiras, existentes ao redor da casa que avançavam lentamente com os braços erguidos. Era o tempo da poda e da amarração feita com vimes. Com a área de parreirais aumentando, era preciso pensar no trabalho pós-poda: o tratamento. Foi então que compraram um motor de sulfatar movido à gasolina. Esta aquisição veio substituir a velha bomba de sulfatar, facilitando ainda mais a vida da família.

Em 1970, as rádios anunciavam a Copa do Mundo na cidade do México e a seleção brasileira já tinha o seu ídolo: Pelé. As crianças estavam na maior alegria aguardando os jogos do Brasil, que só eram acompanhados pelo rádio. Mas na comunidade já havia um aparelho de televisão e era da família de Laurindo Da Campo. Chegando o dia da grande final entre Brasil e Itália, a criançada se reuniu na casa de Laurindo e, de olhos vidrados naquela nova maravilha e na vitória do Brasil por 4x1 sobre a Itália, não se moveram até o final do jogo. Depois, muita comemoração. Hadair lembrou que também costumavam brincar de carrinho de lomba perto da casa dos Da Campo e o seu era “trucado” (3 eixos) e “turbinado”. Sua criatividade para incrementar os carros, com certeza, vem da infância.

Neste corrente ano, as professoras da família, Ana e Lourdes, passaram pelas mudanças que estavam ocorrendo no ensino. Ana, aliás, após vários anos dedicados ao ensino das crianças de 1ª e 2ª séries da Escola Plácido de Castro, aposentou-se. É Lourdes que sofreu com as mudanças, pois as professoras deveriam ter segundo grau completo para lecionarem ou deveriam prestar concurso. Ela e Ana Pavan Ferrari, então, resolveram fazer a prova do concurso. Estudaram muito e, em pleno domingo à tarde, foram à cidade fazer a prova, onde foram aprovadas. Agora, poderiam trabalhar com tranquilidade e dar continuidade às suas atividades na Escola.



*Escola Plácido de Castro*





João Baptista não mais saía de casa, mas conquistara sua autonomia de andar pela casa, com a ajuda de uma cadeira colocada sobre panos e se apoiando com o braço esquerdo, pois o direito estava totalmente paralisado. Dava suas voltas pelas plantações mais próximas com a ajuda dos netos.

Mas, por fatalidade, sofre mais um derrame. Amélia chama uma das Irmãs de São José de Pinto Bandeira que tinha conhecimento de enfermagem e, diante do agito de João Baptista, lhe aplica uma injeção. Nada o acalmava e então, pediram que o Dr. Antônio viesse até a residência para atendê-lo. Foi informado sobre a medicação que a Irmã havia aplicado e João Baptista foi conduzido ao Hospital para fazer exames.

De volta à sua casa, João Baptista, mesmo com grandes dificuldades, não abandonou o costume de freqüentar a Igreja aos domingos e pediu que seus filhos e netos façam o mesmo. Quando seu corpo não lhe dava condições para ir à Igreja, ficava em casa com Amélia e a nora Júlia.

A comodidade estava invadindo também as ferramentas usadas na roça. Neste ano, o arado é substituído pela tobata. Ao invés de canga de bois, um motor e no lugar da lâmina do arado "*picole sapete*" (pequenas enxadas) que revolviavam a terra sem o esforço da pessoa que a conduzia. Para isso, Pedro e Dionísio fizeram um empréstimo no banco, tendo prazo de cinco anos para pagar, com a carência de um ano e juros baixos. Era o governo investindo nos pequenos agricultores e na força da agricultura familiar.

Em decisão tomada juntamente com João Baptista, os filhos Pedro e Dionísio, em 9 de agosto de 1972 venderam o caminhão Chevrolet Tigre, 6 cilindros, ano 46, que deixou muitas saudades em todos os membros da família por quinhentos cruzeiros. Em seu lugar, chegou a Camionete Ford F-350, a "Trezentona" de cor verde clara, mais moderna. Vários vizinhos haviam comprado camionetes iguais e eram o xodó da época.

A "trezentona" veio facilitar o transporte da safra de uva dos dois irmãos e dos vizinhos, pois passaram a realizar os "fretes". Numa certa ocasião, com a novidade de vender suas uvas em caixinhas, convidaram o primo Antonio, filho de Ângelo e Rosa, que conhecia a Capital, para venderem sua produção. Lá se foram, com Dionísio de motorista. O percurso foi tranqüilo, mas quando chegaram na cidade grande, se depararam com um semáforo, todos gritaram e Dionísio freou bruscamente. Causou um desequilíbrio na carga e cantaram os pneus da Trezentona. Mas, quando olharam para os lados viram a policia e algumas pessoas que diziam:



*Amigos e vizinhos da Linha 40 que freqüentavam a Escola Setembro de 1980*

- Que freio bom!

Dionísio nos conta que “gá senti paura (medo), má dopo gá passa (depois passou).

Em 21 de outubro de 1972, foi inaugurado o Ginásio de Pinto Bandeira, que passou a funcionar em novo prédio amplo, devido à necessidade de mais espaço físico. Com isso, a comunidade ganhou mais um importante espaço para a prática de esportes. Hadair e outros netos eram alunos desta escola, onde freqüentavam no período da tarde. Sempre almoçavam cedo e depois partiam a pé, de sol a sol, chuva e frio e percorriam um trecho de 6 km. Apesar das dificuldades, valorizavam muito a educação, a escola e as professoras.

Neta e nono, uma ligação muito forte. Eu, Vânia Maria narro aqui, fatos que marcaram sua vida.

“Eu, Vânia Maria, sua neta presente no ambiente familiar, lembro-me que João Baptista, apesar de ter sofrido os derrames, ia para a roça e eu adorava acompanhá-lo. Carregava nas mãos uma pequena enxada, com o cabo curto e éramos acompanhados pelo cachorro *Topi*”. De mãos dadas, íamos para as plantações mais próximas de casa. Sentava-se numa pedra me orientava que arrancasse ervas daninhas. Enquanto observava e conversava comigo, fumava seu “palheiro”. Certa ocasião ele me disse:

- Vânia, vien qua che te me iuti a cotar e scartose. Então responde:

- Nono vede mia que lê ge te scassele (estavam no bolso)



Meu nono era um homem severo, mas muito carinhoso e sincero. Ensinou-me a rezar enquanto trabalhávamos. Passado algum tempo, retornávamos para casa, a passos lentos e tranqüilos. Ele estava em paz. Ao chegar em casa, primeiro passávamos pelo tanque para lavar nossas mãos. Após o almoço, a exemplo de Gilberto, meu avô me ensinou a fazer os seus “palheiros”, como deveriam ser as palhas, o corte do fumo.

Para melhor comodidade do nono, meu pai Dionísio comprou uma poltrona vermelha, bem confortável e um aparelho de TV preto e branco. Toda a família ficou encantada por aquela maravilha que nos proporcionava viajar sem sair de nossa casa. Claro, já conhecíamos a televisão, pois tio Pedro já possuía uma e íamos fazer *filó* em sua casa para assistir à novela “Selva de Pedra”. Ríamos e sofriamos junto com os personagens, mas antes rezávamos o terço, todos juntos. A modernidade é fantástica, mas nos leva ao individualismo. Com o nosso aparelho em casa, não íamos mais a casa do tio Pedro, mas os vizinhos que ainda não tinham um aparelho de TV vinham à nossa casa. Era o caso de Adelina Marchetto, Leonídes e Lourdes Rigon e numa noite, após a novela, elas, meus irmãos Gilberto e João Carlos e eu resolvemos assistir um filme de terror que não me recordo o nome, mas a trama era de uma madrasta que matava suas enteadas com diferentes instrumentos. Adivinhem o que aconteceu? Como nós vivenciávamos o que se passava na tela, as visitas foram para casa tremendo de medo e nós fomos dormir abalados: um estava com dor de barriga, outro com dor de estômago e o outro morrendo de medo. Lembro-me que a minha mãe esteve em nosso quarto por várias vezes durante a noite para saber se estávamos bem. A partir desse dia, os programas foram selecionados para as crianças.

Aqui, lembro com tristeza que a televisão nos fez abandonar um ato saudável: o de visitar-se. A janela para o mundo que achávamos que fosse a TV, tornou-se um muro: liquidou com o diálogo doméstico e fez com que as pessoas ficassem em casa, esperando o próximo capítulo da novela, sem perceber que a vida passava.

Em março de 1973, passei a freqüentar as aulas na Escola Plácido de Castro e, mesmo estando em melhores condições financeiras, ia para o colégio de chinelo, minha calça era de um tecido fino e nos ombros carregava a “tiracolo” feita de saco de farinha, com apenas um caderno, lápis e borracha. No frio do inverno, lembro-me que meu nono João Baptista pedia para a nona colocar brasas dentro de uma latinha e levá-la comigo.



Ao chegar na escola, meus dedos estavam congelados, minha roupa não era suficientemente quente para me aquecer e então, sentava-me à classe e colocava meus pés em cima da latinha de brasas.”

Devido aos problemas de saúde do nono – os derrames eram freqüentes – o ambiente familiar foi ficando difícil. João Baptista sofria perda de memória momentânea e fantasiava fatos e acontecimentos e muitas vezes, não reconhecia as pessoas. Quando estes surtos passavam, ele voltava a agir normalmente, não se lembrando de nada. A nona Amélia e todos os que moravam na casa respeitaram este momento do nono e sempre mostraram um carinho muito grande por ele. Os vizinhos, amigos e parentes também o visitavam bastante, inclusive o Padre Celestino que era grande amigo de João Baptista.

Num domingo, o seu genro Luis e a sua filha Olivia foram com os filhos fazer uma visita à família. João Baptista estava bem e pediu para segurar em seus braços o neto Ademir. Todos ficavam apreensivos, pois não sabiam o que podia acontecer. Olívio colocou o filho em seus braços e ele foi até o quarto, acompanhado pelo genro. Lá, começou a passar a mão suavemente no rosto do neto e disse que ele era muito parecido com ele na fisionomia. Foi então que começou a chorar, chorar muito e devolveu a criança ao pai. Seu genro Luis nos disse que foi a última vez que viu seu sogro bem.

Então, em meio a uma de suas crises, esta mais forte que todas as demais, João Baptista foi conduzido ao hospital, onde o Dr. Antônio o atendeu. Após diagnosticá-lo relatou que não havia mais nada a fazer por ele, pois já estava com a medicação necessária.

Meu nono demonstrou sempre ser um homem de coragem e de muita fé, mas neste momento deixou este mundo para ir junto de Deus. Na vida Deus constantemente nos coloca à prova e justamente por saber que somos capazes de vencer quando temos amor e fé no coração. E ele, que sempre acreditava que a vida era uma constante luta e que heróis são pessoas únicas que fazem o que é necessário fazer sem nada temer, é escolhido.

E assim, no dia 27 de fevereiro de 1974, às 3h45m, o coração valente do nono João Baptista deixa de bater e seu corpo cansado, repousa inerte sobre a cama, sua alma em paz se conforta e se alegra na presença do Criador.

“A triste notícia nos foi dada por telefone. Meu pai, Dionísio, diz que pressentiu a morte do nono, pois quando o telefone tocou estava sonhando e ao atender, já esperava pela notícia”. A ligação entre os dois era muito forte.





Sempre moraram juntos e dividiram cada momento de suas vidas. Vizinhos, amigos, parentes e conhecidos compareceram ao velório, realizado na casa em que o nono sempre viveu, sonhou com dias melhores, amou nona Amélia, viu seus filhos crescerem e casarem, presenciou o nascimento de seus netos e agora o acolhe para sua despedida aos 69 anos de idade.



No enterro se fez presente toda a família e parentes, amigos e conhecidos acompanharam o corpo do nono João Baptista, que foi levado sobre sua camionete 350, onde foram prestadas as últimas homenagens. “Em sua existência sempre procurou viver o Evangelho e dedicou-se à família com particular desvelo”. Esta é a anotação feita pelo pároco de Pinto Bandeira no assentamento do óbito de João Baptista. Há pessoas que se destacam pelas suas atitudes e qualidades. O nono foi uma delas. Com certeza sua presença foi marcante em cada um de nós que o conheceu ou que com ele conviveu.

Nossa família tinha certeza que o nono João Baptista estava com Deus, mas a falta de sua presença física gerava tristeza nos corações de todos. Como ele nos orientou durante toda sua existência é preciso força e coragem para seguir em frente e assim o fizemos.

Para fazer companhia a nona Amélia, passei a dormir com ela, na sua cama espaçosa. De manhã, ela contou que gostava de levantar e mexer bem as palhas de milho do colchão para que ficasse bem volumoso e macio.

Assim, a família Ferrari segue seu rumo, sempre guiada pelos ensinamentos e o exemplo de João Baptista, que agora era o Anjo da Guarda de todos.

A história do nono João Baptista não termina aqui. Com certeza herdamos muitos dos seus hábitos, suas lutas, seu amor pela vida, sua bondade, honestidade e organização (alguns até te chamavam de finório), a integridade e o amor ao próximo. Enfim, são tantas qualidades que, com certeza, muitos dos teus conseguem identificá-las em si próprios.

Em fins de 1974, finalmente a comunidade concluiu a obra que já estava causando angústia a muita gente: a nova apela nas terras que foram doadas pelo Domingos, filho de João Baptista e Amélia. Sua construção



fez a comunidade voltar a se unir ainda mais, já que a vida social e religiosa das pessoas girava em torno da mesma. Também o cemitério, após um longo período sem capela, deixou de existir e os mortos lá enterrados foram transferidos para o cemitério de Pinto Bandeira. Na construção da nova capela foram usados tijolos artesanais e o sino permaneceu o mesmo que estava na capela de Nossa Senhora do Carmo.

Sob a orientação do padre Celestino, a comunidade deveria escolher um padroeiro, já que outra capela da Paróquia havia sido criada e escolhido Nossa Senhora do Carmo como padroeira.

Então, São Gabriel, Arcanjo de Deus, foi o escolhido. A conclusão merecia uma festa.



*Atual Igreja da Comunidade São Gabriel – Linha 40. Veja abaixo, a pedra que está em destaque.*



*A pedra datada de 1892, que pertencia a antiga Igreja de Nossa Senhora do Carmo, após seu restauro.*



São Gabriel: “Deus é forte” ou “Aquele que está na presença de Deus”.

É o anjo da encarnação e talvez o da agonia no jardim das oliveiras. É ele que anuncia o nascimento de João Batista e Jesus.

São Gabriel: “aquele que está diante de Deus” é o anunciador por excelência das revelações divinas. É ele que explica ao profeta Daniel como se dará a plena restauração, da volta do exílio ao advento do Messias. A ele é confiado o encargo de anunciar o nascimento do Precursor: João Batista, filho de Zacarias e Isabel. A missão mais alta que nunca foi confiada à criatura alguma é ainda sua: anunciar a Encarnação do Filho de Deus. Ele tem prestígio muito especial.

Seu dia é 29 de setembro, dia dos Anjos: Gabriel, Rafael e Miguel.

**Oração dos Anjos:** *São Gabriel com Maria, São Rafael com Tobias, São Miguel com todas as hierarquias, abri por nós esta via. São Miguel, São Gabriel e São Rafael Rogai por Nós!*

(reze esta oração sempre que precisar de ajuda)



Tudo pronto. Era dia de festa. Pela manhã, logo após o tocar do sino, o coração de todos se encheu de orgulho e satisfação, pois o sonho da nova capela havia se realizado. Foi rezada a missa e logo após, com a presença de autoridades, foi procedida a inauguração.

Para quem preferisse confraternizar no salão comunitário, foi vendido churrasco, salada e pão, mas a tradição de confraternizar nas famílias, convidando amigos e parentes em suas casas ainda existia.

Em Pinto Bandeira, também eram realizadas novas obras: no dia 8 de abril de 1974 foi iniciada a demolição do Salão São Paulo da Cruz, que já não oferecia as comodidades necessárias para o distrito em pleno crescimento. O que antes era amplo, agora deixava visível a falta de espaço.

Exatamente no mesmo local, iniciou-se a construção de um salão bem mais amplo, exigindo a colaboração de toda a comunidade, inclusive dos filhos de João Batista. Com a colaboração de todos, ainda neste ano, aconteceu sua inauguração, marcada por festa e alegria. Assim, o antigo salão fica na memória e vai deixando para trás, todos aqueles que, entre





suas paredes, se reuniram e tomaram decisões importantes em prol do futuro das comunidades.

O ano de 1975 foi marcado por várias homenagens aos Imigrantes Italianos, pela passagem dos 100 anos da Imigração no Rio Grande do Sul. E o Distrito de Pinto Bandeira não ficou de fora não.

Em maio, aconteceu a tradicional festa de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Todos acompanharam e participaram dos momentos de oração para louvaram à Virgem Mãe e Rainha.

Em julho, os filhos de João Baptista participaram de palestras na comunidade e posteriormente, da Festa do Colono, onde foi rezada a missa, lembrando todos os colonos falecidos e abençoando os presentes.

Como marco pelos festejos da imigração, na Praça foi inaugurado o Monumento ao Colono, sinal visível da gratidão que todos temos pela coragem dos nossos imigrantes. Onde antes eram vales habitados por *“bestie feroci”*, agora resplandecem majestosos parreirais. E nesta alegria, pela parte da tarde, todos participaram do desfile de carros alegóricos. Em agosto, exatamente no dia 24, aconteceram os festejos aos motoristas e foi então que a família e a nona Amélia, foram de “Trezentona” participar da bênção dos veículos.

Na Semana da Pátria, aconteceu o tradicional desfile de 7 de Setembro, onde vários netos de João Baptista estavam presentes, honrando a sua origem.

No dia dedicado aos finados, a família reza por João Baptista.

E em dezembro, encerrou-se o ano do Cinquentenário da Imigração Italiana. A Paróquia contabiliza frutos bons, pois em todos os eventos promovidos, as comunidades se fizeram presentes.

Enquanto isso, a vida familiar seguia sua rotina. Amélia sentia muita falta daquele que havia feito parte de sua vida e com ele construído muitos sonhos: era o seu amor, seu esposo. Agora que os dois teriam mais tempo para estarem juntos, pois a família estava toda encaminhada, eles estavam separados por uma barreira invisível – a morte. Mas Amélia era uma pessoa consciente que tinha em seu coração muita fé.

Uma das dificuldades dos alunos em freqüentar a escola, era a distância. Agora, os netos de João Baptista e os amiguinhos da vizinhança já estavam no Ginásio e precisavam ir a Pinto Bandeira estudar. Os pais se decidiram por levar seus filhos com suas camionetes em forma de rodízio e quem não tinha condução própria, ajudava com dinheiro ou em troca de serviço (jornadas).



Hadair, filho do tio Pedro e Margarida, quando estava na 7ª e 8ª séries, já sabia dirigir com responsabilidade e ele mesmo levava os demais para a escola, assim o motorista não precisava ficar esperando o retorno. Depois esta função foi passada ao seu irmão Ademir. Quando chovia, os alunos se protegiam embaixo de uma lona. E toda ida e volta do colégio era uma festa.

Com a situação econômica melhorando meu pai, Dionísio decidiu comprar um carro para a família e assim o fez. Comprou um Opala, ano 71, de cor mostarda. Imaginem a festa que todos fizeram ao verem a novidade. Era um entra e sai para conferir os mínimos detalhes. Era um carro grande e espaçoso. Aos domingos, a família ia à missa de carro e não mais de “Trezentona”.

Dois anos depois, meu tio Pedro também adquiriu o seu, só que de cor azul claro.

Passaram-se alguns anos e 1979, a casa paterna é toda reformada. A família já não é tão numerosa e havia muito espaço ocioso. Também o tempo teve sua influência sobre a estrutura da casa. Então, sai o terceiro andar, no lugar da sala de refeições são construídos dois quartos e permanecem a cozinha, a dispensa e a saleta. Restando as boas lembranças de muitos momentos de alegria, acolhimento, conversa que por muitos anos abrigou carinhosamente a todos que conviveram nesta casa.

Em fevereiro de 1980, nossa família participou da 4ª Fenavinho, em uma das atrações mais prestigiadas no evento, o desfile de carros alegóricos, representando momentos típicos de suas vidas. “A história da colonização italiana e a produção das uvas”. Este foi um encontro muito alegre, onde várias pessoas da comunidade se fizeram presentes”.

A casa foi, na verdade, adequada aos novos tempos e ao gosto dos moradores.

“Minha nona Amélia sempre estava disposta, animada e adorava uma conversa. Pela manhã, fazia um pouco de *“dressa”*, depois saía para visitar as filhas Ana e Lourdes (as professoras), onde lhes prestava ajuda nos serviços domésticos. Fazia isso diariamente, pela parte da manhã e à tarde. Dizia-me que auxiliava as filhas, orientando as netas em seus afazeres.





Quando íamos para a cama, ela rezava em italiano. Eu, como sabia as orações em português, acabava misturando tudo.

Muitas delas ensinou-me em italiano. Hoje só me recordo do “Requiem”, oração latina em homenagem aos mortos.

Além de me ensinar a rezar, sempre me orientou nos afazeres domésticos. Foi então, que em 1981, quando concluí os estudos do primeiro grau, saí de casa e me transferi para Bento Gonçalves. Passei a visitar meus pais nos fins-de-semana e minha nona adorava saber das minhas novidades e contar as suas novidades para mim.

Uma coisa que me lembro muito bem é o apreço que a nona Amélia tinha em saber que os seus netos iam casar. Adorava ir às festas de casamento e foi em muitas delas. Ao saber de alguma neta grávida, logo providenciava os presentes para os bebês e aguardava a chegada dos bisnetos com grande ansiedade e contentamento”.

Em 1986, sua última filha, a tia Olívia que agora estava morando no bairro Licorsul, passou mal e foi conduzida ao hospital onde teve que se submeter a uma cirurgia. A nona Amélia estava muito angustiada com a situação e lembrava a toda hora o sofrimento de Olívia quando criança.

Devido a sua frágil saúde, tia Olívia não resistiu à cirurgia e morreu em 19 de maio de 1986 com 42 anos de idade.

Nona Amélia perdeu mais uma pessoa querida e que fez parte do seu íntimo. A dor de perder um filho é muito forte, mas ela é forte, tem fé e prosseguiu sua caminhada.

No ano seguinte, é tia Ana, esposa de tio Severino que adoeceu e não conseguiu vencer o mal. No dia 5 de agosto de 1987, Amélia perdeu mais uma pessoa de sua família. Novamente, ela passa pela tristeza e pelo luto.

Passados alguns anos, em 1991, nona Amélia perde seu neto Herculino Antônio Massocco, filho de Simão e Teresa de apenas 38 anos de idade.

Diante das perdas e devido a idade avançada – ela já estava com 84 anos – Amélia passou a ter problemas de saúde corriqueiros. Não gostava de ficar sozinha e a minha mãe Júlia sempre estava por perto. Durante a semana, meu tio Severino gostava de visitá-la e ficar por horas em sua companhia conversando.

Foi quando, em 6 de novembro de 1992, a nona Amélia, acamada e não se sentindo bem, recebeu a visita de todos os seus filhos. A ocasião era delicada e Amélia, naquela noite, foi ao encontro do nono João Baptista,





junto de Deus. Aqui terminou a história de vida de João e Amélia, mas ainda hoje eles vivem na vida de todos: filhos, netos, bisnetos e tataranetos. Sim, porque quando partimos, vamos “embora” e passamos a viver, um pouquinho só, nas pequenas semelhanças de personalidade ou comportamentos que deixamos em nossas gerações futuras.

“Vó Amélia, muitas e boas lembranças deixaste em nossa memória. Com certeza continuamos te amando e que teu espírito continue iluminando nossas vidas. Agradecemos a Deus por todo o tempo que passaste entre nós! Agradecemos por termos sido “teus” netos!”

## VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cabo de alguns anos, posso ver como os tempos eram difíceis, tudo era conquistado à base de muito trabalho, sacrifícios, tenacidade e persistência.

Ouvindo vários relatos, coloquei-me no lugar de meus pais e tios que viveram um passado difícil e tentei analisar o que foi bom ou ruim nas transformações vividas por eles.

Desse modo, fiz esta pergunta a eles e relataram que a tecnologia de hoje está facilitando o trabalho na lavoura, diminuindo as dificuldades e esforços desnecessários, tanto que tudo parece-lhes um sonho. É difícil para eles imaginarem as evoluções da tecnologia pela qual passaram. Em cada uma delas, parecia-lhes que tudo estava mais fácil e a emoção se fazia presente em cada trabalho, em cada ação, nas práticas de agrado e desagrado.

Para eles, esta mudança tecnológica está sendo muito boa, mas percebem que aquela convivência com os vizinhos e amigos se perdeu através dos tempos. As pessoas não dispõem mais de tempo para se visitarem em função do trabalho. Com a chegada da televisão, os *filós*, que eram verdadeiros momentos de encontro e lazer, foram sendo deixados de lado. Com a chegada do automóvel, as pessoas não precisaram mais uma das outras, como no passado. Cada família pôde dispor de seu veículo, ágil e rápido, melhorando o acesso à saúde e à educação, mas por outro lado, trazendo a individualidade entre as pessoas.

Hoje acontecem poucos encontros em grupos em determinado local e cada um vai para onde quiser. Percebe-se também uma diferença muito



grande na questão da fé, pois o domingo que era o dia sagrado das famílias irem à Igreja rezar, está mudando. Mesmo com tanta facilidade de transporte que deveria possibilitar o encontro, as pessoas acomodaram-se, buscam alternativas mais simples, como de sentar-se em frente à televisão para assistir a um jogo de futebol ou programa preferido. Contudo, não é pela fé que pensamos, amamos, trabalhamos, nos alegramos, vivemos juntos, falamos e oramos? O que aconteceu?

Por terem vivido tempos em que a solidariedade com o próximo era o fundamento de tudo, destacam que nunca viram alguém passar pelo estresse ou depressão. E, logo eles que passaram por tantas dificuldades econômicas, com problemas de saúde e tempos difíceis. Com certeza, tiveram muito mais do que temos hoje. De uma alimentação sadia, tinham a energia e a vontade de trabalhar. Da unidade familiar, tinham o respeito, a harmonia, o amor e a alegria. De suas relações com o próximo, em casos de doença, trabalho ou morte de um ente querido, tinham a bondade, a solidariedade, sem nenhum exagero em prestar-lhe ajuda. Da falta de recursos e da distância que os separava da chegada a um médico ou dentista, tinham como tratamento de seus males a medicina caseira, à base de ervas, raízes de valor medicinal e a fé religiosa era uma constante. E nós, como estamos vivendo hoje?

Eles viveram uma infância e adolescência que passou despercebida, sem brinquedos, mas idealizavam suas brincadeiras, faziam seus próprios brinquedos e junto aos pais aprendiam a orar, semear, costurar, fazer a *dressa* e cozinhar. Hoje, quantos netos e bisnetos sabem criar seus próprios brinquedos ou brincadeiras?

Viveram de um namoro que ocorria a três, sem mãos dadas e o beijo só no dia do casamento ou roubado em algum momento. Sexo era um assunto proibido. Nossas mães casavam sem nada saber a respeito deste assunto, pois seus pais tinham ocultado tudo o que se referisse ao sexo, afetividade e amor. Por isso, com certeza, se nós também não tivemos orientações delas, como podemos julgá-las?

Viveram um costume que as mães das noivas não participavam do casamento de suas filhas. Quando casavam, passavam a morar na casa paterna temporariamente junto com os demais irmãos e cunhados. Mesmo com tantas diferenças as pessoas, sempre viveram com harmonia e respeito. E hoje, como estão vivendo as famílias de nossos pais?

Eles vivenciaram um sistema educacional completamente autoritário



por parte do professor, mas nenhum cresceu em plena ignorância na escrita, enfrentaram frio, geada, chuva, com seus pés descalços, tudo com muito sacrifício. Hoje, vê-se muitos de seus netos e bisnetos, que sem sacrifícios ou falta de material, de roupas e de transporte não dão tanto valor à educação, como foi dada por João Baptista.

Com certeza, hoje perdeu-se a dimensão do domingo e da noite como espaço para a família, para o diálogo e para as coisas simples da vida. Das antigas carroças ao automóvel mais veloz que provocou a poluição física e sonora, a correria, o *estresse*. Meus nonos, sem carro, sem telefone, sem fax, sem internet tinham tempo pra tudo. Tinham o mais importante: o tempo para viver.

A televisão passou a ser um muro, em vez de escola, tornou-se um instrumento de alienação e massificação, liquidou o diálogo doméstico. Hoje, em cada família, há um, dois ou mais aparelhos em casa.

Será que seria difícil passarmos um domingo sem carro e uma noite sem televisão? De repente, será que não podemos redescobrir o prazer simples de caminhar, de se visitar, de conversar, de ler, de recuperar o tempo e o espaço roubados? É possível que, em vez de dramas artificiais das novelas, você que é pai, junto com seus filhos, consiga se debruçar sobre seus dramas reais? Atualmente somos reféns do automóvel e da televisão. Que tal reservar uma noite sem TV e viver os velhos *filós*, com uma boa conversa familiar, recheada de palavras de carinho, amor e oração?

Perdemos muito deste lado humano, solidário de nossos nonos, mas será que se não vivermos esta experiência uma vez por semana, não poderemos ganhar?

Desde o falecimento de minha nona Amélia, além de tantos momentos simples que deixamos de viver, perdemos em nossa família muitas pessoas queridas que fizeram parte desta história, que cumpriram sua vida nesta terra entre nós. Partiram para viverem no paraíso da eternidade, onde a vida é pura e plena em unidade com Deus. Ele que está além de tudo o que vivemos aqui, está além do tempo, suas estações, suas flores, seus frutos, suas folhas. Vista assim, a existência é uma árvore que cresce em direção aos céus para florescer na eternidade. Estações, sofrimentos, perdas, desilusões. Quando amadurece, quem colhe o fruto é nosso querido Deus, que transplanta a árvore no paraíso. Entre eles estão:



- ✓ Meu tio querido, que sempre teve presente em toda a sua vida, a honra e a honestidade, Simão Massocco, em 25 de maio de 1998.
- ✓ Meu primo Moacir Rubbo, filho de Lourdes e Selvino Rubbo, em 31 de novembro de 2000.
- ✓ Minha prima querida e amiga, Laura Ferrari Da Campo em 31 de dezembro de 2003.
- ✓ Tio querido, que sempre, em toda a sua existência, seu olhar muitas vezes falou mais alto que suas palavras, Severino Ferrari, em 8 de maio de 2004.
- ✓ Minha tia Ana Ferrari Poloni, exemplo de luta e amor e apaixonada pela vida, no dia 5 de junho de 2004, é escolhida para viver no teu acolhimento.

Com certeza, estão num lugar especial e estão nos orientando para continuarmos a história da família Ferrari. Muitos queridos partiram, mas muitos outros nasceram.

A família do nono João Baptista é a principal escola de todos os valores morais e é nela que assimilamos a maneira sadia de viver e conviver. É uma ponte onde ligamos o nosso presente com o nosso passado. Herdamos muitos dos seus costumes, hábitos e vivências. Hoje há, nesta grande família, muitos que possuem características semelhantes às descritas aqui, seja na profissionalização, seja no jeito de ser e de agir. Posso destacar aqui, algumas profissões que foram herdadas por alguns, entre outras tantas que estão bem presentes em cada um.

Na profissão de meu avô João Baptista – pedreiro – o único que deu continuidade a esta foi o filho Ângelo, os demais como Severino, Domingos, Dionísio, e Pedro que aprenderam com o pai este trabalho não deram continuidade e passaram a trabalhar apenas na agricultura. Não há nenhum neto ou bisneto nesta profissão.

Da minha avó Amélia, que dedicou a vida inteira aos afazeres na agricultura e principalmente do lar, muitas de suas filhas, noras, netas e bisnetas estão fazendo o mesmo. Das filhas professoras, outras seguiram a carreira no magistério como Odete Natalina, filha de Ana, Odelce, filha de Gema e eu Vânia Maria filha de Dionísio.



Em nossa grande família, não tivemos muitas pessoas que gostassem de atuar na política, mas encontramos hoje, Cláudio Ferrari atual prefeito do município de Barão que é filho de Domingos e Valdecir Rubbo reeleito vereador pela terceira vez, em exercício na Câmara de Bento Gonçalves, filho da professora Lourdes.

Encontramos outros que, como meu tio José, formado em técnico em contabilidade, em outras áreas e com ensino superior, exercendo outras profissões. Outros ainda estão dando continuidade ao trabalho agrícola e outros possuem empresas e estão desenvolvendo outras atividades e outras tantas que não foram mencionadas aqui.

Mas, cabe-me mencionar aqui o primo Hadair, o idealizador em querer resgatar a história da família Ferrari e que em homenagem ao nono João Baptista, consegue a denominação da rua onde se encontram suas empresas de seus netos.



Assim como essas pessoas, outras tantas estão dando continuidade à história da família Ferrari. Fica aqui o meu agradecimento e carinho especialmente a todos que ajudaram na reconstituição desta história. Serão alguns dos inúmeros que ficarão guardados com carinho em minha



## HOMENAGEM A DENOMINAÇÃO DE RUA

No dia 05 de outubro de 2004, na Câmara de Vereadores realizou-se solenidade oficial a **Família FERRARI**, representada por Hadair Ferrari e família.

Foi oficialmente denominada como RUA JOÃO BAPTISTA FERRARI, entre as Ruas Antônio Martinelli e Joana Guindani Tonello, Bairro Licorsul e Linha Pedro Salgado.

Processo nº: 292/2004 encaminhado pelo Vereador Jauri Da Silveira Peixoto.

Projeto de Lei nº: 066/2004

Comissões de: Constituição e Justiça; Obras, Serviços Públicos e Atividades Privadas.

JOÃO BAPTISTA FERRARI, filho de imigrantes italianos, agricultor e pedreiro, destacando dentre suas obras a Construção do Colégio Medianeira, Campanário da Igreja de Pinto Bandeira, Igreja da Linha Burati e casas residenciais.

Na Rua homenageada, localizam-se as empresas de seus netos: Ferrari Válvulas Automotivas, Metalúrgica Ferrari e Adelbor.

*Publicação no Jornal Semanário - Dia 30 de Outubro de 2004*

lembrança. A única intenção que tive era de ligar o nosso presente ao nosso passado e com isso, na certeza que novas gerações possam conhecer e valorizar o resgate de nossas raízes. Ainda da existência de meus avós, muita coisa será acrescentada e quem viver, verá.

A seguir, alguns depoimentos de familiares sobre a herança que João Baptista e Amélia deixaram em seus corações:

- “João Baptista era um homem correto, vivia em harmonia com a família e vizinhos. Não gostava de brigas. Deixou como bons ensinamentos a fé, o costume de ir à missa ao domingo. No mês de outubro rezavam o terço todas as noites com a família. Margarida destaca que o sogro dialogava mais do que seu próprio pai, sendo uma pessoa sincera e confiável”. Pedro e Margarida, 9/2/2005.
- “Os conselhos de meus pais sempre foram importantes em minha vida. Sempre foram bons comigo e demonstraram muito amor e carinho pelos seus. Para mim foram verdadeiros exemplos”. Lourdes, 9/2/2005.
- “Meu pai João Baptista dizia: *“Se non fê col vostro, meno col dialtri”*. Se você não fizer com o que é seu, menos com o dos outros. *“Se te fê del bem, pol*





*spetar solo el bem*”. Se você fizer o bem, espere só pelo bem. Estes foram os ensinamentos mais presentes, foram lições que levei para a minha vida e para minha família”. Dionísio e Júlia, 9.2.2005.

- “Com o meu pai, aprendi com orgulho o amor pelo trabalho de pedreiro. Levei de lição sua organização com as ferramentas e o material. A seriedade e a bondade são as lições mais presentes em minha vida.” Ângelo, 12/2/2005.
- “Nossos pais sempre deram primeiro o bom exemplo. Uma boa lembrança era o momento do terço, onde meu pai pedia para que deixássemos os afazeres para rezar e depois podíamos continuar” Gema, 3/7/2005.
- “Sempre tenho como lembrança de meu pai, o exemplo de honestidade, de fé e oração. Hoje eles se fazem presentes em minha vida e na minha família”. Teresa, 3/7/2005.
- “Meu pai João Baptista, sempre foi uma pessoa honrada, correta e gostava muito de trabalhar. Com ele só tenho a dizer que aprendi tudo o que é digno”. Domingos, 3/7/2005.
- “João Baptista foi um exemplo de vida. Somente posso dizer que a integridade do nono, meu pai Severino também aprendeu e este nos foi passado de geração a geração”. Neto Natalino, 3/7/2005.
- “João Baptista foi um exemplo de honestidade, bondade e um pai muito justo. Foi um exemplo de vida na educação dos filhos, onde hoje vemos poucos pais serem exemplo para seus filhos. Gládis destaca que ela identificava-se muito com o sogro por ser uma pessoa meiga e calma. Ambos lembram-se de uma frase dita por ele: *Vardê far polito*”. José e Gládis, 14/7/2005.
- João Batista, era um exemplo de lealdade e sempre foi um sogro muito bondoso. Sempre o respeitei como se fosse meu próprio pai. Luis Trivillin, 8/12/2005.
- Lembro-me que minha mãe falava que seu pai João Baptista era um homem justo, severo e trabalhador. Ele prezava pela família e criou seus filhos com muita dignidade, mesmo com as dificuldades que na época se apresentavam. Mas gostava de ver sua família sempre reunida. Neta Odete Poloni, 9/12/2005.



## GALERIA DE FOTOS



### FAMÍLIA DE PEDRO FERRARI

*Da Esq/ dir: Márcia, Antenor, Romildo, Luci, Fernando, Selma,  
Hadair, Sandra, Ademir, Marlene.  
Regina, Margarida, Pedro, Franciele, Alex, Scheila e Elisa (colo)*



*Pedro e Margarida  
com os netos  
Maicon Augusto,  
João Pietro e Diego*



FAMÍLIA DE DOMINGOS FERRARI

*Esq./dir.: Anselmo, Marlene, Remi, Neusa, Adriana, Gilmar, Rejane,  
Lourdes, Cláudio, Sérgio e Domingos.*



FAMÍLIA DE DIONISIO FERRARI

*Esq./dir.: João Carlos, João Maurício (bebê), Maria, Vânia, Cleimar, Júlia,  
Dionísio, Airton, Gilberto, Nair, Luciane, Anderson e Milena.*



FAMÍLIA DE GEMA FERRARI TRIVELIN

*Esq./dir.: Odele, Vilson, Gema, Márcio, Marilene, Casemiro, Simone, Roberto,  
Fernanda, Marilda, Nestor, Daiane e Cristiane.*



FAMÍLIA MARIA TERESA FERRARI MASSOCCO

*Esq./dir.: Gema, Terezinha, Lourdes, Maria Teresa, Rene Rizzardo, Nair,  
Simon, Dorvalino, Ercolino e Gilmar*





FAMÍLIA DE OLIVIA FERRARI TRIVELIN

*Esq./dir.: Silvana, Luis, Ademir e Olivia*



FAMÍLIA DE ANGELO FERRARI

*Esq./dir.: Ana Paula, Luis Carlos, Valdecir, Diego, Odirlei, Valdir, Iraci, Ronaldo, Cíntia, Angelina, Marisete, Valdecir, Teresinba, Cássio, Taise, Bruna, Ortenila e Ângelo.*





FAMÍLIA SEVERINO FERRARI

*Esq./dir.: Rosângela, Assunta, Cátia, Laura, Marília, Felipe, Remi, Helena,  
Justino, Graciela, Severino, Inês, Genoveva, Lorena, Geni.  
Agachados: Generino, Jairo, Ana Paula, Edson, Alex, Natalino, Celino, Lourenço,  
José, Dorival, Greice e Ingrid.*



FAMÍLIA DE JOSÉ FERRARI

*Esq./dir.: Gládís, Evandro Samuel, José e César Magno*





FAMÍLIA DE LOURDES FERRARI RUBBO

*Esq./dir.: Maria, Saete, Valdecir, Tânia, Silvino, Márcia, Pedro, Lourdes,  
Nilse, Gleci e Valdemir.*



FAMÍLIA DE ANA FERRARI POLONI

*Esq./dir.: Solange, Leocádia, Orestes, Ana, Valter, Eliane Vilson e Odete.*



*José Ferrari*  
*e*  
*Assunta Theresa Piva*



*José Ferrari* é o segundo filho homem a vir fazer parte da vida de Pietro e Theresa. Nasceu no dia 25 de setembro de 1905, em casa, como todos os seus demais irmãos e irmãs.

José freqüentou a escola do Prof. José Pansera e ele contou a seus filhos que levou muita régua nos dedos, castigo que era dado às crianças que cometiam algum erro nas aulas ou que desrespeitassem o (a) professor (a).

Isso não quer dizer que José fosse um menino levado, muito pelo contrário, sempre foi sério e responsável. Ajudava seu pai e irmãos na roça e, muitas vezes deixou de ir à escola para participar dos serviços de casa.

Não temos mais relatos sobre sua infância, pois pouco narrou fatos de quando era criança a seus filhos.



Na juventude, José conheceu e namorou *Assunta Theresa Piva*, filha de Ângelo Piva e Ângela Biondo. Ela era sua vizinha e acredita-se que o namoro iniciou nas idas à missa.

José e Assunta casaram-se no dia 15 de maio de 1926, ambos com 21 anos de idade, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, numa cerimônia compartilhada com o irmão João Baptista e Amélia. Os dois irmãos decidiram casar-se no mesmo dia, e fizeram uma festa maravilhosa na casa preparada para receber os dois novos casais, na Linha 40. A casa de dormir era única, mas cada casal tinha a sua cozinha e o seu *fogoler*, assim mantinham-se unidos, mas preservavam a privacidade de cada família. Também a colônia foi dividida, numa linha imaginária, onde cada casal tinha as suas plantações: trigo, milho, e arroz estão dentro das culturas que a família produzia, além dos animais: vacas, porcos, galinhas...

Já no primeiro ano de casados receberam em seus braços o primogênito João, que veio dar brilho à família no dia 18 de junho de 1927.

José não havia prestado serviço militar aos dezoito anos, então, já casado foi obrigado a se alistar e fez “o tiro”, isto é, prestou serviços ao exército durante um ano, se apresentando diariamente. Segundo o depoimento de seu filho João, José fazia isso onde hoje é o prédio da Prefeitura Municipal. Tinha raras folgas, que aproveitava para visitar a esposa e os filhos.

Uma coisa curiosa, mas natural para aquela época: tanto José como Assunta não era eleitores.

A primeira filha nasceu dia 11 de fevereiro de 1929 e a batizaram de Theresa. A alegria do casal foi ofuscada abruptamente quando descobriram que a pequena Theresa estava doente, muito doente. Pai e mãe desesperadamente buscaram ajuda médica, mas os médicos não ofereceram nenhuma opção de medicamento ou cura da menina. Segundo a filha Maria Theresa, José e Assunta levaram a pequena Theresa para a cidade, no Hospital e ao retornarem já estava anoitecendo. Um grande temporal desabou e eles estavam na trilha que passava pelo Buratti. A mula em que Assunta e a pequena viajavam estava muito assustada com o barulho dos trovões e ameaçava disparar. José então, amarrou a sua mula numa planta e segurou a de Assunta, abrigando-se embaixo de uma árvore, esperando a forte chuva passar. A noite veio mais depressa que eles esperavam, mas era a pequena Theresa que mais preocupava o casal. Ela havia sido “desenganada” pelos médicos e agora ela estava ali, na chuva. Assunta e José a protegia de todas as formas. Então,



a chuva cessou e eles puderam seguir a sua trilha até em casa. Mas Theresa não resistiu: faleceu durante o sono, antes de completar nove meses de idade. Sua doença? Apinéia. Hoje seria tão fácil diagnosticar...

José e Assunta estavam muito tristes com a perda de sua filha.

Havia um dito popular, uma crença entre os italianos que dizia, quando dois irmãos casavam no mesmo dia, um teria muita sorte e o outro não. José e Assunta foram acompanhados por esta crença por muito e muito tempo. João Baptista e Amélia seguiam sua vida, mas ele e Assunta teriam muito sofrimento pela frente ainda.

Mas no ano seguinte, foram agraciados com outro filho: Dionísio nasceu no dia 1º de novembro de 1930, um ano após a morte da pequena Theresa. João já estava com 3 anos e agora Dionísio veio fazer parte da família e dois anos depois, em 19 de agosto de 1932 nasce uma menina: Maria Theresa. Em 05 de agosto de 1934, nasce outra menina: Teresa. A alegria parecia ter voltado à família, mas Dionísio, contando com 4 anos de idade, falece de uma maneira inexplicável. João, o primogênito, com 7 anos de idade, também adoece e falece no dia 08 de dezembro de 1934.

Uma grande nuvem de tristeza se abate sobre a família. Os três primeiros filhos morrem e deixam um vazio no coração de seus pais, mas são agraciados com mais cinco filhos:

- João nascido no dia 26 de outubro de 1936.
- Ângela nascida dia 12 de outubro de 1938.
- Olívia nascida dia 03 de novembro de 1940.
- Dionísio nascido dia 04 de abril de 1943.
- Gema nascida dia 29 de setembro de 1945.

O casal também tem novas alegrias: consegue comprar uma colônia de terras, o lote nº 01 da Linha Silva Pinto, mais próximas da sede do Distrito e somente sua. Eles saem da Linha 40, deixando para trás todas as coisas ruins que aconteceram e recomeçam suas vidas.

Assunta, como já dissemos, era filha de Ângelo Piva, mais conhecido como *Eto Scatolin*. *Eto* era uma pessoa de difícil trato, mas era o pai de Assunta...

*Eto* era italiano, enfrentara toda a viagem de navio para as novas terras. Homem de modos rudes, que muitas vezes fazia Ângela sofrer, pois abusava da bebida. Ângela era uma mulher humilde, sempre dedicada à família.



*Ângelo Piva  
(Eto Scatolin) e  
Ângela Biondo,  
pais de Assunta*

Quando João e Assunta mudaram-se, *Eto* havia parado de beber, mas perdera a força de suas pernas devido um derrame que sofrera. Então o generoso casal providenciou uma casa para ele, construiu um corrimão para facilitar a sua locomoção e *Eto* viveu mais 30 anos na companhia deles.

José e Assunta, a princípio, haviam arrendado as terras da família Bigolin para cultivar milho e trigo. Em contrapartida, nas suas terras, criavam vacas, porcos e galinhas. Para ajudar na renda da casa, José, em época de safra, trabalhava como operário na Cantina da Linha Jacintha – era safrista.

Trabalho era a palavra chave da família de José e Assunta.

As crianças pouco brincavam.

As dificuldades eram grandes, mas José e Assunta sempre ficaram muito unidos, se amando muito e cuidando do crescimento dos filhos com muito carinho. Faltava dinheiro, mas não afeto.

Aos domingos, José costumava jogar bochas e foi um dos fundadores da cancha de bochas conhecida como “Brasília”, nas terras da família Facchin. Isso à tarde, porque pela manhã, todos iam à missa no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. A fé e a religiosidade também eram fortes nesta família.

Já Assunta, aos domingos, costumava fazer mandolates com mel e distribuía a todos que encontrava. Era muito generosa e bondosa.

Os filhos também acompanhavam Assunta na *dressa*. Todos tinham a incumbência de fazer um paco por dia, assim ajudavam na renda da família.

Na juventude, os filhos homens costumavam ir jogar futebol e logo depois retornavam para casa. Não tinham o costume de ir a bailes. Gostavam também de ir pescar nas “astes” (lajeado grande). Ao invés de usarem varinha, usavam pedras: jogavam uma pedra contra a outra e o choque entre elas (som estridente dentro da água) provocava a morte dos peixes.



Outra diversão de José era o jogo de cartas. A cada domingo iam jogar numa casa diferente: da família Bigolin, Parisotto, Facchin, Da Campo e Ferrari.

José, apesar de estar mais longe de seus irmãos, sempre costumava visitá-los, ou mesmo se encontrar em eventuais festas. A foto abaixo, registrou um desses encontros:



*Esq./dir.: Pe. Agostinho Nicbetti, Vítório Ferrari, João Baptista, José, Santo, Maria Rosa, Santana, Maria Josephina e Ângela Ferrari*

Iam ao moinho da família Bertarello, no distrito de São Pedro para moer o milho e descascar o arroz. Marcavam o dia com antecedência, pois o moinho era muito solicitado e passavam o dia todo lá.

A vida foi passando, muito trabalho havia sido realizado e muito ainda havia para realizar.

Os filhos foram conhecendo suas cara-metade e construíram suas próprias famílias.



*Quadro dos filhos do casal*





**Maria Theresa** casou-se com Adelino Sonaglio no dia 11 de abril de 1959 (no civil, pois no religioso já estavam casados há algum tempo) no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Tiveram 5 filhos: Nelson nascido dia 28 de julho de 1956, Antônio nascido dia 16 de junho de 1957, Ivanir nascido dia 08 de fevereiro de 1959, Marlene nascida dia 16 de abril de 1965 e Roberto nascido dia 01 de abril de 1966.



*Casamento de Maria Theresa com Adelino Sonaglio*

**Teresa** casou-se com Guilherme Gemelli no dia 25 de setembro de 1954, em Pinto Bandeira. Tiveram 6 filhos: Lorena nascida dia 30 de setembro de 1955, Helena nascida dia 22 de outubro de 1956, Sérgio nascido dia 30 de maio de 1958, Maristela nascida dia 05 de outubro de 1959, Vilson nascido dia 08 de setembro de 1962 e Eduardo nascido dia 2 de junho de 1967.



*O casal com os padrinhos*



*Teresa e Guilherme*



*Maristela, Helena,  
Guilherme, Lorena,  
Vanderlei dos Santos,  
Eduardo, Teresa,  
Sérgio e Vilson*

**João** conheceu e casou-se com Florinda De Bastiani no dia 10 de fevereiro de 1968. Desta união nasceram Marisa nascida no dia 08 de novembro de 1968 e Valmor no dia 08 de julho de 1970.



*Esq./dir.: Rodrigo, Adair,  
Marisa, Ângela, Gema,  
Valmor, Florinda e João*



**Ângela**, por opção, não se casou. É conhecida por sua famosa mão em preparar pratos gostosos nos almoços das festas. Reside com o irmão João e sua família.

**Olívia** casou-se com Izidoro Paese no dia 12 de fevereiro de 1968 e tiveram três filhos: Rudimar nascido no dia 05 de novembro de 1966, Eliane no dia 24 de agosto de 1969 e Simone no dia 09 de dezembro de 1975.



*O casamento de  
Olívia e Izidoro*



*Esq./dir.: Izidoro,  
Olívia, Rudimar,  
Margarete, Enio,  
Eliane e Simone*



**Dionísio** uniu-se a Vilma Predebon no dia 04 de setembro de 1965 e geraram Maria (que faleceu ao nascer), Gilberto nascido no dia 29 de outubro de 1967, Moacir nascido no dia 14 de julho de 1970 e Rosane nascida no dia 27 de janeiro de 1980.



*Esq./dir.: Viviane Casagrande, Moacir, Ivone, Gilberto, Rosane, Sadi, Matens, Vilma, Dionísio e Marcelo.*

**Gema**, também por opção, não casou e reside com o irmão João.

Bem, com a família completa, Assunta e José também completaram sua missão: cuidaram de *Eto* e *Ângela*, criaram seus filhos, compraram mais terras, trabalharam muito, mantiveram-se sempre unidos e tiveram muita fé.

Assunta completou sua jornada no dia 23 de setembro de 1974, aos 69 anos de idade. Morreu dormindo.

José, um ano depois, no dia 05 de dezembro de 1975 também encerra sua caminhada. Os filhos lembram com carinho de seus pais, que sempre zelaram muito por eles.



*José*



*Assunta*



## GENEALOGIA DE JOSÉ FERRARI E ASSUNTA THERESA PIVA

### **1. João Ferrari**

Nascimento: 18.06.1927, em Pinto Bandeira.

Óbito: 08.12.1934 com 7 anos de idade.

### **2. Thereza Ferrari**

Nascimento: 11.02.1929

Óbito: 09.11.1929 – Enterrada no Cemitério Anunciação – L. Silva Pinto.

### **3. Dionísio Ferrari**

Nascimento: 01.11.1930, em Pinto Bandeira.

Óbito: 09.01.1934 com 4 anos de idade.

### **4. Maria Teresa Ferrari**

Nascimento: 19.08.1932. Casou-se com ADELINO SONAGLIO nascido em junho de 1955, Pinto Bandeira. Civil: 11/04/1959. Tiveram cinco filhos.

\* Nelson – 28.07.1956. Casado com Maria da Glória Nichetti. Pai de Andréa e Alessandra.

\* Antônio – 16.06.1957 – solteiro.

\* Ivanir – 08.02.1959. Casado com Maricelci Locatelli (28.07.1963) dia 10 de dezembro de 1994. Filho: Cristian Sonaglio – 13.12.1997.

\* Marlene – 16.04.1965 – Solteira – reside na Itália.

\* Roberto – 01.04.1966 – Casado com Silvana Mosconi (08.01.1972). Pai de William – 08.03.1997 e Jennifer – 09.09.2002.

### **5. Teresa Ferrari**

Nascimento: 05.08.1934. Casou-se com GUILHERME GEMELLI dia 25.09.1954, Pinto Bandeira. Falecido em 28 de Julho de 1990. Tiveram 6 filhos.

\* Lorena – 30 de setembro de 1955. Casou-se com Vanderlei dos Santos (06.06.1954) e teve duas filhas: Franciele dos Santos – 10.01.1982 que casou-



se com Lairton Cardoso de Carvalho (29.06.1979) é mãe de Gabriel dos Santos de Carvalho (05.08.2002). Gabriele dos Santos – 04.08.1987

\* Helena – 22 de outubro de 1956. Casou-se com Paulo Paese (07.12.1954) e teve um filho: André Guilherme – 06.06.1982 casado com Fernanda Acorsi e pai de Julia Acorsi Paese (18.02.2003).

\* Sérgio – 30 de maio de 1958. Casou-se com Miraci Mossi Gemelli (18.01.1957). Filho: Bruno Guilherme – 30.10.1991.

\* Maristela – 05 de outubro de 1959.

\* Wilson – 08 de setembro de 1962. Casou-se com Jaqueline De Conto (17.12.1965) e teve dois filhos: Henrique Alfredo nascido no dia 30.09.1987 e Natalia nascida no dia 12.03.1996. Em segundas núpcias casou-se com Cleusa Da Costa Ferreira e tem um filho: Victor Bento – 16.04.2005.

\* Eduardo – 02 de junho de 1967.

## ***6. João Ferrari***

Nascimento: 26.10.1936. Casou-se com FLORINDA DE BASTIANI (29.11.1947) dia 10.02.1968, Pinto Bandeira. Tiveram dois filhos:

\* Marisa – 08.11.1968. Casada com Adair Rizzardo (15.07.1968) dia 02.07.1994. Mãe de Rodrigo Ferrari Rizzardo – 15.12.1994.

\* Valmor – 08.07.1970 – noivo.

## ***7. Ângela Ferrari***

Nascimento: 12.10.1938. Solteira. Conhecida como a cozinheira das festas.

## ***8. Olivia Ferrari***

Nascimento: 03.11.1940. Casou-se com Isidoro Paese dia 12.02.1966, Pinto Bandeira. Filhos: Tiveram 3 filhos.

\* Rudimar – 05.11.1966. Casado com Margaret Basso (16.07.1980) no dia 29.06.2002. Pai de Vítor Augusto – 18.09.2004.

\* Eliane – 24.08.1969. Casada com Enio José Moroni (11.09). Mãe de Tiago – 25.03.2003.





\* Simone – 09.12.1975. Casada com Alexandre Faccin (20.01.1974) no dia 17.11.2001. Mãe de Júlia – 13.08.2004.

### ***9. Dionísio Ferrari***

Nascimento: 04.04.1943. Casou-se com Vilma Predebon (11.09.1945) dia 04.09.1965, Pinto Bandeira. Filhos: Tiveram 4 filhos.

\* Maria – *natimorta* – nasc: 06.06.66.

\* Gilberto – 29.10.1967. Casado com Ivone Maria Cosme (09.10.1968) dia 26.12.1999 em Pinto Bandeira. Filho: Mateus Ferrari – 16.05.2000

\* Moacir – 14.07.1970 - solteiro

\* Rosane – 27.01.1980. Casada com Sadi Sonaglio (13.01.1969) dia 15.04.2000, em Pinto Bandeira. Filho: Marcelo Ferrari Sonaglio – 27.02.2001.

### ***10. Gema Ferrari***

Nascimento: 29.09.1945. Solteira.



## *Mazia Verônica Ferrazi*



## *Ângelo Ferrazi e Rosa Parisotto*



*Ângelo Ferrazi* - o quinto filho de Pietro e Theresa.

Um lindo menino, que posteriormente assumiria as responsabilidades de patriarca da família, sucedendo o pai Pietro após sua morte, em 1931.

Ângelo nasceu em 3 de março de 1907, na Linha Silva Pinto e sua primeira perda ocorreu antes dele completar 14 anos – sua mãe, falecida aos 39 anos.



Apesar da pouca idade, Ângelo sabia que as coisas iriam mudar muito em sua casa, após a morte de sua mãe. Jovem responsável ajudava nas lidas da roça, mas também freqüentava as aulas, onde aprendeu a ler e escrever.

Eram tempos difíceis e Ângelo amadureceu muito cedo e junto com os irmãos João Baptista e José, que eram os mais velhos, aprendeu a trabalhar a terra, plantar trigo, milho e criar animais para o consumo doméstico. Mais tarde, também ajudou a levantar os parreirais da família que ajudam, ainda hoje, a formar o lindo tapete verde que embeleza a Linha Silva Pinto em época de colheita.



Ao completar 18 anos se apresentou ao Exército e lá prestou serviço militar durante um ano – fez o “Tiro de Guerra”. Transcorria o ano de 1925.

Ao voltar para casa, retomou suas atividades na agricultura.

Os jovens, como já narramos anteriormente, se divertiam aos domingos nas festas das comunidades. Lá iam também para encontrar os (as) namorados (as). Ângelo, não diferente dos outros, também freqüentava as festas e era um ótimo dançarino, segundo o depoimento dos familiares e amigos que conviveram com ele.



Nestas festas, conheceu *Rosa Parisotto* e por ela enamorou-se. Contam que para o rapaz se aproximar da moça, sempre mandava um “interventor”, geralmente o amigo mais próximo, para “sondar o terreno”, isto é, para ver se ele agradava a moça. Se não fosse bem aceito, não insistia, deixava a moça livre para outro concorrente e partia para outra investida, com outra moça. Lembramos que o modo de namoro da época era diferente e o beijo, geralmente era dado após o noivado ou até mesmo, após o casamento.

Assim, Ângelo e Rosa iniciaram seu namoro, provavelmente em uma festa de comunidade e, como Ângelo, Rosa era uma dançarina maravilhosa. O casal costumava dançar o difícilíssimo tango argentino e todos paravam para ver o casal em sua *performance*. Geralmente os bailes eram na casa da família Marchetto, segundo a lembrança dos filhos.

Rosa era filha de José Parisotto e Madalena Guizzo e nasceu no dia 17 de abril de 1907. Tinha a mesma idade de Ângelo. Após o pedido de namoro e o noivado, no dia 31 de agosto de 1929, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia de Pinto Bandeira, o casal uniu-se pelas leis divinas e passou a morar na casa paterna. Aliás, Ângelo sempre morou na casa paterna e o casal teve seus 12 filhos (sendo que o primogênito faleceu ainda bebê) naquela mesma casa.

Ângelo era dono de uma personalidade forte, muitas vezes enérgico com relação à educação dos filhos, ao trabalho na agricultura e, principalmente quanto à organização. Era amigo dos filhos e deu condições a todos para que estudassem e se vestissem sempre muito bem. Aliás, segundo Severino, o filho mais velho, Ângelo era o galã do pedaço, sempre de gravata nas missas e eventos sociais. Dava atenção especial a sua aparência e de sua família.

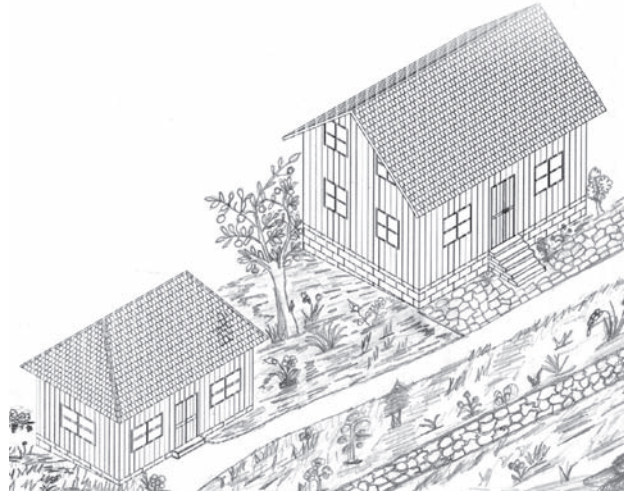
Era muito organizado e suas plantações sempre eram as melhores, pois cuidava delas com muito carinho. Ele também olhava para o progresso que estava invadindo o distrito de Pinto Bandeira e, conseqüentemente, sua casa também.

Abrimos um parêntese na história, para descrever a casa paterna de Pierin, que passou a ser do casal Ângelo e Rosa. A descrição foi feita pela nora Inês, casada com Célio, que reside até hoje na casa:

“A casa antiga era construída no mesmo local da casa paterna atual.



*Desenho da casa de  
Angelo, no Lote nº 11  
da Linha Silva Pinto*



Parte de madeira da casa e assoalho são os mesmos da casa antiga; também as pedras que dá acesso na sala da casa são as mesmas.

A casa antiga era de dois andares, mais o porão. Na parte de cima era o sótão – *suler ou solaro* – dividido em 4 quartos que era o dormitório do pessoal mais novo e o restante do espaço servia para guardar os grãos de milho, trigo, arroz, amendoim, etc.

Na parte de baixo o interior do espaço era dividido entre enorme sala, 3 quartos e uma escada de madeira que dava acesso ao sótão. Ali dormiam os casais e pessoas de mais idade.

A cozinha era separada da casa (segundo os filhos mais velhos de Ângelo: Severino e Pedro).

A distância da casa e da cozinha era de 20 metros. A cozinha era enorme, de chão batido e coberta de “*scandole*”. Não havia forro no teto e era possível ver as tabuinhas na parte de dentro.

No interior da cozinha, tinha o “*larin*” – *fogoler* – e a panela da polenta (*caliera*) era presa numa corrente num dos barrotes do coberto e as outras panelas quando usadas, eram colocadas diretamente sobre o fogo na grade.

Para assar batatas doces, ovos e batatas inglesas era amontoada a cinza quente com brasas e os alimentos ficavam embaixo dessa cinza. Outro alimento muito comum era “*lê pince*”, uma espécie de pão feito com fermento caseiro, água, sal, ovo, farinha de trigo, de milho e batata cozida. O pão era feito e forrado com folhas de bananeira ou mesmo de parreira para não queimar nas brasas.



A cozinha era construída longe da casa de dormir para evitar incêndio. A louça era lavada no “*lavandin*” – pia – dentro de uma “*mastela*” – bacia de madeira e em cima do *lavandin* existia uma prateleira para colocar as louças que ficavam expostas. Na parte de baixo da prateleira tinha ganchos presos para pendurar as panelas cheias de água, que servia para lavar a louça, preparar os alimentos e para o banho. A higiene pessoal era feita na “*mastela*”. Um detalhe: o *fogoler* não tinha chaminé, a fumaça se espelhava e esfumaçava toda a cozinha, inclusive o nariz das pessoas ficava encardido e os olhos ardendo.

À noite, após a janta, a família se reunia ao redor do “*charetto*” e rezavam o terço. Depois aproveitavam para fazer *dressa* e costurar. Também contavam piadas, cantavam e contavam histórias para as crianças.

Poucas coisas eram compradas, só as de primeira necessidade. Tudo era produzido pela família. Os móveis: camas, baús, cadeiras, mesa... eram de fabricação artesanal, muito bonitos e bem trabalhados.”

Assim, no dia 9 de junho de 1930, Ângelo e Rosa receberam em seus braços o primogênito Severino, que nasceu em casa.

Neste período, depois do segundo casamento de Pietro com Ângela Basso, não podemos esquecer que faziam parte da família, os três filhos deste casamento: Vitório, Dionísio e Cristiano Rocco, todos menores. E todos moravam na mesma casa, inclusive a irmã de Ângelo, Maria Verônica, solteira, que de tempos em tempos, ficava muito doente. Ela sofria problemas estomacais e foi submetida a várias cirurgias.

Em 4 de janeiro de 1931, Pietro, seu pai, morreu de “morte natural”, aos 51 anos de idade, na casa onde construiu sua vida com Theresa, criou os filhos e posteriormente, após a viuvez, formou nova família. Este foi um dia muito triste na vida da família Ferrari. A perda de seu patriarca abalou a todos. Ângelo foi o que cuidou dos preparativos e declarou em cartório a morte de seu pai. Em seu óbito consta que Pietro morreu e deixou seus filhos: Rosa Ferrari, com 29 anos (já casada com Antônio Rubbo); Santina Ferrari, com 28 anos (já casada com Ângelo Mazzocco); João Baptista Ferrari, com 27 anos de idade (já casado com Amélia Belluzzo); José Ferrari, com 26 anos (já casado com Assunta Piva); o declarante Ângelo Ferrari, com 24 anos de idade (já casado com Rosa Parisotto e pai do primogênito Severino), Verônica Ferrari, com 22 anos (solteira); Santo





Ferrari, com 20 anos (solteiro); Ernesto, com 18 anos (solteiro); Ângela, com 17 anos (solteira); Anna, com 15 anos (solteira); Maria com 11 anos (solteira) e os filhos naturais Vitório de 5 anos, Dionísio de 4 anos e Cristiano Rocco de 3 anos. Deixou também a viúva Ângela Basso. Eram 13 pessoas morando na mesma casa. Logo depois, a irmã mais nova Maria passou a morar definitivamente com a irmã mais velha Maria Rosa.

Passada a tristeza da morte de seu pai, Ângelo viu-se com uma responsabilidade muito grande em suas mãos: a de cuidar de uma família tão numerosa: eram a esposa, filho, irmãos e irmãs e madrastra. E sua preocupação era de dar o melhor para todos; o de “*empostar*” todos, isto é, “dar” terras e casa para todos os irmãos e dotes para as irmãs ao se casarem.

Mas Ângelo, neste ano de 1931, teria mais tristezas e dificuldades a enfrentar do que imaginava: em 2 de abril, perdeu seu primogênito Severino, com 10 meses de idade. Seu bebê. Não sabemos ao certo o mal que se abateu sobre ele, mas sabemos também que os recursos da medicina da época eram escassos, assim como os médicos.

O terceiro e último susto do ano, foi o acidente que vitimou o irmão Ernesto, de 18 anos de idade, narrado no capítulo da vida de Ernesto. Ângelo mais uma vez, tomou as devidas providências e, numa reunião de família, decidiram dar condições ao irmão para que se formasse professor. Esse foi o “dote” de Ernesto: o estudo.

Logo após a morte de seu primogênito, Rosa novamente engravidou e no dia 13 de janeiro de 1932, nasceu o segundo filho, que recebeu o nome do primeiro: Severino.

A alegria voltou a reinar na casa.

No próximo ano, 1933, no dia 7 de abril, nasce o terceiro filho do casal: Pedro, nome dado em homenagem ao avô.

Em junho de 1933, Ângela Colomba casou-se com João Zandoná e deixou a casa paterna. Ângela recebeu seu dote: lençóis, toalhas, vestidos, a máquina de costura e a *colassion* para os convidados no dia do casamento.

No dia 5 de novembro de 1934 nasceu a única filha do casal: Teresa Ferrari.

O ano de 1935 foi marcado pelo casamento de Santo Ferrari com Cecília Poloni. O novo casal passou a morar na casa paterna com Ângelo e Rosa que, em 11 de outubro de 1934 foram presenteados com o quinto filho: José.



Abaixo, confirmam a foto de Ângelo e Rosa com seus quatro filhos: ao lado de Ângelo está Severino; atrás dele o filho Pedro; do lado de Rosa, a filha Teresa e no colo, o pequeno José.



Em 1938, em 10 de outubro, nasceu o filho Elvino Antônio Ferrari (Delvino).

O sétimo filho João nasceu dia 24 de outubro de 1940.

Em 1941, no mês de Maio, a irmã caçula Maria Josefina, casou-se com Severino De Bortoli, mas a responsabilidade da *colassion* e do dote ficou com o cunhado Antônio Rubbo, já que ela morava na casa dele.

Em maio de 1942, Ângelo travou uma batalha com a irmã Ana Maria, pois ela havia se apaixonado por José Rubbo e o casal estava decidido a casar-se. O problema é que Ângelo achava que José não era um “bom partido” para Ana, pois descendia de uma família muito pobre, que não possuía bens e nem dinheiro. Depois de longos diálogos, Ângelo cedeu e até se tornou grande amigo de José. Ana Maria recebeu seu dote em forma





de enxoval, só não recebeu a máquina de costura, objeto tradicional no enxoval de uma moça.

Em 3 de outubro de 1942 o casal é presenteado com o oitavo filho Armando.

No ano seguinte, 1943, foi a vez de “*empostar*” a madrasta Ângela Basso e os irmãos menores Vitório, Dionísio e Cristiano Rocco. Ângelo ajudou a madrasta a comprar uma colônia de terras que pertencia a família Paese – Lote nº 2 da Linha Silva Pinto Norte. Claro que Ângela também possuía suas economias. E assim, a nova família foi morar e trabalhar em terras de sua propriedade.

Agora, na casa paterna com Ângelo, Rosa e os filhos só permaneceu a irmã Maria Verônica, que após um namoro breve com João Rubbo, optou, devido a seus problemas de saúde, viver solteira. Maria Verônica também passou por um câncer de mama.

Os sobrinhos que a conheceram, nos disseram que era uma pessoa maravilhosa, sempre pronta a ajudar a todos, inclusive sua cunhada Rosa nos serviços da casa e na criação dos filhos. Era também energética com os sobrinhos, afinal quem segura 11 crianças na linha sem usar umas palavras mais duras? Seu coração era grande e quando seu irmão Ernesto, que morava em Lagoa Vermelha, ficou com os filhos pequenos para cuidar, devido à doença da esposa, Maria Verônica foi morar com ele durante bom tempo. Ao retornar para casa, devido a sua doença, Maria Verônica trouxe consigo o filho do irmão, Mário Darci e ele passou a conviver com os outros primos. Praticamente foi criado pelos tios Maria Verônica e Ângelo.

A família realmente passou por momentos muito difíceis, mas nada abateu a coragem, a união e a fé que eles tinham em seus ideais e em Deus.

Prosseguimos com o nascimento dos filhos de Ângelo e Rosa:

O nono filho a chegar na família foi Danilo, nascido dia 14 de setembro de 1944.



*As irmãs Ângela Colomba  
e Maria Verônica*



O décimo filho foi Antônio, nascido em 22 de Janeiro de 1947.  
O décimo primeiro filho foi Célio, nascido em 30 de janeiro de 1950.  
E o “popo” da família é Décio, nascido a 5 de Junho de 1952. Inclusive Décio foi batizado como Nelson Plácido e esse deveria ter sido seu nome de registro, mas provavelmente um mal entendido fez o escrivão o registrar como Décio. E isso ele foi descobrir quando entrou na escola. Não são raros os casos de troca de nome de filhos por parte dos escrivães.



*Da esq. p/ dir. – de cima p/ baixo: Armando, Delvino, José, Antônio Pedro, Teresa, Ângelo, Rosa e Severino. Danilo, João, Décio e Célio*

Ângelo, retrocedendo um pouco nos anos, em outubro 1943 regularizou a partilha dos bens entre seus irmãos. Cada um recebeu sua parte que lhe era por direito de herança e tudo foi documentado em Cartório. Na página seguinte, a primeira página do documento.

Como percebemos até agora, Ângelo era um homem de liderança. Na comunidade exerceu por diversos anos a função de “Quarteirão” – espécie de capataz da Linha – aquele que mantinha a ordem e a paz. Também foi fabricante na comunidade da Annunciata. Para pagar os impostos de suas terras, os colonos eram obrigados a realizar serviços de manutenção das estradas e o “Quarteirão” era quem fiscalizava os serviços. Cada proprietário de terras levava suas ferramentas para cortar as capoeiras ribeirinhas em sua propriedade. Assim, conseguia quitar seus impostos, caso contrário, ficavam devedores.



1º TRASLADO.

LIVRO Nº 22.

FOLHAS 153 a 157 e V.

Numero 63. Escritura publica de compra e venda de uma area de terras de 316.530 metros quadrados, nos lotes numeros 11, da "Silva Pinto Sul"; vinte e dois e 24, da "Silva Pinto", que fazem como vendedores, Veronica e Ernesto Ferrari, e os casaes de Antonio Rubbo, Angelo Massoco, João Zandoná, José Rubbo e de Severino De Bortoli; e como comprador, Angelo Ferrari.- Antecede esta, a escritura de compra e venda entre Angelo Ferrari e sua mulher, Rosa Parisotto, os menores Victorio, Dionisio e Cristiano Roco Ferrari, como vendedores, e Antonio Rubbo, como comprador.- SAIBAM quantos virem a presente escritura publica de compra e venda, que no ano de 1.943, aos 15 dias do mês de Abril, nesta vila Pinto Bandeira, séde do 3º distrito do municipio de Bento Gonçalves, Estado do Rio Grande do Sul, em cartorio, compareceram:- de uma parte, como outorgantes vendedores, Ernesto Ferrari, Veronica Ferrari, ambos solteiros, maiores; Antonio Rubbo e sua mulher, Rosa Ferrari; Angelo Massoco e sua mulher, Santina Ferrari; João Zandoná, filho de Vicente, e, sua mulher, Angela Ferrari; José Rubbo, filho de Augusto Benjamin, e, sua mulher, Ana Ferrari; e finalmente, Severino De Bortoli e sua mulher, Maria Joséfina Ferrari, que tambem assina Maria Ferrari;- o 1º é professor, em Lageadinho, 8º distrito do municipio de José Bonifacio, neste Estado, subvencionado pela Prefeitura do mesmo municipio, os demais são, êles, agricultores, êlas de serviços domesticos; com excepção daquele, que é domiciliado e residente no lugar, onde exerce sua profissão, acima indicado, são neste Distrito domiciliados e residentes, êle é tambem, neste ato, representado por seu bastante proeurador, Antonio Luzzatto, hoteleiro, casado, residente nesta vila, conforme procuração lavrada por mim, escrivão distrital, no livro proprio, numero 4, folha 69, em 13 de Fevereiro ultimo;- e de outra parte, como outorgado comprador, Angelo Ferrari, agricultor, casado, domiciliado e residente neste Distrito; todos naturais deste Municipio, conhecidos de mim, escrivão e das testemunhas adeante nomeadas e no fim assinadas, do que dou fé.- Perante as mesmas testemunhas, disseram os vendedores, que conforme partilhas

*Escritura do traslado de terras*



Claro que a opinião política era um motivo forte para debates, desavenças e até mesmo brigas entre famílias diferentes e dentro de uma mesma família. Ângelo era do partido do PTB e seu irmão mais velho, João Baptista, era do PDS. Isso não separou os irmãos, mas era sempre causa de um afrontamento de vez em quando. Era comum as pichações em tanques, pedras, árvores e até mesmo nos animais dos concorrentes. Certa vez, um touro foi pichado. A rivalidade política das famílias era tanta, que nada passava despercebido. Para constar: Ângelo Zandoná era o líder do PTB na Linha Silva Pinto.

Paralelo a isso, Ângelo e a família prosseguia sua rotina. As colheitas eram recordes: 120 sacos de trigo. Desse número, 35 era para o consumo próprio, o restante era vendido no comércio de Pinto Bandeira. Tinham também grande criação de porcos e vendiam banha, salame e codeguim no Hotel de propriedade da família Toso, no centro da cidade. Não podemos esquecer o cultivo dos parreirais, onde além de vender a uva, ainda fabricavam o saboroso vinho para consumo próprio, que, com certeza, era totalmente livre de produtos químicos.

Neste contexto, temos que lembrar a importância das mulheres nas famílias. Tinham menos voz que os maridos, mas eram sempre consultadas nas decisões importantes. Também eram responsáveis pela educação dos filhos, cuidados com a casa, com as refeições e com as roupas da família, além de serem braço forte na roça. Na casa de Ângelo, as roupas eram lavadas no lajeado do rio, depois de terem sido usadas durante toda a semana. Imaginem as mulheres de joelhos no lajeado, esfregando as roupas encardidas do trabalho da roça, fazendo calor ou frio... temos mesmo que render homenagens aos nossos antepassados. E, principalmente às mulheres que davam à luz muitos filhos e davam conta de todos os seus afazeres.

Quanto às crianças, bem, eram 10 meninos e 1 menina. Predominavam sempre as brincadeiras de meninos, ou seja, jogo de bola de meia, carrinho de lomba e uma brincadeira um tanto perigosa, mas que mexia com a adrenalina deles: passavam banha numa tábua de madeira e se largavam pelas ribanceiras. O pai Ângelo também os levava para pescar no Rio 25. Levavam a frigideira, a banha e a polenta fria e lá mesmo fritavam os peixes que pescavam. E neste mesmo rio, os meninos fugiam da mãe aos domingos para tomar banho, pelados. Era uma festa!





Todos os filhos do casal freqüentaram a escola Plácido de Castro e aprenderam a ler e escrever. Décio, o último filho, chegou a formar-se Contador no Colégio Nossa Sra. Aparecida, mas nunca exerceu a profissão.

Aos domingos, o casal sempre tinha convidados para o almoço. A mesa sempre era farta e a alegria se fazia presente. Depois, à tarde, Ângelo gostava de jogar cartas, quatrilho, junto com seus companheiros Da Campo, Zandoná, Marchetto e o irmão João Baptista Ferrari.

Rosa, por sua vez, aos domingos ia visitar e recebia visitas das amigas. Quando não saía, ficava em casa cerzindo as roupas de trabalho dos homens da família.

Ângelo e seu irmão João Baptista eram muito ligados e eles foram os dois primeiros que compraram “condução” na Linha Silva Pinto, assim como Simão Massocco. Eles compraram, uma cada um, as famosas camionetes “Trezentonas”. Este fato dava muito prestígio às famílias, pois era um sinal que tinham posses. Na casa de Ângelo, Severino foi o primeiro motorista, seguido por Delvino e assim sucessivamente todos foram aprendendo a dirigir. Vejam a pose de Célio ao lado da Trezentona da família:



*Célio com a  
Trezentona*



Contaremos a seguir, uma aventura muito engraçada, envolvendo Ângelo, seu irmão João Baptista, seus filhos Antônio e Delvino, Baptista Camelo, Zulmiro Maso, Amélio Pavan e Dionísio Ferrari, filho de João Baptista. Bem, eles foram, de Trezentona, pescar no Rio Taquari, no lugar conhecido, e muito, como Mariante. Delvino era o motorista e Ângelo e João Baptista sentaram-se na cabine, os demais foram na carroceria, coberta por lona. Levaram tudo o que precisavam para ficarem acampados. Lá chegando, ficaram vislumbrados com a visão de um rio tão grande... Procuraram um bom local para encostar a camionete e preparar o acampamento, bem perto do rio. Depois de tudo pronto, foram pescar. À noite, Ângelo e João Baptista foram dormir num hotel próximo e os demais permaneceram no acampamento. As camas eram na carroceria. Todos foram dormir, mas no meio da noite Delvino acordou “necessitado”. Ao se levantar e sair da carroceria, ainda meio dormindo, avistou, no claro da lua, uma criatura que mais parecia um corvo, bem na beira do rio. Delvino acordou todos os companheiros, pedindo para ajudá-lo a matar o tal corvo. Era uma caça bem interessante... Mas os companheiros começaram a dar risadas de Delvino. Ele, sem entender nada, recebeu os devidos esclarecimentos: o que ele estava vendo era a chaleira (preta, pois a queimaram na janta) em cima do tripé. Todos riram muito do acontecido.

Os anos foram passando e Ângelo e Rosa, inevitavelmente envelheceram. Ângelo passou a ter problemas cardíacos e Rosa bronquite asmática, mas o casal nunca perdeu sua positividade. Maria Verônica adoeceu mais e começaram a aparecer em seu corpo nódulos que o seu Germano Pavan extraía com uma navalha afiada. Os sobrinhos lembram com tristeza dos gritos de dor de Maria Verônica. Assim, aos 53 anos de idade, ela faleceu no dia 11 de novembro de 1961.

Os filhos foram casando e cada um seguindo seu destino, quase todos fixaram residência em Pinto Bandeira, nos arredores das terras do pai.

O filho mais velho, Severino, desde cedo teve em suas veias, o amor pela política, pelo social e pela democracia. Ainda criança, aos 8 anos de idade, ia à escola, mas às 10 horas retornava para casa levar a “colassion” na roça para o pai e seus ajudantes. Fora da escola, era normal as crianças terem algum serviço para fazerem na roça ou nos galpões. Com 10 anos fez a Primeira Comunhão e passou a morar com o avô José Parisotto e a freqüentar mais assiduamente as aulas. Na casa do avô, também era



responsável pela “colassion” dos que estavam na roça e retornava para a casa dos pais somente em alguns sábados, onde aproveitava para brincar com os irmãos e vizinhos de carrinho de lomba, pular corda, bola de meia com enchimento de palha e mais tarde, o futebol.

Aos 15 anos, já de volta à casa do pai, trabalhava direto na roça. Também, por ser o primeiro filho, ajudava a mãe em tudo: fazer comida, principalmente a polenta, quando sua mãe estava em “*quarentina*” (período pós-parto), lavava roupa, varria a casa...

Aos dezoito anos foi convocado a servir no Quartel, em Bento Gonçalves, e conseguiu freqüentar o ginásio no bairro São Roque, tendo a Sr<sup>a</sup>. Maria Bellini como professora. No seu pelotão, tinha 20 cabos e ele era 3º Sargento. Conheceu o empreiteiro da estrada de ferro, o Sr. Renos Amantino. Iam nos vários lugares passar filme - “cinema” – para os trabalhadores da estrada de ferro e soldados. Severino costumava pilotar as vagonetes para descarregar os dormentes para garantir a continuidade da obra. O ano de 1950 foi um ano marcado por fatos políticos fortes ocorridos no Brasil. Em 3 de outubro, Getúlio Vargas era eleito Presidente da República pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), tendo João Fernandes Campos Café Filho, do Partido Social Progressista (PSP) como vice-presidente. Café Filho era um jornalista de oposição, havia estado no exílio e por isso era dado como comunista. A Igreja fez ferrenha campanha contra os comunistas e pregava que quem fosse católico, não deveria aceitar e, muito menos, votar em Café Filho. Mas em Pinto Bandeira apareceram 18 votos a favor. Padre Nazareno, que estava no comando da Igreja, condenou veementemente este ato e decretou o fechamento da porta principal da Igreja por 18 dias e intitulou os 18 votantes de “ovelhas negras”. Severino foi um deles e acabou apanhando de seu pai Ângelo pela desobediência à Igreja e a ele. Já dissemos que a Igreja exercia grande influência sobre as decisões que o povo deveria tomar, estando certas ou não. Getúlio Vargas visava o bem-estar social e é considerado o melhor Presidente do Brasil da História, inclusive pelos países estrangeiros.

Após o serviço militar, passou a morar fora de casa e em 1º de maio de 1954 casou-se com Maria Tocchetto, filha de Floriano Tocchetto e Josephina Piazza, também nascida em Pinto Bandeira e o novo casal foi morar na sede do Distrito, onde Severino passou a ajudar na construção de casas, enquanto Maria se aperfeiçoava no ofício de costureira. Fez vários cursos de corte e costura e era muito procurada, pela qualidade de seus serviços.





*Severino e Maria*

Depois, Severino passou a ajudar Olímpio Tocchetto na reforma da instalação elétrica do Hospital Tacchini, assim como na implantação da rede elétrica pública de Pinto Bandeira e a instalação em algumas casas de particulares. Depois trabalhou como encarregado geral do Posto da Cooperativa Rio-Grandense, esta sendo a maior do ramo no Estado e quando o mesmo fechou, foi o mentor da fundação da Cooperativa Vinícola Pompéia, assim como o primeiro diretor. Não era possível deixar toda a produção de uvas sem um local para depositá-la quando estivesse pronta. No início, fabricavam vinho a granel e vendiam para a Mônaco e a Rio-Grandense,

depois passaram a vendê-lo em garrações. Quem fazia isso era Severino e alguns vendedores externos. A Cooperativa veio para beneficiar, e muito, os agricultores, pois no sistema cooperativista todos ganham e tem mais forças para lutar pelo valor justo de seu produto. Figura forte em Pinto Bandeira, sempre lutou por aquilo que acreditava e principalmente pela independência e crescimento do Distrito. Ajudou a trazer o progresso para o Distrito, se empenhou e lutou com todas as garras para que a estrada que liga o Distrito a Bento Gonçalves fosse asfaltada, brigou pelo calçamento das principais ruas do Distrito, pela água encanada às residências, pela mudança da produção das uvas comuns para as viníferas e ajudou a instalar a primeira câmara fria financiada pelo Banco do Brasil para incentivar a produção de frutas.



*Inauguração da  
água canalizada –  
Pinto Bandeira –  
14 de março de 1944*



Esteve também sempre envolvido com as negociações do preço mínimo da uva e por diversas vezes, foi incompreendido pelos agricultores, que em determinado ano, teve um boneco com seu nome queimado em frente à Prefeitura Municipal, num grande protesto. O tempo mostrou: o valor pelo qual ele lutou visava o mercado de vinho também. Não adiantava lutar por um alto preço da uva se depois ninguém venderia o vinho. E, exatamente neste ano, o comércio de vinhos foi uma catástrofe. Severino participava de todas as reuniões regionais do vinho, pois precisava estar por dentro e também opinar sobre o futuro do ramo vinícola, afinal, muitos agricultores dependiam dele. Foi presidente e conselheiro da UVIBRA – União Brasileira de Viticultores – e secretário do Sindicato do Vinho por 15 anos e depois, Presidente. Viajou por todos os países do Mercosul, sempre defendendo o vinho brasileiro. Também foi membro da diretoria do CIC (Centro da Indústria e Comércio) por duas vezes, Conselheiro da FIERGS (Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul), Vice-Presidente e Membro Nato da Fenavinho. “A ambição da pessoa humana é ser independente, tanto pessoal, social e politicamente...” (Severino Ferrari). Enquanto Severino traçava seu perfil político e social, Maria era sua âncora em casa e até mesmo na Cooperativa. Aprendeu a fazer bolos decorados, e os fez de graça, para suas amigas em suas festas de casamento. Tiveram 5 filhos: **Maristela**, nascida em 26 de janeiro de 1955, casada com Gilber Bowen e residente no Estado da Flórida – EUA; **Rubens** nascido em 12 de abril de 1956, casado com Reunilce Raimundi e pai de Lílian e Gustavo, residentes atualmente em Pinto Bandeira; **Renato**, nascido em 16 de novembro de 1957, casado com Neusa Tognon e pai de Renata Francine e Lucas Alexandre, residentes no centro de Bento Gonçalves; **Roberto**, nascido no dia 24 de abril de 1960 e casado com Sônia Celi Friedrich e pai de Renata e Carolina, residentes na cidade de Farroupilha e **Fernando**, nascido em 30 de setembro de 1963, casado com Mônica Mattia e residentes em Bento Gonçalves.

O casal Severino e Maria atualmente reside no Distrito de Pinto Bandeira e sempre é agraciado com a presença dos filhos e netos. Mariquinha, como é conhecida, também toca saxofone na Banda Marialves (o nome é uma homenagem a ela, pela iniciativa de retomar a banda e ao maestro Alves Rossatto, regente da mesma).



*Severino,  
Mariquinha e o  
filho Fernando.*

Pedro estudou até a quinta série e muitas vezes, ajudava a professora a ensinar as lições aos colegas, quando a professora Julieta Vanni faltava. Aos domingos se reunia com os amigos para tomar banho de rio e jogavam bola que eles próprios compravam com suas economias. Faziam os carrinhos de lomba e para deixá-los mais “turbinados”, usavam banha. Quando completou 18 anos foi convocado para ir ao batalhão, em Bento Gonçalves, sendo ajudante do tenente, por isso passava muito bem, fazendo sempre as refeições junto com o tenente e sua família.





*Pedro e  
Aurora*

Nos fins de semana de folga, ia para casa namorar a jovem Aurora Coghetto na segunda-feira, ainda de madrugada, acordava e seguia a trilha pelo Buratti até à cidade, rumo ao Quartel. Ao término do serviço militar, retornou para a casa dos pais, onde os ajudou na roça por mais dois anos, até o dia 21 de maio de 1955 quando se casou com Aurora no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia.



O novo casal passou a fixar residência na casa paterna de Pedro, onde trabalhavam com plantação de trigo e milho. Logo após o casamento, Aurora engravidou e o casal esperou ansioso por seu primeiro filho Valdir,



que nasceu no dia 18 de fevereiro de 1956, mas infelizmente, por causas desconhecidas, veio a falecer dez dias depois. O casal, assim como os demais membros da família, sentiram muito esta perda inesperada, mas unidos, prosseguiram em sua caminhada. No ano seguinte, mais precisamente no dia 9 de fevereiro de 1957, Pedro e Aurora mudaram-se para a sede de Pinto Bandeira, onde haviam adquirido um lote e uma casa de madeira que pertenciam ao Sr. *Nêne* Sonaglio. Vinte dias após a mudança, Aurora dá à luz ao segundo filho do casal: **Helena**, nascida dia 27 de fevereiro de 1957 e que hoje é casada com Pedro Sérgio Guisso e tem dois filhos: Leonardo, nascido dia 19 de setembro de 1991 e Lucas, nascido dia 24 de maio de 1997.

Pedro, neste período, trabalhava no moinho onde também era sócio, juntamente com Dino Périco, José Arpini, Jose Marchetto, Ângelo Coghetto entre outros. Não dando certo, dois anos depois, Pedro resolveu trabalhar por conta montando uma serraria, que funcionava com motor a gasolina, onde serrava tábuas para terceiros. Algum tempo depois, começou a fabricar caixas de madeira para uvas.



*Pedro, na sua serraria. Abaixo vista parcial da serraria*





No dia 18 de junho de 1959 nasceu **Hermes**, o terceiro filho do casal, hoje casado com Marli Pozzatti. Hermes e Marli têm dois filhos: Gisela, nascida dia 9 de setembro de 1995 e César Augusto que se juntou à família no dia 13 de agosto de 1998.

A quarta filha de Pedro e Aurora chegou no dia 11 de maio de 1961 e passou a se chamar **Eliane** que se casou com José Rosenk e teve um filho: Ramiro, nascido dia 9 de setembro de 1986.

Pedro dedicou 20 anos de sua vida ao trabalho na serraria e então, ficou muito difícil comprar toras. Com suas economias, havia comprado terras na Linha Silva Pinto, exatamente na comunidade onde havia nascido, e passou a plantar pessegueiros. Vendeu a serraria e com o dinheiro comprou uma casa maior e mais alguns hectares de terra na Linha Silva Pinto.



*Pedro e Aurora no meio da plantação de ameixas*

Em 30 de outubro de 1967, nasceu o quinto filho do casal, **Alexandre** e talvez este tenha sido um dos momentos mais difíceis do casal. Alexandre ficou muito doente, tendo que passar por uma cirurgia muito delicada, mas tudo acabou muito bem. Alexandre se recuperou e cresceu normalmente, casando-se com Nilva Susana Leôncio e tem um filho chamado Giovani, nascido no dia 10 de agosto de 2000. Alexandre sempre foi muito interessado pela agricultura e quando ainda era criança, costumava levar o “*merendin*” (lanche) para seu pai na roça. Hoje continua trabalhando na agricultura, seguindo o que seu pai lhe ensinou.

No dia 14 de janeiro de 1970 nasceu o “*papo*” do casal Pedro e Aurora: é **Márcio** que ainda criança, acompanhava o pai e o irmão na plantação de pessegueiros e na sua ingenuidade infantil ficou indignado com o pai porque ele havia comprado mudas tão pequenas de pessegueiros. Na sua cabeça, ia demorar muito tempo para elas crescerem e darem frutos e para sua surpresa, no ano seguinte elas já estavam produzindo. Hoje, Márcio trabalha no ofício antigo de seu pai: fabrica caixas de madeira para frutas.



*Pedro e Aurora  
na Festa das suas  
Bodas de Ouro.*



*Esq./dir.: Marli, Hermes, Cláudia, Márcio, Eliane, Ramiro, Pedro, Aurora, Pedro Sérgio, Helena, Alexandre, Nilva Susana, Carla Juliana, Leonardo, César Augusto, Gisela, Lucas e Giovani.*

A filha única Teresa casou-se com José Tumelero, no dia 28 de abril de 1956 em Pinto Bandeira e por um ano e meio passou a morar na casa paterna de Teresa, mas tendo sua própria cozinha.



Lá, receberam em seus braços o primogênito Edir, nascido no dia 29 de janeiro de 1957. Depois disso, através do sr. Pedro De Toni foram morar em Alto Feliz, nas terras do sr. Farinon, de Farroupilha, passando a trabalhar na agricultura. Lá permaneceram por 8 anos e a família foi crescendo: a segunda filha a nascer foi Maristela, nascida dia 1º de março de 1958. A terceira filha a chegar à família foi Marlene, nascida dia 25 de fevereiro de 1959. Marinês nasceu dia 1º de maio de 1960 e Izabete no dia 19 de janeiro de 1962. Nestes longos 8 anos de suas vidas, trabalhando de agregados, conseguiram economizar o suficiente para voltar à Bento Gonçalves e comprar suas próprias terras, onde residem até hoje, próximo à Embrapa. Ao retornarem para Bento, José trabalhou por dois anos como vigia noturno na fábrica de móveis Todeschini, enquanto Teresa zelava pela casa e pelos filhos. O casal também iniciou pequenas plantações em seu terreno e no de vizinhos e cuidava de animais: Teresa tinha suas vaquinhas, galinhas, porcos... Apesar de morarem no meio urbano, preservaram a essência da roça, além é claro, de diminuir os gastos com alimentação, já que as plantações eram de subsistência. Então, chegou ao seio da família o último filho: Luis nascido dia 05 de setembro de 1969. Outro fato que mudou a vida do casal foi o convite de Severino, irmão de Teresa, a José: comprar um caminhão.





*José e seu  
caminhão*

José passou a trabalhar como frentista indo a São Paulo a serviço de cantinas da região. Sofreu um acidente onde o caminhão sofreu perda total, mas José não se machucou significativamente. Um tempo depois, comprou outro caminhão, agora sem sociedade e passou a fazer as safras de arroz e soja na fronteira do Estado. Ao se aposentar, comprou mais alguns terrenos vizinhos ao seu e passou a cuidar dos animais, além de apreciar a companhia da esposa, filhos e netos.

Uma grande perda na vida do casal foi o acidente fatal que vitimou a primogênito Edir, em São Paulo. Edir era motorista de caminhão, a exemplo do pai José. A mãe Teresa lembra que o filho era um motorista cuidadoso, dirigia com cautela, mas infelizmente, um motorista imprudente abalroou o caminhão de Edir. A perda de um filho sempre é um choque muito grande na vida de um casal, mas a mãe Teresa sempre aceitou a morte como algo natural, algo inevitável. Então José, durante 10 anos, lutou contra um câncer



*José e Teresa  
no casamento  
do filho Luis*





e em 27 de novembro de 2003, José finaliza sua caminhada nesta vida, deixando saudades no coração de toda a família, amigos e vizinhos. Teresa ficou sozinha, sem o companheiro, mas com o carinho de toda a família que construiu e consolidou com seu companheiro José: a filha **Izabete** casou-se com Antônio Valduga e o casal tem três filhos: Samuel nascido dia 11 de fevereiro de 1985, Eliza nascida dia 6 de julho de 1986 e Samira nascida dia 2 de abril de 1989. **Maristela** casou-se com Itaner Luis Venturela e tem dois filhos: Diego nascido dia 1º de janeiro de 1986 e Ana Paula nascida dia 13 de novembro de 1987. **Marlene** casou-se com Luiz da Rocha e tem uma filha: Luciana. Marlene e Luciana moram com Teresa. **Marinês** casou-se com Airton Lotis e tem uma filha: Thaís Francine nascida dia 26 de junho de 1994. Neste mesmo ano, Airton falece e Marines em 1998 casa-se com Marcelo Sampaio e tem mais dois filhos: Fernando Henrique nascido dia 23 de março de 1999 e Arthur Eduardo nascido dia 21 de julho de 2000. **Luis** casou-se com Marelei Zortéa e o casal tem dois filhos: Franciele nascida dia 14 de abril de 1999 e Gabriel nascido dia 17 de dezembro de 2002.



*Teresa e os (as) netos (as). Esq./dir.: Ana Paula Venturela, Marcelo Sampaio, Taís Tumelero Lotis, Antônio Valduga, Eliza Valduga, Samuel Valduga, Samira Valduga, Artur Sampaio, Luciano Tumelero da Rocha, Diego Venturela, Tereza Ferrari Tumelero e Fernando Sampaio.*



Por longos anos, o filho José, que havia se casado com Ida Salvatti, no dia 23 de janeiro de 1960, trabalhou nas terras junto com o pai, apesar de morar numa outra casa. De dia, Ida ajudava nas lidas da casa dos sogros e à noite o casal dormia em sua casa. José também foi comerciante: revendia uvas em São Paulo em nome da Cooperativa Pompéia. A família de José e Ida cresceu: **Alcir** nasceu no dia 05 de novembro de 1960 e casou-se com Mercedes Tognon em 21 de outubro de 1989. Eles tiveram gêmeas: Verônica (em homenagem à tia Maria Verônica que muitas vezes cuidou de Alcir) e Veronice nascidas no dia 16 de agosto de 1994. **Ivanir (Kuki)** nasceu no dia 22 de fevereiro de 1962 e casou-se com Ivanete De Toni aos 12 de maio de 1990. Seus filhos: Vanessa, nascida dia 18 de agosto de 1992 e João Paulo nascido dia 26 de outubro de 1998. **Gilmar** nasceu dia 19 de abril de 1964 e casou-se com Simone Formallioni aos 23 de outubro de 1993. Tem dois filhos: Aline, nascida dia 30 de novembro de 1994 e Bruno nascido dia 08 de outubro de 1996. Moram na mesma casa dos pais José e Ida. **Marisa**, nascida dia 4 de novembro de 1966, casou-se com Delvino Guizzo no dia 6 de junho de 1987. Tiveram dois filhos: Rudimar, nascido em 20 de março de 1989 e Juliane nascida em 20 de maio de 1991. Delvino faleceu no dia 15 de fevereiro de 1998, vítima de câncer. **Marisete** nascida dia 30 de abril de 1972, casada com Vanderlei Rigon aos 25 de setembro de 1999. O casal tem um filho chamado Lucas, nascido dia 18 de setembro de 2002 e esperavam a visita da cegonha novamente. Já sabem que é menina!



*Esq./dir.: Ivanete, Mercedes, Ida, Vanderlei, Marisete, José Luis, Marisa, Gilmar e Simone.  
Frente: João Paulo, Ivanir, Alcir, Verônica, Veronice, Aline, Bruno, Rudimar e Juliane.*



Elvino Antônio (Delvino) teve sua infância não diferente das dos demais irmãos: trabalhava na roça, não gostava muito de ir à escola, mas foi um bom aluno, gostava de caçar passarinhos e de vez em quando, não obedecia a seus pais, era um menino bem levado. Casou-se com Ana Pavan em 05 de maio de 1962.

Ana foi professora por longos anos, inclusive na escola Plácido de Castro da Linha Silva Pinto. Eles já se conheciam, mas foram oficialmente apresentados numa festa na Comunidade da Anunciata por um primo de Delvino. Juntos, gostavam de ir nos almoços nas Capelas e às vezes, iam assistir jogos de futebol.

Delvino sempre trabalhou em casa, com seus irmãos. Ele e seus pais foram à casa de Ana fazer o pedido oficial de casamento aos pais dela. Após o casamento, o casal morou por um ano na casa paterna, com Ângelo e Rosa, como era o costume da época.

*A bela Ana,  
na Praça de  
Pinto Bandeira*



*Elvino e Ana, no dia de seu casamento*

Após esse período, passaram a morar com o irmão José e a cunhada Ida até comprarem sua própria colônia de terras, próxima a do irmão. Delvino trabalhava na roça e Ana lecionava meio turno e cuidava dos afazeres da casa. Tiveram sete filhos: **Maria Goretti** nascida no dia 6 de julho de 1966, casou-se com Fiorelo Paese no dia 25 de maio de 1985. O casal tem três filhos: Gabriela, nascida no dia 25 de setembro de 1985, Ana Paula,





nascida no dia 12 de maio de 1989 e Ricardo, nascido no dia 19 de agosto de 1993. **Silvana Maria** nascida no dia 17 de maio de 1963, casada com Gelson De Toni. **Salete** nascida dia 21 de outubro de 1967. Casou-se com Ari Pedro Sganzerla em 27 de julho de 1991. Tem dois filhos: Thaise nascida no dia 26 de agosto de 1992 e Lucas nascido no dia 12 de agosto de 1994. **Geremias** nascido no dia 3 de outubro de 1964. Casou-se com Adriane Maria Tonin em 8 de maio de 1993. Tem dois filhos: Jéssica nascida no dia 1º de novembro de 1993 e Gabriel nascido no dia 2 de outubro de 1999. **Fátima** nascida dia 2 de fevereiro de 1973. Faleceu com um mês de vida. **Elias** nascido dia 2 de março de 1970. Casou-se com Silvana Andretta em 23 de Junho de 2001. **Luciano** nascido no dia 19 de março de 1975. Casou-se com Maristela Schulz dia 05 de março de 2005.



*A família reunida no casamento de Luciano e Maristela 05/03/2005. Esq./dir.: Ari, Salete, Silvana, Gelson, Adriana, Geremias, Ana, Luciano, Maristela, Delvino, Maria Goreti, Silvana, Elias e Fiorelo. Os netos Thais, Lucas, Gabriel, Jéssica, Ricardo, Gabriela e Ana Paula.*

João, o sétimo filho estudou até a 2ª série, mas ao invés de ir à escola, se embrenhava mata adentro para cassar passarinhos com seu irmão Armando. Um belo dia, ele ficou em casa com sua mãe Rosa que resolveu fazer uma surpresa para a família, fazendo os “grostoli”. Pediu que João mantivesse segredo, mas quando seus irmãos estavam chegando em casa da roça, no final do dia, ele não se conteve e saiu gritando:





– Não vou contar que a mãe fez os grostoli!!!

Já na juventude, João procurou sua carametade e a encontrou na festa de outubro de 1962 (Festa de Nsa. Sra. do Rosário de Pompéia): era Onilda Pavan que tomou a iniciativa de ir conversar com ele pela primeira vez.

*João Ferrari, no auge dos seus 20 anos.  
Era considerado um dos “galãs” de Pinto  
Bandeira.*



Neste mesmo dia, João deu um beijo roubado no rosto de Onilda e partir daí, iniciaram o namoro. Dolores Pavan, irmã de Onilda, lembra que João ia sempre até sua casa namorar Onilda de mula, e que, de tanto amarrá-la na mesma laranjeira, conseguiu secá-la. Casaram-se no Santuário de Pinto Bandeira no dia 16 de julho de 1966 e ofereceram uma pequena festa para as duas famílias.

Após o casamento, foram morar em Bento Gonçalves, próximo à casa da irmã de João, Teresa, próximo à Embrapa, pois em Pinto Bandeira eles tinham terras para trabalhar, mas não havia casa para eles morarem. Lá permaceram por 9 meses. João passou a trabalhar na Metalúrgica Farina como Serviços Gerais e Onilda cuidava da casa.

Mudaram-se então para o bairro Vila Nova, onde trabalhavam de agregados e tinham casa para morar. Cultivavam parreirais. Após um tempo, passou também a trabalhar numa fábrica de móveis. Neste período, a maior dificuldade foi não ter sua casa própria e ter poucos móveis. Mas a alegria superou as dificuldades e o casal recebeu com alegria a notícia de Onilda estar esperando um bebê. No dia 24 de abril de 1967 nasceu Vânia Maria. Quase três anos depois, Onilda engravida novamente e João nutria grandes esperanças de que fosse um menino, mas nasceu Valéria no dia 9 de janeiro de 1970. Não que isso diminuísse o amor que sentia pelas suas duas “tosetes” (mocinhas).

Valéria lembra que seu pai sempre manifestou seu carinho para as duas. O sonho de ter um menino foi deixado de lado.



*Batizado de Valéria, dia  
25 de janeiro de 1970.  
Os padrinhos: Clorindo  
Pavan e Olívia Durante  
Pavan e os pais João e  
Onilda Pavan Ferrari*



*Vânia Maria e Valéria Ferrari  
(5 anos e 2 anos)*

Vânia Maria casou-se com Antônio Conci no dia 15 de janeiro de 1994 e deram uma alegria que estava adormecida no coração de João: um neto, Guilherme que nasceu em 5 de maio de 1996. Era o filho que João tanto desejou, na figura de seu neto. Vânia e Antônio moram no Distrito de São Valentim.

Valéria casou-se com Moacir Miguel Orso no dia 16 de fevereiro de 2002 e ainda não tiveram filhos.

Mas, com grande tristeza, a família perde seu genitor no dia 5 de agosto de 2003, vítima de uma trombose intestinal que ocasionou várias outras complicações que o levaram à morte. Onilda perde aquele que foi seu companheiro por 37 anos de vida e as filhas, o pai que sempre idolatraram. Para amenizar a dor, Valéria e o esposo Moacir voltaram a morar com a mãe Onilda, no bairro Vila Nova.

Armando conheceu sua futura esposa Maximilia Pavan nas festas tradicionais de igreja que ocorriam em Pinto Bandeira e com ela se casou no dia 16 de maio de 1964, em Pinto Bandeira. O casal adquiriu seu terreno e casa no bairro São Francisco e lá edificou sua família. Conceberam 4 filhos: **Daniel** nascido no dia 22 de maio de 1965, hoje casado com Eliane Marcolin e pai de Daniel Henrique, nascido no dia 18 de março de 1997. **Adriana Maria** nascida no dia 7 de setembro de 1966 formou família com José N. da Siqueira e tem dois filhos: Vinícius nascido no dia 7 de maio de 1988 e Letícia nascida no dia 1º de maio de 1994. **Amauri** nasceu no dia 29





de outubro de 1968 e casou-se com Luciane Marini. O casal recebeu recentemente um presente: é Enzo Augusto nascido no dia 18 de março de 2005. **César** nasceu no dia 11 de junho de 1972. É casado com Solange Signor e têm dois filhos: Lucas nascido no dia 15 de novembro de 1996 e Mariana nascida no dia 10 de junho de 2001.



*Primeira Comunhão  
Pe. Nazareno, João  
(de pé) e Armando*



*Esq./dir.: Adriana,  
Armando, Daniel,  
Eliane, Maximilia, vó  
Rosa, Amauri e César*



*Danilo e Leonice*

Danilo casou-se com Leonice Josefina Menin no dia 23 de maio de 1970.

O casal fixou residência em Bento Gonçalves, no bairro São Bento, e Danilo foi trabalhar na Vinícola Dreher. Permaneceu empregado lá até que a mesma fechou. Depois, passou para a Vinícola Aurora até se aposentar. Hoje, Danilo e Leonice moram no Litoral. Cláudia Adriele é a filha única do casal. Ela nasceu no dia 21 de junho de 1972 e trouxe muita alegria ao casal. Danilo e Leonice também fizeram de sua casa uma “pensão”, isto é, Hadair, Alcir e Ivanir Ferrari, garotos ainda, para completar o 2º grau, hospedaram-se na casa do casal e até hoje guardam

boas recordações e muito respeito por Danilo e Leonice.

Antônio Ferrari (Tonho) brincou de *funda* até seus 16 anos de idade. Foi para a aula na Escola Plácido de Castro e alfabetizou-se. Após as aulas, costumava ir para casa correndo para levar o almoço para os pais e irmãos que trabalhavam perto das terras do Sr. Almir Pavan. Antônio lembra-se de seu pai como um homem muito correto e bastante rígido na educação dos filhos. Na juventude, jogava futebol no time “Bonanza” (time da Linha 40) que costumava jogar em diversas localidades. Antônio serviu o quartel e nesta época iniciou um namorico com uma moça de Santa Teresa que pouco durou.



Também costumava freqüentar os bailes da Linha 28, mas foi no casamento de Maria Parisotto e Valdenir Moroni que conheceu sua futura esposa Teresinha Da Campo. Foi no dia 18 de novembro de 1968. O pedido de casamento foi feito ao pai da noiva e Teresinha lembra que Antônio estava muito nervoso neste dia.



*Antônio com a “Trezentona” da família. Algumas vezes, ia namorar a pé e outras com a famosa camionete.*



*Antônio e Teresinha no dia de seu casamento*

Marcaram o casamento para o dia 18 de Julho de 1970, dois meses após o casamento de Danilo e Leonice, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia e foi o padre Bernardo quem ministrou a cerimônia e recepcionaram os convidados no antigo bar do Sr. Mário Afonso.

Moraram na casa paterna de Antônio até o ano de 1977. Terezinha lembra que levou muitas vezes o café na cama para os sogros e quando ela deu à luz seus filhos, a sua sogra Rosa foi quem levou café na cama para ela. Rosa era muito cordial com as noras. O casal também comprou terras próximas a dos seus irmãos, aliás o Lote nº 24 da Linha Silva Pinto, e muitas vezes Teresinha ajudou a cuidar do sogro e da sogra em suas enfermidades. Antônio lembra que seu pai, mesmo tendo sérios problemas cardíacos, costumava acompanhar todo o processo de plantio das roças. Ia a pé, todos os dias, até o rio 25, onde Célio e Antônio trabalhavam. O casal tem dois filhos: **Sonia Beatriz** nascida no dia 3 de abril de 1971 e **Marco Antônio** nascido no dia 12 de Junho de 1973. Com a mudança de casa, os netos passaram a sentir falta da presença carinhosa da vó Rosa e quase todos os dias iam visitá-la. A vó coruja, quando via os netos, preparava pipocas numa velha frigideira com banha e sal. Era mágica a expectativa de ir até a casa da vó e ela fazer algo de gostoso para nós, lembra a neta Sônia.



Se as visitas se espessavam e os netos ficassem dias sem ir vê-la, Rosa logo pedia à nora Teresinha o que estava acontecendo. Rosa tinha grande carinho pelos netos, tanto que não deixava as crianças comerem laranjas do céu (existia uma planta pertinho da casa dela) quando ainda estavam verdes, porque alegava que ia dar dor de barriga. Sônia lembra que mesmo sendo repreendidos, quando a vó dava às costas, ela e seu irmão corriam comer laranja verde. E agora, Antônio é quem os repreende, dizendo que laranja verde faz mal. Igualzinho à sua mãe!



*Primeira Eucaristia de Célio (esquerda) e Décio (direita)*

Célio Ferrari é o 11º filho de Rosa P. Ferrari e Ângelo Ferrari. Menino magro e moreno, o mais moreno da família, parecido com o vô Pietro (nono Pipó). Menino bonito, inteligente e trabalhador. Estudou até a 5º série do 1º grau, queria continuar os estudos, mas não teve oportunidade, pois na época Pinto Bandeira ainda não possuía o antigo Ginásio. Na sala de aula, realizava as tarefas com rapidez e eficácia, ensinava os demais alunos ajudando a professora.

A maior parte dos dias, por necessidade, saía da escola antes do horário para levar o almoço (*el manbar del mésodi*) para o pai e os irmãos lá no rio 25 (lotes 22 e 24) onde Giovanni Battista Ferrari e Ângela Furlan se instalaram quando chegaram da Itália e onde nasceu o filho Pietro. Num desses dias, Célio, às pressas, descendo o morro “*col el magnar*” (comida), tropeçou e a “*pinhata di bigoli*” (panela de massa) foi parar no chão no meio das folhas. Como em casa não havia mais massa nem outra comida para levar para a roça, não adiantava voltar, juntou a massa, retirou as folhas maiores e todos comeram assim mesmo.

Nas horas de folga ajudava a mãe nos afazeres da casa e tirava leite das vacas (tarefa ainda hoje realizada). Aos domingos, os que tinham “mula”, os pais e irmãos mais velhos, iam à missa em Pinto Bandeira. Os menores, às vezes, ganhavam carona na mula. Quando ficavam em casa junto com a mãe rezavam o terço ajoelhados e só depois iam se divertir. As diversões eram: ir no mato à procura de frutas silvestres (jabuticaba, pitanga e araçá);



pescar; caçar com a “fonda” (bodoque); assar pinhão nas brasas; chutar bola feita de meia ou de bexiga de porco.

Lembra-se que levava as vacas no pasto com um “paco” de palha embaixo do braço para fazer “dressa” (trança) e com o dinheiro comprava cadernos e roupas.

Nos primeiros tempos escrevia na lousa com pena. Escrevia também no papel que vinha do armazém embrulhando as mercadorias.

Na juventude, Célio começou a sair de casa aos domingos, nessa época o pai já possuía a camionete, portanto ia à missa de carona. Num desses domingos voltando da missa na carroceria da “trezentona”, viu uma menina tímida e envergonhada na beira do caminho, abanou para ela e gritou:

– Hoje à tarde quero dançar contigo.

Inês Pietrobbon acenou só na frente do peito com a mão trêmula de emoção e toda encolhida, pois logo atrás dela estava a tia Verônica Tumelero (com quem morava na época) que poderia ver e pensar que ela estava se “assanhando”. Ainda era muito nova, tinha apenas 15 anos, quando deu início ao namoro sólido e duradouro com Célio.



*Célio e Inês passeando na praça de Pinto Bandeira após 1 ano e vários meses de namoro (1ª vez que Célio pegou na mão de Inês de traição), pois viu que o Irmão Décio queria fotografar os dois.*





Inês é filha de Virgínio Alderico Pietrobon e Dona Amália (falecida em 7/5/2004). É a primogênita, tendo como irmãos, por ordem decrescente Valdir, Ilda Maria, Rita, Remi, Ivo e Geraldo. O avô de Inês Frederico Pietrobon veio da cidade de Trento, na Itália, com 14 anos e instalou-se nas terras pertencentes à Linha Brasil, perto de um riacho e de um “*perau*”. O avô foi apelidado de “Vecchio Paredão”, por causa da localização da casa.

Inês, de família muito pobre, passou por dificuldades na infância e adolescência, mas mesmo assim saiu de casa para estudar (mesmo contra os costumes da época) e, com força e perseverança, formou-se como professora de Magistério.

Célio e Inês noivaram e casaram em 28 de fevereiro de 1976, numa cerimônia realizada pelo padre Afonso, na Matriz de Pinto Bandeira. No dia 28/2/2006 completam 30 anos de matrimônio (Bodas de Pérola).



*Casamento  
de Célio e Inês*

Célio sempre foi muito apegado à família, principalmente aos pais. O filho mais novo Décio saiu de casa para dar continuidade aos estudos e Célio, o penúltimo da família continuou morando com os pais também após o casamento e deu assistência até a sua morte.

Célio sempre morou na mesma casa, situada na Linha Silva Pinto Sul – Pinto Bandeira – BG, Lote nº 11, onde morou o avô Pietro, o pai Ângelo e todos os familiares e sempre trabalhou na agricultura.

Célio e Inês lembram e guardam carinho de Rosa e Ângelo. Ângelo, sempre muito humano, sensível e preocupado com o bem estar de toda a família, principalmente do bebê Cassiano. Era muito organizado, valorizava





a mulher e tinha personalidade forte. Inês se lembra da última vez que falou com ele no hospital e ele disse:

- Leva para casa as frutas e os biscoitos que tu trouxeste para o Cassiano, que eu não as comerei mais.

Dias depois ele faleceu na UTI do Tacchini acompanhado dos filhos.

Rosa tratava os filhos, filha, genro e noras de igual modo. Não os criticava e aceitava as qualidades e defeitos de cada um, era bondosa, generosa, trabalhadora e econômica. Gostava de se vestir bem e se valorizava. Era boa cozinheira. Inês lembra das sopas que ela preparava e do pão de forno que ela fazia.

Rosa tinha um ditado: *“Mal no fargue-ne e paúra no vergue-ne”* (não fazer o mal a ninguém e medo não ter).

Para completar a felicidade do novo casal veio ao mundo o filho Cassiano Ricardo em 6/11/1977, um menino saudável, esperto e sempre sorridente. Quando o avô Ângelo faleceu faltavam 2 dias para Cassiano completar 1 aninho.

Dois anos e seis meses depois o casal foi premiado com uma menina que recebeu o nome de Cristiane Regina, nascida em 1980. É a neta mais nova de Rosa e Ângelo (que não a conheceu) e passou por momentos difíceis com problemas de saúde na infância.



*Cassiano e Cristiane (dez/1980)*

Seguindo a caminhada, a família passou por momentos de muita angústia e preocupação com a enfermidade de Rosa, que foi acometida pelo Mal de Parkinson, que um ano depois foi controlada com fortes medicamentos, mas em fevereiro de 1991 submeteu-se a duas cirurgias ao mesmo tempo, 1 hérnia enorme que tinha no umbigo há anos e outra mais abaixo, recém formada. Em maio deste mesmo ano, começaram as dores abdominais novamente, submetendo-a a uma nova cirurgia no intestino a qual acabou não resistindo e veio a falecer na UTI, acompanhada pelos familiares.



Rosa cuidou muito bem dos netos que moravam com ela. Cris, que muito se parece com ela, era o “xodó” da avó Rosa. Nos últimos tempos, como Inês trabalhava fora de casa, os netos Cristiane e Cassiano cuidavam da “nona”, além de todos os filhos sempre dedicarem cuidados especiais à mãe, especialmente Antônio e Teresinha que moravam mais perto.

Inês trabalhou por longos anos na Escola Municipal Plácido Castro (próximo à casa) e ao mesmo tempo na Escola Estadual Professor José Pansera em Pinto Bandeira. Mas, por motivos de doença da sogra e de sobrecarga de trabalho se exonerou do município e ficou só lecionando no Estado. Hoje aposentada como professora, é agricultora e junto com o marido Célio tomam conta da propriedade. Os filhos saíram cedo de casa para estudar.

Cassiano formou-se em Técnico de Processamento de Dados, serviu o quartel e trabalhou 1 ano na Metalúrgica Ferrari. Após isso, foi trabalhar na BG Ferramentas. Tendo em vista seu interesse e criatividade em mecânica desde criança, ele começou a trabalhar na assistência técnica, e hoje é gerente administrativo da BG Tec de propriedade de Décio Ferrari. Casou-se com Jordane Bettoni, no dia 28/12/02.

Cristiane sempre trabalhou na BG Ferramentas como auxiliar Administrativo. Formou-se Bióloga pela Unisinos em 2004 e hoje também é professora.



*Casamento de  
Cassiano e  
Jordane, com os  
pais Inês e Célio  
e os padrinhos  
Cristiane e Telmo*



Décio casou-se com Adélia Gilmará Caprara no dia 4 de Janeiro de 1975. O “*popo*” da casa, saiu do aconchego do lar muito cedo, aos 11 anos e foi estudar como interno no Colégio de Padres. Um ano permaneceu em Pinto Bandeira e 3 anos na localidade de Forqueta, em Caxias do Sul. Depois encerrou seus estudos no Colégio Aparecida em Bento Gonçalves. Segundo Décio, seu pai era uma pessoa muito justa e correta e passou isso a todos seus filhos. Quanto à mãe, a bondade era o seu destaque. E um completava o outro. Décio sempre foi um negociante nato: iniciou sua carreira vendendo ferramentas. Era vendedor ambulante e tinha clientes em diversas cidades. Hoje é dono de uma grande loja de ferramentas de Bento Gonçalves: a BG Ferramentas que ostenta o 3º lugar no ranking do comércio da cidade. Também é importante personagem dentro do desenvolvimento lojista: foi Presidente do Sindilojas e desenvolveu um projeto inovador e jamais repetido: conseguir juntar Sindilojas, CIC (Centro da Indústria e Comércio), CDL (Centro de Diretores Lojistas), Sindicato dos Comerciantes e Prefeitura Municipal no programa Pró-Comércio que visava o desenvolvimento dos lojistas, dos comerciantes e a melhora do visual das lojas. Nos anos de 2003 e 2004 presidiu o Hospital Tacchini, onde destacou-se, recebendo, em nome do Hospital, vários prêmios: em 2003: Prêmio Qualidade RS – Troféu Prata (Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade); Certificado ISO 9001:2000 – Laboratório de Análises Clínicas e Centro de Diagnóstico por Imagem e a Medalha de Bronze e Certificado de Responsabilidade Social RS 2003, homenagem prestada pela Assembléia Legislativa do RS. Em 2004: Certificação Acreditação Hospitalar nível I outorgada pela Organização Nacional de Acreditação, tornando o Hospital Tacchini a 4ª Instituição no Estado e a 34ª no País a receber esta distinção em qualidade. Certificado ISO 9001:2000 e CACON – Centro de Oncologia (Ministério da Saúde). Também nestes dois anos o Hospital Tacchini teve como destaque as seguintes atividades: busca contínua de parcerias e melhorias; escola de enfermagem, com sua ampliação; diálogo permanente com a comunidade; assistência social à comunidade; Tacchini vai ao encontro da comunidade; palestras preventivas; integração com a comunidade; assistência domiciliar; departamento de voluntariado; participação em ações sociais, responsabilidade ambiental, comemoração dos 80 anos do Hospital Tacchini; troca da logomarca para Tacchini – Sistema Integrado de Saúde e Saúde e Integração no trabalho.



Um marco importante na sua gestão no Tacchini também foi a compra do Hospital São Roque de Carlos Barbosa como estratégia de fortalecer o Tacchimed. Décio, a exemplo do pai e do irmão Severino, sempre esteve preocupado com o social. O casal teve dois filhos: **Sefane** nascida no dia 10 de dezembro de 1975, hoje formada em Psicologia, residente em Rio Grande e **Rafael** nascido no dia 22 de setembro de 1979, formado em Administração com especialização em Comércio Exterior.



*Sefane, Rafael,  
Adélia e Décio*

A família que iniciou com Ângelo e Rosa multiplicou-se. E eles tiveram a graça de ver seus filhos casando, formando novas famílias e tendo seus próprios filhos.

Mas os problemas cardíacos de Ângelo foram piorando e os últimos três anos de sua existência foram os mais difíceis: suas forças foram esvaindo e sua respiração cada vez mais pesada. Ângelo faleceu no dia 4 de novembro de 1978, aos 71 anos de idade.





Rosa permaneceu firme, mas entristeceu-se com a perda de seu companheiro de tantos anos. Eles haviam completado 49 anos de casados.

A família fez uma grande festa na Comunidade da Linha 40, São Gabriel, para comemorar os 80 anos de idade da querida mãe, sogra, avó e bisavó Rosa. Neste dia, no ano de 1987, ela estava especialmente feliz, com todos ao seu redor.



*Os filhos...*



*as noras...*





*e os netos!*

Rosa se despede da família no dia 23 de maio de 1991, aos 84 anos.



*Vó Rosa*







## *Santo Ferrari* *e* *Cecília Poloni*



Dia 17 de novembro de 1910.

Pedro e Teresa receberam no seio da sua família, o sétimo filho: nasceu ***Santo Ferrari***.

Ele é o quarto filho homem do casal.

Da sua infância não temos muitos relatos, mas sabemos que Santo estudou na Escola Particular do Professor José Pansera. Aprendeu a ler e escrever. Enquanto isso, o mundo vivenciava a Primeira Guerra Mundial.

Aos 10 anos de idade, Santo perdeu sua mãe Theresa de apenas 39 anos e aos 12 anos ganhou uma madrasta: Angela Basso passa a fazer parte da família e ele ganha mais três irmãos, além dos outros 10 irmãos: Vitório, Dionísio e Cristiano.

Em 1931, foi a vez de Santo perder seu pai Pedro – o “*Pierin di Pìpo*” com apenas 52 anos de idade.



Era 1929. A Europa estava vivendo um momento difícil. Na Alemanha, Hitler - o maior ditador da História planejava seu reinado de horror. Tudo se encaminhava para a Segunda Guerra Mundial. Todos os países estavam mergulhados numa grande crise econômica. No Brasil, esta crise mundial fez com que nossa moeda desvalorizasse, diminuindo sensivelmente seu poder de compra. Washington Luis, que era nosso Presidente da República em 1930, foi derrubado, e em seu lugar subiu Getúlio Vargas, apoiado pelos militares. Aqui, nossos imigrantes também foram atingidos, mas iam construindo suas vidas como melhor podiam. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ainda estava viva na memória de todos. Foram 8 milhões e 700 mil perdas humanas civis e militares em 4 anos de Guerra.

Santo aos 23 anos de idade, se alistou no Batalhão Ferroviário de Bento Gonçalves e foi incorporado no ano de 1933, sendo considerado reservista da 1ª categoria.

Hoje o nosso Batalhão é das Comunicações, mas no ano de 1933 era Ferroviário. O Governo designava os soldados para a construção, manutenção e limpeza das nossas ferrovias. Como o quartel de Bento Gonçalves tinha várias guarnições espalhadas em diversos municípios do estado, Santo foi designado para a guarnição de Jaguari. Também esteve em Santiago do Boqueirão.

A 2ª Guerra Mundial estava próxima e Hitler já estava no poder, criando o Partido Nacional Socialista.

As fotos a seguir mostram a precariedade em que os soldados viviam e o duro trabalho de abrir clareiras na mata e implodir as rochas que teimavam em estar no meio do trajeto. Nas duas fotos, Santo está presente.

**MINISTÉRIO DA GUERRA**  
 R. M. 1.328/33  
 (Grupo de Ferrovias do Nordeste)  
**CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 1ª CATEGORIA**

Nº 15100

Certifico que o cidadão Santos Ferrari nascido em Bento Gonçalves de 1910 ... alistado no ano de 1933 no polo municipal de Bento Gonçalves ... incorporado no ano de 1933 ... é considerado reservista de 1ª categoria.

**A) Identificação**

Filho de Pedro Ferrari e Rosa Sartori  
 Natural Brasil Estado Rio Grande do Sul Município Bento Gonçalves de Cidade  
 Data de nascimento 1910  
 Vacinado 14/11/33 LT - 1933 - Grupo 1 - 1933  
 Profissão carreiro  
 Outros dados casado

**B) Mobilização**

Destino de mobilização 1ª Companhia de Ferrovias  
 Vai residir em Bento Gonçalves

**C) Mobilização**

Cidade (local) Bento Gonçalves  
 em 1933 de 1933

**OBSERVAÇÕES:**

A) Este certificado poderá ser substituído pelo correspondente.  
 B) Em caso de mobilização o reservista deverá apresentar-se à autoridade local (distrito), se não houver guarnição militar, além de obter meio de transporte até o lugar do Centro de Mobilização que lhe foi atribuído.

**Ministério da Guerra**



*O soldado  
Santo Ferrari*



Durante a 2ª Guerra Mundial, os reservistas tinham que se apresentar continuamente em sua guarnição. No documento de reservista consta o ano de 1946 como sua última apresentação.

Santo dá baixa no quartel em 1934 e volta à casa paterna, já situado dentro da realidade brasileira e mundial. Vai à luta e aprende como extrair *grúpula* (borra do vinho) de dentro das pipas, onde usava um lampião à base de carbureto – gás de iluminação, contendo carbonetos de hidrogênio e utilizava as ferramentas que já eram suas. Era um profissional que colocava seus serviços ao dispor de toda a região, mas principalmente trabalhava em Nova Pompéia.

Em 1934, Nova Pompéia passa a ser o 3º Distrito de Bento Gonçalves. Seu crescimento é visível e Santo estava de olho no progresso.

Ele era um jovem com espírito nato de comerciante, inteligente e aberto para as mudanças do Mundo. E o comércio seria sua filosofia de vida até o fim.

Em 1º de maio de 1935 casou-se com **Cecília Poloni**, filha de Antônio Poloni e Joana Garbujo. Ele com 24 anos e ela de 20 anos. Eram vizinhos e se conheciam desde a infância.

A cerimônia religiosa foi realizada no Santuário Mariano de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Amigos e parentes foram recepcionados na casa do noivo, onde, depois da festança, passou a ser a nova moradia do casal, junto com os demais irmãos e a madrastra Ângela Basso.

Já no primeiro ano de casada, Cecília engravidou, contudo sofreu um aborto espontâneo.

Santo, procurando sua independência econômica, pede ajuda a seus irmãos e numa boa negociação compra uma colônia de terras em São Marcos. Era o Lote nº 116 da Linha Palmeiro que pertencia a Vincenzo (*Chencho*) Piccoli. Vincenzo e a família resolveu vender as terras e migrar para as novas colônias de Erechim. Era a esperança de um futuro muito melhor. Vendeu a um preço bem abaixo do que a colônia valia. Com o dinheiro ganho, mal conseguiu pagar as passagens para Erechim. Deixaram para trás as “velhas terras” e rumaram para as “terras novas”.

Santo e Cecília, morando em sua própria colônia, e tendo como vizinho mais próximo seu cunhado e irmão José Poloni, começam a realizar seus sonhos de uma vida próspera. Sendo assim, em 21 de julho de 1937, Cecília dá à luz a primeira filha Lourdes, que nasceu pequena e franzina,



devido ao aborto anterior de Cecília que não foi tratado por nenhum médico.

Santo era um homem inquieto e muito à frente do seu tempo. Em São Marcos, a agricultura foi o primeiro meio de sustento, mas logo voltou seu olhar para outras atividades. Cecília, preocupada com a família, não o compreendia e muitas vezes, contrariou Santo em suas negociações.

Em contrapartida, o mundo vivencia o início da Segunda Guerra Mundial, onde Hitler espalhou seu horror por toda a Europa. Aqui no Brasil, as pessoas foram proibidas de falar o italiano e o alemão e a pena para quem fosse pego descumprindo a lei era a prisão, que funcionava nos porões da atual Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves e de Farroupilha também.

Outro reflexo da Guerra eram os soldados revistando as propriedades em busca de cavalos para reforçar a montaria. Santo, ao saber que eles estavam por perto, escondeu seu cavalo – o único da família - no mato, a fim de salvá-lo da Polícia que trabalhava em conjunto com o Exército.

Com tanta coisa acontecendo, Santo e Cecília são agraciados com a segunda filha: Celina. Ela nasceu em 11 de dezembro de 1938. E depois foi a vez do primogênito homem nascer: Pedro Antônio veio ao mundo no dia 11 de maio de 1942.

Santo, no ano de 1945 iniciou o plantio de linho. O terreno era plano e a terra boa fazia o linho nascer e crescer viçoso. A filha Lourdes lembra que, quando estava amarelinho, as crianças também ajudavam a colher: arrancavam, batiam a terra das raízes e amarravam em fardos. O linho era vendido na cidade para o Sr. Ênio Beltrami. Também semeavam cevada e aveia que eram vendidos para o Sr. Nilo Ruaro. Passou a comercializar também erva-mate: alugava um caminhão e passava de casa em casa comprando a erva e revendia em Estrela.

Neste mesmo ano – 1945 - terminou a Segunda Guerra Mundial. Todos se dirigem à igreja para rezar e agradecer a Deus.

O tempo foi passando, as dificuldades aumentando e a família crescendo: Santo expande seus negócios e passa a revender vimes para a fábrica de garrações de Amélio Cauduro. Os negócios iam muito bem. As famílias Brustolin, Bellaver, Giacomelli e Piaia trabalhavam para Santo.

Entre os anos de 1945 e 1965, Santo passou a negociar folhas de “Loro”, tempero muito apreciado e usado no preparo do prato brasileiro mais apreciado: a feijoada. Deixava as folhas secarem na sombra, depois as ensacava e vendia para o Moinho Corsetti, em Caxias do Sul.





Santo gostava muito de fazer compras. Deslocava-se de São Marcos à cidade de Bento Gonçalves a cavalo para fazer compras na grande loja de secos e molhados do Sr. Pedro Koff. Comprava tecido para Cecília fazer as roupas para a família, além de café, açúcar, sal e azeite.

Comprava também revistas para ler e para que os filhos adquirissem o gosto pela leitura. Posteriormente, passou a assinar o Jornal Correio Riograndense. Era um homem voltado para os acontecimentos do mundo e ensinou seus filhos a ler, em casa. Pedro conta que pouco foi à escola, mas que aprendeu a ler com o pai. Aliás, quanto à escola, Pedro lembrou que acordava às 4 horas da manhã para ajudar a descascar as vimes, depois, tomava seu café e ia à escola – isso quando era possível, senão permaneci até noite nesta tarefa.

As vimes eram cultivadas de dezembro a janeiro e neste período Cecília e os filhos trabalhavam duramente com isso, Santo ia pra roça capinar milho. Só que o trabalho dele rendia pouco e Cecília dizia aos filhos que Santo ia pra roça matar a “*rampeguina col cul*”, isto é, permanecia mais tempo sentado do que capinando. Este é um fato engraçado das lembranças de Pedro. E quando terminavam o serviço com as vimes, os filhos e Cecília iam à roça e encontravam o milho amarelado de tanto erva daninha que tinha!

Santo também gostava de pescar à noite num rio que passava perto de Caravaggio e numa certa ocasião, Pedro foi junto. Ele tinha mais ou menos uns oito anos e nunca havia pescado à noite. Estava muito escuro e Santo não levou o *feral* – lanterna – com eles para iluminar a estrada. Chegando lá, sentaram-se à beira do rio e pescaram bastante peixe, mas Pedro assustou-se quando o pai pisou em falso numa pedra e caiu. Não sabendo direito o que havia acontecido, Pedro ficou preocupado, mas Santo nada sofreu. Por um bom tempo Pedro não saiu para pescar à noite.

Lourdes, a primeira filha, estava estudando no Colégio das Irmãs, perto do Santuário de Caravaggio. Permanecia lá de segunda a sexta-feira e no sábado voltava para casa, a fim de estar com sua família. Uma história que marcou muito a sua vida, por ter acontecido justamente nesta época, envolveu a atual imagem de Nossa Senhora de Caravaggio, aquela que todos veneram e encostam a mão quando visitam o seu Santuário. Assim aconteceu: Lourdes estava na escola, como semi-internato, então havia alguns períodos livres. A imagem da Santa estava na sacristia e alguém deixou a janela aberta. No pátio havia pombas e uma delas fez cocô na cabeça da imagem. Então, pediram a



Lourdes para limpar. Mas ela não passava de uma criança! Com um pano e um produto, passou a esfregar a Santa. Adivinhem o que ocorreu? A pintura toda saiu! Meu Deus, foi um Deus nos acuda! Santo e Cecília foram chamados e o padre obrigou a família a levar a Santa para a fábrica de imagens do Zambelli, em Caxias do Sul, para que a pintura fosse refeita. Santo foi com a carroça do Sr. Zucco, seu vizinho. Lourdes ficou profundamente abalada, pois o padre a xingou muito. E os custos? Por conta da família. Foram necessários muitos sacos de trigo para pagar os danos. Lourdes, depois disso, não quis mais permanecer no semi-internato das irmãs e voltou para casa, onde continuou seus estudos no Grupo Escolar São Marcos.

Por volta dos anos 1956 – 1959, o negócio com as vimes entrou em crise, devido à entrada do plástico no mercado. Os garrafões passaram a ser revestidos por plástico e não mais pela artesanal vime. Santo tinha um estoque muito grande em sua casa, pois comprava vimes de toda a redondeza. O prejuízo foi grande. Em pequena escala vendeu o estoque, mas ficou descapitalizado.

Tentando a sorte em outro ramo de negócio, passou a comprar e encaixotar uvas e vender no Mercado Público em Porto Alegre. Iam com o caminhão “*Studebaker*” do seu Alcides Giacomel. Santo comprava, mas eram os filhos que faziam o trabalho de encaixotar a uva. Segundo Pedro, trabalhavam como “loucos”.

Santo sempre foi ligado ao cooperativismo. Foi sócio da Cooperativa Garibaldi, depois de uma Associação de trilhadeira com o sr. José Ferrari da Linha Alencastro, também da Cooperativa de Leite Santa Clara e foi sócio-fundador do Moinho de São Marcos que produzia a farinha “Dona Isabel”. Em 1952, Santo aventurou-se num negócio de alto valor e muito arriscado: ele, os senhores Bartelle, Pitt, Pedro Grendene e João Farinon compram uma Fazenda de Café em São João de Maringá – Paraná. Era uma grande promessa de sucesso financeiro. No início o negócio foi bem. Plantaram café, mas depois Santo só recebeu notícias de prejuízos: um ano a geadada, outro ano outra praga e nada de lucros. Santo nunca foi visitar a sua fazenda. Só cuidava dos negócios de longe. Quando viu, os posseiros haviam tomado conta. Santo não recebeu nada e seus filhos, até hoje, também não.

Enquanto isso, a filha Lourdes estudava e se preparou para ser professora. Foi a Sra. Olga Brentano quem a preparou: ensinou o alfabeto e a fazer os diários.



Depois do filho Pedro Antônio, nasceram:

- Hermes, no dia 11 de novembro de 1943.
- Leocádia Teresa no dia 24 de novembro de 1945.
- Terezinha, dia 21 de agosto de 1947.
- Severino Luiz, dia 28 de abril de 1949.
- Carmem, dia 13 de junho de 1952. Na verdade, ela nasceu dia 14, mas como Santo era muito devoto de Santo Antônio, a registrou como nascida no dia 13 de Junho, dia dedicado ao Santo.
- Iva Joana, no dia 24 de Julho de 1953. Hoje ela chama-se Irmã Nives.



*Almoço que a família proporcionou aos parentes no dia do batismo de Iva Joana.*

A família estava completa: 9 filhos. E a luta pela liberdade financeira prosseguia.

Santo também passou a “curtir” couros de carneiros e vacas para vender como tapetes. Também fez a primeira plantação de pêsego e ameixas na localidade de São Marcos. As mudas todas foram doadas pela Embrapa. No segundo ano estavam produzindo e ele então, abriu uma tendinha de venda de frutas perto da plantação, na beira da estrada.

Um dia, Santo incomodado por ter seu terreno invadido pelas vacas do vizinho, que sempre invadiam a plantação de trigo, pegou sua espingarda “espera-um-pouco” – assim chamada por ser carregada pelo cano – e atirou na vaca. A confusão foi tanta que deu polícia e mais que depressa, Cecília, sua esposa, o livrou da cadeia, dizendo que Santo não estava em casa.





Celina lembrou que em sua casa tudo era muito divertido. A casa possuía um corredor coberto de mais ou menos 10 metros e no canto, um pé de trepadeira (tipo cipó) chamado por eles de “Viúva”, que servia como rota de fuga de Celina, Hermes, Lourdes e Pedro. Um dia eles estavam importunando a mãe na cozinha, até que ela embraveceu e ameaçou pegá-los. Os quatro saíram correndo e desceram pela Viúva, indo parar em seu esconderijo: as laranjeiras. Aliás, eles viviam se escondendo nas árvores, passando de um galho para o outro, se assemelhando aos macacos.

Quando chovia, as crianças gostavam de brincar na chuva, subiam o morro correndo atrás de casa e lá em cima, no plaino, se formavam poças de água. Adivinhem... Era dentro das poças que eles gostavam de brincar. Como será que a mãe Cecília ficava quando eles chegavam em casa?

Na casa de Santo e Cecília, aos sábados, organizavam bailes e comemoração de aniversários, pois eles tinham uma sala ampla. Toda a vizinhança comparecia. Lourdes e Cecília adoravam esses dias. Eram muito divertidos.

Numa certa ocasião, num domingo à tarde, Celina, Lourdes, Pedro e Hermes (os quatro de novo) trocaram de roupa e escondidos da mãe pretendiam ir a São Marcos. Um por vez, de fininho, saía de casa e se escondia na laranjeira. Mas Cecília estava no forno colocando o pão para assar e viu Lourdes... Ela ficou tão brava! Estava com a pá na mão e sobre ela um pão que seria colocado no forno. Num gesto espontâneo, atirou o pão em direção a eles, que acabou se espatifando no chão e servindo de alimento para as galinhas. Os quatro ainda saíram rindo em direção a São Marcos. À noite, nada sofreram novamente, pois voltaram em companhia do pai Santo. E ele os defendia sempre!

Outro passatempo de fim de semana, era um pequeno açude que existia na propriedade de um vizinho. A foto abaixo dispensa maiores comentários. Observem o vestuário...



*Em evidência,  
Santo.*





No ano de 1960, uma forte chuva de granizo destruiu todas as plantações e as parreiras da família. “Quase passamos fome”, lembra-se Pedro. Então, ele, Pedro, aos 18 anos de idade, resolveu mudar-se para a cidade de Caxias e passou a trabalhar na Indústria Eberle S.A. As filhas Lourdes, Celina e Terezinha eram professoras.

Terezinha, em 1966, deixou seus pais, ainda muito jovem e foi lecionar na Escola Municipal Luiz Busetti, na Linha Jacinto, Capela de São Luiz.

Celina, aos dezoito anos, passou a lecionar no primário em Farroupilha, na Linha República. Lá ela estava de pensão na casa da família de Frederico Ziero e depois na casa de Antônio e Irene Tonin. Um ano depois, voltou a São Marcos e passou a dar aulas na escola que hoje foi extinta, perto da família Bellaver. Dois anos depois, foi transferida para a Linha Eulália.

A filha Leocádia, com 4 anos de idade, foi morar com os tios José e Itália Balestrin. Foi criada por eles, mas num sistema diferente. Quase não foi à escola e não adquiriu o hábito da leitura, como seus irmãos. Acabou se isolando do convívio da família e isso frustrou um pouco os pais, que muito a amavam. Aliás, uma das grandes frustrações de Santo e Cecília é de não ter dado o mesmo amor dedicado aos outros filhos à Leocádia. Mas Santo sempre a visitava e levava presentes. Cecília é que pouco a visitava, por falta de tempo.

O filho Hermes também mudou-se para Caxias e foi também trabalhar no Eberle S.A., depois foi para CEEE. Hermes também tinha o espírito aventureiro de seu pai e não permanecia muito tempo no mesmo lugar. Na CEEE, primeiramente trabalhava na construção das redes de alta tensão, depois passou a trabalhar no escritório, permanecendo lá por dois anos.

Carmem, a penúltima filha, foi muito paparicada pelos irmãos mais velhos. Morou com a família até 1969, trabalhou na roça e depois mudou-se para Caxias do Sul, onde também começou sua vida profissional do Eberle. Trabalhava de dia e estudava à noite.

A filha Iva Joanna, última dos 9 irmãos, seguiu um rumo diferente: iniciou seus estudos do primário no Grupo Escolar São Marcos. Em 1962, cursou o 4º e 5º ano e a admissão, na Escola Santa Augusta em São Marcos, anexa à Paróquia e dirigida pelas Irmãs Medeias. Em 1964, com 10 anos de idade entrou como juvenista na Congregação das Irmãs de São João Batista



e Santa Catarina de Sena – Medéias em São Marcos. Depois, já fazendo parte da Congregação, foi admitida no Ginásio do Colégio São José, em Caxias do Sul, onde frequentou o 1º ano. Do 2º ao 4º ginasial fez no Colégio São Carlos. O 1º ano científico no Colégio Santa Catarina, em Caxias e o 2º e 3º científicos em Jacarezinho – PR. Em 1971, quando ainda estava estudando, começou a ensinar piano. Neste meio tempo também começou a trabalhar no hospital, exercendo as mais diversas atividades durante 14 anos. Atuou também em diversas escolas. Em 1972, no dia 29 de janeiro, fez os Primeiros Votos na mesma Congregação que a acolheu – as Medéias – em Caxias do Sul. Ela contou com a presença de toda a família. Em 1979, fez os Votos Perpétuos. Em todos os lugares onde residiu, se dedicou à formação humana e cristã, nos mais diversos campos de atuação e na formação à vida consagrada.

Sendo a mais nova entre 9 irmãos, passou a infância entre a casa, a igreja e a escola. Naquele período as irmãs mais velhas, Lourdes e Celina, além de lecionarem, tomavam conta da igreja e eram catequistas e assim sempre foi muito forte a vivência dos valores humanos e cristãos.

Aos domingos a missa dominical da manhã e na parte da tarde a catequese e os jogos no pátio da igreja, onde se reunia toda a criançada. Durante a semana a escola de manhã e os serviços da casa à tarde, eram



*Esq./dir.: Ivo Crippa, Lourdes, Ivania (menina), Pedro, Maria Ilza, Nair, Cecília, Hermes, Irmã Nives, Santo, Celina, Tânia e Sadi (crianças), Antônio De Bona, Leocádia, Terezinha e Roseni (bebê)*





entremeados com o trabalho na roça, limpar e carpir embaixo das parreiras, no milho e nos amendoins.

Uma das atividades lembrada com saudades era levar as vacas a pastar, que era entremeadas de brincadeiras e muita festa, onde brincando se preparava para a vida.

Muitas atividades eram vividas como brincadeiras, como jogar a corrida de quem carpia mais depressa, ou buscar água na fonte ou lenha na roça. Da vivência familiar aprendeu o valor do estudo e do trabalho, a coragem de assumir a própria vida, superando as dificuldades, a compaixão pelos mais sofridos, a fome e sede de justiça que faz arregaçar as mangas para fazer um mundo melhor.

Iva Joanna passou a se chamar Irmã Nives.

Lourdes e Celina foram duas crianças muito sapecas e levadas. Adoravam incomodar a mãe e quando ela corria para pegá-las e passar o chinelo, saíam em disparada em direção ao pé de laranjeira que havia em frente à casa. Aliás, eram duas laranjeiras e uma figueira que serviam de esconderijo das duas marotas. Ficavam na árvore esperando o pai Santo chegar da roça. Quando o avistavam, desciam da laranjeira e iam ao encontro do pai, cada uma de um lado, pegavam na mão dele e entravam em casa sem nada sofrer.

Quanto aos filhos, Pedro Antônio conheceu Maria Ilza, quando estudava à noite no colégio Cristóvão de Mendonça. Maria é natural de São Francisco de Paula e sempre trabalhou no comércio de tecidos e calçados de Caxias do Sul. Casaram-se no dia 2 de Janeiro de 1971. Em 19 de abril de 1972, receberam em seus braços Fernando Lúcio, o único filho do casal, que após completar o serviço militar fez o Curso de Geologia na Universidade Federal do Paraná. Hoje ele mora em Curitiba e trabalha no ramo de minérios, é casado com Adriane, professora formada em Sociologia e eles deram um neto a Pedro e Ilza: o pequeno Thiago, nascido dia 30 de setembro de 2004. Pedro hoje é aposentado mas continua trabalhando em casa: ele e Ilza confeccionam máscaras para apicultores.

Santo, no seu espírito de comerciante, passou a vender de tudo: meias, gilete inglesa, chinelos de pano, roupa íntima feminina e masculina, isqueiros e até talheres que o filho Pedro comprava no Eberle e ele revendia. Ia também a Santa Catarina buscar roupas para revender aqui. Nesta fase de sua vida, Santo foi morar com sua irmã Ângela Colomba, casada com João



Zandoná, na comunidade de Santo Antoninho, em Bento Gonçalves e Cecília foi morar com os filhos Severino e Carmem.

Lourdes se casou com Ivo Crippa dia 18 de fevereiro de 1965 na Igreja São José de Farroupilha e teve dois filhos: Ivania, nascida em 24 de Novembro de 1966 e Tiago nascido dia 6 março de 1981. Ivania é casada com Ivocir José Baldin e é mãe de Naira e Greici.



*Esq./dir.:  
Naira, Thiago,  
Ivania, Ivocir,  
Greise. Sentados:  
Ivo e Lourdes*

Celina conheceu Alcides Toniollo enquanto lecionava na Linha Eulália e casou-se dia 8 de fevereiro de 1964, em São Marcos. Após o casamento foram servidos doces e bebidas aos convidados. Era tradição o casal ir bater fotos no estúdio fotográfico Pasquetti e na casa de Alcides, onde o casal passou a morar após o casamento. Tiveram dois filhos: Tânia, nascida no dia 27 de novembro de 1964 e Sadi no dia 12 de Julho de 1966. Com a família completa, foram morar em sua casa no bairro Maria Goretti, onde seus filhos cresceram, casaram e formaram família. Celina e Alcides ainda moram lá e são muito felizes e agradecidos pela maravilhosa família que construíram. A filha Tânia casou-se com Gilberto Spadini e são pais





de Sara, nascida em 31 de março de 2003. Sadi casou-se com Tânia Marise Reginatto e ainda não tem filhos.



*Tânia, Sadi, Celina, Alcides, Tânia, Sara (bebê) e Gilberto*

Hermes também casou-se. No dia 12 de dezembro de 1970 uniu-se a Nair Costa e em 1972 mudou-se para o interior de São Paulo onde trabalhou com restaurante. De São Paulo mudou-se para Rondonópolis e depois para Cuiabá, sempre no ramo de restaurante. Hermes tinha em suas veias o mesmo espírito aventureiro de seu pai: também trabalhou algum tempo no garimpo de ouro no Mato Grosso, mas pelo que se sabe, poucos lucros teve neste negócio. Santo foi morar com o filho no Mato Grosso. Lá, passou a exercer seu lado político e o fazia muito bem. Ajudou na Campanha Eleitoral para eleger o cunhado de Hermes a vereador da cidade. Em mais uma de suas aventuras, Santo foi de ônibus até Rondônia. No dia 19 de fevereiro de 1985, em frente ao seu restaurante em Cuiabá, Hermes foi vítima de um atropelamento e devido à gravidade do acidente, veio a falecer, aos 42 anos de idade. Após o acidente, Nair e a família voltou a morar em Caxias do Sul, na casa em que Hermes (e a família) construiu com os lucros do restaurante de Cuiabá. Dos seus filhos, o Cássio, no ano de 2005 se formará em Engenharia de Minas, pela UFRGS e a Naira é técnica em enfermagem e trabalha numa empresa privada.



*Cásio, Nair e  
Naira Ferrari*

A filha Leocádia, após a morte de seus tios, foi morar com a família dos irmãos Severino e Carmem em Caxias do Sul. Começou a trabalhar numa indústria local e, após uma desilusão amorosa, quatro anos depois, mudou-se para Moggi das Cruzes em São Paulo, longe de toda a família e completamente sozinha. Lá ela constituiu família, se distanciando dos irmãos e mantendo muito pouco contato. Ela se uniu a Felício Meireles. Tem uma filha: Cristiane, nascida em 24 de julho de 1978 e uma neta chamada Bruna, nascida no dia 15 de maio de 2002.



*Família  
de Leocádia  
e Felício*



Terezinha estava lecionando na Escola da Linha Jacinto e numa festa da comunidade conheceu Antonio Pedro De Bona com o qual se casou no dia 20 de Julho de 1968, na Matriz de São Marcos, estabelecendo assim residência na Linha Jacinto, onde mora até hoje. Desse amor, em 26 de junho de 1969 nasceu a primeira filha Roseni Fátima que constituiu família com Volmar Moroni e é mãe de Patrícia Tatiane; em 24 de julho de 1971 foi a vez de Elizabete Cristina fazer parte da família e casou-se com Valdir Domingos Magnaguagno e é mãe de Suzana Eliza e Ana Paula e em 5 de setembro de 1978 Rodrigo Valentim vem completar a família de Terezinha e Antônio, que continua com a família, conduzindo os trabalhos da propriedade.



*A família de  
Terezinha e  
Antônio*

Severino até os 11 anos trabalhou na roça, como e com seus irmãos. No ano de 1959 até 1961, foi estudar como interno no Colégio dos Irmãos Maristas em Antônio Prado e em 1962 foi transferido para os Maristas de Veranópolis. Em 1963 parou seus estudos e voltou para a casa dos pais, voltando a trabalhar na roça. A exemplo de seus outros irmãos, em 1970 foi a Caxias do Sul trabalhar no Eberle. Lá conheceu quem seria sua esposa, Beloni Verza. Casaram-se em 15 de setembro de 1973 e se mudaram para o interior de São Paulo, num vilarejo chamado Mirassol, onde residia Hermes, seu irmão e era dono de um restaurante. Residiram no local por 10 meses,





mudaram-se para Sumaré, onde trabalharam em outro restaurante. Cinco anos depois, no dia 16 de fevereiro de 1978, nasceu o primeiro filho do casal: Alysso Fábio. O casal, em dezembro desse mesmo ano, retornou ao Rio Grande do Sul, onde passou a morar com Pedro, em Caxias do Sul. O casal voltou a trabalhar no Eberle e iniciou a construção de sua casa própria no bairro São José, concluída em 1980. Sete anos depois, nasceu a menina Alessandra, no dia 9 de outubro de 1987. No ano de 2000, mudaram-se para um apartamento no bairro Pio X, onde residem até hoje. Alysso e Alessandra começaram o ensino fundamental na Escola Municipal Padre Antônio Vieira, concluindo este e o ensino médio na Escola Estadual Santa Catarina. Em 1996, Alysso passou a cursar Física na UFRGS, em Porto Alegre e em 2004 formou-se Doutor em Física e mudou-se para São Paulo, a fim de fazer o pós-doutorado em Física na USP. Alessandra, neste mesmo ano concluiu o ensino médio e se prepara para cursar medicina na UFRGS.



*Alysso Fábio, Beloni, Severino e Alessandra Ferrari*

Carmem, a mais paparicada da família, já em Caxias, trabalhando e estudando, conheceu na empresa em que trabalhava Nivaldo Luiz Dala Zen e em 14 de julho de 1973 com ele se casou. Tiveram dois filhos: Daiane nascida dia 1º de fevereiro de 1978, que posteriormente casou-se com Guilherme Henrique Dalla Rosa e deram ao casal o primeiro neto:





Guilherme Henrique. Daiane é formada em História pela UCS e seguiu a profissão da mãe: é professora em Flores da Cunha; e Alexandre, nascido 8 anos depois, no dia 17 de março de 1986, hoje estudante do Curso Superior de Metalurgia da UFRGS. Das muitas coisas vividas, Carmem recorda-se de um fato engraçado: a sua irmã caçula Iva Joanna estava estudando no Colégio das Irmãs Medeias e as férias ela passava na casa da família e ajudava nos serviços da roça. Um dia ela estava cuidando das vacas que pastavam perto da plantação de milho. De repente, as vacas invadiram o milharal! Iva saiu correndo, desesperada, gritando por socorro. Os vizinhos, preocupados com a gritaria saíram correndo para acudi-la, pensando que havia ocorrido algo de mal com ela.



*Daiane, Guilherme (criança), Gabriel Henrique, Alexandre, Nivaldo e Carmem.*

Quanto à Irmã Nives, após sua consagração, no Brasil, formou-se em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e foi conselheira provincial durante 6 anos, Provincial da Congregação durante 6 anos e Mestra das Noviças por 3 anos. Em 2002 foi eleita Superiora Geral da Congregação por um mandato de 6 anos, residindo na cúria geral em Roma – Itália. Na atual função, se dedica a animar a Congregação presente na Itália, Brasil, Bolívia, Argentina, Albânia e República do Congo.





*Irmã Nives na presença do Papa João Paulo II*

Abaixo, transcrevo, primeiro o carisma da Congregação das Irmãs Medéias e por segundo, o depoimento da Irmã Nives (ou Iva Joana) sobre sua família:

“A minha Congregação tem o nome de Congregação das Irmãs de São João Batista e Santa Catarina de Sena, chamadas Irmãs Medéias, por causa da fundadora Medéia Camilla Ghigliano Pattelani. Foi fundada em 1594 no dia 4 de junho, ou seja, completaremos 420 anos em junho. Ela era viúva e não tinha filhos e desde quando era casada se dedicava na paróquia orientando grupos de retiro inaciano – os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Assim no meio destas pessoas surgiu este pequeno grupo que deu origem à Congregação. Não foi fácil, porque a Igreja não permitia vida consagrada feminina fora da clausura dos mosteiros e por isso a Congregação teve que buscar formas de sobreviver e manter a fidelidade conservando o Carisma inicial. Naquela época a mulher era discriminada, hoje também, e não tinha acesso ao aprendizado da leitura e escrita, sendo obrigadas a se casarem por força ou a se



tornarem monjas nas clausuras, pois isso era imposto pelos pais e pela sociedade do tempo. Inicialmente ela se dedicou na criação de escola para ensinar as meninas a tomarem nas mãos o destino de suas vidas, ensinando a trabalhar e a ler e escrever, educando-as na fé. Tudo isso decorreu da contemplação dos mistérios da vida de Jesus, que sendo Deus se colocou a serviço dos homens. Assim a Congregação tem espiritualidade inaciana, ou seja decorrente da espiritualidade de Santo Inácio de Loyola. Nosso Carisma é a Comunhão a Serviço da Vida, ou seja. Vivemos em comunidade onde colocamos tudo em comum e nos dedicamos ao serviço dos irmãos com uma característica de educadoras. O nosso forte é a formação humana e cristã nas escolas, paróquias, colégios. Também nos dedicamos à formação para a saúde nos hospitais e na saúde popular. Nas paróquias temos a catequese e a formação de lideranças. Nosso protetor São João Batista pela sua coragem em anunciar Jesus Cristo e denunciar os erros dando a vida, Santa Catarina de Sena que ajudou a Igreja no pastoreio e até disse ao Papa que ele teria que ser corajoso e não fugir de medo e que seu lugar era junto ao povo. Outra característica de Catarina é o serviço.

Nós vivemos em pequenas comunidades, temos que nos sustentar com nosso trabalho e estamos em Caxias do Sul - RS, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Rondônia, Pará, Bolívia, Argentina, Itália, Albânia e República do Congo. Somos poucas, mas sempre muito presentes na Igreja e na sociedade onde vivemos, dando nossa colaboração de Comunhão e Serviço. Durante esses 410 anos nunca fomos numerosas, mas Deus nos conduziu e o Carisma continua vivo e presente. Confiamos que Ele levará à frente esta pequena obra dedicada à Glória de Deus no serviço aos irmãos e vivendo em profunda comunhão.

Sobre meu pai: Santo foi um homem muito generoso, tanto que dava o melhor para os outros e por isso foi sempre pobre. Sabia apreciar as coisas boas da vida, era muito sábio e inteligente, tinha muitas amizades e sabia conversar com todos de um modo muito agradável, apesar de ter estudado pouco. Costumava dizer nos últimos anos de sua vida: “Deus me deu filhos inteligentes e corajosos, eu só



tenho a agradecer”. Ainda conservo sua ultima carta que escreveu pouco antes de morrer, onde dizia que cumprira a missão e esperava que Deus o chamasse. Antes de morrer visitou todos os filhos e voltou para seu cantinho que escolhera em Taquara, um lugar onde podia ser livre e tinha fortes amizades. Minha mãe: foi uma mulher dedicada ao lar e à fé. O que mais destaque é sua fé e nunca foi decepcionada. Soube sofrer as dificuldades da vida e manter unida a família. Recordo uma frase que ela me dizia quando eu me despedia dela – “Talvez esta seja a última vez. Mas se tu não me vês, eu te vejo”. Ela tinha uma certeza de que Deus reservaria um lugar no céu, onde se encontraria com a companheira de todas as horas – Nossa Senhora.

Muitas coisas poderiam ser ditas. A nossa família é normal, tem suas dificuldades, mas tem muitas coisas que talvez seja bom que as pessoas saibam: não nascemos em berço de ouro, e quando eu nasci, minha irmã mais velha, com 14 anos, já lecionava e assim foi com todos. Tive o privilégio de estudar um pouco mais e ter um trabalho em outra dimensão, mas de uma coisa eu digo: “Tiro o chapéu para todos os meus irmãos, cunhados, cunhadas e sobrinhos que considero pessoas honestas, justas e de muita fé. Pessoas que sabem dar a mão ao que necessita e que não fecham os olhos diante do sofrimento alheio. Pessoas que valorizam o trabalho e que fazem a sua parte para tornar o mundo mais humano, mais cristão, mais alegre e mais colorido. Eu agradeço a todos eles e a meus pais.” Rezo todos os dias para que eu possa aprender cada vez mais desta família que me acolheu e viu crescer e colocou em mim este desejo de me colocar a serviço dos outros. Deixo uma mensagem: Quando nos deixamos conduzir pela impensável providência de Deus, não sabemos onde Ele nos leva, medo e dúvida são companheiras. Mas, somente quem se lança Nele pode contemplar as maravilhas que Ele realiza, o cêntuplo que Ele nos dá, a paz infinita de nos sentirmos filhos amados de Deus e comprometidos em construir um mundo mais fraterno e mais cristão.”

*Irmã Nives*





Em seu depoimento, Irmã Nives comenta que o pai Santo escolheu morar em Taquara, num asilo. Lá ele fez muitas amizades, não perdeu seu bom humor, cortava os cabelos dos internos e também fazia trabalhos de jardinagem na vizinha. Seu melhor amigo era um alemão, que o ensinou a falar a sua língua. Santo dizia que um dia iria para a Alemanha. Lá ele recebia muitas visitas de parentes e amigos.

Santo faleceu no dia 30 de setembro de 1985.

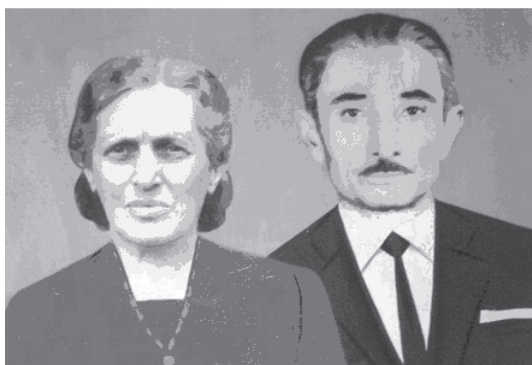
Pedro escreve sobre o pai: “De tudo o que se passou na nossa família, aconteceram coisas boas e ruins, mas sem dúvida a grande herança que herdamos de nosso pai e mãe foram os valores: o trabalho, a ética e a honestidade!”

Cecília faleceu no dia 9 de agosto de 2003 e morou com a filha Carmem até o fim de sua vida.





# *Ernesto Ferrari* *e* *Otilia Fochesatto*



*Ernesto Ferrari* - no dia 9 de junho de 1912, nasceu Ernesto, o sétimo filho da família de Pedro e Theresa.

A história de Ernesto foi reconstruída por seu filho Pedro, que hoje reside em Florianópolis – SC.

Ernesto foi um menino saudável e alegre. Sempre acompanhou seus irmãos no trabalho da roça. Perdeu sua mãe aos 9 anos de idade.

O pai Pedro, a exemplo dos outros filhos, o ingressou na escola para que aprendesse a ler e escrever.

Aos dezenove anos de idade, perdeu seu pai Pedro e uma fatalidade mudou sua vida: Ele e seu irmão menor Dionísio – filho do segundo casamento de Pedro com Ângela Basso – estavam voltando para casa, de noitinha, guiando a carroça. Ernesto era o carroceiro. Possuíam uma carroça





grande, puxada por 7 mulas. Era o ano de 1931. Os primeiros carros começam a fazer parte da paisagem da Linha Silva Pinto, se aventurando pelas estreitas trilhas. E um deles conhecido por “baratinha”, naquele início de noite, próxima à casa de Ernesto cruzou por eles, causando grande pânico nas mulas que não estavam acostumadas com este grande objeto barulhento e que se movia, passando por elas. Seis, das sete mulas, dispararam, sendo que uma delas travou e acabou sendo arrastada pelas demais. Nesta confusão, Ernesto caiu da carroça e ela passou em cima de seu quadril. O peso da grande carroça esmagou a rótula do fêmur da perna esquerda. Ernesto, após o acidente, passou por longo período de recuperação. As seqüelas o acompanharam para sempre: sua perna ficou 6 cm mais curta.

Devido a isso, Ernesto teve que procurar outra alternativa de trabalho na sua vida, já que o da roça ficou inviável, devido ao acidente.

Os irmãos decidiram pagar os estudos de Ernesto para se tornar professor.

Ao formar-se aos 24 ou 25 anos – não temos data certa - a Prefeitura o contratou, tornando-o professor municipal.

Com o passar do tempo, Ernesto decidiu mudar-se para Erechim, exercendo o cargo de professor. As terras novas eram uma promessa de mudança. Terras boas, planas e apoio do Governo. Muitas famílias de nossa região emigraram para lá, na esperança de dias melhores.



Lá, Ernesto conheceu quem seria sua esposa, Otilia Fochesatto. Ela era natural de Caxias do Sul e estava trabalhando na família do Sr. Dionísio Bordignon, na cidade de Getúlio Vargas, há 12 anos. Era 2 anos mais jovem que ele, filha de Bernardo Fochesatto e Regina Braghini.

Casaram-se no dia 15 de novembro de 1944 e logo após, mudaram-se para Jacutinga. Depois, foram morar em Sananduva. Ele, sempre como professor.

No dia 15 de agosto de 1945 nasceu o primeiro filho do casal: Antônio Tadeu. E um ano e quatro meses depois, exatamente no dia 5 de dezembro de 1946, nasce Mário Darci.

O casal vivia feliz, unido e adorava seus filhos. Otilia queria muito ter uma filha mulher, acredito talvez, seja o sonho de toda mãe. Assim, em 1947, engravida novamente. Tudo transcorria normalmente, até que Otilia começou a apresentar sintomas do mal de Hansen – popularmente conhecido por lepra. Esta doença afeta o tecido cutâneo e cobre a epiderme de pústulas (feridas) e escamas. É uma doença considerada crônica infecciosa produzida pelo bacilo de Hansen. Assim, Otilia precisava de tratamento e também precisava manter-se isolada de todos, pois a doença poderia ser passada para as pessoas que conviviam com ela.

Sem alternativas, Ernesto levou sua esposa, grávida, para a Capital – Porto Alegre – para ser tratada. Sua fé era muito grande e acreditava que o tratamento pudesse curá-la.

Assim sendo, Otilia ganhou seu terceiro filho Francisco José, no dia 17 de fevereiro de 1948, no Hospital, em Porto Alegre, onde era mantida isolada.

Ernesto permaneceu em Sananduva, com os filhos Antônio Tadeu de dois anos e meio de idade e Mário Darci, de apenas 1 ano e dois meses.

Sozinho e tendo que lecionar, Ernesto pediu mais uma vez, a ajuda de sua irmã Maria Verônica, que ainda morava na casa paterna, na Linha Silva Pinto e, por opção, não havia se casado. Foi ela que cuidou de Mário Darci.

Durante – imaginem – seis longos anos, Otilia permaneceu internada no Hospital em Porto Alegre, tratando sua doença. Ernesto ia vê-la sempre, mas devido aos filhos e suas aulas, não a visitava com frequência.

Otilia estava sendo tratada com medicamentos e após os seis anos, estava curada. O esforço valera a pena. Ernesto tinha de volta sua querida esposa, curada. A alegria foi geral, mas não durou por muito tempo.



Sabemos que havia um preconceito muito grande com as pessoas portadoras de lepra. E isso Ernesto sofreu na pele.

Se não bastassem os seis longos anos afastado da esposa, agora que ela estava em casa, as pessoas passaram a discriminá-lo e os pais dos seus alunos organizaram um movimento contra sua presença na escola, já que ele era marido de uma ex-portadora de lepra. Ele foi inclusive, perseguido. Otilia, engravidou, deu a luz um menino perfeito e sadio e em homenagem aos avôs deram o nome de Pedro Bernardo. Ele nasceu no dia 28 de março de 1954.

As pessoas não entenderam que ela havia sido curada - pois até havia gerado um filho sadio e perfeito - e que ela não era mais considerada portadora de doença infecciosa, ou seja, ela não transmitia mais o bacilo, já que ele havia sido extinto.

Ernesto ficou muito triste. Otilia mais ainda, pois ela era o alvo do preconceito desinformado das pessoas que a rodeavam. Então, ele largou a escola, abandonou a sua profissão de professor e mudou-se novamente para Erechim, onde conseguiu emprego em uma leiteria.

Lutou para conquistar seu espaço na sociedade como professor, apesar de sua deficiência física e agora, volta para os trabalhos da roça, pois na leiteria, sua função era tirar leite das vacas e fazer a entrega do mesmo. Os filhos mais velhos o ajudavam.

De Erechim, eles se mudaram para Getúlio Vargas, permanecendo lá por 4 anos. Ernesto e a família compraram uma pequena chácara, onde residiam. Arrendaram terras de uma família conhecida e passaram a trabalhar em parceria.

Neste período, surgiu uma oportunidade de trabalho na cidade de Cascavel – Paraná. A família, de comum acordo, vende sua pequena chácara e muda-se para Cascavel, na localidade de Guavirá. Transcorria o ano de 1962. Eles foram cultivar as terras, na fazenda de pessoas que conheceram em Getúlio Vargas: cultivavam feijão, milho, trigo, arroz e criavam animais para consumo da família (vacas para o leite e porcos para a carne). O trabalho na fazenda era, na época, todo manual. Cortaram o mato e tornaram a terra produtiva.

Haviam feito um acordo: nos primeiros 2 anos de arrendamento, o dono da fazenda não cobraria nada pelo uso das terras. Após este período, o arrendamento seria cobrado.



No primeiro ano, a safra de arroz foi abençoada. A família estava muito feliz, trabalhava bastante, mas com bons resultados. Ernesto comprou um pedaço de terra de 5 alqueires (121.000 m<sup>2</sup>) e pagou metade do valor com a primeira safra de arroz. No segundo ano, pagou o restante, pois a safra também foi muito boa.

Otilia e Ernesto tiveram 5 filhos homens, mas como narramos anteriormente, ela queria muito ter uma filha. Um dia, Ernesto chega em casa e comunica os filhos:

- Vocês tem uma irmãzinha!

Ernesto e Otilia adotaram uma pequena recém-nascida, órfã, e ela passou a fazer parte da família, recebendo todo o amor e carinho que seus irmãos legítimos receberam. A felicidade estava completa. Ela foi chamada de Maria Aparecida e nasceu no dia 5 de novembro de 1963.

Então, num mal entendido, os donos da terra arrendada entenderam que, como Ernesto havia comprado suas próprias terras, ele e a família não queriam mais cultivar a terra da sua fazenda e tratou de contratar outra pessoa, sem consultar Ernesto.

Como não houve mais acordo, a família passou a morar e plantar nas suas próprias terras.

Lá, também foram abençoados com boas colheitas e Ernesto comprou mais 5 alqueires de terra.

A vida corria tranqüila, mas Otilia sempre teve problemas de saúde, principalmente problema de vesícula. Um dia passou mal e foi levada ao médico. Após a consulta e os exames, foi detectado câncer no rim. O filho Pedro nos relatou que não sabia se Otilia e Ernesto estavam sabendo da gravidade do problema, mas acreditou que sim, pois depois desta consulta, quando ela passava mal, não mais a levavam para o médico, mas a tratavam em casa, pois seu problema era incurável. Era só uma questão de tempo. E foi em 4 de agosto de 1973 que Otilia faleceu, em sua casa, vítima de um derrame.

Amor, carinho e dedicação foram os marcos deste casal que, mesmo tendo vivido separados por 6 anos, devido a doença de Otilia, nada mais abalou este amor que durou por 29 anos e foi interrompido pelo inevitável: a morte.

Ernesto e os filhos Antônio Tadeu, Mário Darci, Francisco José e Pedro Bernardo, além de Maria Aparecida continuaram unidos e trabalhando em suas terras, que agora já eram de 15 alqueires.



Então, depois de um tempo, a família começou a se separar: Antônio Tadeu e Francisco José herdaram, após a morte da mãe, 5 alqueires das terras de Ernesto e venderam, pois Antonio casou-se com Terezinha Bazanella e foi morar perto do sogro em Foz do Iguaçu. Francisco José foi trabalhar na cidade de Cascavel, numa rede de supermercados. Casou-se com Teresa Souza. Mário Darci e Pedro Bernardo herdaram os outros 10 alqueires e Ernesto permaneceu com eles.

Apesar de todos os tropeços que a vida deu em Ernesto, ele nunca desistiu. Pelo contrário: fazia parte da diretoria da comunidade onde morava – era o presidente - e se preocupava muito com o bem-estar de todos.

Mário Darci casou-se com Maria Gabiatti e Maria Aparecida com Joel Gomes da Luz.

Pedro Bernardo, ainda solteiro, continuou trabalhando na lavoura, mas intoxicou-se com os agrotóxicos usados na lavoura. Foi tentar a sorte na cidade de Cascavel, mas como não havia desenvolvido profissão nenhuma, a não ser a de agricultor, não conseguiu emprego. Então, voltando para casa, resolveu vender sua parte nas terras que eram suas por direito de herança. Primeiro vendeu 2,5 alqueires e depois os outros 2,5 alqueires.

Foi morar em Foz do Iguaçu e montou um supermercado com seu irmão Francisco. O negócio não deu certo e eles perderam tudo.

Pedro Bernardo estava sem nada. Voltou para a casa paterna e voltou a plantar nas terras que havia restado, isso é, 5 alqueires, com seu irmão Mário Darci e o pai Ernesto.

Ernesto, com 67 anos de idade, precisou fazer uma cirurgia de próstata. Marcaram para o dia 5 de abril de 1979, pela parte da manhã. Tudo correu absolutamente normal e Ernesto saiu muito bem da sala de cirurgia. O filhos Mário Darci e Pedro Bernardo o acompanharam e ficaram fazendo-lhe companhia. Ernesto estava feliz e estava fazendo alguns planos para a comunidade. Mário Darci, no meio da tarde foi para casa, pois havia os animais para tratar. Pedro Bernardo ficou e continuaram conversando. De repente, Ernesto fica com o sistema nervoso alterado, fica bem agitado, a sonda o incomodava e nada o acalmava. Pedro saiu para chamar o médico, mas uma enfermeira já havia visto que ele não estava bem e havia se antecipado. O médico logo estava no quarto e tentou reanimá-lo, mas Ernesto havia sofrido um ataque cardíaco e não foi possível fazer mais nada. Ernesto faleceu às 18 horas.



Chovia muito neste dia e à noite não foi diferente. Pedro avisou seus irmãos em Foz do Iguaçu e Mário Darci foi avisado somente de manhã, pois não possuíam telefone em casa. Ficou muito abalado, pois a última vez que vira seu pai ele estava muito bem. Devido à chuva, velaram seu corpo na cidade de Cascavel e lá o sepultaram. Não foi possível levá-lo até sua comunidade.

Em 1984, o filho Pedro Bernardo mudou-se para a cidade de Florianópolis – SC e começou suas atividades como auxiliar de pedreiro com seu primo Nelson Ferrari, filho de Cristiano Rocco e morava com o tio Dionísio Ferrari. Foi em Florianópolis que conheceu sua esposa Mirian Leopoldina Jacinto e com ela casou-se no ano de 1997.

Antônio Tadeu, Francisco José e Maria Aparecida atualmente residem com suas famílias na cidade de Foz do Iguaçu – Paraná.

Mário Darci permaneceu nas terras que eram de seu pai na cidade de Cascavel – Paraná

## GENEALOGIA DE ERNESTO FERRARI E OTILIA FOCHESTATTO

### *1 - Antônio Tadeu Ferrari*

Casou-se com Terezinha Bazanella.

Filhos: Tiveram 4 filhos

\* Rosângela Terezinha (24.7.1969). Casada com Valdemir Carvalho da Silva. Filhos do casal: Wesley, Wellington, William e Renan.

\* Maria Regina (23.6.1970). Casada com Joacir Francisco de Lima. Filhos do casal: Gilson (24.12.1985), Nilson (17.4.1990), Regiane Terezinha (11.4.1992) e Rubiele Terezinha (13.12.2000).

\* Luiz Carlos (29.12.1971). Casado com Eliane Marca. Filho: Lucas Henrique (18.1.2002).

\* Roseli de Fátima





## **2 - Mário Darci Ferrari**

Casou-se com Maria Gabiatti.

Filhos: Silvana, Rovani e Júlio.



*Família de Mário Darci Ferrari  
Esq./dir.: Silvana,  
Júlio, Mário Darci,  
Rovani e Maria.*



*Mário Darci Ferrari e Hadair com arma e cartucho do Ernesto*

## **3 - Francisco José Ferrari**

Casou-se com Terezinha Souza.

Filhos: Simara (17.9.1978) e Fábio José (8.7.1982)



*Antonio Tadeu e  
Francisco José Ferrari*

#### ***4 - Pedro Bernardo Ferrari***

Casou-se com Miriam Leopoldina Jacinto.

Filha: Jennifer Graziela (20.12.1996)

#### ***5 - Maria Aparecida Ferrari***

Casou-se com Joel Gomes da Luz.

Filhos: Tem 3 filhos

\* Márcia (23.10.1985)

\* Fabiane (24.5.1987)

\* Fernando (1.11.1995)



*Maria Aparecida, Fernando e Joel*



*As filhas: Fabiane e Márcia*





*Ângela Colomba Ferrari  
e  
João Zandoná*





### *Ângela Colomba Ferrari*

a décima filha do casal Pietro e Theresa chegou ao seio da família no dia 9 de junho de 1915. O segundo nome é uma homenagem à madrinha de batismo e sogra de Pietro, Colomba Durante Santolin.

Sobre a infância de Ângela, temos poucos relatos, a não ser que ela era muito ligada às suas duas últimas irmãs Ana e Maria Josephina e era com elas que mais convivía. Tinha sua irmã mais velha, Maria Rosa, como mãe e a respeitava demais.

Ângela também teve o privilégio de freqüentar a escola e ser alfabetizada. Sabia ler e escrever muito bem.

Morou na casa paterna e conheceu seu futuro esposo ainda criança, pois era seu vizinho. Ele morava no Lote n° 28 da Linha Silva Pinto e ela no Lote 24.

O interesse por *João Zandoná Sobrinho* foi ficando mais sério, a partir do momento que eles iam à missa aos domingos. O trajeto de 3 km era percorrido a pé muitas vezes descalços ou, os privilegiados, de tamancos de madeira. Quando estavam próximos da Igreja, procuravam uma fonte de água, lavavam os pés, secavam com um pano que levavam de casa e colocavam as sandálias (as moças) e os sapatos (os rapazes).

Após a missa, todos retornavam para suas casas.

Amigos de João Zandoná o aconselharam a escolher Ângela, porque ela vinha de família numerosa e com certeza, seria uma boa esposa. João era filho de Vicente (*Chencho*) Zandoná e Maria Poloni. Era 4 anos mais velho que Ângela. Nasceria no dia 14 de maio de 1911.



*Vicente (Chencho) e Maria Poloni*  
*Pais de João Zandoná*



Então, João pediu permissão ao irmão de Ângela, Ângelo, que, após a morte do pai Pietro assumiu as responsabilidades da casa, para namorá-la. Tendo o consentimento, após um período de namoro noivaram e no dia 21 de junho de 1933, casaram no Santuário Mariano de Nossa Senhora de Pompéia – Pinto Bandeira.

Foram morar na casa paterna de João Zandoná e depois arrendaram as terras de José Paese e para lá se mudaram. Um tempo depois, estavam de mudança novamente, agora para a casa da família Zanotto, que acabou vendendo suas terras para o tio de João, João (*Nani*) Zandoná. A tempo: João foi registrado como João Zandoná Sobrinho, em virtude de seu tio ter o mesmo nome e nos arquivos da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, foi batizado como João José Zandoná.

No dia 5 de julho de 1934, nasceu o primogênito da família Zeferino Maria Zandoná e em 16 de fevereiro de 1936, nasce a filha Irma Theresa e a tia Maria Verônica foi escolhida como madrinha.

Mas João não havia cumprido sua obrigação para com a Pátria e precisou se alistar no Exército, no ano de 1936 e foi sorteado no ano de 1937. Ele não sabia ler nem escrever, mas assinava seu nome com clareza. Um ressalvo: João sabia muito bem ler e escrever, mas não declarou para o Exército. Outra diferença é na sua data de nascimento. No documento ao lado aparece como 14 de março de 1911.

Enquanto João servia o Exército (fazia “o Tiro”), Ângela cuidava de tudo em casa e na roça. Com dois filhos pequenos, sempre foi mulher valente e de muita força. Tirava da terra os alimentos para o sustento da família, criava galinhas, que vendia na cidade e sempre teve vacas.

**MINISTERIO DA GUERRA**  
3.ª R. M. 6.ª C. R.  
**CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 3ª CATEGORIA**  
N.º 161657

**Nome** João Zandoná  
**Data de nascimento** 14 de março de 1911  
**Profissão** Agricultor

**Nome do pai** João Zandoná  
**Nome da mãe** Maria Zandoná

**Assinatura** João Zandoná

**Observações:**  
A) Este certificado poderá ser substituído por documento pela autoridade correspondente.  
B) Em caso de mobilização o reservista deverá apresentar-se à autoridade local (até), se ele não houver garantia militar, para de lá ser enviado de transporte até o lugar do Centro de Mobilização que lhe for atribuído.





João voltou do Exército em 1938 e passou a ajudar Ângela na roça. Ele havia herdado do pai uma colônia de terras em Santa Catarina, mas não demonstrava nenhum interesse em mudar-se para lá, pois já conhecia o local.

João arranhou um emprego de safrista na Cooperativa Aurora que estava iniciando suas atividades. Voltava para casa somente nos fins-de-semana designados a ele. Foi trabalhar na unidade de São Valentim e de lá, sabemos uma história engraçada:

## HISTÓRIA DO ROUBO DAS MELANCIAS

*João Zandoná e seus companheiros que trabalhavam na Aurora*

João passou a trabalhar de safrista na Cooperativa Aurora para aumentar a renda da sua família. Como na época, a comida não era tão abundante como hoje, principalmente nas empresas, ele e seus companheiros de trabalho descobriram uma plantação de melancias muito gostosas, num vizinho, lá no distrito de São Valentim. O problema é que o vizinho notou que estava faltando melancias de sua plantação e resolveu ficar de plantão, já que elas desapareciam durante à noite. Sentou-se numa pedra e aguardou. O tempo foi passando e o homem cansado, adormeceu. Mais ou menos às quatro horas da manhã, os amigos invadiram a plantação e, morrendo de vontade de comer uma suculenta melancia, escolheram a mais bonita e a quebraram numa pedra.... Numa pedra? Sim, só que acertaram a cabeça do dono da plantação que estava dormindo “naquela” pedra.

(História contada por Irma Zandoná Ferrari, filha de João Zandoná)

A mesa da família sempre foi farta. Mas três coisas não podiam faltar na mesa de Ângela: pão fresquinho, nata e uvada. E nos fins de semana ela adorava preparar doces a fim de receber parentes e amigas.

No dia 3 de agosto de 1938 nasceu o filho Delvino.

No ano de 1940, no dia 25 de fevereiro, nasceu Ciro Pedro.

No dia 28 de junho de 1943, nasceu a segunda filha Maria.

Em 20 de fevereiro de 1947, nasceu Vitorino. Todos os filhos nasceram em casa e Ângela foi assistida por parteiras. Nenhum médico foi chamado.

Bem, a família crescendo, os tempos mudando... a modernidade dava o ar modesto de sua graça e João resolveu investir bem alto: comprar um



caminhão Chevrolet 0 km, ano 1948, com rodado traseiro duplo e passou a fazer fretes para as vinícolas, principalmente para a Mônaco, transportando vinho para São Paulo e Porto Alegre. A viagem Bento-São Paulo levava um mês e meio, ida e volta. João não dirigia, apenas era o “chapa”. Aliás, João nunca tirou carteira de motorista. Nessa fase da vida do casal, eles já contavam com a ajuda dos três filhos mais velhos: Ciro, Delvino e Irma. Zeferino, o mais velho, já havia deixado a família e passado a morar com o tio Angelo, em Bento Gonçalves que estava iniciando suas atividades como casa de comércio (armazém). Zeferino passou a ser o braço direito do tio. Angelo nos contou que se mudou para Bento e abriu as portas de seu comércio no dia 16 de julho de 1948, dia de Nossa Senhora do Carmo. Lembramos que a Linha 40 tinha como padroeira da comunidade Nossa Senhora do Carmo, antes de passar a ser São Gabriel.

Numa das suas viagens a São Paulo, João trouxe uma novidade: um despertador (*la svelha*). Agora era mais fácil saber em que horas do dia as coisas aconteciam.

Segundo os filhos Ciro e Vitorino, João e o motorista tinham sempre que estar muito atentos às estradas e geralmente andavam em comboio com outros caminhões, pois já naquela época, era normal o roubo de cargas e até dos próprios caminhões. Os ladrões colocavam torras de madeira no meio da estrada, que ainda não era asfaltada, e obrigavam o motorista a parar e assim, fácil se tornava efetuar o roubo.

Uma das viagens que marcou João e fez com que tomasse uma decisão importante em sua vida, foi a que transportou a mudança de seu irmão para São Miguel do Oeste – Santa Catarina. O tempo não ajudou e toda a viagem foi abaixo de chuva. Atolaram o caminhão diversas vezes na estrada de terra vermelha. João ficou desolado com a situação e disse que jamais iria se mudar para lá. Assim, seu pai Vicente vendeu uma das colônias de terra que possuía lá e deu o dinheiro a João e Ângela a fim de comprarem sua própria colônia.

Ângela e João ainda são presenteados com mais uma filha: é Zenaide que nasceu no dia 29 de agosto de 1949 e veio alegrar um pouco mais a vida da família Ferrari Zandoná.

No ano de 1950, João vendeu o caminhão.

Em 1951, com a ajuda do irmão Angelo, João comprou um lote de terras na comunidade de Santo Antoninho, Linha Palmeiro, que havia pertencido anteriormente à família Rigotto. A casa de dois andares e ampla,



possuía vários quartos, ideal para uma família grande. Foram necessárias algumas reformas, principalmente no telhado, que de *scandole*, passou a ser de telhas de barro. Claro, foi preciso também reforçar a estrutura do telhado.



*Fotos atuais da casa.*



*Entrada do porão  
(cantina) da casa, onde  
eram fabricados os  
vinhos da família.*





*Vista interna da  
“cantina” – pipas*

A casa ainda está de pé, apesar de ser centenária e suas paredes eram de pedra, revestidas por um reboco. Ao lado foto (atual) da parte interna da casa, que ainda é conservada e preservada pelo filho Ciro e sua família.



*Cozinha da família*



*Vista parcial do parreiral da família*

No dia 24 de janeiro de 1952 a família muda-se para sua casa própria. Foi uma festa! Grandes esperanças de dias melhores nesta nova colônia com terras muito produtivas e terreno pouco acidentado. A plantação de parreiras já estava produzindo, foi só aumentá-la.

Ângela ainda cuidava de suas vacas, galinhas e porcos. A família também mantinha ativas as culturas de subsistência para seu sustento diário. E nesta nova vida, quando Ângela estava com 38 anos de idade, que receberam mais um presente: é o filho Célio que nasceu dia 3 de julho de 1953.



A filha Irma nos conta que a mãe era muito carinhosa com os filhos e que à noite, todos queriam dormir com ela. Então, à luz do pequeno feral, Ângela reunia todos os filhos: os maiores deitavam no chão e os menores em sua cama (quando João não estava!), mas antes, os que já sabiam fazer *dressa* tinham um dever a cumprir: fazer um paco (12 metros) de *dressa* cada um.



*Os pacos e a dressa de Ângela, ainda hoje, conservados pela família.*



Essa tarefa ajudava financeiramente a todos. Com este dinheirinho, eles podiam comprar suas coisas pessoais que mais desejavam ter como: relógio, sapatos, vestidos, calças, etc. Depois da tarefa, todos dormiam sob o olhar carinhoso de Ângela.

No ano de 1953 é a vez da filha Irma Thereza ir trabalhar com o tio Ângelo Zandoná na sua casa de comércio em Bento Gonçalves. Ela estava com 17 anos de idade e só voltava para casa nos fins-de-semana, quando aproveitava para freqüentar os bailes das comunidades vizinhas, como a Sertorina. Iam de caminhão ou mesmo a pé. Se fossem a pé, iam descalças até bem perto do salão (para não estragar os sapatos), lavavam os pés e calçavam os sapatos. Só havia um pequeno pormenor: Ângela, sua mãe, ia junto. Sim. Ela acompanhava a filha nos bailes e ficava sentada até o final, sempre de olho nas atitudes e no comportamento da filha e seus pretendentes. Muitas vezes, acabava pegando no sono... As moças dançavam com os rapazes, mas mantinham uma bela distância, senão já sabiam... nada mais de freqüentar bailes... Irma também tinha suas novas amigas e uma delas passou a freqüentar a casa da família: Mercedes Dal Vesco. Ela adorava visitar a amiga (nos fins-de-semana) e a ajudava nas lidas como, por exemplo, fazer pasto para as vacas. E fazia deste momento de trabalho,



um momento de lazer: brincavam o tempo todo e Ângela as acompanhava, pois gostava muito de Mercedes. E não era somente ela que gostava... Um dos filhos de Ângela se enamorou pela linda jovem e em pouco tempo iniciaram seu namoro. O filho? Delvino.

Maria, a quinta filha, conheceu José Alcides Gubert, que era colega de quartel de Delvino, e casou-se com ele no dia 11 de fevereiro de 1961, na Igreja São Pelegrino – Caxias do Sul. Motivo: José era natural daquela cidade. É a primeira festa de casamento na família de João e Ângela. Dia de festa e alegria. Maria, que morava com o tio Ângelo, comprou seu vestido e todo o enxoval em Caxias do Sul e ela estava linda!



*Casamento  
na Igreja  
São Pelegrino*

A família do novo casal logo começou a crescer: Miriam nasceu no dia 10 de janeiro de 1962; Marlise no dia 04 de agosto de 1964; as gêmeas Rosamari e Rosane no dia 03 de agosto de 1966 e o único filho homem nasceu no dia 12 de janeiro de 1985.







No mesmo ano - 1961 - mas no mês de maio, exatamente no dia 21, Delvino e Mercedes selam seu amor na Igreja Matriz de Santo Antônio, em Bento Gonçalves. A noiva? Ela estava muito linda!



*Delvino e Mercedes no dia de seu casamento*



*O casal com seus padrinhos: esq./dir: Lorena Dal Vesco, Laurindo Nilson, Darci Dal Vesco, Odila De Antoni, Maria e José Gubert, Zeferino Zandoná e Nelva Bortolozzo.*

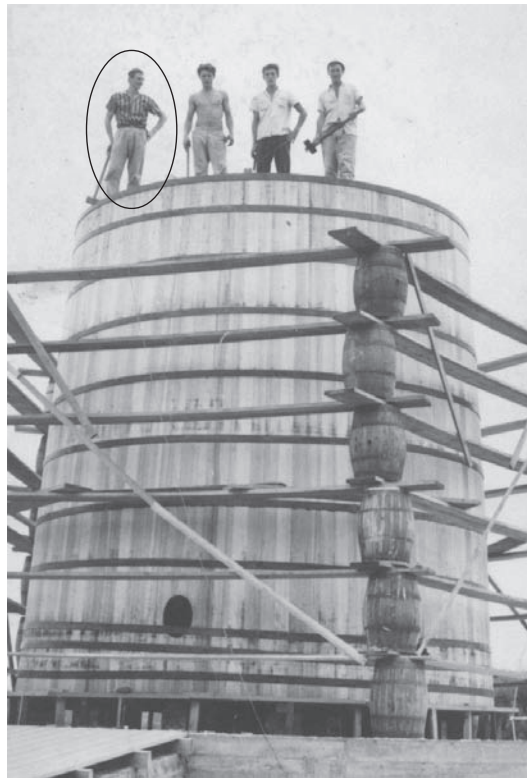


O novo casal, como de costume, passou a morar na casa paterna de Delvino. No total, eram 14 pessoas morando na mesma casa.

Mercedes já tinha certa intimidade com os afazeres da família e não teve maiores problemas de adaptação.

Delvino era um homem muito carinhoso e compreensivo e o casal estava muito feliz. Para sustentar a si e sua esposa, Delvino passou a trabalhar como ferreiro, na ferraria de Abramo Munhol. Como era tradição na época, todos os membros da família tinham que dar sua colaboração nos trabalhos da roça, mas quem guardava o dinheiro era o patriarca, no caso, João e ele distribuía conforme a necessidade, que devia ser bem necessária, senão, nada de dinheiro...

Mercedes ainda guarda um carinho muito grande desta época, difícil, mas feliz. Delvino e Mercedes foram morar sozinhos, próximos à fábrica de móveis Três S. Receberam seu primeiro filho Cleodomar no dia 6 de



*Delvino na construção de uma pipa gigante para a realização da Festa do Vinho (Fenavinho)*



maio de 1963 e o segundo filho Edson, cinco anos depois, no dia 12 de abril de 1968. Delvino trabalhou por 4 anos na tanoaria do cunhado Laurindo Nilson.

Depois disso, comprou um caminhão em sociedade com Nelson Mortari, noivo de seu irmã Zenaide e trabalhava como fretista.

Em 1967, Zeferino é quem se casou com Nelva Bortolozzo. O casal fixou residência em Bento Gonçalves e sua família cresceu: Suzana nasceu no dia 13 de outubro de 1969, Luciano no dia 16 de agosto de 1971 e Felipe dia 20 de julho de 1976.

Ângela e João viam seus filhos casarem e construírem suas próprias famílias. Num determinado período, Ângela passou a sofrer de dor na pleura. Sofria muito e passava muito tempo em repouso, mas nunca deixou de chamar os seus para o almoço: exatamente às 11h45min, ela apanhava seu apito, se aproximava da estrada e apitava em direção aos parreirais. E este seu gesto acabou sendo uma rotina também para os vizinhos, que também voltavam para suas casas, quando a vó Ângela acionava seu famoso apito.



*Festa em homenagem ao vó Vicente (Chencho) – sentado ao centro com o pequeno Edson no colo*

Um acontecimento marcante na família de João e Ângela ocorreu no dia 24 de janeiro de 1970. Iniciemos contando o que aconteceu no





almoço: Delvino e seu sócio Nelson passaram na casa dos pais para almoçar com a família. Nelson aproveitou para ver sua noiva Zenaide antes da viagem que faria. Foi um almoço especial. O caminhão havia sido revisado, pois apresentara um problema nos freios, mas eles estavam muito felizes e animados para aquela viagem. Ao descerem a serra do Rio Pelotas, em Vacaria, os dois sofreram um acidente fatal: os freios falharam novamente e eles chocaram-se contra as pedras. O caminhão pegou fogo e os dois morreram carbonizados.

- Levaram metade do meu coração!

Esta foi a expressão que a mãe Ângela usou para demonstrar o que estava sentindo. Grande dor abateu-se sobre esta família: Mercedes, sua esposa, ficou abaladíssima. Os filhos Cleodomar de 7 anos e Edson de 2 anos apenas, não entenderam muito bem o que havia acontecido com seu papai. Muita gente compareceu ao seu velório. Zenaide estava duplamente entristecida: perdeu seu noivo e seu irmão de uma só vez.

O sorriso apagou-se no rosto de Ângela e por muito tempo ficou abatida. Seu problema pulmonar agravou-se, mas não deixava se abater.

No ano seguinte, 1971, Irma Theresa casou-se com Valdecir Ferrari. Foi no dia 21 de maio, na Igreja Matriz de Santo Antônio. O casal recebeu em seus braços, no dia 19 de novembro de 1972, a única filha Viviane.

No dia 30 de dezembro de 1977, Ciro Pedro foi quem entrou na Igreja para casar-se com Teresinha Tomasini.

O filho Vitorino conheceu Vilma Simonaggio, natural de Garibaldi e com ela casou-se no dia 26 de janeiro de 1980, na Igreja São Pedro de Garibaldi. O casal passou a morar na casa paterna de Vitorino, juntamente com Ciro e Teresinha, que também estavam morando na casa paterna, enquanto encaminhavam a construção de sua própria casa, próxima a casa dos pais de Ciro. E foram eles que trouxeram a alegria de um neto a João e Ângela: é Régis que nasce dia 25 de novembro de 1979. Já na nova casa, o casal recebe Cátia, no dia 15 de novembro de 1983.

Zenaide, que havia perdido seu noivo no fatal acidente 10 anos antes, conheceu Danilo Simonaggio, também natural de Garibaldi, e uniram-se em matrimônio no dia 4 de abril de 1981. O novo casal fixou residência em Garibaldi e recebeu duas bênçãos: Jefferson que chegou ao seio da família no dia 25 de maio de 1982 e Andreise no dia 21 de dezembro de 1983.



O filho Célio passou a morar com o tio Ângelo e não se casou. Trabalha na casa de comércio juntamente com seus irmãos Irma e Zeferino.

Os netos Suzana, filha de Zeferino, casou-se com Adriano Beltrami e Luciano casou-se com Carina Pozza.

Cleodomar, filho de Delvino, casou-se com Ângela Chiaramonte e Edson com Magda Brandelli.

Miriam, filha de Maria, casou-se com Fábio Lorenzo Piccoli e tem dois filhos: Fábio Lorenzo Júnior e Laís; Marlise casou-se com Francisco Tártaro e tem duas filhas: Jéssica e Júlia; Rosamari casou-se com Lino Augusto Dalla Centa e tem uma filha: Nadine; Rosane casou-se com Mauro Irian Bertolini e tem dois filhos: Maurício e Mauren.

Ângela e João sempre viveram muito felizes, ainda mais vendo sua família crescer e prosperar.

O dia 5 de outubro de 1981 deveria ter sido como qualquer outro: todos se levantaram para iniciar as tarefas do dia, somente Ângela não se levantou. Preocupados com a demora, já que Ângela sempre acordava cedinho, junto com os demais da família, João foi ver se algo estava acontecendo, de repente Ângela não estava se sentindo bem... Foi uma surpresa grande: ao chamá-la, João não teve resposta. Ao tocá-la, percebeu que se corpo estava gelado. Ângela havia falecido, dormindo, calmamente, assim como sempre levara sua vida.

Todos foram tomados de grande surpresa, já que Ângela não manifestara nenhum mal aparente no dia anterior. A comunidade toda se fez presente, assim como amigos e demais familiares. Ângela foi sepultada no cemitério da comunidade de Santo Antoninho.

Bem, a família perdera sua “timoneira”. Ângela sempre fora aquela que esteve muito presente na vida da família. O toque do apito silenciou... Ângela agora descansa.

O casal Vitorino e Vilma, após a morte de Ângela, resolve se mudar para a cidade de Garibaldi, onde residem até hoje.

João permanece sozinho na casa que comprara com a esposa, mas tinha a assistência de seu filho Ciro e sua nora Terezinha, além da companhia dos netos Régis e Cátia. Fazia suas refeições com a família do filho e retornava para dormir em sua casa. Um hábito de João aos domingos era ir à *bodega* do salão da comunidade para jogar cartas com seu parceiro e vizinho Roberto Merlo.



O tempo foi passando e João viu sua saúde se debilitar e resolve ir morar definitivamente com o filho *Ciro*, mas ainda fazia suas visitas diárias à sua casa, até que fica impossibilitado de caminhar. Então, passa a sentar-se na área da casa de *Ciro* e acena para todos os que passam na rua.

João recebia muita visita, muitos o procuravam para que ele os benzesse: ele havia herdado do pai a benzedura contra a urticária que o pau-bugre causa na pele quando alguém o toca, ou mesmo quando passa próximo da árvore.

Quando João ficou impossibilitado, passou a benzedura a seu filho *Ciro*.

Ao completar 90 anos de idade, João recebeu uma festa surpresa de seus familiares.



*João, acompanhado dos netos e dos irmãos Ângelo (direita) e Adelaide (esquerda)*

João faleceu no dia 6 de novembro de 2003, no Hospital Tacchini. Teve morte natural.

Hoje, quem passa pela casa do filho *Ciro*, vê a cadeira onde João acenava para todos vazia, mas um sorriso vem aos lábios ao lembrar daquele simpático velhinho.









*Ana Maria Ferrari*  
*e*  
*José Rubbo*



*Ana Maria Ferrari* décima primeira filha do casal Pietro e Theresa. Nasceu no dia 25 de outubro de 1917.

Ana é a penúltima filha. Quando Theresa, sua mãe, faleceu, ela era ainda uma pequenina *bambina* de 3 anos. Não entendia o que estava acontecendo, pensava que sua mãe estivesse dormindo Cortou uma mecha de seu cabelo e colocou no caixão para que sua mãe não a esquecesse jamais.

Sua criação foi supervisionada de perto por Maria Rosa, a irmã mais velha.

Ana foi alfabetizada – sabia ler e escrever – e viveu na casa paterna até o dia que se casou.



Com 5 anos passou a conviver com Ângela Basso, a nova esposa de seu pai Pietro e presencia a chegada de mais três irmãos na família.

Entrando na adolescência, mais precisamente aos 14 anos, perdeu seu pai Pietro e pouco antes disso, viu ele se entregando para a bebida.

Ana não era diferente das outras moças da sua idade. Também fazia *dressa* para garantir os seus vestidos ou sapatos.

Preservando a tradição da família, era muita religiosa, ia à missa todos os domingos e nestas idas à Igreja conheceu José Rubbo. Antes de José, quem a cortejou foi Severino De Bortoli, que depois se enamorou pela irmã mais nova de Ana Maria, Maria.

**José Rubbo** é o filho mais velho de uma família de 6 irmãos e todos conviviam em harmonia na mesma casa.

A casa era de dois aposentos: a cozinha com seu fogão de chão – *fogoler* – com as panelas penduradas nas correntes e a mesa das refeições e a casa de dormir, que como já diz o nome, ficavam os quartos de dormir e as roupas. Esta parte da casa era de 3 andares, toda em madeira, sem pintura.

Estas terras foram adquiridas de *Eto Scatolin*, pai de Assunta Teresa Piva, casada com o irmão de Ana Maria, José.

Era um homem solitário, que morava sozinho nesta propriedade e tinha o péssimo hábito de assustar as pessoas com seu jeito rústico e grosseiro. Os vizinhos diziam que lá morava o demônio e que a casa era mal assombrada. De suas janelas saíam vozes e espíritos vagavam ao seu redor... Segundo Gema, irmã de José quando seus pais compraram as terras e eles se mudaram, ninguém da família ouviu ou viu coisas estranhas acontecendo na casa.

Um detalhe que Gema nos contou, é que não podiam deixar as crianças no pátio, pois o Massariol as levava para longe de casa e elas não sabiam mais retornar sozinhas.

## O CASAMENTO

Como uma lembrança rara, encontramos as memórias de um casal muito especial: Pedro Marcheto e Gema Rubbo. Ela é irmã de José Rubbo e testemunhou o namoro e casamento de seu irmão com Ana Maria. Encontramo-nos numa noite em sua casa e eles nos contaram os momentos com detalhes.



Ana Maria e José começaram seu namoro na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, em maio, onde José comprou um cartela de *tômbola* (bingo) e mandou entregar a ela. Claro que eles já se conheciam. O caminho para a missa era o mesmo e eles moravam próximos um do outro.

Logo que o irmão de Ana Maria, Ângelo, ficou sabendo do namoro, não gostou muito, mas aceitou e passou a ter José como amigo.

Não namoraram muito tempo. Foi coisa rápida de poucos meses, talvez um ano no máximo.

Ana Maria trabalhava com seus irmãos na roça de manhã à noite, cultivavam principalmente trigo. À noitinha, quando estavam voltando para casa, já tendo escurecido, as irmãs andavam todas juntas, de mãos dadas, pois no escuro quem gostava de passar e assustar as pessoas era o Massariol. Aliás, deste teremos muito o que contar.

Ana Maria, dentro de sua realidade, trabalhava muito, mas sonhava em casar-se com José. Fez seu enxoval (ou *Dota*) com tecidos de muito boa qualidade, enquanto José e seus irmãos confeccionaram o colchão de palha de milho. Segundo Pedro e Gema, José precisou de 8 cestões de palhas para fazer o seu colchão bem fofinho. O segredo? Cortar a palha em tiras bem fininhas. Depois, procurando penas mais fofinhas de galinha e ganso, Gema ajudou a fazer o *piumin* – colchão mais fino usado no inverno para aquecer, que era posto em cima do de palha. Isso garantia uma noite de bom sono, bem aquecidos, apesar do nosso inverno rigoroso.

No sábado que antecedeu o casamento, Ana Maria e sua primeira *comare* (madrinha) levaram nos cargueiros da mula, até a casa de José o enxoval e prepararam o quarto para o grande dia. Gema lembra que Ana Maria tinha roupas lindas. Lembramos que no quarto havia cama, o *taulin* e o baú.

O dia 6 de maio de 1942, quarta-feira, foi o escolhido para o grande momento de suas vidas.

A *colassion* foi feita na casa da noiva, oferecida por Ângelo Ferrari, sendo servidos, a partir das 8 horas da manhã, a buchada (mondongo), pão caseiro, café, biscoitos, vinho... Muita festa, muita alegria, as duas famílias juntas. Noivo e noiva juntos antes do casamento.

Numa espécie de romaria, o noivo em seu cavalo (quem não tinha, pedia “emprestado” para Gino Zanotto) ia na frente e a noiva, sentada elegantemente em seu *celim* vinha atrás, seguida pelo padrinhos e convidados. Aliás, se você está pensando numa cavalgada em silêncio e desanimada até



à igreja, está muito enganado Eles iam cantando canções italianas, alegres, o caminho todo, até à Igreja! E a volta idem.

Na Igreja, José entrou acompanhado pela sua primeira madrinha, Maria Massocco e Ana Maria entrou acompanhada pelo seu primeiro padrinho José (Bépi) Rigon.

Depois da cerimônia, todos voltavam alegres, cantando. Claro que alegres mesmo estavam José e Ana Maria. Dirigiram-se à casa do noivo, onde seria servido o almoço. Lá, o cozinheiro era o sr. Ambrósio Sonaglio. Ele preparou sopa de capeletti, carne lessa, saladas verdes, de batata e até churrasco, além de pão e sem esquecer o bom vinho.

Numa cantoria bem animada, a noiva, assim que chegou em casa, foi recebida por sua sogra que lhe estendeu a cadeira, a fim de descer de seu cavalo, mostrando assim, sua aceitação à nora. Enquanto isso acontecia, todos ao redor ficaram cantando:

*“Cara Mama la sposa lê qui  
Fegue la festa que ancói lê só dí!  
Se no save cosa far,  
Tchapê la sapa e mandela sapa!”*

Traduzido:

Cara mamãe, a noiva está aqui!  
Faça a festa, porque hoje é seu dia!  
Se não sabe o que fazer (com ela)  
Pegue a enxada e mande-a capinar!

Depois disso, os noivos passavam todos os familiares e faziam a pergunta:

- *Me chettito come nora?* (Para os sogros)
- *Me chettito come genro?*
- *Me chettito come cumbá?* (Para os cunhados)

E assim por diante, até passar todos os familiares próximos. Na casa da mãe da noiva, o pedido só era feito no dia seguinte, quando iam buscá-la para o rabaltão. Ana Maria já não tinha a presença de sua mãe, só da madrasta Ângela.

Bem, a festa foi muito animada, com música, vinho e “brodo” o dia inteiro. À noite, já estenderam o filó, animado com muita cantoria italiana.



Foi uma bela festa! No dia seguinte, foram buscar a família da noiva para o “rabaltão”, onde todos os familiares participavam e também todos os que haviam trabalhado na festa.

José e Ana Maria se amavam muito. Sempre foram muito unidos e não sabiam tomar decisões sem o consentimento do outro.

José não tinha nenhum vício, só um passatempo saudável: gostava muito de pescar e sempre o fazia com seu companheiro e “amigo do peito” Domingos Predebon.

O casal trabalhava muito, pois a família era muito pobre. Haviam conquistado seu pedaço de chão, mas o dinheiro era escasso. Faziam carvão com nó de pinheiro, e vendiam para as mulheres da cidade colocar em seus ferros de passar roupas. As mulheres e moças da casa, faziam *dressa* no escuro para economizar querosene, só no clarão do fogão de chão.

Para deixarem a roupa branquinha, na ausência do sabão, usavam cinzas. É, isso mesmo! Ferviam as roupas com cinzas!

Este mesmo “produto” de limpeza – as cinzas – era usado para esfregar a mesa da cozinha e tirar a gordura impregnada na madeira, além de lavar a louça. Gema diz que as louças ficavam muito limpas.

Um mês depois de casarem, Ana Maria engravida e espera com ansiedade pelo seu primeiro filho. Em 13 de março de 1943 nasceu Danilo, o primogênito.

Dois anos depois, mais um menino: é Delvino quem chegou no dia 9 de março de 1945.

Segundo Gema nos conta, Ana Maria levantava antes do amanhecer para amassar e assar o pão que José e os outros comeriam na *colassion* que ela mesma levava na roça para eles.

Um dia estava na roça José e seu vizinho Pedro Marchetto, plantando trigo. O cunhado de José, Ângelo Ferrari, criava pombas caseiras e elas tinham o péssimo hábito de invadir as plantações alheias. Um revoado de pombas pousou sobre as terras recém revolvidas que já havia recebido as sementes. Pedro pegou sua espingarda italiana, de dois canos e atirou... 4 pombas a menos para comer as sementes e um risoto com pombas delicioso na mesa, preparado por Ana. Mas o cunhado percebeu a falta das pombas e num encontro dos dois indagou:

- *Tchô José, se tu queria as pombas para comer era só me pedir que eu dava...*

Entre muito trabalho, mudanças e alegrias pelas quais estavam





passando, um dia era sagrado na família de José e Ana Maria: A Festa na Linha Annunciatta. José saía às 6 horas da manhã e se dirigia à comunidade. Lá, aproveitava para escolher o espeto de carne que a família comeria no almoço. Ângelo Trivelin era o churrasqueiro e colocava o nome da família no espeto escolhido antes de levar ao fogo. Ana Maria e os filhos iam depois de fazerem os serviços domésticos e o trato dos animais. Todos participavam felizes deste dia e partilhavam aquele almoço com churrasco (coisa rara!) na sombra dos eucaliptos.

Pensando em ter o seu próprio chão para trabalhar, José e Ana Maria foram morar de agregados nas terras da família Predebon. Danilo, o filho mais velho lembra-se que com esta mudança, ficou sem sua mamadeira (a *chucha*), pois a família não possuía animais. Seus pais disseram:

- Vá para a casa dos seus avós buscar uma vaquinha!

E assim Danilo o fez e seus avós cederam uma vaquinha para que ele e seus irmãos não ficassem sem o leite.

Lá nasceu Celina, no dia 7 de agosto de 1946. Ela seria a única filha mulher do casal.

Ana e José trabalhavam muito, sofriam por não terem suas terras, mas eram felizes... junto. Existia um grande respeito entre eles e faziam tudo em comum acordo. Nunca se separavam, para nada. Quando José, aos domingos, ia para o seu jogo de bochas, voltava para casa bem cedo e ajudava Ana no trato dos animais.

Ela por sua vez, recebia suas amigas em casa, onde costumava preparar um tipo de *sfgolá* – era um doce feito com farinha de trigo, banha e açúcar e o chamavam de “*Pirolot*”. Tudo era levado ao fogo e Ana não parava de mexer o preparo nunca. Também gostava muito de visitar suas primas Gema e Maria Teresa Mazzocco, filhas de Santina e Ângelo Mazzocco.

Ela era bondosa, paciente e prendada: cuidava de todos com muito amor e carinho e ainda costurava as roupas para toda a família. Ele, um homem honesto, trabalhador e “*sem boca pra nada*”.

Buscando novamente uma vida melhor para todos, José e Ana Maria, peregrinos da vida, mudaram-se e vão morar na casa da família Tumelero, trabalhando também como agregados.

Nasceram mais dois filhos: Severino Rubbo, no dia 16 de maio de 1948 e Aleixo Rubbo no dia 25 de julho de 1952. Abro um parênteses para



este último filho: José (*Bépi*) saiu de casa rumo ao cartório para registrar o seu último filho. O nome havia sido escolhido: Nelson. E todos o conheciam e chamavam por Nelson. Muito tempo depois, alguém pegou a sua certidão de nascimento e lá estava escrito: Aleixo Rubbo. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu e quem criou a confusão toda, se o escrivão ou o pai. Então ele é chamado hoje por Nelson Aleixo. Ou melhor, perante Deus, nos documentos da Igreja (batismo, eucaristia, crisma e casamento) ele é Nelson e no registro civil é Aleixo. Como sabemos, antigamente aconteciam vários casos de erro nos cartórios, pois os nomes eram registrados “de ouvido”.

O filho Danilo iniciou seus estudos no Colégio das Irmãs de São José, na sede do distrito e estudou até a terceira série. Com 10 anos ganhou seu primeiro tamanco – aquele com sola de madeira. Antes disso, ia à escola sempre descalço. E assim aconteceu com Delvino. Mas Danilo, num dia de geada, molhou seus tamancos e ao chegar em casa, para secá-los mais rápido, os pôs no “forninho” do fogão à lenha. Como era um dia muito frio, a família fez bastante fogo e quando Danilo deu-se conta, seus tamancos estavam queimados, mas muito queimados, totalmente queimados...

Em várias ocasiões, José e os filhos maiores saíam para caçar passarinhos (a caça era liberada e abundante). Enquanto eles faziam isso, Ana Maria e os menores preparavam a polenta e colocavam a banha numa frigideira e seguiam rumo à direção dos caçadores. Lá, limpavam e cozinhavam os passarinhos. Depois, todos juntos, os comiam com polenta.

José e os meninos costumavam também armar arapucas para pegar os passarinhos. Ana, enquanto voltava da roça, após ter ido levar a *colassion*, ia averiguar se havia passarinhos nas arapucas e as encontravam todas desarmadas. Ela contava que via o *Massariol* batendo palmas para ela e dizendo:

- *Gueto tchapa???* (Você pegou algum?)

No domingo de Páscoa, Danilo nos contou que seu pai saía de casa bem cedo para caçar, mas permanecia embaixo da planta de “multa”, vendo uma revoada de pássaros (que eles poderiam comer... era só dar um tiro... só!), mas sabia que não poderia dar nenhum tiro antes do “Glória” - do ressoar dos sinos do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Pompéia.

Também, como já dissemos, José adorava pescar. Então, um dia ou melhor, uma noite, com seu amigo Domingos Predebon e seu filho Danilo, saíram para pescar nas “astes” do Buratti. Armaram o caniço do “*Milho*



*Fino*” (apelido de Augusto Fedrizzi) e esperaram. Quando viram, o caniço estava mais que cheio. Quase faltaram forças para tirá-lo fora da água. Pescaram mais de 30 quilos de peixes. Ao chegarem em casa, espalharam-os sobre a mesa e eles formaram um lindo e espesso tapete. Comeram peixe por vários dias e ainda distribuíram aos vizinhos.

E se passaram 18 longos anos...

Muita coisa foi feita, muito suor foi derramado e muitos “sapos” engolidos, até que o casal conseguisse economizar o suficiente para adquirir sua colônia de terras no bairro Borgo. Era o lote nº 6 do bairro Borgo, que pertencia a família Orso.

Os filhos já estavam crescidos e Danilo, o mais velho, já trabalhava fora há algum tempo. Exercia a profissão de pedreiro e morava de pensão na casa da família Orso. E foi ele quem levou para casa uma novidade incrível: o despertador, mais conhecido como “*svelba*”. Até então, a família baseava-se no sol que se adentrava na janela para saber as horas. E o erro era mínimo...

Os filhos estavam moços, já estavam trilhando seu caminho e procurando empregos. Celina, a única moça, também trabalhava fora, mas nos fins-de-semana gostava mesmo de ir aos bailes que haviam na região.

José e Ana ainda cultivavam parreiras nos fundos de seu terreno.

Então Danilo conheceu Nair Passaia e com ela casou-se no dia 27 de fevereiro de 1967. Ele havia construído, juntamente com seu irmão Delvino, uma casa para eles, perto da casa dos pais, no bairro Borgo.



*Danilo Rubbo*





Delvino por sua vez, casou-se com Luci Flaiban no dia 17 de janeiro de 1970 e mudou-se para a casa nova. Cada casal tinha sua parte na casa, sua privacidade... as entradas eram separadas e os cômodos também eram privados. Delvino sempre trabalhou em vinícolas: antes na Aurora e depois na Dreher.



*Delvino Rubbo*

No dia 18 de dezembro de 1976, Celina é quem deixa a casa de seus pais para casar-se com Vitorino Rodrigues da Silva. Eles se conheceram no dia 20 de outubro de 1968, domingo, à tarde, numa reunião dançante.



*Celina Rubbo*



*Franciele, Celina, Vitorino e Márcio*



Severino, o penúltimo filho, no ano seguinte, casa-se com Jurali Crestani no dia 8 de janeiro.



*Severino Rubbo*

Aleixo (Nelson), o caçula, permanece com os pais mesmo depois de casado. Sua esposa Terezinha Pizzatto se uniu a ele no dia 17 de maio de 1980 e o casal deu assistência a José e Ana até seus últimos dias de vida.



*Aleixo (Nelson) Rubbo*

Com os filhos casados, José e Ana foram ganhando netos e netas:  
De Danilo e Nair ganharam a neta Adriane, nascida no dia 22 de junho de 1971. Hoje Adriane é casada com Paulo de Paula e ainda não tem filhos.



De Delvino e Luci ganharam Fernando nascido no dia 26 de dezembro de 1970. Hoje ele é casado com Sandra Gostenski e pai de Kamilla, nascida no dia 27 de abril de 2002. Também ganharam Fernando nascido no dia 1º de março de 1979.

De Celina e Vitorino, José e Ana ganharam Márcio nascido no dia 20 de dezembro de 1982 e Franciele nascida no dia 22 de janeiro de 1988.

De Severino e Jurali ganharam os netos Rodrigo nascido no dia 10 de junho de 1977 e Ana Méri nascida no dia 10 de junho de 1988.

Aleixo (Nelson) e Terezinha presentearam José e Ana com as netas Vanessa nascida no dia 23 de setembro de 1983 e Jéssica nascida no dia 20 de dezembro de 1993.

Muitas alegrias, grandes realizações, muita união, sofrimentos superados...

José e Ana permaneceram unidos em todos os momentos de suas vidas.

Aposentados, passaram a ter outra rotina: após o almoço, costumavam fazer a *sesta*, o tradicional soninho da tarde.

E foi no dia 25 de julho de 1989 que Ana e José foram deitar-se, mas somente José acordou... Ana morreu dormindo, calma, tranqüila, serena... como sua irmã Ângela Colomba, a quem era muito ligada! Ela contava com 71 anos de idade.

José perdeu sua companheira. Haviam completado 47 anos de casados. Ficou sozinho, triste... mas contava com o apoio dos filhos, noras, genros, netas e netos. Todos adoravam o avô.



*Ana Maria*





Outra perda que abalou José foi a de seu filho Delvino. Ele havia desenvolvido um problema cardíaco e acabou falecendo no dia 27 de setembro de 1992.

Outro agravante foi o problema de asma de José que se tornou significativo e assim, quatro anos depois, faleceu de insuficiência respiratória aguda. Foi no dia 21 de agosto de 1993, no Hospital Tachini.



*José Rubbo*



## *Mazia Josephina Ferrari* *e* *Severino De Bortoli*



*Maria Josephina Ferrari* - última filha que Theresa Santolin deu à luz.

Abro um parêntese para a morte de Theresa, narrando algo muito intrigante, que só nos foi contado quando visitamos os familiares de Maria Josephina: Theresa ainda bem jovem conheceu Pietro Ferrari, pois sua mãe, Colomba Durante, era madrinha de batismo dele, portanto, ele a visitava com freqüência. Com o tempo passando, eles resolveram se casar.



Ela tinha 19 anos, ele 22 anos. Mas havia alguém importante na vida de Theresa que discordava terminantemente da união dela com Pietro: era sua madrinha de batismo que não cansava de repetir a Theresa: se ela se casasse com aquele “*Furlano*” ela acabaria gritando de fome, pois ele não tinha nada a oferecer a ela. Como sabemos, o amor sempre é maior e Theresa uniu-se a Pietro, indo morar em sua casa no Lote herdado do pai de Pietro, Giovanni Battista. Ela engravidou logo no primeiro mês de casamento, mas nunca passou fome. Na sua casa, ao contrário dos desejos de sua madrinha, havia muita fartura.

Theresa costumava visitar suas amigas e parentes, era feliz, mas começou, ainda no primeiro ano de casada, a sentir-se estranha quando chegava perto de sua casa, ao retornar das visitas. Outro detalhe é que, enquanto seguia pelas trilhas estreitas abertas na mata densa, sempre encontrava sua madrinha (coincidência?) e esta sempre lhe oferecia alguma coisa para comer: um amendoim, uma rapadura, um docinho, uma bala... e ela não sabia recusar, afinal era sua madrinha. Na volta para casa, quando estava chegando perto da residência começava a sentir-se mal, parecia se sufocar e num ataque inexplicável, ela corria ao redor da casa, babando e gritando desesperada como se algo a atormentasse muito. Pietro sofria muito vendo sua esposa querida sofrendo tanto... Quando isso acontecia – e foram várias vezes – Pietro fazia os serviços domésticos, cuidava dos filhos e tratava os animais. Era algo apavorante...

Seis meses depois de Maria Josephina ter nascido, a décima segunda filha, Theresa faleceu aos trinta e nove anos de idade. Sua alma finalmente repousou e ao retirá-la de sua cama, ao revolver o seu colchão de palhas, encontraram dois sapos (vivos). Para estes acontecimentos, o povo chamava de “*strigue*” ou mal feito. Este foi o diagnóstico da morte de Theresa. E o mal teria partido exatamente de sua madrinha, que deveria ter zelado pelo seu bem-estar e não aceitou ver Theresa feliz ao lado de Pietro.

Maria Josephina foi a que mais sofreu, pois perdeu sua mãezinha quando ainda mamava em seu peito. Maria Rosa assumiu a condição de dona de casa, mesmo tendo outros planos para sua vida, pois já namorava Antônio Rubbo e sonhava em casar-se com ele.

Quando Maria Rosa casou-se, Maria Josephina tinha 4 anos e sentiu a falta da irmã, que para ela havia assumido o papel de sua mãe. Maria Rosa a visitava com freqüência e vendo sua irmã chorar muito e sentir sua falta,



numa decisão conjunta do casal, Maria Rosa a acolheu em sua casa e ela foi criada entre as duas famílias.

Maria Josephina não se separava também de suas irmãzinhas Ângela Colomba, de 9 anos e Ana Maria, de 7 anos. Estavam sempre juntas, dormiam juntas no mesmo quarto, quando Maria estava na casa do pai Pietro. Aliás, Pietro tinha um jeito todo seu de chamar sua caçulinha Maria: “*Moro*”.

Era ela que invadia o porão, através de uma fresta, para buscar o vinho para o pai, já que Ângelo o trancava, pois Pietro costumava exagerar na quantidade que bebia. Um certo dia, Ângelo, ao retornar da lida da roça, encontrou seu pai Pietro embriagado novamente e na ânsia de tentar ajudá-lo a largar este vício, foi até a cantina e abriu a pipa de vinho, deixando que o líquido todo de esvaísse pelo chão. No andar de cima, Pietro ouviu o barulho do vinho saindo e depois sentiu o cheiro, que invadiu toda a casa. Ele disse para Maria:

– *Moro vá veder! Ghá storá lá pipa del vin!*

Como Maria sabia o que estava acontecendo, ela desconversou, dizendo que não estava ouvindo nada. Pietro ficou muito bravo com relação à atitude de Ângelo de jogar fora tão precioso líquido e alguns dizem que ele obrigou o filho a comprar mais vinho para repor o que ele havia jogado fora.

Maria Josephina guardava em seu coração uma grande vontade de ter conhecido sua mãezinha. Numa noite, ela e as irmãs Ângela e Ana estavam dormindo, mas no meio da noite precisaram ir ao banheiro (ou à patente...). Era noite de lua cheia e estava razoavelmente claro. Ao saírem, avistaram no canto da casa, uma mulher, vestida de branco e as observando. Ângela e Ana voaram para dentro de casa, mas Maria Josephina permaneceu lá, olhando para aquela mulher, não conseguindo desviar o olhar daquele olhar que a observava com tanto carinho. De tanto as irmãs chamarem, ela entrou em casa e disse para as irmãs que era a mamãe que estava lá fora. No início elas discordaram, pois pensavam que se tratasse de uma pessoa que estava passando por lá, mas depois se lembraram que a mulher tinha o mesmo vestido que sua mãe vestia no dia que havia sido enterrada.

Em outra noite em que as irmãs estavam em seu quarto, antes de dormir, Maria Josephina olhava pela janela em direção à fonte de água, perto de casa e algo lhe chamou a atenção: parecia uma bola de fogo pairando sobre a fonte. As irmãs mandaram fechar a janela e ela dizia que a bola de fogo vinha em sua direção. As irmãs insistiram para que fechasse



a janela e no instante que o fez, ouviu-se um forte impacto contra a janela, que na época era de madeira, sem vidros. Quando foram olhar, o queimado na madeira era igual a mão de uma pessoa. Nelson, o filho de Maria, disse que ela sempre relembrava esta história e nos contou que se ela tivesse guardado a madeira, a estampa estaria nela até hoje. Mistério...

Com 11 anos “*Moro*” perdeu seu pai e sua companhia permanente.

Maria Josephina estudou da primeira à quinta série na escola da Linha 40 e aprendeu a ler e escrever muito bem. Escrevia na pedra, chegava em casa e fazia os temas. No outro dia, após apresentar suas tarefas feitas, apagava e aprendia uma nova lição. Ela até estava pronta para dar aulas, mas escolheu outro caminho. Esta pedra, bem mais tarde, Maria passou para o filho João, que também a usou na escola.

Após a morte de seu pai, passou definitivamente a morar com sua irmã Maria Rosa.

Em sua nova casa, mais acontecimentos marcaram Maria Josephina. Um deles ocorreu enquanto estava dormindo, em seu quarto. Para melhor entender, a parede do quarto de Maria era feita de “*taiipa*” bruta, igual a que se construía nos parreirais. Maria estava dormindo e ouvindo um barulho muito estranho, chamou sua irmã. Maria Rosa pediu que ela dormisse, pois nada de errado estava acontecendo. Diante da insistência da irmã, ela pegou o “*chareto*” e foi ver o que estava acontecendo, mas não viu nada de errado. Voltou a dormir e mais uma vez foi chamada. Já perdendo a paciência, foi ao quarto de Maria de novo e examinando melhor, viu, no meio de uma fresta, na “*taiipa*”, uma grande cobra jararaca. Ela é que estava fazendo o estranho barulho.

Outra história de cobra, envolvendo a pequena Maria Josephina, foi num dia em que foi ajudar sua irmã e cunhado na roça. Estavam recolhendo as espigas de milho e levando para o paiol. Maria conduzia os burros e como a trilha era estreita, um burro andava na sua frente e outro atrás dela, assim teria como controlar os dois. Num determinado ponto, Maria gelou: uma cobra, conhecida como “*caninana*” de mais ou menos 10 metros de comprimento estava atravessando a trilha, exatamente na sua frente. Por medo ou por instinto, ela permaneceu imóvel e foi isso que a salvou. A cobra simplesmente atravessou e se adentrou na mata não fazendo nenhum mal, nem a ela, nem às mulas. Mas Maria ficou muda... chegou em casa e as palavras não saíam mais de sua boca... estava em estado de choque. Levou um tempo para que ela voltasse ao normal.



E o Massariol também não economizou Maria. Esse tal de homenzinho vermelho que todos afirmam que existiu e várias pessoas testemunham que o viram, fez com que ela se perdesse bem perto de casa. Ela foi buscar as vacas para sua irmã, no potreiro encostado à casa. De repente ela pisou exatamente onde o “vermelhinho” havia pisado e tudo ficou muito estranho. Não conseguia saber onde estava e não reconhecia o lugar por onde estava andando. Maria Rosa, percebendo a demora, foi procurá-la, mas não conseguiu localizá-la. Ela a chamava, mas Maria não a ouvia (outro efeito do Massariol). Quando a menina se deu conta, fez o sinal da cruz e se encontrou no meio de um espinheiro, sem saber como havia chegado lá e teve muita dificuldade para sair. Ouvindo os diversos relatos, posso afirmar que esse homenzinho vermelho conhecido como Massariol (Saci-Pererê italiano) existiu e muito se divertiu à custa dos outros.

Assim Maria Josephina cresceu, virou uma linda jovem e como todas as demais, almejava encontrar o seu pretendente, o homem que a levaria ao altar. Este era o sonho de toda moça. Então, numa festa em Pinto Bandeira, no jogo da “tômbola” um rapaz mandou uma cartela. E ela aceitou. Este

rapaz era Severino De Bortoli, aliás um jovem muito bonito. Até as irmãs Ângela e Ana a cutucaram e disseram que era um “*bel tosat*” (lindo rapaz) e era bom ela cultivar bem este relacionamento. Ele era filho de João De Bortoli e Maria Zandoná e também era residente na Linha Silva Pinto.

Severino pediu permissão a Antônio Rubbo para namorá-la e ele consentiu.

Mas Severino ainda não havia servido ao Exército e então ele, aos vinte e um anos, se alistou e entrou para cumprir sua obrigação para com a Pátria. Foi servir no quartel de Bagé e exercia a profissão de ferreiro (fazia as ferraduras dos cavalos).

**MINISTERIO DA GUERRA**  
3.º R. M. 1917  
CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 1ª CATEGORIA  
N.º 236391

*Severino De Bortoli*  
Certificado que o cidadão *Severino De Bortoli* da cidade de *Pinto Bandeira*, no Estado de *Rio Grande do Sul*, e incorporado no ano de *1918*, é considerado reservista de 1ª categoria.

**A) Identificação**  
Filho de *João Bortoli* e de *Maria Zandoná*  
Natural (Estado) *do Rio Grande do Sul* (Cidade) *de Pinto Bandeira*  
Data de nascimento *24 de Junho de 1898*  
Profissão *ferreiro*  
Outras notas

**B) Serviço activo**  
Unidades onde serviu *1.º Regimento de Artilharia de Campo de São Paulo*  
Especialidade *de Artilharia*  
Graduação *Soldado*

**C) Mobilização**  
Destino de mobilização *Pinto Bandeira*  
Faz residir em *Pinto Bandeira*  
Em caso de mobilização deverá apresentar-se *em Pinto Bandeira*

**OBSERVAÇÕES**  
A) Este certificado poderá ser substituído oportunamente pela caderneta correspondente.  
B) Em caso de mobilização ou reserva terá de apresentar-se à autoridade local (civil), e só se houver generoso aquiescente, além de obter antes de transportar-se a bordo a Carteira de Mobilização.

Certificado de Reservista de Severino





Abaixo, fotos históricas do que era o Serviço Militar na década de 40:





Maria Josephina e Severino se comunicavam por carta. Ele era analfabeto, não sabia escrever, mas no Exército existia uma pessoa que prestava este serviço mediante pagamento. Então, o jovem ia até esta pessoa e ditava a carta que depois era postada à sua amada. Maria como sabia ler e escrever as respondia, sem depender de ninguém. Numa delas, assim iniciou sua narração: “Meu querido enamorado Severino:” E ela as conservou por longos anos consigo guardadas numa bolsa especial, até que um dia, as queimou, pois seus filhos as leram e passaram a repeti-las e ela ficou muito envergonhada, então se desfez delas.

Ao concluir seu ano no Exército, Severino retornou para sua casa e no dia 21 de maio de 1941 casou-se com Maria Josephina. Ele de 23 anos e ela de 21 anos de idade. A *colassion* tradicional foi na casa de Antônio Rubbo e o almoço foi na casa de Severino.



*Severino e  
Maria Josephina  
algum tempo  
após o  
casamento.*

O casal passou a morar com os pais de Severino e lá permaneceram juntos por três anos. Antes de completarem um ano de casados, exatamente no dia 17 de março de 1942, Maria deu à luz seu primogênito João (*Joanin*). No ano seguinte, no dia 31 de maio de 1943, nasceu Danilo e no dia 23 de setembro de 1944 foi o terceiro menino que nasceu: Antônio.

Com a família crescendo, Severino decidiu que deveria morar sozinho, em suas terras. Então o pai dele, João, destinou a ele um pedaço de terra, mas ele não gostou do local. Então o pai decidiu fazer uma troca com outra irmã de Severino e comprou uma terra pertencente ao seu “*Cafiol*” que era mais cultivável e já possuía casa. E para lá Severino e Maria se mudaram.



- Então nasceram, para completar a família:
- Ciro, no dia 10 de julho de 1946;
  - Dionísio, no dia 7 de janeiro de 1948;
  - Teresinha, no dia 14 de novembro de 1949;
  - Aurora, no dia 2 de outubro de 1951;
  - Olívia, no dia 3 de julho de 1953;
  - Nelson, no dia 3 de setembro de 1957 e
  - Gilberto, no dia 9 de março de 1963.
- No total: 10 filhos.



*Foto da família (da esq. p/ dir.): De pé: Ciro, João, Danilo, Antônio e Dionísio. Sentados: Terezinha, Olívia, Severino, Maria Josephina, Nelson (colo) e Aurora.*

Danilo, como já contamos sua história, aos 4 anos passou a morar definitivamente com sua tia Maria Rosa e Antônio Rubbo, mas sempre ia visitar seus pais e brincar com seus irmãos. Muitas vezes, os irmãos o rejeitavam e não queriam que ele ficasse em casa com eles. Até apelidaram Danilo de “Tigrão”, por causa de um blusão listrado que ele havia ganhado dos tios. No fundo, no fundo, os irmãos estavam um pouco invejosos...

Severino aprendeu com sua esposa Maria a ler e escrever. Ela, que poderia ter sido professora, agora ensinava a seu próprio marido a defender-se nos seus escritos.

Severino também era um ótimo jogador de cartas e sabia exatamente



quais as cartas que os adversários tinham nas mãos. Seu senso de observação era muito aguçado. Ali, no jogo de cartas, também aprendeu a matemática.

Severino e Maria tinham sua própria colônia e cultivavam um pouco de cada cultura, mas principalmente parreiras. Criavam vacas, galinhas e porcos.

Tinham o hábito de rezar o terço, à noite, em família e todos deveriam ficar de joelhos. Severino pegava uma cadeira e descansava seu joelho sobre ela, enquanto ficava vigiando os filhos e Maria puxava a reza. E claro, ai de quem não ficasse ajoelhado o terço inteiro... Quando a capelinha visitava a casa deles, os vizinhos vinham rezar junto e já aproveitavam para fazer o tradicional filó, com direito a comes e bebes.

Bem, não devia ser fácil para Maria e Severino controlar 9 crianças...

Ao meio-dia, Severino ia sempre tirar sua “*sesta*” e exigia silêncio absoluto. Então, as crianças iam brincar bem longe de casa.

A casa em que moravam era de dois andares e a cozinha era separada da casa de dormir.

Conta-nos o filho Nelson, que num dia de chuva, Severino estava sentado, escrevendo uma carta para seu irmão que residia em Porto Alegre. Os filhos estavam no andar superior, os 9, brincando. Era uma bagunça danada! E Severino não admitia barulho algum enquanto estava lendo e escrevendo. Chamou atenção uma vez e nada... duas e nada... a bagunça continuava... num grito ordenou que todos descessem. Conforme iam descendo as escadas e passando pelo pai, recebiam uma chinelada. Todos apanharam menos Nelson que era o menor. Naquele dia, os outros irmãos rejeitaram o irmão menor nas brincadeiras e não falaram com ele, pois ele havia sido privilegiado, mesmo tendo participado da bagunça. Nelson ficou muito triste e foi se lamentar com a mãe na cozinha.

Em mais uma lembrança de criança de Nelson, ele nos contou que para ir dormir, eles precisavam sair para a varanda, abrir uma porta e subir a escada até os quartos, mas faziam isso sem qualquer tipo de iluminação. Como ele era um dos menores e tinha muito medo do escuro, ele costumava subir as escadas, mas deixava a porta aberta, na varanda, para que a luz da cozinha o acompanhasse até o quarto. O pai já havia avisado que ele deveria fechar sempre a porta. Numa noite muito fria de inverno, Nelson sobe as escadas, acomoda-se em sua cama, mas não fecha a porta novamente. Seu pai esperou até que ele se acomodasse e se esquentasse e então, o chamou e



fez com que ele deixasse sua cama quentinha, descesse as escadas e fechasse a porta. Depois deste dia, nunca mais Nelson esqueceu de fechar porta alguma por onde passasse.

As brincadeiras mais freqüentes dos filhos eram “*peta-petada*” (esconde-esconde) e “*piera – correr-se drio*” (pega-pega). Também Severino os levava pescar, nas lastes do Rio Buratti. Era diversão garantida.

Aliás, nem só de diversão as crianças viviam: o filho mais velho João ia para a escola com a palha embaixo do braço, fazendo *dressa*, para poder comprar seu material escolar e o guarda-pó que era usado na escola. Nos fins-de-semana os filhos tinham uma “*rocinha*”: plantavam milho, trigo e pipoca. O trigo era duplamente aproveitado: o grão para a farinha e as palhas que serviam para fazer *dressa* e também eram usados como canudinhos para beber coca-cola e outros refrigerantes. As crianças vendiam no comércio do Sr. Ângelo Nichetti na sede de Pinto Bandeira. Também plantavam vassouras e vendiam no mesmo comércio. Aliás, as vassouras tinham um segredinho: tinham que ser colhidas quando a semente estava vermelha e só depois deixavam secar. As sementes eram reaproveitadas e as vassouras eram de ótima qualidade.

Outra atividade que depois os filhos desenvolveram, principalmente o filho João, foi a de empalhar cadeiras. Colhiam os gravatás e deixavam secar na sombra até murcharem. Quando estavam prontos, molhavam a palha a fim de poderem fazer o trançado dos assentos e encostos das cadeiras. Quem não lembra das lindas cadeiras de palha que nossos avós tinham em suas casas? João chegou a empalhar 40 cadeiras para o Salão Paroquial de Pinto Bandeira, mas o plástico veio substituir a palha...

Já contamos que os meninos costumavam ir, com o pai Severino, pescar nas astes do Rio Buratti, mas o que não contamos é que eles também pescavam caranguejos. Isto mesmo. Eles eram abundantes e a tarefa dos meninos era encher uma lata de azeite, aquelas quadradas, de caranguejos. Segundo João, eles tinham uma tática especial para pescar os bichinhos: primeiro, matavam umas rãs com a *funda* (estilingue) para usar como isca. Tiravam a pele e usavam a carne branquinha, amarrada num barbante, com uma pedra na ponta a fim de afundar na água. Cada vez que puxavam para fora o barbante, vinham na média de 10 a 12 caranguejos pendurados. Matavam e limpavam os bichinhos, que tinham destino certo: a banha da frigideira, no *fogoler* improvisado na beira do rio.



Outra idéia criativa de João foi a de ensinar seus irmãos Antônio e Ciro a descosturar as calças no *bumbum* para facilitar, segundo ele, a realização das necessidades vitais sem tirar as calças! Muita criatividade estas crianças possuíam.

Num belo dia, vejam só, os irmãos João e Antônio resolveram ajudar a irmã Terezinha a extinguir os vermes que a incomodavam. Sabem o que eles fizeram? Deram duas colheres de querosene para ela tomar.

Numa outra aventura, quase aconteceu uma tragédia: perto de casa existia uma fonte de água e lá havia muitas rãs. Antônio, menininho, disse a João que queria pegar as rãs. O irmão, com sua criatividade, disse ia ajudá-lo: arrumou uns gravetos e colocou trançados sobre a fonte e disse ao irmão:

- Agora pode ir que é seguro.

Nos primeiros passos de Antônio, os gravetos se romperam e ele caiu na fonte. João, no desespero, também se atirou na água para ajudar o irmão, mas se não fosse o vizinho ter visto o ocorrido, os dois teriam se afogado.

Outra brincadeira que não era esquecida por ninguém, eram as “presepadas” de 1º de abril. Ninguém escapava, nem os mais velhos. Uma vítima foi o tio Pedro De Bortoli, irmão de Severino, que foi até à casa do irmão pedir o arado emprestado. Os meninos disseram que a ferramenta estava na roça. Só que para chegar lá, era necessário passar por um trecho de subida bem acentuada. O tio chegando lá, não encontrou arado nenhum, é lógico! Desceu furioso e os meninos gritaram:



*João, aos dezoito anos  
prestando serviço militar.*

- Primeiro de abril!

- *Te me rive al fil della polenta!* Grita o tio.

Esta expressão era muito usada quando alguém mais velho queria acertar contas com os pequenos.

O tio teve que esperar até o ano seguinte para revidar a brincadeira. E não é que ele conseguiu?

Mas João também aprontou com o outro tio: José De Bortoli. José ensinou o sobrinho a cortar cabelo, profissão que João exerce até hoje, desde os 18 anos.





Então, um cortava o cabelo do outro. Só que não existia espelho. João pegou um pedaço de carvão, o esmigalhou e colocou num saquinho no bolso da calça. Ia cortando o cabelo do tio e ajeitando o cabelo com a mão suja de carvão. Caprichava mais, quando a mão passava pelo rosto, a fim de tirar os cabelos soltos. O pobre tio ficou todo preto! João lembra-se até hoje e riu muito de suas artes.

O futebol, assim como as festas religiosas das capelas, era um motivo importante de reunião de amigos. Mas não sem rivalidades, é claro. Cada time, quando se forma, é para vencer. Esta pelo menos é a lógica das coisas. E este time abaixo, é a formação oficial do BONANZA da Linha 40, que venceu uma competição contra o time do Rosário e se sagrou campeão. O ano não temos como precisar, mas essa conquista foi inédita!

Confirmam a formação do time, sob a coordenação de Ângelo Marchetto (*Móri*) e Domingos Predebon.



Da esquerda para a direita, de pé: Domingos Predebon, Dionisio De Bortoli, Ciro Coghetto, Setembrino Pavan, Amélio Pavan, Danilo Ferrari, Ângelo De Bortoli e Ângelo Marchetto (*Móri*).

Agachados, da esquerda para a direita: Cláudio De Toni, Onorino Predebon, Redovino Predebon, Darci Predebon e Antônio Ferrari.

Os filhos foram crescendo e formando novas famílias. O que começou com Severino e Maria Josephina, hoje se multiplicou.

João, o filho mais velho casou-se com Lúcia Guizzo, no dia 8 de fevereiro de 1964. Após o casamento, morou com os pais durante um



*Dionísio, Ciro, Antônio, Danilo, João, Severino, Teresinha, Maria Josephina, Terezinha, Oliva, Nelson e Gilberto. Toda a família reunida.*

período e após comprou terras, onde foi morar com a família, que cresceu: Lourenço foi o primeiro filho do casal. Ele nasceu dia 18 de janeiro de 1965 e casou-se com Ivone De Toni. O casal mora no Paraná – cidade de Medianeira e tem três filhos: Denis Abel, Keneddy e Carmela. Gilmar foi o segundo a chegar na vida de João e Lúcia no dia 10 de julho de 1966 e casou-se com Adriana Polesso. Também mora em Medianeira e trabalha com os irmãos. O casal tem duas filhas: Gabriela e Isabel. O terceiro filho é Volnei que nasceu dia 15 de abril de 1978 e está noivo de Valéria Araújo. Mora com os irmãos em Medianeira. Portanto, o casal hoje vive em Pinto Bandeira, mas tem os pensamentos voltados para a cidade de Medianeira, onde ainda pretendem se mudar um dia para ficar junto dos filhos.

Danilo, o segundo filho do casal, já teve sua história detalhada no capítulo de Maria Rosa e Antônio Rubbo.

Antônio nasceu dia 23 de setembro de 1944 e casou-se com Tercila Marini no dia 1º de dezembro de 1973.

Ciro foi o quarto filho a chegar na família e nasceu dia 10 de julho de 1946. Casou-se com Martina Bohn no dia 27 de maio de 1972, em Pinto Bandeira, aos 26 anos, e atualmente reside em Caxias do Sul.

Tem dois filhos: Márcio nascido no dia 22 de agosto de 1979 e Leomar nascido no dia 25 de junho de 1975.



Dionísio nasceu dia 7 de janeiro de 1948 e foi o quinto menino a chegar na família. Casou-se com Jurema Poloni no dia 13 de setembro de 1980 e desta união nasceram Gustavo no dia 13 de janeiro de 1982 e Vanda dia 26 de março de 1983. Dionísio infelizmente sofreu um acidente e veio a falecer no dia 28 de outubro de 1982.

Teresinha, a primeira menina, nasceu no dia 14 de novembro de 1949 e ela casou-se com Luiz Pavan no dia 1º de setembro de 1985, aos 36 anos de idade. Teresinha hoje mora em Pinto Bandeira e é viúva. Tem uma única filha: Tânia nascida no dia 20 de fevereiro de 1987.

Aurora nasceu dia 2 de outubro de 1951. Foi a segunda menina a brilhar na família de Severino e Maria Josephina. Casou-se com Luis Maso, dia 19 de maio de 1979 e o casal teve 4 filhos: Marcelo nascido no dia 4 de maio de 1980; Marciane no dia 2 de novembro de 1983; Márcio Antônio nascido no dia 9 de maio de 1984 e Nãdia no dia 17 de janeiro de 1980.

Olivia nasceu dia 3 de julho de 1953 e casou-se com Alfeo Pozza. O casal tem um filho: Alfeo Pozza Júnior nascido em 20 de junho de 1984.

Nelson quebrou a seqüência de meninas e nasceu dia 03 de setembro de 1957. Aos 22 anos se casou com Terezinha Chimello. Foi no dia 14 de julho de 1979, em Pinto Bandeira. O casal tem dois filhos: Ivan nascido no dia 19 de maio de 1980, casado com Lucimar Rossetto em 19 de março de 2005, em Pinto Bandeira e Cleiton nascido dia 9 de abril de 1985. Os dois filhos moram com os pais. Nelson e Terezinha, após o casamento foram morar com os pais de Nelson e depois de um ano, compraram sua casinha e se mudaram. Mas Severino e Maria Josephina ficaram sozinhos em casa e sentiram-se muito sozinhos. Isto é, Gilberto ainda morava com eles. Antes a casa cheia, agora quase ninguém para lhes fazer companhia. Severino e Maria então, pediram para o casal ir morar com eles. Foi uma decisão difícil na vida do casal, pois abandonariam seus projetos para voltar à casa paterna. Decidiram-se por mudar-se e com os filhos pequenos, passaram a morar e trabalhar com os pais de Nelson. Numa conversa em família, Severino só pediu duas coisas para o casal e seus filhos: AMOR e RESPEITO. Era tudo o que ele e sua esposa precisavam.

Gilberto foi o último filho do casal e nasceu dia 9 de março de 1963 e casou-se com Ivori Pelegrini no dia 3 de julho de 1993 na Paróquia Santo Antônio. O casal teve uma filha: Luana Pelegrini De Bortoli nascida em 29 de outubro de 2000.



*Esq./dir.: Danilo, Nelson, Oliva, Ivorí, Gilberto, Antônio, João, Teresinha, Aurora e Ciro.*

Então, como narramos anteriormente, Severino e Maria Josephina viveram seus últimos anos de vida desfrutando a companhia de Nelson e Terezinha e dos netos Ivan e Cleiton. Nelson respeitava muito seu pai e procurava valorizá-lo sempre, mesmo ele não podendo mais trabalhar. Quanto à saúde de Severino, ele carregava um problema que o atormentou durante anos: o diabetes.



Severino, homem forte, mas que o tempo não poupou. Um mês antes de sua morte, sofreu um derrame cerebral. Ficou difícil sua



recuperação, por causa do diabetes e da idade avançada. Passou 15 dias internado e 15 dias em casa. Faleceu no dia 14 de janeiro de 2000, aos 81 anos de idade, deixando Maria Josephina e a todos que amava.



Maria Josephina entristeceu-se com a morte de Severino, seu companheiro por mais de 58 anos. Isso mesmo, eles haviam completado 58 anos de casados.

Ela estava bem, apesar da idade, mas um dia começou a ter febre. Foi conduzida ao hospital, onde o médico diagnosticou um vírus. A medicou, mas ela não melhorou. Dias depois, não vendo melhoras, Nelson a levou novamente ao hospital e desta vez ela ficou internada e para surpresa de todos, morreu no dia 3 de março de 2001, um ano e dois meses depois de Severino, vítima de insuficiência renal.

A vida deste casal é um exemplo e as palavras de Severino para com o filho Nelson ainda ressoam em sua memória e de sua família:

**AMOR e RESPEITO!**



*Vitório Ferrari*  
*e*  
*Josephina Da Campo*

*Dionísio Ferrari*  
*e*  
*Adele Poloni*

*Cristiano Roque Ferrari*  
*e*  
*Joanna Rosa Sartorello*

Aqui iniciamos a história dos três filhos de Pietro Ferrari e Ângela Basso. Não poderíamos separá-los, pois eram inseparáveis. Não se sentiam discriminados pelos outros irmãos, ao contrário, eram amados e respeitados da mesma forma.

Vitório nasceu no dia 30 de junho de 1924.

Dionísio nasceu no dia 8 de setembro de 1925.

Cristiano Rocco nasceu no dia 19 de agosto de 1928.

Eles são frutos do segundo casamento de Pietro. Com Theresa ele teve 11 filhos e com Ângela 3. No total, eram 14 irmãos. Todos moravam na casa de Pietro, menos as filhas que já haviam casado: Santa Joana (Santina) e Maria Rosa.

Como narramos no segundo capítulo, Pietro conhecia Ângela Basso, pois ela era prima de sua primeira esposa e seu interesse por ela iniciou ainda no dia do velório de Theresa e o que chamou mais a sua atenção, foi





o carinho que Ângela demonstrou por seus filhos. Mas Ângela só queria cuidar dos filhos de Pedro. Não desejava, de nenhuma forma, casar-se. Por insistência de seu irmão Fortunato cedeu e aceitou. Ângela também foi um membro na grande fila humana que passava os tijolos de mão em mão para a construção do Santuário de Pinto Bandeira.

O casamento deles foi muito simples, dois anos após a morte de Theresa, na Igreja de Pinto Bandeira com uma pequena celebração, no dia 16 de maio de 1923.



*Ângela Basso e  
Pietro Ferrari*

Assim, Ângela passou a tomar conta da casa e dos filhos de Pietro. Ela também era presença confirmada na roça, pois fora criada na lida, afinal ela estava com 36 anos de idade quando casou-se.

Então, vieram os seus filhos...

Na foto a seguir, destacamos um detalhe da época: o pequeno Cristiano Rocco mais está parecendo uma menina, pois usa vestido. Mas explicamos: era normal meninos e meninas serem vestidos iguais (de vestidos), pois fraldas não existiam. Então as crianças, mesmo não controlando suas necessidades, de vestido, não precisavam ser trocadas sempre. À noite, a mãe fazia a higiene das crianças, antes delas dormirem.

Ângela era muito boa pessoa, esposa e mãe, porém possuía algumas manias como fumar palheiro e usar rapé no nariz. Contava histórias para as crianças e ensinava a elas canções em italiano. Mas o pior estava por vir: Pietro passou a beber e beber muito. Sua saúde começou a apresentar sintomas de degradação e três anos após o nascimento de seu último filho, Pietro morre.



*Pietro, Ângela (em pé com a sombrinha na mão).  
As crianças Vítório,  
Dionísio e Cristiano*

Neste dia 4 de janeiro de 1931, Cristiano Rocco estava escondido embaixo da mesa da cozinha e de lá viu o caixão preto de seu pai sendo conduzido para fora de casa em direção ao cemitério da Linha Annunciata. Os filhos maiores carregavam o pai: na frente Ângelo e Santo; no meio José e Ernesto e atrás João Baptista e o futuro genro João Zandoná. Dionísio e Cristiano não foram ao enterro.

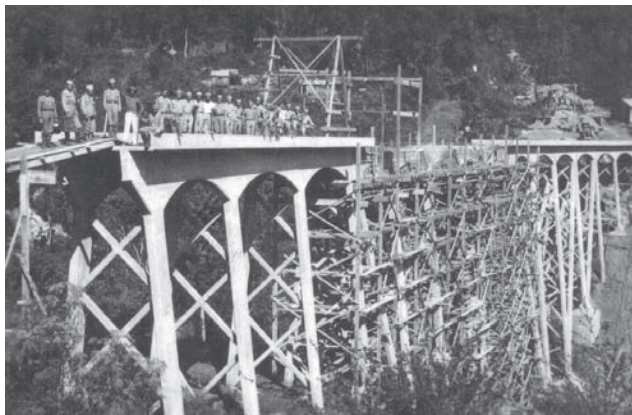
Após a morte de Pietro, Ângelo, o filho mais velho a morar na casa paterna, assumiu o papel do patriarca e passou a dirigir definitivamente os negócios do pai e da família.

Ângela e os seus filhos continuaram morando na casa, mas Ângelo, depois de certo tempo, na divisão da herança deixada pelo pai, vendeu a parte de seus irmãos menores no Lote nº 11 e comprou uma colônia para a família de Ângela, terras estas que pertenciam à família Pavan.

Eles passam a morar e trabalhar em suas próprias terras, apesar do terreno acidentado. Cultivavam parreiras, milho, trigo, marmelos e criavam vacas, porcos e galinhas. Ângela, para ajudar no sustento da casa, fazia muita *dressa* que vendia no comércio de Pinto Bandeira, ou trocava por café, açúcar e sal, ou até mesmo tecido para confeccionar as roupas da família.



Ao completarem 18 anos, os três irmãos serviram o Exército e, conforme as fotos abaixo, eles muito trabalharam para a construção de novas pontes e estradas de ferro que foram os principais condutores do progresso para as cidades da região. Sabemos que Cristiano exercia a função de pedreiro.



*Fotos das  
construções do  
Exército*



Ao término de suas obrigações militares, os três irmãos seguiram caminhos um pouco diferentes: Vitório, o mais velho, continuou trabalhando na roça com sua mãe Ângela. Cristiano e Dionisio foram trabalhar na Cooperativa V.V. Aurora Limitada, que abriu suas portas em fevereiro de 1931 e era a grande potência em matéria de vinícolas da cidade. Cristiano foi admitido por Contrato com Prazo Determinado no dia 1º de abril de 1949, com 21 anos de idade. Trabalhava das 7h30m às 11h45m e das 13h30m às 18hs. Recebia por hora: Cr\$ 3,50. Era o operário de número 105. Seu contrato terminou no dia 31 de dezembro de 1949. Dionísio foi contratado com o mesmo horário de Cristiano no dia 16 de agosto de 1949. Era o operário de número 116 e seu contrato findou também em 31 de dezembro de 1949.

Era normal que se formassem grupos de moças e rapazes. Mas eram as moças muito vaidosas, que se aprumavam, embelezavam e se reuniam para bater uma foto, a fim de eternizar sua juventude.



*Circuladas:  
Josephina  
Da Campo e  
Adele Poloni*

Vitório estava enamorado de Josephina Da Campo e com ela se casou em 18 de fevereiro de 1950 em Pinto Bandeira. O casal passou a morar com Ângela e todos trabalhavam juntos.





*Josephina  
Da Campo e  
Vitório Ferrari*

Dionísio foi o segundo a casar-se com sua enamorada Adele Poloni, vizinha dele, filha de Virgílio Poloni e Rosa Rubbo. Era o dia 1º de maio de 1946 e o cenário é o Santuário de Nossa Sra. do Rosário de Pompéia.

Adele vem de uma família de 12 irmãos.



*Adele e Dionísio Ferrari*



*Foto da  
família de  
Virgílio  
Poloni e Rosa  
Rubbo. Em  
evidência, a  
filha Adele.*





Cristiano também estava enamorado por uma moça da família Tumelero, mas foi um breve namoro.

Dionísio e Cristiano, irmãos inseparáveis, havia juntado um bom dinheiro trabalhando fora de casa, mas não dava para comprar terras aqui na região, pois estavam supervalorizadas. Então, um vendedor passou por Pinto Bandeira vendendo terras no Oeste de Santa Catarina e a um preço que eles poderiam pagar.

O irmão mais velho Ângelo, também se interessou naquelas colônias e os quatro compraram duas colônias, na cidade de Chapecó – Mondáí - 12º Distrito de Chapecó – Santa Catarina. Era uma área de terras de cultura nºs 31 e 32, do lugar Alegre, medindo 609.200 m<sup>2</sup>. Abaixo, a escritura, assinada em 23 de agosto de 1949:



Nos depoimentos que ouvimos dos familiares, todos declararam como lugar de residência Itajubá – Município de Descanso – Santa Catarina, mas como vemos, em 1949, segundo a Escritura, ainda pertencia ao município de Chapecó.

Dionísio e Adele já eram pais de dois filhos: Deonilda nascida em 31 de março de 1947 e Antônio nascido em 19 de Julho de 1948.

Vendendo as terras que possuíam, os três irmãos foram de ônibus a Itajubá, no Oeste de Santa Catarina, conhecer as novas terras e preparar





*Dionísio, Adele e os filhos*



tudo para se mudarem. Levaram as ferramentas necessárias para derrubar a mata e construir a nova casa. Não esqueceram a espingarda, pois sabiam que as terras eram selvagens e cheias de animais perigosos, como os tigres.

E assim o fizeram: derrubaram o mato, escolheram a melhor localização para a casa e lá a construíram. Enquanto lá permaneceram, ficaram de pensão (faziam as refeições e dormiam) na casa da família Triches, seus vizinhos mais próximos, que segundo Josephina “eram gente muito boa”. A casa foi levantada toda em madeira e coberta com *scandole* (pequenas madeirinhas). A madeira beneficiada, isto é as tábuas, foram compradas, mas as *scandole* foram cortadas artesanalmente por eles, uma a uma. Enquanto construíam a casa, iniciaram uma pequena plantação de milho e trigo.

Os três irmãos voltaram a Pinto Bandeira com vigor renovado: novas terras, casa e novas plantações. Fizeram o melhor para dar o máximo de conforto à família que agora os esperava com ansiedade, já preparadas para enfrentarem a longa viagem. Era o mês de março do ano de 1950.

Mudança pronta, contrataram o caminhão do Sr. Nichet, morador da Linha 28. Carregaram os móveis e utensílios que iriam embelezar a casa nova e carregaram de forma que pudessem viajar na carroceria do caminhão,



bem acomodados. Vitório e Josephina viajaram na cabine. Cobriram com uma lona e partiram. Entre a bagagem, levaram o ferro necessário para a construção e sustentação de um novo parreiral. Levaram três dias. Faziam as refeições e dormiam em hotéis. Prepararam para a viagem, além de queijo, salame e pão, um delicioso peru de 8 kg e meio, cozido e mantido na banha de porco para não estragar, que abrilhantou as refeições da viagem. Viajaram na boléia do caminhão: Dionísio, Adele e os filhos Deonilda e Antônio, Cristiano e Ângela.

Durante a viagem, pararam pelo menos quatro vezes, segundo as recordações de Josephina. A primeira parada foi em Pinheiro Alto; a segunda foi em Passo Fundo; a terceira em Carazinho e a quarta parada em Guaraçaba – SC. Atravessaram os rios das Antas e Uruguai de balsa, pois as pontes ainda não haviam sido construídas. Em cada parada, aproveitavam para visitar o local e as Igrejas, dedicando parte do tempo para as orações. Ângela rezava muito e todos da família a acompanhavam. A fé em Deus era a arma secreta desses colonos que seguiam para uma nova etapa de suas vidas em terras estranhas.

Ao chegaram em Itajubá, todos se empenharam em ajeitar a nova moradia e conhecer as novas terras. Ângelo, que havia também comprado uma colônia, ao lado da dos irmãos, concedeu o direito deles plantarem em suas terras. Nove anos depois, Ângelo vendeu a colônia, pois seus filhos não se interessaram por ela, apesar de as terras serem muito boas...

E as terras eram muito boas e proporcionavam comida em abundância: muitos peixes, passarinhos e animais de caça. Num dia, conforme contam os familiares, os três irmãos caçaram 3 porcos-espinho, 1 veado e 58 passarinhos. Também havia água em abundância e muita madeira. A vida no Oeste era excelente. Cristiano, num ano, gastou 1.000 espoletas na caça e na pesca.

Vitório foi o que menos se adaptou ao clima de Itajubá. No inverno, fazia muito frio e a umidade se fazia presente durante todo o dia. O sol só aparecia pela parte da tarde, mas logo desaparecia. Josephina também não gostava do lugar.

Todos moravam na mesma casa. Ângela ajudava as noras nos afazeres de casa e já não mais trabalhava na roça, devido sua idade avançada. As noras, por sua vez, revezavam-se entre a roça e a casa.

Dionísio e Adele tiveram mais filhos: Pedro, Lucindo, Danilo, Domingos, Célio, Otoberino, Ana e Décio.



*Foto do quadro completo*

Vitório e Josephina também receberam seus quatro filhos: Darci, Celina (óbito quando bebê), Maria e Oracilio.

Todas as crianças nasceram em casa, com a ajuda de uma parteira, sem nenhuma assistência médica.

Já Cristiano, encontrou sua cara-metade Joanna Rosa Sartorello numa comunidade vizinha a sua, chamada Linha Vorá, enquanto ele vendia milho por lá. Cristiano e Joanna Rosa iniciaram o namoro numa festa da comunidade e passaram a se encontrar, digamos assim, escondidos dos pais, na comunidade, aos domingos.

Quando Cristiano e Joanna Rosa perceberam que queriam passar suas vidas um do lado do outro, Cristiano fez o pedido oficial de namoro à família de Joanna Rosa e adivinhem a surpresa dos pais: ele já havia comprado as alianças e neste mesmo dia, noivaram. Quatro meses depois, casaram-se. A grande festa foi no dia 23 de agosto de 1952, na cidade de Descanso – SC. Tudo como mandava a tradição: a *colassion* foi na casa da noiva e a festa na casa do noivo, com o banquete preparado pela cunhada Josephina. Joanna Rosa e Cristiano foram à Igreja de cavalo, ela sentada majestosa em seu *celim*, acompanhados pelos seus convidados. Neste dia Joanna recorda-se que ventava muito. Ao término da cerimônia, se dirigiram para a casa do noivo onde aconteceria a festa e Joanna Rosa foi recebida pela sogra Ângela, que lhe estendeu a cadeira para descer do cavalo e a acolheu como filha em sua casa.



*Casamento  
de Cristiano e  
Joanna Rosa*

Com relação ao casamento de Cristiano e Joanna Rosa, houve um certo desconforto por parte da família da noiva, pois Ângela não havia pedido a mão de Joanna solenemente para os pais dela como mandava o costume na região.

Com a família completa, todos moravam e trabalhavam juntos. Vitório era o chefe da casa e controlava os negócios e o dinheiro. Claro, sempre em comum acordo com os outros irmãos. Eles nunca se desentenderam quanto a isso.

Então, os filhos de Cristiano e Joanna Rosa foram nascendo: primeiro foi Metilde, em 17 de junho de 1953. Depois foi Nelson em 2 de junho de 1955. Terezinha em 16 de agosto de 1957. Lourdes em 28 de setembro de 1959. Maria em 2 de fevereiro de 1962. Pedro em 17 de março de 1964 e Cristina em 24 de julho de 1966.



*Família de  
Cristiano Rocco e  
Joanna Rosa*



Bem, no total a família alcançou o marco de 27 pessoas. A casa não comportava tanta gente, então, decidiram construir uma casa para cada família: uma para Dionísio, Adele e os filhos; outra para Vítório, Josephina e os filhos. Cada um construiu a sua casa, do lado da atual, onde Cristiano, Joanna Rosa, os filhos e a avó Ângela permaneceram morando.

Ângela sempre foi muito boa pessoa e ajudava muito as noras na criação dos filhos. Era muito devota de Santo Antônio e rezava, pelo menos, três terços por dia, onde convidava sempre um (a) neto (a) para a acompanhá-la. Sempre usava o escapulário e dizia aos netos que, quem tivesse o hábito de usar escapulário nada precisava temer. Nem mesmo a morte. Seu neto Nelson era o encarregado de procurar as palhas mais bonitas para a avó fazer seus cigarros palheiros.

Cristiano, devido à forte devoção de sua mãe, construiu perto de casa, um capitel em honra a Santo Antônio, onde Ângela costumava fazer suas orações, quase que diariamente.

O tempo foi passando e Ângela começou a apresentar problemas de saúde. Era diabética e já estava difícil de caminhar, pois o peso em excesso acelerou o desgaste de ossos. Dentro de casa, movimentava-se com o auxílio de uma cadeira e quando saía, sempre era acompanhada por alguém e usava uma bengala. Também tinha uma verruga no nariz, bem perto do olho esquerdo, que a atormentava demais.

Um fato engraçado e criativo dos netos de Ângela: Nelson e Lucindo, para ajudar a avó a ir de uma casa para outra dos filhos, fizeram um carrinho. Capricharam nos detalhes para que Ângela pudesse ficar sentada e assim a conduziam de um lado para o outro.

Os meninos também levavam Ângela para passear de carroça. Sentavam-na numa cadeira e a levavam à missa e esses dias eram os mais felizes dela, pois saía um pouco de sua casa do interior e ia ao encontro das pessoas amigas que pouco via.

Então, Ângela, numa visita sua ao capitel em honra a Santo Antônio, quando estava voltando, escorregou, caiu e fraturou a clavícula. Segundo Terezinha, sua neta, ela sofreu muitas dores por causa desta fratura. Os netos Nelson e Lucindo a socorreram, mas devido a seu peso, não foi possível levá-la. Então a colocaram sobre um pelego e a puxaram até em casa. Como não havia médicos por perto, Ângela passava tintura de ervas medicinais para acalmar a dor e usava uma atadura.



Mas Vitório, não havia se adaptado à região e sempre repetia que ia voltar à sua cidade natal para cultivar um lindo parreiral.

No dia 30 de julho de 1964, comunicou aos irmãos e à mãe que voltaria a Bento Gonçalves, com a família. E assim o fez. Com a venda da sua parte nas terras pelo valor de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), Vitório voltou a Bento Gonçalves e às suas raízes. Vai morar na cidade, perto da atual Delegacia de Polícia. Comprou seu terreno e sua casa e passou a trabalhar.

Com a saída de Vitório, Dionísio e Cristiano se sentiram abandonados, pois o irmão mais velho é que dirigia todos os negócios. E eles estavam muito bem: possuíam todo o maquinário necessário para a lavoura, inclusive uma máquina trilhadeira nova e o moinho onde produziam farinha de milho. Segundo a neta Terezinha, eram modernizados, procuravam sempre fazer empréstimos em bancos e compravam os utensílios de que necessitavam para crescerem como produtores rurais. Inclusive eles faziam parte da Cooperativa Agrícola Santa Lúcia Ltda – Bella União, de Descanso, onde Cristiano era Fiscal. Anotava tudo num caderno de notas ainda preservado pela família. Cristiano também freqüentava treinamentos. Também eram associados no Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

	Nome <u>Cristiano Bocco Ferrari</u>
	Matrícula N.º <u>1186</u>
	C.P.F. N.º
	Nascimento <u>16 / 08 / 1928</u>
Res.: <u>Tres Riachos</u>	
Estado Civil <u>Casado</u>	
Admissão <u>90 / 01 / 1984</u>	
Presidente <u>RODOLPHO GUESSET</u>	

*Carteira de Sócio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais*

<b>CERTIFICADO</b>	
Certificamos que <u>CRISTIANO FERRARI</u>	
frequentou <u>O TREINAMENTO DE SOJA PARA LÍQUIDOS MINAIS</u>	
realizado no período de <u>15 de outubro de 1966</u>	
Descanso <u>15 de</u> outubro <u>de</u> 1966	
 Antonio Rodrigues de Menezes Estabelecimento Leste de AÇAROS Superfície Superior de AÇAROS Esp. Drenado Leste	Participante

*Certificado do Treinamento*





Desmancharam a casa de Vitória e a venderam.

Então, Ângela, com 84 anos, adoeceu mais e ficou 40 dias acamada. As noras e netos que acompanharam seu marido nos disseram que Ângela fez sua Quaresma, pois sua doença durou exatamente os 40 dias que seguiram a quarta-feira de cinzas do ano de 1969.

Ângela encerrou sua caminhada no dia 2 de abril de 1969, às 3 horas da manhã, aos 82 anos de idade, assistida por sua nora Adele e a neta Terezi-nha. Ângela pediu água horas antes. Quando as duas assistentes foram vê-la, ela havia tirado o seu escapulário, a camisola e o terço. Morreu agarrada a eles.

Folha N. 3. - Página N. 118

República dos Estados Unidos do Brasil

Registro Civil

ESTADO DE SANTA CATARINA  
DESCANSO - SANTA CATARINA

Antônio da Cunha Lemos  
(Chefe do Registro Civil)

OBITO N.º 519. -

CERTIFICO que à fls. 52 do livro n. 2-C do Registro de Óbitos, foi lavrada hoje, o assento de "ÂNGELA BASSO" falecida aos 82 (82) de Abril de noventa e dois (1969) às três (3) horas, em domicílio do sexo feminino de cor branca, profissão doméstica natural de Santa-Gonzalves-RSol, domicílio e em neste Município, e residente em Itajubá com idade (80) anos de idade, estado civil solteira, filha de João Basso já falecido, profissão natural e residente em Itajubá, profissional e residente em Itajubá.

Foi declarante o sr. Cristiano Rocco Ferrari, sendo o atestado de óbito firmado por SEM Atestado o qual deu como causa da morte SEM TER A CAUSA

O sepultamento foi feito no cemitério de Linha Itajubá, neste Município. Foram testemunhas: João Czarnobay e Carlos J. Czarnobay, brasileiros, casados, pais e aqui residentes.

OBSERVAÇÕES: -1-

O referido é verdade e dou fé.

Descanso, 02 de Abril de 1969

CUSTAS: R\$1,20

Oficial Maior do Registro Civil  
Maria Beatriz Lemos Assis

*Certidão de óbito de Ângela Basso*

A grande luz da família havia partido, mas seu brilho é eterno. Ela está na memória das noras, netos e netas que a conheceram e com ela dividiram momentos.

Quero narrar aqui um fato triste que aconteceu com o casal Dionísio e Adele. O filho Antônio, nascido em Pinto Bandeira, foi um lindo menino, saudável e normal até os 11 anos de idade. A partir daí, passou a sofrer ataques epiléticos. Seu caso foi considerado grave e a família buscou ajuda numa Colônia de Tratamento que atendia portadores de epilepsia. Antônio permaneceu lá até os 21 anos, quando a família, 14 dias após o ocorrido, recebeu a notícia de sua morte. A mãe Adele nos contou que o marido foi visitá-lo dias antes e que ele estava muito bem. Falava em voltar pra casa, rever sua mãe e irmãos e viver bem de novo. Todos foram tomados por uma grande surpresa, diante da notícia. Até hoje, ninguém sabe o motivo da morte de Antônio. Poucos anos depois, a família foi



notificada a retirar o corpo do filho.

A vida em Itajubá prosseguia. Joanna Rosa, já com filhas adolescentes as levava ao baile. Ficava sentada, sem tirar os olhos das meninas.

Aos poucos, os filhos dos dois casais foram crescendo, conhecendo suas cara-metade e saindo da roça.

Dionísio passou a ter um sério problema de alergia. Os médicos não chegaram a um diagnóstico da causa. Ele também tinha sérios problemas de pulmão. Todos os dias, enfaixava a região pulmonar para aliviar as dores. Dionísio, assim como Cristiano e Vitório era fumante.

O terceiro filho de Dionísio, Pedro, que foi o primeiro a nascer em Itajubá, nos descreveu a história vivenciada por ele:

Em março de 1950, Dionísio e Adele, já com dois filhos e sem saber que Adele estava grávida, saíram da Linha 40 para se fixarem em Itajubá – SC. Em outubro do mesmo ano, nascia na própria moradia, com a ajuda de uma parteira, Pedro Ferrari, o terceiro filho do casal.

Na época, os meios de vida eram difíceis, pois os meios de locomoção eram precários, feitos por animais, as estradas não eram boas, o meio de transporte mais usado era o cavalo e quando necessário, a carroça. Para se ter uma idéia, era preciso mais de meio dia para ir e voltar do moinho mais próximo. Para ir à escola, Pedro e seus irmãos precisavam caminhar 2,5 km a pé e descalços para chegar até à sala de aula e, após quatro anos de estudo, formavam-se no primário e era o que o Estado tinha para oferecer.

A adolescência foi sofrida, pois sabiam somente trabalhar e trabalhar, revirar pedras nos morros para ter onde plantar. A diversão da rapaziada era caçar com *fundas* (estilingue) e armar arapucas, além de disputar corrida de carretinha nos poteiros.

Cultivavam na propriedade soja, milho e suínos para a sobrevivência.

Em 1973, aos 23 anos, Pedro conheceu sua futura esposa Maria Cecília Franz e em 21 de maio de 1976 casaram-se na Igreja Nossa Senhora das Mercês em Iporã do Oeste, onde, após sete dias, rumaram para Florianópolis, onde só tinham a certeza do emprego e a companhia um do outro e a perspectiva de um futuro melhor pela frente. Em 1978 foram presenteados com a primeira filha: Eliana Gorete. Dois anos depois, em 1980 nasceu Denize e em 1982 veio fazer parte da família o pequeno Wagner Paulo.



*Esq./ dir. De pé: Gilberto, Denise, Volnei, Eliana, Laura e Vagner. Sentados: casal Maria Cecília e Pedro Ferrari no colo Rickielmi. Na frente os netos: Christopher, Gabriel, Adeniz e Vinicius.*

Residiram em Florianópolis por 14 anos e Pedro trabalhava primeiramente como pedreiro e depois como mestre de obras de sua própria empreiteira.

Em 1989 mudaram-se para Iporã do Oeste, onde residem até hoje.

Cristiano e Rosa ficaram sozinhos. Em 1981, o casal decidiu por vender as suas terras e mudar para perto da filha Terezinha e do genro Luiz, na cidade de Biguaçu, bem próximo de Florianópolis. Compraram um pequeno sítio e lá passaram a viver, sempre rodeados pelos filhos, pois todos estavam morando nos arredores de Florianópolis. Todos os anos, com a ajuda do genro Luiz, o casal viajava para visitar os parentes e amigos que ficaram no Oeste e os que estavam no Rio Grande do Sul. Inclusive, a última viagem de Cristiano e Adele teve sabor de despedida. Os parentes visitados por ele nos disseram que tiveram a impressão que Cristiano despedia-se de todos. Permaneceram em Pinto Bandeira por mais de um mês.





Mas, como dissemos no início do capítulo, Dionísio e Cristiano nunca se distanciaram um do outro. E pouco tempo depois da mudança de Cristiano, Dionísio também vendeu suas terras e mudou-se com a esposa Adele e os filhos Lucindo, Danilo e Ana para São José, também nos arredores de Florianópolis. Para melhor entender, as cidades de Biguaçu e São José se confundem. São muito próximas e o que separava os dois irmãos eram poucas quadras.

Dionísio e Adele viviam suas vidas tranqüilamente. Ele cuidava da casa, do jardim e do terreno ao lado da casa. Um dia, disse a esposa que iria à padaria comprar leite e pão. Saiu de casa muito bem, encontrou pessoas amigas no caminho e fez suas compras. Ao retornar, passou mal em frente à casa de um amigo seu, que viu e saiu pela janela para socorrê-lo. O levaram até sua casa e o deitaram no sofá, mas Dionísio não resistiu ao ataque cardíaco que sofreu. Faleceu poucos minutos após a queda. O calendário marcava dia 5 de julho de 1995.

Cristiano, ao saber da notícia, foi imediatamente à casa de Dionísio e desesperou-se ao ver o irmão querido, já sem vida. Velaram seu corpo em casa e o sepultaram no cemitério público de São José.

A vida para Cristiano havia perdido o brilho, pois perdera sua luz guia. Ele ficou profundamente abalado com a perda do irmão. Mas ainda continuava com o seu trabalho na fábrica do genro Luiz, onde ia para passar seu tempo e manter-se ocupado. Um mês após o triste episódio da morte de Dionísio, Cristiano passou mal no trabalho. Foi socorrido e levado para a casa da filha Terezinha que, imediatamente chamou um médico, vizinho seu. Cristiano sofrera uma parada respiratória e início de infarto. Foi internado no Hospital da cidade e permaneceu lá do dia 16 de agosto até o dia 8 de setembro de 1995, onde faleceu por problemas cardíacos. Dois meses e três dias após a morte de Dionísio, Cristiano também encerrou sua passagem em nosso meio. Foi enterrado no mesmo cemitério de Dionísio. Os dois irmãos, inseparáveis, agora e para sempre estarão juntos, abençoando os seus.

Mas Joanna Rosa não aceitou a morte de seu esposo e entrou numa profunda depressão. Dizia a todo o momento que queria morrer também para estar perto dele. Passou a sofrer do mal de Parkinson. Os filhos não deixaram Joanna Rosa se abater e aos poucos, passou a freqüentar o clube de mãe e o grupo da Terceira Idade Voltar a Viver, onde, por dois anos, foi escolhida a Rainha do grupo. Confirmam:



*Vó Joanna Rosa  
como Rainha.*

Adele e os filhos Lucindo, Danilo e Ana e a neta ainda residem na casa que Dionísio comprou para a família, na cidade de São José e Joanna Rosa costuma visitá-los sempre.

Numa vida vivida juntos, nem a morte interrompe a ligação sólida que a convivência diária e o respeito mútuo construiu.

As famílias cresceram. E da união dos casais Vitório e Josephina, Dionísio e Adele e Cristiano e Joanna Rosa descendem todos os que a seguir relacionamos. Confirmam:

### ***1 - Vitório e Josephina Da Campo Ferrari***

**Darci Ferrari**, nascido em 21 de abril de 1951, em Descanço - SC. Tiveram 3 filhos: Carla – 15 de fevereiro de 1973. Rodrigo – 24 de junho de 1981. William – 16 de setembro de 1984.

**Celina Ferrari** – Faleceu quando bebê.

**Maria Ferrari**, nascida: 10 de maio de 1955, em Descanço – SC.

**Oracílio Ferrari** – Óbito: 20 de fevereiro de 1986.



## *2 - Dionísio e Adele Poloni Ferrari*

**Deonilda Ferrari**, nascida em 31 de março de 1947. Casada com José Assis Oliveira dos Santos.

**Antônio Ferrari**, nascido em 19 de Julho de 1948.

OBS: Antônio faleceu aos 21 anos numa clínica de tratamento para portadores de epilepsia. Antônio passou a ter ataques epiléticos aos 11 anos de idade e os pais o internaram nesta “Colônia” para tratamento. A família só foi avisada de seu óbito, 14 dias após o ocorrido. Ninguém participou do enterro. Tempos depois, a família foi notificada a retirar o corpo da Colônia.

**Pedro Ferrari**, nascido em 1º de outubro de 1950. Casado com Maria Cecília Franz em Iporã do Oeste – SC. Tiveram 3 filhos: Eliana Gorete nascida dia 3 de janeiro de 1978, casada com Volnei Thums e mãe de Christopher Ferrari Thums. Denize nascida dia 7 de junho de 1980. Wagner Paulo nascido em 25 de janeiro de 1982.

**Lucindo Ferrari**, nascido em 26 de novembro de 1953. Solteiro. Reside com a mãe em São José – SC, região metropolitana de Florianópolis.

**Danilo Ferrari**, nascido em 22 de março de 1955. Solteiro, reside com a mãe em São José, região metropolitana de Florianópolis.

**Domingos Ferrari**, nascido em 10 de dezembro de 1957. Tiveram 2 filhos: Rogério nascido em 22 de julho de 1986. Priscila nascida em 4 de fevereiro de 1991.

**Célio Ferrari**, nascido em 14 de maio de 1959. Casado com Nadir Favretto em Barreiro–SC. Filha: Juliana Mislene nascida em 9 de maio de 1986.

**Otobrino Ferrari**, nascido em 14 de outubro de 1962. Casado com Maria das Graças Souza. Filhas: Aline Roberta Ferrari nascida no dia 14 de outubro de 1989. Janaina de Souza (enteada) nascida no dia 16 de junho de 1990. Grace Kelly Ferrari nascida no dia 28 de maio de 1996.

**Ana Ferrari**, nascida em 8 de maio de 1965. Casada com Anísio José da Silva. Filha: Luiza Ferrari da Silva nascida em 4 de junho de 1999.

**Décio Ferrari**, nascido em 11 de novembro de 1967. Filha: Cleise Elen nascida em 1º de dezembro de 1994.





*Família de Célio: Nadir, a filha Juliana e Célio Ferrari.*

### *3 - Cristiano Rocco e Joanna Rosa Sartorello Ferrari*

**Metilde Ferrari**, nascida em 17 de junho de 1953. Casou-se com Justino Rogowski (20.4.1949) dia 15 de Junho de 1973. Filhos: Nádia nascida em 20 de setembro de 1974. É noiva de Maurício (árbitro de futebol). Nédio nascido dia 1º de março de 1976. Casou-se com Géssica Marta Viana (30.4.1980) dia 30 de julho de 1999. Filhos: Jhonatan Eduardo (21.8.1997); Emily (10.1.1999) e Nicholas (30.08.2005).



*Esq./dir.: Nédio,  
Géssica, Nicholas,  
Maurício, Nádia,  
Metilde, Justino,  
Emily e Jhonatan.*



**Nelson Ferrari**, nascido em 16 de agosto de 1955. Casou-se com Diana Lourdes Luchesi (6.2.1957) no dia 17 de dezembro de 1977. Filhos: Márcio nascido em 29 de junho de 1978. Fabiana nascida em 23 de março de 1983. Elisangela nascida em 4 de junho de 1989.

**Terezinha Ferrari**, nascida em 16 de agosto de 1957. Casou-se com Luiz Franz (27.6.1948) em 5 de outubro de 1974. Filhos: Viviana Simara nascida em 15 de novembro de 1975. Casada com Marco Aurélio Schwarz. João Rodrigo nascido em 5 de outubro de 1976. Gisele Celina nascida em 12 de janeiro de 1982. Tem um filho: Luiz Víctor (5.1.2002).



*Esq./dir.: Viviana, Luiz, João Rodrigo, Gisele Celina e Terezinha.*

**Lourdes Ferrari**, nascida em 28 de setembro de 1959. Casou-se com José Lino Heiderscheidt. Hoje estão separados. Tem um filho: Claudiano José Heiderscheidt nascido em 6 de junho de 1981.

Segundo casamento com Amarildo de Souza. Filhos: Fabíola Ferrari – 2 de fevereiro de 1985. Pablo Ferrari de Souza – 6 de janeiro de 1994.

**Maria Ferrari**, nascida em 2 de fevereiro de 1962. Casou-se com Manoel João de Souza (6/2/1961) dia 25 de outubro de 1985. Filhas: Francynce – 14 de agosto de 1986. Manoela – 4 de dezembro de 2000.



**Pedro Ferrari**, nascido em 17 de março de 1964. Casou-se com Maria Agostinha de Souza (20.11.1965) dia 4 de novembro de 1983. Filhos: Maycon – 22 de janeiro de 1984. Jean – 19 de março de 1989. Ana Luiza – 3 de janeiro de 2004

**Cristina Ferrari**, nascida em 26 de julho de 1966. Casou-se com Pedro Bartolomeu Schmitt (13/05/1965) em 13 de junho de 1997 em Itajubá – SC. Filhos: Francielly – 14 de setembro de 1995. Lucas – 17 de março de 1999. Atualmente residem em Biguaçu – SC.



*Genealogia*  
da  
*Família*  
de  
*Giovanni Battista Ferrari*



**I. Giovanni Battista Frate (Frari) (n.12 dez 1845;f.31 out 1881)**

- SP: Angela Furlan (n.15 ago 1848;c.24 nov 1869)
- 2. Giacomo Frate
- 2. Francesco Frate (n.8 fev 1876;f.26 mai 1880)
- 2. Maria Frate
- 2. Pietro Frari (Ferrari) (n.12 set 1879;f.4 jan 1931)
- SP: Teresa Elisabetta Santolin (n.24 mai 1882;c.2 jul 1901;f.28 fev 1921)
- 3. Maria Rosa Ferrari (n.19 mar 1902;f.12 nov 1991)
  - SP: Antônio Rubbo (n.16 set 1900;c.6 ago 1924;f.7 mai 1979)
- 3. Santa Joana Ferrari (n.16 mai 1903;f.24 jun 1983)
  - SP: Angelo Mazzocco (n.29 nov 1896;c.24 ago 1921;f.11 mai 1991)
  - 4. Maria Teresa Mazzocco (n.1 jul 1922;f.13 out 1999)
    - SP: José Luis Rigon (n.3 set 1919;c.19 mai 1943)
    - 5. Vilma Rigon (n.23 mai 1944;f.26 nov 1944)
    - 5. Helena Rigon (n.2 jul 1946)
      - SP: Claudino Dalla Costa (n.17 fev 1942)
      - 6. Vanderlei Dalla Costa (n.17 jun 1968)
      - 6. Daniel Dalla Costa (n.21 jul 1974)
    - 5. Zenaide Rigon (n.1 set 1948)
      - SP: Alcides Dalla Costa (n.28 jan 1941)
      - 6. Rogério Dalla Costa (n.1 mar 1972)
        - SP: Lessandra Domingues Sonaglio (n.5 out 1977)
      - 6. Cristina Dalla Costa (n.15 fev 1974)
        - SP: Artur Zorzi (n.5 fev 1972)
        - 7. Bianca Dalla Costa Zorzi (n.2 ago 2001)
  - 5. Diles Rigon (n.30 jul 1950)
    - SP: Dorvalino Rizzardo (n.11 abr 1951)
    - 6. Rudinei Rizzardo (n.3 dez 1981)
    - 6. Daian Rizzardo (n.17 ago 1987)
  - 5. Teresinha Rigon (n.25 ago 1952;f.9 set 1956)
  - 5. Natalino Rigon (n.27 nov 1954)
    - SP: Ivete Fornazier (n.31 mar 1956)
    - 6. Fabiano Rigon (n.28 abr 1980)
    - 6. Patrícia Rigon (n.30 mar 1982)
    - 6. Adriano Rigon (n.24 nov 1987)
  - 5. Valdir Pedro Rigon (n.23 fev 1957)
    - SP: Marines Cogheto (n.6 jan 1959)
    - 6. Márcio Rigon (n.2 dez 1978)
      - SP: Mariani Cristina Arend (n.14 fev 1983)
    - 6. Aguilmaria Rigon (n.30 jan 1982)
      - SP: Roni Hoffman Rodrigues (n.8 jan 1978)
      - 7. Jenifer Rigon Rodrigues (n.4 abr 2005)
    - SP: Silvano De Bastiani
    - 7. Douglas Rigon De Bastiani (n.6 jun 1998)



- 5. Anita Rigon (n.23 jul 1959)
  - SP: Domingos De Toni (n.12 out 1958)
  - 6. Cassiano De Toni (n.26 out 1980)
  - 6. Vinicius De Toni (n.21 out 1985)
- 5. Gilmar Rigon (n.27 fev 1963)
  - SP: Helena Pegoraro (n.22 mar 1969)
  - 6. Jocimar Rigon (n.5 jul 1987)
  - 6. Gustavo Rigon (n.23 out 1992)
- 4. Carmelina Mazzocco (n.23 fev 1925)
  - SP: Alfonso De Bortoli (n.2 abr 1920)
  - 5. Ladir De Bortoli (n.12 ago 1947)
    - SP: Liria Francisca De Bortoli (n.17 set 1957)
    - 6. Leocádio De Bortoli (n.8 nov 1977)
      - SP: Romilda Felski (n.7 nov 1982)
    - 6. Luciano De Bortoli (n.15 ago 1979)
      - SP: Bruna Buba (n.9 set 1983)
      - 7. Eric De Bortoli (n.20 jul 2000)
    - 6. Luan Alexandre De Bortoli (n.20 set 1990)
  - 5. Laudemiro De Bortoli (n.9 mai 1949)
    - SP: Ivete De Bortoli (n.12 mar 1959)
    - 6. Leandro De Bortoli (n.23 nov 1978)
    - 6. Adriana De Bortoli (n.26 nov 1981)
    - 6. Evandro De Bortoli (n.7 set 1987)
  - 5. Lurdes Maria De Bortoli (n.6 mai 1951)
    - SP: Domingos Olivo Bergamaschi (n.29 mar 1953)
    - 6. Ademir César Bergamaschi (n.14 nov 1978)
      - SP: Eliane Rossatto (n.12 ago 1973)
      - 7. Jheniffer Bergamaschi (n.4 set 2004)
    - 6. Márcia Andréia Bergamaschi (n.14 abr 1987)
  - 5. Lucinda De Bortoli (n.28 nov 1953)
    - SP: Cirineu Luiz Anderle (n.9 ago 1952)
    - 6. Luciane Anderle (n.27 ago 1976)
      - SP: Flávio Argenton (n.22 jan 1982)
      - 7. Carlos Henrique Moreira (n.2 jan 1998)
      - 7. Julia Carolize Anderle (n.7 mai 1999)
      - 7. Eduardo Miguel Anderle (n.8 ago 2000)
      - 7. Rafael Argenton (n.12 nov 2004)
      - 7. Gabrieli Catarina Argenton (n.12 nov 2004)
    - 6. Lucilene Anderle (n.17 jul 1978)
      - SP: Sidnei Carlos Baretta (n.22 mar 1976)
    - 6. Lucimara Anderle (n.17 jun 1979)
      - SP: Leandro Paulo Dobner (n.14 ago 1977)





- 6. Lorizete Anderle (n.5 set 1982)  
SP: Enio Dorival Wolfarth (n.6 mai 1978)
  - 7. Emili Caroline Wolfarth (n.25 set 1999)
  - 7. Ana Paula Wolfarth (n.28 jun 2004)
- 6. Ludimara Anderle (n.18 set 1983)  
SP: Valdecir Berghmann (n.2 mai 1975)
  - 7. Elania Berghmann (n.1 abr 2000)
- 6. Lidiane Anderle (n.4 mai 1989)
- 6. Luanda Anderle (n.4 nov 1990)
- 6. Daniel Cesar Anderle (n.19 nov 1998)
- 5. Lidia De Bortoli (n.15 nov 1956)  
SP: Navilho João Bergamaschi (n.1 mar 1953)
  - 6. Elizandra Mara Bergamaschi (n.18 ago 1982)
- 5. Luiz De Bortoli (n.30 out 1959)  
SP: Rosa Rogoski (n.13 mai 1968)
  - 6. Luana Cristina De Bortoli (n.24 mai 1989)
  - 6. Douglas De Bortoli (n.29 mai 1992)
- 5. Leomar De Bortoli (n.8 set 1962)  
SP: Adélia Maria Berwanger (n.10 mar 1963)
  - 6. Jociane Raquel De Bortoli (n.6 mai 1987)
  - 6. Jean Carlos De Bortoli (n.2 abr 1990)
- 5. Leda De Bortoli (n.12 jul 1958)  
SP: Edilho José Bergamaschi (n.15 fev 1952)
  - 6. Caticane Maria Bergamaschi (n.2 dez 1983)  
SP: Jucimar Rigo (n.16 jan 1976)
  - 6. Cristiane Mara Bergamaschi (n.19 out 1988)
- 4. Fausto Mazzocco (n.13 abr 1927)  
SP: Diles Maria Bottin (n.8 jul 1926;f.15 dez 1953)
  - 5. Cleimar Mazzocco (n.22 mai 1952)  
SP: Viviane M. de Caetano (n.1 fev 1960)
    - 6. Moniciele Mazzocco (n.6 mar 1979)  
SP: Luiz Vicente Costa Souza (n.24 nov 1974)
      - 7. Maria Carolina Mazzocco Souza (n.3 out 2001)
  - SP: Diloé Merlin De Caetano (n.21 out 1941)
    - 6. Valérie M. de Caetano Mazzocco (n.28 fev 1982)
- SP: Maria Lurdes Bottin (n.5 jul 1935)
  - 5. Rezane Adiles Mazzocco (n.15 jul 1963)  
SP: Lucir Telmo Christ (n.9 set 1960;f.20 ago 1995)
    - 6. André Felipe Christ (n.10 jun 1988)
  - SP: Jackson Chioquetta (n.3 jul 1961)
    - 6. Ana Lígia Mazzocco Chioquetta (n.10 nov 1997)
- 4. Gema Massocco (n.5 jul 1931)  
SP: Mario Severino Predebon (n.8 set 1924;f.21 mai 1990)



- 5. Geni Predebon (n.28 jan 1951)
  - SP: Luiz Fabricio (n.25 fev 1950)
  - 6. Valdir Fabricio (n.16 jan 1974)
  - 6. Vanderlei Fabricio (n.19 jul 1979)
    - SP: Lorivane De Biasi (n.11 jun 1977)
- 5. Neida Predebon (n.10 abr 1953)
  - SP: Ulisses Casanova (n.12 jun 1946;f.17 mai 1990)
  - 6. Adriano Casanova (n.14 jun 1973)
  - 6. Ismael Casanova (n.23 nov 1980)
  - 6. Cleonésio Casanova (n.30 nov 1982)
- 5. Nilce Predebon (n.24 jun 1957)
  - SP: Larri Laerte De Toni (n.22 nov 1956)
  - 6. Cristian De Toni (n.15 set 1981)
  - 6. Laerte De Toni (n.4 fev 1987)
- 4. Oliva Massocco (n.5 jun 1932;f.16 ago 1997)
  - SP: Benjamin Sonaglio (n.31 mai 1928;f.2 out 2000)
  - 5. Valdir Sonaglio (n.20 fev 1953)
    - SP: Ivani Marcolin (n.12 fev 1962)
    - 6. Sonia B. Sonaglio (n.9 nov 1981)
      - SP: Wilson Roberto de Carvalho (n.4 ago 1977)
    - 6. Franciele Sonaglio (n.22 dez 1988)
    - 6. Giovanni Sonaglio (n.8 abr 2001)
  - 5. Vanilda M. Sonaglio (n.23 ago 1955)
  - 5. Vilma P. Sonaglio (n.29 jun 1957)
    - SP: Roberto P. da Silva (n.24 jun 1958)
    - 6. Rafael Diego S. da Silva (n.28 set 1989)
  - 5. Marlene M. Sonaglio (n.8 set 1960)
    - SP: Jairo Casonatto (n.1 jul 1955)
  - 5. Marcos Sonaglio (n.2 dez 1967)
    - SP: Sônia Sassi (n.12 jan 1966)
    - 6. Guilherme Sonaglio (n.8 nov 1996)
    - 6. Caroline S. Sonaglio (n.22 mar 2004)
- 4. Narciso Massoco (n.2 set 1935)
  - SP: Rosa Maria Possamai (n.5 fev 1946)
  - 5. Luciano Antônio Massoco (n.23 dez 1968)
    - SP: Rosane Suardi (n.20 mai 1965)
  - 5. Leandro Antonio Massoco (n.25 mar 1971;f.28 jan 1973)
  - 5. Juliano Massoco (n.23 mai 1974)
    - SP: Fernanda Sberse (n.3 jan 1977)
    - 6. Ana Júlia Sberse Massoco (n.12 jul 2005)
- 3. João Baptista Ferrari (n.28 jun 1904;f.27 fev 1974)
  - SP: Amélia Belluzzo (n.30 jun 1907;c.15 mai 1926;f.6 nov 1992)
  - 4. Severino Ferrari (n.31 mar 1927;f.8 mai 2004)
    - SP: Ana Poloni (n.4 jun 1928;c.12 abr 1950;f.5 ago 1987)



- 5. Natalino Ferrari (n.13 fev 1951)
  - SP: Assunta De Césaró (n.26 out 1951;c.12 dez 1977)
  - 6. Rosangela Ferrari (n.16 jan 1978)
  - 6. Cátia Fernanda Ferrari (n.19 abr 1980)
  - 6. Alex Fernando Ferrari (n.6 mar 1981)
- 5. Laura Ferrari (n.12 fev 1952;f.31 dez 2003)
  - SP: Generino Da Campo (n.11 mar 1954;c.27 jan 1990)
- 5. Helena Ferrari (n.6 out 1953)
  - SP: Remi Da Campo (n.6 abr 1956;c.18 dez 1982)
  - 6. Edson Da Campo (n.23 mar 1984)
  - 6. Ana Paula Da Campo (n.11 fev 1989)
- 5. Geni Ferrari (n.28 abr 1956)
  - SP: Dorival Sbabo (n.2 fev 1957;c.29 nov 1986)
  - 6. Juliana Sbabo (n.21 mar 1997)
- 5. Inês Ferrari (n.14 abr 1958)
  - SP: Celino Guisso (n.21 jan 1960;c.4 dez 1992)
  - 6. Aline Guisso (n.11 mar 1997)
- 5. Lorenço Ferrari (n.6 mai 1961)
  - SP: Genoveva Guisso (n.3 mai 1965;c.29 jun 1985)
- 5. Lorena Ferrari (n.4 jul 1963)
  - SP: José Pires (n.13 mar 1956;c.7 fev 1987)
  - 6. Greice Pires (n.24 jul 1989)
  - 6. Ingrid Pires (n.23 jun 1991)
- 5. Jairo Ferrari (n.2 ago 1965)
  - SP: Marília Filippón (n.7 jun 1966;c.24 abr 1993)
  - 6. Felipe Ferrari (n.12 out 1994)
- 5. Justino Ferrari (n.30 mar 1965)
  - SP: Graciela Salvatti (n.28 set 1974;c.12 nov 1994)
  - 6. Ana Cristine Ferrari (n.3 mar 1998)
- 4. Domingos Ferrari (n.26 mar 1928)
  - SP: Lourdes Zandoná (n.21 ago 1935;c.22 mai 1954)
  - 5. Remi Ferrari (n.8 fev 1956)
    - SP: Solange Morgado (n.6 out 1959;c.1 dez 1979)
    - 6. Daniel Ferrari (n.14 ago 1983)
    - 6. Leonardo Ferrari (n.8 jan 1989)
  - 5. Neusa Ferrari (n.14 set 1956)
    - SP: Luiz C. Rodrigues (n.7 abr 1960;c.23 nov 1997)
  - 5. Sérgio Ferrari (n.1 mai 1958)
    - SP: Madalena Sganzerla (n.29 dez 1957;c.30 out 1982)
    - 6. Patrícia Ferrari (n.26 mai 1985)
    - 6. Fabíola Ferrari (n.17 set 1989)
    - 6. Beatriz Ferrari (n.23 dez 1992)



- 5. Marlene Ferrari (n.10 fev 1960)
  - SP: Gilberto Ambrosi (n.4 set 1961;c.7 jan 1989)
    - 6. Cristhian Ambrosi (n.17 mar 1991)
    - 6. Ricardo Ambrosi (n.8 nov 1992)
- 5. Cláudio Ferrari (n.22 out 1961)
  - SP: Neide Girardi (n.14 nov 1966;c.10 fev 1990)
    - 6. Caroline Ferrari (n.11 fev 1996)
- 5. Gilmar Ferrari (n.25 out 1963)
  - SP: DESCONHECIDO
    - 6. Camila Romagna (n.24 mai 1997)
- 5. Anselmo Ferrari (n.14 out 1965)
- 5. Rejane Ferrari (n.21 jan 1968)
  - SP: Sadi Conci (n.6 jun 1970;c.9 jul 2000)
    - 6. João Paulo Conci (n.7 set 2005)
- 5. Adriana Ferrari (n.24 jun 1970)
  - SP: Paulo Três (n.4 ago 1972;c.23 out 1999)
- 4. Angelo Ferrari (n.17 set 1929)
  - SP: Ortenila Salvatti (n.28 set 1934;c.20 set 1952)
    - 5. Teresinha Ferrari (n.7 dez 1953)
      - SP: Valdecir De Césaro (n.6 mar 1948;c.5 mar 1976)
        - 6. Odirlei De Césaro (n.19 set 1976)
        - 6. Diego De Césaro (n.31 ago 1982)
    - 5. Valdir Ferrari (n.9 fev 1956)
      - SP: Iraci L. Fussinger (n.1 out 1956;c.20 out 1979)
        - 6. Ronaldo Felipe Ferrari (n.13 jan 1986)
        - 6. Cássio Iuri Ferrari (n.20 jun 1990)
    - 5. Luis Carlos Ferrari (n.21 jun 1958)
      - SP: Angelina Guisso (n.4 abr 1960;c.2 jul 1982)
        - 6. Thaíse Ferrari (n.13 dez 1990)
    - 5. Valdecir Vitorino Ferrari (n.3 ago 1962)
      - SP: Marisete Pessali (n.23 dez 1966;c.22 jul 1989)
        - 6. Bruna Ferrari (n.20 jul 1993)
  - 4. Maria Teresa Ferrari (n.28 out 1930)
    - SP: Simão Massocco (n.8 fev 1925;c.11 mai 1949;f.25 mai 1998)
      - 5. Durvalino Martins Massocco (n.6 set 1951)
        - SP: Inês M Mazzochin (n.8 dez 1950;c.12 fev 1977)
          - 6. Larisa Massocco (n.12 fev 1988)
      - 5. Herculino Antônio Massocco (n.27 dez 1952;f.3 jun 1991)
      - 5. Lurdes Massocco (n.9 jul 1954)
        - SP: Domingos Casagrande (n.4 jul 1949;c.8 jan 1978)
          - 6. Marcos Casagrande (n.28 nov 1975)
            - SP: DESCONHECIDO
              - 7. Leandro Casagrande (n.1 abr 1999)
              - 7. Leonardo Casagrande (n.1 abr 1999)



- 5. Terezinha Marta Massocco (n.15 out 1955)
  - SP: Natalino Paese (n.19 abr 1950;c.15 jun 1974)
  - 6. Marijane Paese (n.8 jun 1975)
    - SP: Deonir De Toni (n.23 abr 1970;c.20 jan 1996)
    - 7. Mariana De Toni (n.10 mai 2003)
    - 7. Lucas De Toni (n.16 jun 2005)
  - 6. Evandro Paese (n.6 set 1977)
- 5. Gema Massocco (n.31 dez 1958)
  - SP: Luiz C. Parisotto (n.2 set 1955;c.19 abr 1975)
  - 6. Leandro Parisotto (n.24 ago 1975)
  - 6. Sheila Parisotto (n.14 nov 1980)
- 5. Gilmar Massocco (n.18 jun 1964)
  - SP: Vilma M. Tomasi (n.18 fev 1971;c.21 jun 1990)
  - 6. Vanessa Massocco (n.4 out 1991)
  - 6. Daniela Massocco (n.4 dez 1997)
- 5. Nair Massocco (n.18 jul 1967)
  - SP: Rene Rizzardo (n.19 dez 1963;c.19 jan 1991)
  - 6. Greice Rizzardo (n.19 mar 1993)
- 4. Ana Ferrari (n.26 out 1932;f.5 jun 2004)
  - SP: Orestes Poloni (n.22 out 1930;c.17 mai 1952)
  - 5. Vilson Adão Poloni (n.8 jan 1956)
  - 5. Solange Maria Poloni (n.7 jan 1959)
    - SP: Delfino J. F. da Cunha (n.10 jun 1955;c.10 fev 1979)
    - 6. Elton da Cunha (n.2 set 1982)
  - 5. Leocádia Teresa Poloni (n.10 abr 1961)
    - SP: Luiz V. B. de Mello (n.5 jan 1963;c.25 abr 1994)
    - 6. André Luiz de Mello (n.25 mar 2000)
  - 5. Odete Natalina Poloni (n.25 dez 1963)
    - SP: Jorge Forti (n.9 nov 1959;c.21 nov 1992)
  - 5. Eliane Maria Poloni (n.20 mar 1966)
    - SP: Moisés F. da Cunha (n.10 nov 1964;c.18 mai 1985)
    - 6. Fernando da Cunha (n.21 set 1988)
    - 6. Juliana da Cunha (n.31 jan 2000)
  - 5. Valter Orestes Poloni (n.9 fev 1969)
    - SP: Celiane Scussel (n.23 mar 1971;c.7 fev 1992)
    - 6. Carolina Poloni (n.2 out 1998)
- 4. Pedro Ferrari (n.27 jul 1934)
  - SP: Margarida Foresti (n.12 out 1939;c.6 fev 1960)
  - 5. Hadair Ferrari (n.7 nov 1960)
    - SP: Sandra Lúcia Foresti (n.21 mai 1968;c.10 fev 1990)
    - 6. Regina Ferrari (n.16 nov 1993)
    - 6. Elisa Ferrari (n.2 jul 1997)



- 5. Ademir Ferrari (n.3 nov 1962)
  - SP: Marlene Colleoni (n.18 out 1965;c.18 ago 1984)
    - 6. Sheila Ferrari (n.6 mar 1988)
    - 6. Franciele Ferrari (n.15 set 1991)
    - 6. Alex Ferrari (n.8 mai 1994)
- 5. Romildo Ferrari (n.12 jan 1966)
  - SP: Luci Maria Wons (n.2 jun 1977;c.19 set 1998)
    - 6. João Pietro Ferrari (n.18 fev 2002)
    - 6. Maicon Augusto Ferrari (n.3 mar 2004)
- 5. Selma Ferrari (n.23 abr 1970)
  - SP: Fernando L. C. Signor (n.5 out 1960;c.19 jan 2001)
    - 6. Diego Signor (n.24 fev 2003)
- 5. Antenor Ferrari (n.11 out 1973)
  - SP: Márcia C de Rodrigues (n.20 set 1974;c.22 jan 2000)
- 4. Lourdes Ferrari (n.18 jul 1936)
  - SP: Selvino Rubbo (n.21 out 1934;c.21 mai 1956)
    - 5. Nilce Rubbo (n.14 mar 1957)
      - SP: Inácio Berton (n.19 abr 1956;c.3 set 1977)
        - 6. Cláudia Berton (n.19 abr 1956)
          - SP: Vantecir A. Cenci (n.14 fev 1974;c.31 jan 1998)
            - 7. Jéssica Cenci (n.14 jul 1998)
        - 6. Claudete Berton (n.14 mai 1978)
    - 5. Moacir Rubbo (n.8 mar 1960;f.31 nov 2000)
    - 5. Pedro Rubbo (n.12 mai 1962)
      - SP: Márcia Elias (n.27 fev 1980;c.24 jun 2000)
    - 5. Valdemir Rubbo (n.20 jun 1963)
      - SP: Claudice Bem (n.12 jul 1965;c.21 set 1985)
        - 6. Cássio Rubbo (n.21 fev 1991)
        - 6. Everton Rubbo (n.31 mai 1993)
    - 5. Maria Rubbo (n.23 ago 1964)
      - SP: Vilso J. Frâncio (n.10 mar 1959;c.10 mar 1984)
        - 6. Fernanda Frâncio (n.24 mar 1985)
        - 6. Fernando Frâncio (n.3 nov 1995)
    - 5. Gleci Rubbo (n.25 jun 1966)
      - SP: Idalino Pegoraro (n.20 fev 1964;c.13 dez 1986)
        - 6. Douglas Pegoraro (n.1 nov 1991)
    - 5. Salete Rubbo (n.10 nov 1968)
      - SP: DESCONHECIDO
        - 6. Natan Vidal dos Santos (n.7 jan 1992)
    - 5. Valdecir Rubbo (n.13 out 1970)
      - SP: Marcia Cainelli (c.3 fev 1996)
    - 5. Tânia Rubbo (n.5 fev 1974)
      - SP: Ademir Giovanaz (n.7 out 1966;c.3 fev 1996)





- 4. Dionisio Ferrari (n.11 mai 1938)
  - SP: Júlia Maso (n.6 mai 1937;c.14 mai 1960)
  - 5. Gilberto Ferrari (n.17 fev 1961)
    - SP: Nair Franceschini (n.30 jan 1963;c.19 nov 1983)
    - 6. Anderson Ferrari (n.10 mai 1984)
    - 6. Airtton Ferrari (n.4 fev 1988)
  - 5. João Carlos Ferrari (n.24 set 1963)
    - SP: Maria Fornasier (n.7 out 1967;c.16 fev 1991)
    - 6. Milena Ferrari (n.4 mai 1998)
    - 6. João Mauricio Ferrari (n.20 ago 2004)
  - 5. Vânia Maria Ferrari (n.6 jul 1966)
- 4. Gema Ferrari (n.1 ago 1940)
  - SP: Casemiro Trivillin (n.19 dez 1936;c.30 abr 1960)
  - 5. Odelee Trivillin (n.3 abr 1963)
    - SP: Vilson Paese (n.20 abr 1962;c.17 nov 1984)
    - 6. Daiane Paese (n.5 mar 1986)
    - 6. Cristine Paese (n.18 out 1990)
  - 5. Marilene Marta Trivillin (n.12 jul 1965)
    - SP: Márcio Longo (n.28 set 1971;c.21 set 1996)
    - 6. Vinicius Longo (n.7 nov 2000)
  - 5. Roberto Trivillin (n.17 out 1967)
    - SP: Simone Tonin (n.12 jul 1965;c.11 jun 1994)
    - 6. Caroline Trivillin (n.14 ago 1989)
  - 5. Marilda Trivillin (n.28 out 1970)
    - SP: Nestor Bono (n.15 dez 1968;c.7 mai 1994)
    - 6. Rafael Bono (n.3 fev 2004)
  - 5. Fernanda Trivillin (n.1 abr 1983)
- 4. José Ferrari (n.19 ago 1942)
  - SP: Gládis Peruffo (n.18 out 1948;c.22 fev 1969)
  - 5. César Magno Ferrari (n.1 fev 1972)
  - 5. Evandro Samuel Ferrari (n.12 mar 1975)
    - SP: Monalisa Baretto (n.1 jul 1975;c.24 dez 2003)
    - 6. Enzo Ferrari (n.9 set 2005)
- 4. Olivia Ferrari (n.21 jun 1944;f.19 mai 1986)
  - SP: Luiz Trivillin (c.18 set 1965)
  - 5. Silvana Trivillin (n.27 jul 1968)
    - SP: Francisco A. de Souza (n.8 mar 1959;c.19 out 2001)
  - 5. Ademir Trivillin (n.4 ago 1970)
    - SP: Marilusa G. Fitarelli (n.18 abr 1973;c.20 jan 2001)
    - 6. Isaac Trivillin (n.16 jun 2001)
    - 6. Iago Trivillin (n.6 mar 2004)
- 3. José Ferrari (n.25 set 1905;f.8 dez 1975)
  - SP: Assunta Teresa Piva (n.14 ago 1905;c.15 mai 1926;f.23 set 1974)



- 4. João Ferrari (n.18 jun 1927;f.8 dez 1934)
- 4. Thereza Ferrari (n.11 fev 1929;f.9 nov 1929)
- 4. Dionisio Ferrari (n.1 nov 1930;f.9 jan 1934)
- 4. Maria Teresa Ferrari (n.19 ago 1932)
  - SP: Adelino Sonaglio (n.31 dez 1929;c.11 abr 1959;f.16 ago 1990)
    - 5. Nelson Sonaglio (n.28 jul 1956)
      - SP: Maria da Glória Nichetti
        - 6. Andréia Sonaglio
        - 6. Alessandra Sonaglio
    - 5. Antonio Sonaglio (n.16 jun 1957)
    - 5. Ivanir Sonaglio (n.8 fev 1959)
      - SP: Maricelei Locatelli (n.28 jul 1963;c.10 dez 1994)
        - 6. Cristian Sonaglio (n.13 dez 1997)
    - 5. Elizete Sonaglio (n.20 abr 1963)
    - 5. Marlene Sonaglio (n.16 abr 1965)
    - 5. Roberto Sonaglio (n.1 abr 1966)
      - SP: Silvana Mosconi (n.8 jan 1972)
        - 6. William Sonaglio (n.8 mar 1997)
        - 6. Jennifer Sonaglio (n.9 set 2002)
- 4. Teresa Ferrari (n.5 ago 1934)
  - SP: Guilherme Gemelli (n.5 ago 1934;c.25 set 1954;f.28 jul 1990)
    - 5. Lorena Gemelli (n.30 set 1955)
      - SP: Vanderlei dos Santos (n.6 jun 1954)
        - 6. Franciele dos Santos (n.10 jan 1982)
          - SP: Lairton Cardoso de Carvalho (n.29 jun 1979)
            - 7. Gabriel dos Santos de Carvalho (n.5 ago 2002)
          - 6. Gabriele dos Santos (n.4 ago 1987)
    - 5. Sérgio Gemelli (n.30 mai 1958)
      - SP: Miraci Mossi (n.30 mai 1958)
        - 6. Bruno Guilherme Mossi Gemelli (n.30 out 1991)
    - 5. Maristela Gemelli (n.5 out 1959)
    - 5. Wilson Gemelli (n.8 set 1962)
      - SP: Jaqueline De Conto (n.17 dez 1965)
        - 6. Henrique Alfredo Gemelli (n.30 set 1987)
        - 6. Natália Gemelli (n.12 mar 1996)
      - SP: Cleusa Da Costa Pereira
        - 6. Victor Bento Gemelli (n.16 abr 2005)
    - 5. Eduardo Gemelli (n.2 jun 1967)
    - 5. Helena Gemelli (n.22 out 1956)
      - SP: Paulo Paese (n.7 dez 1954)
        - 6. André Guilherme Paese (n.6 jun 1982)
          - SP: Fernanda Accorsi (n.21 mar 1982)
            - 7. Julia Acorsi Paese (n.18 fev 2003)



- 4. João Ferrari (n.26 out 1936)
  - SP: Florinda De Bastiani (n.29 nov 1947;c.10 fev 1968)
  - 5. Marisa Ferrari (n.8 nov 1968)
    - SP: Adair Rizzardo (n.15 jul 1968;c.2 jul 1994)
    - 6. Rodrigo Rizzardo (n.15 dez 1994)
  - 5. Valmor Ferrari (n.8 jul 1970)
- 4. Angela Ferrari (n.12 out 1938)
- 4. Olivia Ferrari (n.3 nov 1940)
  - SP: Izidoro Paese (n.21 jun 1943;c.12 fev 1966)
  - 5. Rudimar Paese (n.5 nov 1966)
    - SP: Margaret Basso (n.16 jul 1980;c.29 jun 2002)
    - 6. Vitor Augusto Paese (n.18 set 2004)
  - 5. Eliane Paese (n.24 ago 1969)
    - SP: Enio José Moroni (n.11 set;c.10 fev)
  - 5. Simone Ferrari Paese (n.9 dez 1975)
    - SP: Alexandre Faccin (n.20 jan 1974;c.17 nov 2001)
    - 6. Júlia Faccin (n.13 ago 2004)
- 4. Dionisio Ferrari (n.4 abr 1943)
  - SP: Vilma Predebon (n.11 set 1945;c.4 set 1965)
  - 5. Maria Ferrari (n.6 jun 1966;f.7 jun 1966)
  - 5. Gilberto Ferrari (n.29 out 1967)
    - SP: Ivone Maria Cosme (n.9 out 1968;c.26 dez 1999)
    - 6. Mateus Ferrari (n.16 mai 2000)
  - 5. Moacir Ferrari (n.14 jul 1970)
  - 5. Rosane Ferrari (n.27 jan 1980)
    - SP: Sadi Sonaglio
    - 6. Marcelo Sonaglio (n.27 fev 2001)
- 4. Gema Ferrari (n.29 set 1945)
- 3. Angelo Ferrari (n.3 mar 1907;f.23 mai 1991)
  - SP: Rosa Parisotto (n.17 abr 1907;c.31 ago 1929;f.23 mai 1991)
  - 4. Severino Ferrari (n.9 jun 1930;f.2 abr 1931)
  - 4. Severino Ferrari (n.13 jan 1932)
    - SP: Maria Tochetto (n.9 mai 1931;c.1 mai 1954)
    - 5. Maristela Ferrari (n.26 jan 1955)
      - SP: Gilbert Bowen
    - 5. Rubens Ferrari (n.12 abr 1956)
      - SP: Reunilse Raimundi (n.8 jan 1958)
      - 6. Lilian Ferrari (n.13 abr 1988)
      - 6. Gustavo Ferrari (n.10 mai 1993)
    - 5. Renato Ferrari (n.16 nov 1957)
      - SP: Neusa Tognon (n.11 out 1963)
      - 6. Renata Ferrari (n.11 jan 1994)
      - 6. Lucas Ferrari (n.29 mai 1996)



- 5. Roberto Ferrari (n.24 abr 1960)  
SP: Sonia Celi Friedrich
  - 6. Roberta Ferrari (n.27 dez)
  - 6. Carolina Ferrari (n.8 dez)
- 5. Fernando Ferrari (n.30 set 1963)  
SP: Mônica Mattia (n.18 fev 1963;c.22 jul 1995)
- 4. Pedro Ferrari (n.7 abr 1933)  
SP: Aurora Coghetto (n.21 out 1934;c.21 mai 1955)
  - 5. Valdir Ferrari (n.18 fev 1956;f.28 fev 1956)
  - 5. Helena Ferrari (n.27 fev 1957)  
SP: Pedro Sérgio Guisso (c.27 out 1987)
    - 6. Leonardo Guisso (n.19 set 1991)
    - 6. Lucas Guisso (n.24 mai 1997)
  - 5. Hermes Ferrari (n.18 jun 1959)  
SP: Marli Pozzatti (n.30 mar 1961)
    - 6. Gisela Ferrari (n.9 set 1995)
    - 6. César Augusto Ferrari (n.13 ago 1998)
  - 5. Eliane Ferrari (n.11 mai 1961)  
SP: José Rosenk (n.19 jun 1950;c.14 abr 1984)
    - 6. Ramiro Rosenk (n.9 set 1986)
  - 5. Alexandre Ferrari (n.30 out 1967)  
SP: Nilva Susana Leôncio (n.2 jan 1970;c.14 fev 1997)
    - 6. Giovanni Ferrari (n.10 ago 2000)
  - 5. Márcio Ferrari (n.14 jan 1970)  
SP: Claudia Provensi (n.19 set)
- 4. Teresa Ferrari (n.5 nov 1934)  
SP: José Tumelero (n.5 mar 1933;c.28 abr 1956)
  - 5. Edir Tumelero (n.29 jan 1957;f.23 set 1987)
  - 5. Izabete Tumelero (n.19 jan 1962)  
SP: Antônio Valduga (n.24 fev 1956;c.28 mai 1983)
    - 6. Samuel Valduga (n.11 fev 1985)
    - 6. Elisa Valduga (n.6 jul 1986)
    - 6. Samira Valduga (n.2 abr 1989)
  - 5. Maristela Tumelero (n.1 mar 1958)  
SP: Itaner Luis Venturela (n.3 mai 1957;c.5 mar 1983)
    - 6. Diego Tumelero Venturela (n.1 jan 1986)
    - 6. Ana Paula Tumelero Venturela (n.13 nov 1987)
  - 5. Marlene Tumelero (n.25 fev 1959)  
SP: Luiz da Rocha (n.14 ago 1957)
    - 6. Luciana Tumelero da Rocha (n.13 jul 1984)
  - 5. Marinês Tumelero (n.1 mai 1960)  
SP: Airton Lotis (n.8 ago 1965;f.26 set 1994)
    - 6. Thais Francine Tumelero Lotis (n.26 jun 1994)



- SP: Marcelo Sampaio (n.17 abr 1968)
  - 6. Fernando Henrique Sampaio (n.23 mar 1999)
  - 6. Arthur Eduardo T. Sampaio (n.21 jul 2000)
- 5. Luis Tumelero (n.5 set 1969)
  - SP: Marelei Zortéa (n.8 fev 1969;c.18 jun 1998)
    - 6. Franciele Zortéa Tumelero (n.14 abr 1999)
    - 6. Gabriel Zortéa Tumelero (n.17 dez 2002)
- 4. José Ferrari (n.11 out 1936)
  - SP: Ida Salvatti (n.28 jun 1941;c.23 jan 1960)
    - 5. Aleir Ferrari (n.5 nov 1960)
      - SP: Mercedes Tognon (n.14 jan 1962;c.21 out 1989)
        - 6. Veronica Ferrari (n.16 ago 1994)
        - 6. Veronice Ferrari (n.16 ago 1994)
    - 5. Ivanir Ferrari (n.22 fev 1962)
      - SP: Ivanete De Toni (n.20 jan 1965;c.12 mai 1990)
        - 6. Vanessa Ferrari (n.18 ago 1992)
        - 6. João Paulo Ferrari (n.26 out 1998)
    - 5. Gilmar Ferrari (n.19 abr 1964)
      - SP: Simone Formalion (n.22 mar 1972;c.23 out 1993)
        - 6. Aline Ferrari (n.30 nov 1994)
        - 6. Bruno Ferrari (n.8 out 1996)
    - 5. Marisa Ferrari (n.4 nov 1966)
      - SP: Delvino Guisso (n.20 fev 1960;c.6 jun 1987)
        - 6. Rudimar Guisso (n.20 mar 1989)
        - 6. Juliane Guisso (n.20 mai 1991)
    - 5. Marisete Ferrari (n.30 abr 1972)
      - SP: Vanderlei Rigon (n.25 out 1969;c.25 set 1999)
        - 6. Lucas Rigon (n.18 set 2002)
  - 4. Delvino Ferrari (n.10 out 1938)
    - SP: Ana Pavan (n.25 jul 1941;c.5 mai 1962)
      - 5. Maria Gorete Ferrari (n.6 jul 1966)
        - SP: Fiorelo Paese (n.27 jan 1961;c.25 mai 1985)
          - 6. Gabriela Paese (n.25 set 1985)
          - 6. Ana Paula Paese (n.12 mai 1989)
          - 6. Ricardo Paese (n.19 ago 1993)
      - 5. Silvana Maria Ferrari (n.17 mai 1963)
        - SP: Gelson De Toni (n.15 mai 1961;c.18 jul 1987)
      - 5. Salete Ferrari (n.21 out 1967)
        - SP: Ari Pedro Sganzerla (n.29 set 1957;c.27 jul 1991)
          - 6. Thaise Ferrari Sganzerla (n.26 ago 1992)
          - 6. Lucas Sganzerla (n.12 ago 1994)
      - 5. Jeremias Ferrari (n.3 out 1964)
        - SP: Adriane Maria Tonin (n.3 mar 1971;c.8 mai 1993)



- 6. Jessica Tonin Ferrari (n.1 nov 1993)
    - 6. Gabriel Tonin Ferrari (n.2 out 1999)
  - 5. Fátima Ferrari (n.2 fev 1973;f.2 mar 1973)
  - 5. Elias Ferrari (n.2 mar 1970)
    - SP: Silvana Andretta (n.27 jun 1980;c.23 jun 2001)
  - 5. Luciano Ferrari (n.19 mar 1975)
    - SP: Maristela Schulz (n.16 jul 1979;c.5 mar 2005)
- 4. João Ferrari (n.24 out 1940)
  - SP: Onilda Pavan (n.11 mai 1939;c.16 jul 1966)
  - 5. Vania Maria Ferrari (n.24 abr 1967)
    - SP: Antônio Conci (n.6 dez 1960;c.15 jan 1994)
    - 6. Guilherme Conci (n.5 mai 1996)
  - 5. Valéria Ferrari (n.9 jan 1970)
    - SP: Moacir Miguel Orso (n.29 set 1962;c.16 fev 2002)
- 4. Armando Ferrari (n.3 out 1942;f.14 jul 1945)
  - SP: Maximília Pavan (n.20 mar 1945;c.16 mai 1964)
  - 5. Daniel Ferrari (n.22 mai 1965)
    - SP: Eliane Marcolin (n.1 mar 1967;c.29 ago 1991)
    - 6. Daniel Henrique Ferrari (n.18 mar 1997)
  - 5. Adriana Maria Ferrari (n.7 set 1966)
    - SP: José B. de Siqueira (n.21 dez 1959;c.28 nov 1987)
    - 6. Vinicius de Siqueira (n.7 mai 1988)
    - 6. Leticia de Siqueira (n.1 mai 1994)
  - 5. Amauri Ferrari (n.29 out 1968)
    - SP: Luciane Marini (n.28 fev 1974;c.4 nov 2004)
    - 6. Enzo Augusto Ferrari (n.18 mar 2005)
  - 5. César Ferrari (n.11 jun 1972)
    - SP: Solange Signor (n.4 jul 1966;c.18 mai 1996)
    - 6. Lucas Ferrari (n.15 nov 1996)
    - 6. Mariana Ferrari (n.10 jun 2001)
- 4. Danilo Ferrari (n.14 set 1944)
  - SP: Leonice Josefina Menin (n.15 mar 1942;c.23 mai 1970)
  - 5. Cláudia Adrielle Ferrari (n.21 jun 1972)
- 4. Antônio Ferrari (n.22 jan 1946)
  - SP: Teresinha Da Campo (n.2 mar 1950;c.18 jul 1970)
  - 5. Sonia Beatriz Ferrari (n.3 abr 1971)
  - 5. Marco Antonio Ferrari (n.12 jun 1973)
- 4. Célio Ferrari (n.30 jan 1950)
  - SP: Inês Pietrobon (n.13 mar 1954;c.28 fev 1976)
  - 5. Cassiano Ricardo Ferrari (n.6 nov 1977)
    - SP: Jordane dos Santos Bettoni (n.15 nov 1979)
  - 5. Cristiane Regina Ferrari (n.29 mai 1980)
- 4. Décio Ferrari (n.5 fev 1952)





- SP: Adélia Gilmara Caprara (n.7 ago 1951;c.4 jan 1975)
  - 5. Sefane Caprara Ferrari (n.10 dez 1975)
  - 5. Rafael Caprara Ferrari (n.22 set 1979)
- 3. Maria Verônica Ferrari (n.16 nov 1908;f.11 nov 1961)
- 3. Santo Ferrari (n.16 nov 1910;f.30 set 1985)
  - SP: Cecília Poloni (n.11 jun 1915;c.1 mai 1935;f.9 ago 2003)
    - 4. Lourdes Ferrari (n.20 jul 1937)
      - SP: Ivo Grippa (n.2 jul 1940;c.18 dez 1965)
        - 5. Ivania Grippa (n.24 nov 1966)
          - SP: Ivocir José Baldin (n.15 ago 1962)
            - 6. Naira Baldin (n.2 nov 1985)
            - 6. Greici Baldin (n.2 set 1988)
          - 5. Tiago Grippa (n.6 mar 1981)
  - 4. Celina Ferrari (n.11 dez 1938)
    - SP: Alcides Toniolo (n.22 abr 1939;c.8 fev 1964)
      - 5. Tânia Toniolo (n.27 nov 1964)
        - SP: Gilberto Spadini (n.14 dez 1968;c.6 abr 2002)
          - 6. Sara Toniolo Spadini (n.31 mar 2003)
        - 5. Sadi Toniolo (n.5 jul 1966)
          - SP: Tânia Marise Reginatto (n.19 nov 1969;c.12 nov 1994)
  - 4. Pedro Antônio Ferrari (n.11 mai 1942)
    - SP: Maria Ilza Machado (n.27 fev 1944;c.2 jan 1971)
      - 5. Fernando Lúcio Ferrari (n.19 abr 1972)
        - SP: Adriane Tavela (n.8 mar 1973;c.13 jan 2001)
          - 6. Tiago Tavela Ferrari (n.30 set 2004)
  - 4. Hermes Ferrari (n.11 nov 1943)
    - SP: Nair Costa (n.17 mai 1944;c.12 dez 1970)
      - 5. Cassio Ferrari (n.10 out 1974)
      - 5. Naira Ferrari (n.5 jan 1977)
  - 4. Leocádia Ferrari (n.24 nov 1945)
    - SP: Felício Meireles (n.21 fev 1947)
      - 5. Cristiane Meireles (n.24 jul 1978)
        - SP: Paulo Camargo
          - 6. Bruna Daniela Meirelles de Camargo (n.15 mai 2002)
  - 4. Terezinha Ferrari (n.21 ago 1947)
    - SP: Antonio Pedro De Bona (n.6 jan 1942;c.20 jul 1968)
      - 5. Roseni Fátima De Bona (n.26 jun 1969)
        - SP: Volmar Moroni (n.9 mai 1964)
          - 6. Patrícia Moroni (n.30 jun 1995)
          - 6. Tatiane Moroni (n.10 dez 2001)
        - 5. Elizabete Cristina De Bona (n.24 jul 1971)
          - SP: Valdir Domingos Magnaguagno (n.9 jul 1960)
            - 6. Suzana Eliza Magnaguagno (n.27 dez 1988)



- 6. Ana Paula Magnaguagno (n.31 mar 1997)
    - 5. Rodrigo Valentim De Bona (n.5 set 1978)
  - 4. Severino Luiz Ferrari (n.28 abr 1949)
    - SP: Beloni Verza (n.26 fev 1955;c.15 set 1973)
    - 5. Alysson Fábio Ferrari (n.16 fev 1978)
    - 5. Alessandra Ferrari (n.9 out 1987)
  - 4. Carmem Ferrari (n.13 jun 1952)
    - SP: Nivaldo Luiz Dala Zen (n.25 dez 1949;c.14 jul 1973)
    - 5. Daiane Dala Zen (n.1 fev 1978)
      - SP: Gabriel Henrique Dalla Rosa (n.9 jun 1978)
      - 6. Guilherme Dalla Rosa (n.26 set 2001)
    - 5. Alexandre Dala Zen (n.17 mar 1986)
  - 4. Iva Joanna Ferrari (n.24 jul 1953)
3. Ernesto Ferrari (n.9 jul 1912;f.5 abr 1979)
  - SP: Otilia Fochesatto (n.10 jul 1910;c.15 nov 1944)
  - 4. Antônio Tadeu Ferrari (n.15 ago 1945)
    - SP: Terezinha Bazanella (n.16 abr 1951)
    - 5. Maria Regina Ferrari (n.23 jun 1970)
      - SP: Joacir Francisco de Lima (n.6 mai 1976)
      - 6. Gilson Ferrari de Lima (n.24 dez 1985)
      - 6. Nilson Ferrari de Lima (n.17 abr 1990)
      - 6. Regiane Terezinha Ferrari de Lima (n.11 abr 1992)
      - 6. Terezinha Ferrari de Lima (n.13 dez 2000)
  - 5. Luiz Carlos Ferrari (n.29 dez 1971)
    - SP: Eliane Marca (n.28 jul 1984;c.7 jul 2001)
    - 6. Lucas Henrique Ferrari (n.18 jan 2002)
  - 5. Rosângela Terezinha Ferrari (n.24 jul 1969)
    - SP: Edgar (Valdemir Carvalho da Silva) (n.17 jul 1973)
    - 6. Wesley Carvalho Ferrari (n.23 out 1997)
    - 6. Wellington Carvalho Ferrari (n.9 jan 1999)
    - 6. Willian Carvalho Ferrari (n.7 set 1995)
    - 6. Renan Carlos Ferrari (n.3 jul 1992)
  - 5. Roseli de Fátima Ferrari
    - SP: Jeferson Inacio
    - 6. Bruno Ferrari Inacio
    - 6. Jessica Ferrari Inacio
    - 6. Camila Ferrari Inacio
4. Mário Darci Ferrari (n.5 dez 1946)
  - SP: Maria Gabiatti (n.1 mai 1952;c.26 jul 1980)
  - 5. Silvana Ferrari (n.10 jun 1981)
    - SP: Carlos Vandrê P. Lima (n.14 jul 1985;c.22 dez 2005)
  - 5. Rovani Ferrari (n.26 jun 1983)
  - 5. Júlio Ferrari (n.9 abr 1987)



- 4. Francisco José Ferrari (n.17 fev 1948)
  - SP: Terezinha Souza (n.15 dez 1955)
  - 5. Simara Ferrari (n.17 set 1978)
  - 5. Fábio José Ferrari (n.8 jul 1982)
- 4. Pedro Bernardo Ferrari (n.28 mar 1954)
  - SP: Miriam Leopoldina Jacinto (n.21 jul 1967;c.19 jun 1997)
  - 5. Jennifer Graziela Ferrari (n.20 dez 1996)
- 4. Maria Aparecida Ferrari (n.5 nov 1963)
  - SP: Joel Gomes da Luz (n.30 nov 1954;c.20 jul 1985)
  - 5. Márcia Ferrari da Luz (n.23 out 1985)
  - 5. Fabiane Ferrari da Luz (n.24 mai 1987)
  - 5. Fernando Ferrari da Luz (n.1 nov 1995)
- 3. Antônio Luiz Ferrari (n.24 mar 1914;f.Ainda bebê)
- 3. Angela Colomba Ferrari (n.9 jun 1915;f.5 out 1981)
  - SP: João Zandoná Sobrinho (n.14 mar 1911;c.21 jun 1933;f.6 nov 2003)
  - 4. Zeferino Maria Zandoná (n.5 jul 1934)
    - SP: Nelva Bortolozzo (n.27 abr 1939;c.4 fev 1967)
    - 5. Suzana Zandoná (n.13 out 1969)
      - SP: Adriano Beltrami
    - 5. Luciano Zandoná (n.16 ago 1971)
      - SP: Carina Pozza
    - 5. Felipe Zandoná (n.20 jul 1976)
  - 4. Irma Theresa Zandoná (n.16 fev 1936)
    - SP: Valdecir Ferrari (n.6 fev 1946;c.17 jul 1971)
    - 5. Viviane Ferrari (n.19 nov 1972)
      - SP: Mauricio Tozzebon
  - 4. Delvino Zandoná (n.3 ago 1938;f.24 jan 1970)
    - SP: Mercedes Dal Vesco (n.23 ago 1938;c.21 mai 1961)
    - 5. Cleodomar Zandoná (n.6 mai 1963)
      - SP: Angela Chiaramonte (n.23 mar 1973;c.20 nov 1999)
    - 5. Edson Zandoná (n.12 abr 1968)
      - SP: Magda Brandelli (n.7 mai 1972;c.19 out 2002)
  - 4. Ciro Pedro Zandoná (n.25 fev 1940)
    - SP: Teresinha Tomasini (n.6 mar 1948;c.30 dez 1977)
    - 5. Régis Zandoná (n.25 nov 1979)
    - 5. Cátia Zandoná (n.28 jun 1983)
  - 4. Maria Zandoná (n.28 jun 1943)
    - SP: José Alcides Gubert (n.27 out 1938;c.11 fev 1961)
    - 5. Miriam Gubert (n.10 jan 1962)
      - SP: Fábio Loreno Piccoli
      - 6. Fábio Loreno Piccoli Júnior
      - 6. Laís Piccoli
    - 5. Marlise Gubert (n.4 ago 1964)



- SP: Francisco Tártaro
  - 6. Jéssica Tártaro
  - 6. Júlia Tártaro
- 5. Rosamari Gubert (n.3 ago 1966)
  - SP: Lino Augusto Dalla Centa
    - 6. Nadine Dalla Centa
- 5. Rosane Gubert (n.3 ago 1966)
  - SP: Mauro Irian Bertolini
    - 6. Mauricio G. Bertolini
    - 6. Mauren C. Bertolini
  - 5. João Carlos Gubert (n.12 jan 1985)
- 4. Vitorino Zandoná (n.20 fev 1947)
  - SP: Vilma Simonaggio (n.24 set 1949;c.26 jan 1980)
- 4. Zenaide Zandoná (n.29 ago 1949)
  - SP: Danilo Simonaggio (n.11 ago 1957;c.4 abr 1981)
    - 5. Jeferson Simonaggio (n.25 mai 1982)
    - 5. Andreise Simonaggio (n.21 dez 1983)
  - 4. Célio Zandoná (n.3 jul 1953)
- 3. Ana Maria Ferrari (n.25 out 1917;f.25 jul 1991)
  - SP: José Rubbo (n.30 jul 1917;c.6 mai 1942;f.21 ago 1991)
    - 4. Danilo Rubbo (n.13 mar 1943)
      - SP: Nair Passaia (n.1 mai 1943;c.27 fev 1967)
        - 5. Adriane Rubbo (n.22 jun 1971)
          - SP: Paulo de Paula (n.1 jul;c.11 set 2004)
      - 4. Delvino Rubbo (n.9 mar 1945;f.27 set 1992)
        - SP: Luci Flaiban (n.18 dez 1949;c.17 jan 1970)
          - 5. Fernando Rubbo (n.26 dez 1970)
            - SP: Sandra Gostenski (c.30 nov 1997)
              - 6. Kamilla Rubbo (n.27 abr 2002)
          - 5. Fabiano Rubbo (n.1 mar 1979)
      - 4. Celina Rubbo (n.7 ago 1946)
        - SP: Vitorino Rodrigues da Silva (n.13 set 1948;c.18 dez 1976)
          - 5. Márcio Rodrigues da Silva (n.20 dez 1982)
          - 5. Franciele Rodrigues da Silva (n.22 jan 1988)
      - 4. Severino Rubbo (n.16 mai 1948)
        - SP: Juraci Crestani (n.3 ago 1952;c.8 jan 1977)
          - 5. Rodrigo Rubbo (n.10 jun 1977)
          - 5. Ana Méri Rubbo (n.10 jun 1988)
      - 4. Aleixo Nelson Rubbo (n.25 jul 1952)
        - SP: Terezinha Pizzato (n.22 set 1954;c.17 mai 1980)
          - 5. Vanessa Rubbo (n.23 set 1983)
          - 5. Jéssica Rubbo (n.20 dez 1993)
    - 3. Maria Josephina Ferrari (n.4 ago 1920;f.3 mar 2001)



SP: Severino De Bortoli (n.6 out 1918;c.21 mai 1941;f.14 jan 2000)

4. João De Bortoli (n.17 mar 1942)

SP: Lúcia Guisso (n.2 jul 1942;c.8 fev 1964)

5. Lourenço De Bortoli (n.18 jan 1965)

SP: Ivone De Toni (n.27 nov 1967;c.13 jun 1987)

6. Dênis Abel De Bortoli (n.26 out 1987)

6. Keneddy De Bortoli (n.20 out 1992)

6. Carmela De Bortoli (n.30 mai 1997)

5. Gilmar De Bortoli (n.10 jul 1966)

SP: Adriana Polesso (n.12 mai 1966;c.17 dez 1988)

6. Gabriela De Bortoli (n.6 jul 1991)

6. Isabel De Bortoli (n.15 abr 1997)

5. Volnei De Bortoli (n.15 abr 1978)

SP: Valéria Araujo (n.17 fev 1977)

4. Danilo De Bortoli (n.31 mai 1943)

SP: Maria L. Bohn (c.8 fev 1964)

5. Rosangela De Bortoli (n.29 ago 1968)

SP: Mário Foresti (n.5 mar 1961;c.29 ago 1988)

6. Romário Foresti (n.11 jul 1993)

5. Fabiano De Bortoli (n.31 mar 1977)

5. Clainor De Bortoli (n.17 nov 1982)

4. Antônio De Bortoli (n.23 set 1944)

SP: Tercila Marini (n.25 jun 1948;c.1 dez 1973)

5. Márcio De Bortoli (n.22 ago 1979)

5. Leomar De Bortoli (n.25 jun 1975)

4. Ciro De Bortoli (n.10 jul 1946)

SP: Martina Bohn (n.1 jun 1949;c.27 mai 1972)

5. Adriano De Bortoli (n.20 ago 1972)

SP: Larissa Schau (n.26 mai 1976)

5. Rodrigo De Bortoli (n.8 fev 1979)

4. Dionisio De Bortoli (n.7 jan 1948;f.28 out 1982)

SP: Jurema Poloni (n.7 jan 1955;c.13 set 1980)

5. Gustavo De Bortoli (n.13 jan 1982)

5. Vanda De Bortoli (n.26 mar 1983)

4. Teresinha De Bortoli (n.14 nov 1949)

SP: Luiz Pavan (n.21 jun 1943;c.1 set 1985;f.5 mar 1996)

5. Tânia Pavan (n.20 fev 1987)

4. Aurora De Bortoli (n.2 out 1951)

SP: Luis Maso (n.11 nov 1949;c.19 mai 1979)

5. Marcelo Maso (n.4 mai 1980)

5. Marciane Maso (n.2 nov 1984)

5. Márcio Antônio Maso (n.9 mai 1984)

5. Nádia Maso (n.17 jan 1986)



- 4. Oliva De Bortoli (n.3 jul 1953)
  - SP: Alfeo Pozza (n.11 nov 1937)
    - 5. Alfeo Pozza Júnior (n.20 jun 1984)
- 4. Nelson De Bortoli (n.3 set 1957)
  - SP: Terezinha Chimello (n.8 jan 1957;c.14 jul 1979)
    - 5. Ivan De Bortoli (n.19 mai 1980)
      - SP: Lucimar Rossetto (n.10 nov 1984;c.19 mar 2005)
    - 5. Cleiton De Bortoli (n.9 abr 1985)
- 4. Gilberto De Bortoli (n.9 mar 1963)
  - SP: Ivori Pelegrini (n.21 nov 1960;c.3 jul 1993)
    - 5. Luana Pelegrini De Bortoli (n.29 out 2000)
- SP: Angela Elvira Basso (n.30 ago 1887;c.16 mai 1923;f.2 abr 1969)
- 3. Vítório Frari (Ferrari) (n.30 jun 1924;f.13 jul 1982)
  - SP: Josephina Da Campo (n.28 jun 1922;c.18 fev 1950)
    - 4. Darci Ferrari (n.21 abr 1951)
      - SP: DESCONHECIDO
        - 5. Carla Ferrari (n.15 fev 1973)
          - SP: Fernando Piaia
        - 5. Rodrigo Ferrari (n.24 jun 1981)
          - SP: Sara De Toni
            - 6. Renan Ferrari
        - 5. William Ferrari (n.16 set 1984)
          - SP: Maria L. De Conto
            - 5. Criciele A. De Conto
    - 4. Celina Ferrari - falecida
    - 4. Maria Ferrari (n.10 mai 1955)
    - 4. Oracilio Ferrari (f.20 fev 1986)
  - 3. Dionisio Frari (Ferrari) (n.8 set 1925;f.4 jul 1995)
    - SP: Adele Poloni (n.18 out 1925;c.1 mai 1946)
      - 4. Deonilda Ferrari (n.31 mar 1947)
        - SP: José Assis Oliveira dos Santos (n.18 out 1940)
      - 4. Antônio Ferrari (n.19 jul 1948;f.1969)
      - 4. Pedro Ferrari (n.1 out 1950)
        - SP: Maria Cecilia (n.11 nov 1953;c.21 mai 1976)
          - 5. Eliana Ferrari (n.3 jan 1978)
            - SP: Volnei Thums (n.23 jul 1970;c.ago 1993)
              - 6. Christopher Ferrari Thums (n.27 jan 1994)
              - 6. Vinicius Ferrari Thums (n.7 out 1997)
          - 5. Denize Ferrari (n.7 jun 1980)
            - SP: DESCONHECIDO
              - 6. Adeniz Eduardo Ferrari Braga (n.3 abr 1998)
            - SP: Gilberto Normann (n.20 mai 1976;c.fev 2003)
              - 6. Rickielmi Normann (n.15 fev 2005)





- 5. Wagner Paulo Ferrari (n.25 jan 1982)
  - SP: Laura Kickow (n.19 fev 1979;c.fev 2003)
    - 6. Gabriel Kickow Ferrari (n.8 set 2003)
- 4. Lucindo Ferrari (n.26 nov 1953)
- 4. Danilo Ferrari (n.22 mar 1955)
- 4. Domingos Ferrari (n.10 dez 1957)
  - SP: DESCONHECIDO
    - 5. Rogério Ferrari (n.22 jul 1986)
    - 5. Priscila Ferrari (n.4 fev 1991)
- 4. Célio Ferrari (n.14 mai 1959)
  - SP: Nadir Favretto (n.22 out 1949;c.22 fev 1985)
    - 5. Juliana Mislene Ferrari (n.9 set 1986)
- 4. Otonirino Ferrari (n.4 out 1961)
  - SP: Maria das Graças Souza (n.14 set 1970;c.29 nov 1996)
    - 5. Aline Ferrari (n.14 out 1989)
    - 5. Janaina De Souza (n.16 jun 1990)
    - 5. Grace Kelly Ferrari (n.28 mai 1996)
- 4. Ana Ferrari (n.8 mai 1965)
  - SP: Anisio José da Silva (n.14 set 1965)
    - 5. Luiza Ferrari da Silva (n.4 jun 1999)
- 4. Décio Ferrari (n.11 nov 1967)
  - SP: DESCONHECIDO
    - 5. Gleise Elen Ferrari (n.1 dez 1994)
- 3. Cristiano Rocco Frari (Ferrari) (n.19 ago 1928;f.8 set 1995)
  - SP: Joanna Rosa Sartorello (n.13 mar 1929;c.23 ago 1952)
    - 4. Metilde Ferrari (n.17 jun 1953)
      - SP: Justino Rogowski (n.20 abr 1949;c.15 jun 1973)
        - 5. Nádia Ferrari Rogowski (n.20 set 1974)
        - 5. Nédio Ferrari Rogowski (n.1 mar 1976)
          - SP: Géssica Marta Viana (n.30 abr 1980;c.30 jul 1999)
            - 6. Jhonatan Eduardo Ferrari Rogowski (n.21 ago 1997)
            - 6. Emily Ferrari Rogowski (n.10 jan 1999)
            - 6. Nicholas Ferrari Rogowski (n.30 ago 2005)
- 4. Nelson Ferrari (n.2 jun 1955)
  - SP: Diana Lourdes Luchesi (n.6 fev 1957;c.17 dez 1977)
    - 5. Márcio Ferrari (n.29 jun 1978)
    - 5. Fabiana Ferrari (n.23 mar 1983)
    - 5. Elisangela Ferrari (n.4 jun 1989)
- 4. Terezinha Ferrari (n.16 ago 1957)
  - SP: Luiz Franz (n.27 jun 1948;c.5 out 1974)
    - 5. Viviana Simara Franz (n.15 nov 1975)
      - SP: Marco Aurélio Schwarz
    - 5. João Rodrigo Franz (n.5 out 1976)



- 5. Gisele Celina Franz (n.12 jan 1982)  
SP: DESCONHECIDO
  - 6. Luiz Victor Franz Weber (n.5 jan 2002)
- 4. Lourdes Ferrari (n.28 set 1959)  
SP: José Lino Heiderscheid
  - 5. Claudiano José Heiderscheid (n.6 jun 1981)  
SP: Judite Spies
    - 6. Cristiano Heiderscheid
  - SP: Amarildo De Souza
    - 5. Fabíola Ferrari (n.2 fev 1985)  
SP: Vanderlei Matias da Silva (n.21 set 1982)
    - 5. Pablo Ferrari De Souza (n.6 jan 1994)
- 4. Maria Ferrari (n.2 fev 1962)  
SP: Manoel João De Souza (n.6 fev 1961;c.25 out 1985)
  - 5. Franciny De Souza (n.14 ago 1986)
  - 5. Manoela De Souza (n.4 dez 2000)
- 4. Pedro Ferrari (n.17 mar 1964)  
SP: Maria Agostinha de Souza (n.20 nov 1965;c.4 nov 1983)
  - 5. Maycon Ferrari (n.22 jan 1984)
  - 5. Jean Ferrari (n.19 mar 1989)
  - 5. Ana Luiza Ferrari (n.3 jan 2004)
- 4. Cristina Ferrari (n.24 jul 1966)  
SP: Pedro Bartolomeu Schmitt (n.13 mai 1965;c.13 jun 1997)
  - 5. Francielly Ferrari Schmitt (n.14 set 1995)
  - 5. Lucas Ferrari Schmitt (n.17 mar 1999)
- 2. Luígia Giovanna Frari (Ferrari) (n.8 fev 1882;f.19 abr 1931)  
SP: Angelo Tommasin (c.5 jul 1899;f.29 fev 1928)
  - 3. Ana Tommasin (f.Ainda bebê)
  - 3. Angela Tommasin (n.23 mar 1901;f.Ainda Bebê)
  - 3. João Batista Tommasin (n.3 mar 1902;f.Faleceu aos 7 anos)
  - 3. Pedro Tommasin (n.21 abr 1903;f.Faleceu pequeno)
  - 3. Angela Ana Tommasin (n.21 mar 1904)  
SP: Carlos Pietrobon (c.21 jun 1924)
  - 3. Joana Angela Tommasin (n.13 set 1905)  
SP: Luis Roque Pastorello (c.6 ago 1925)
  - 3. Stella Eloisa Tommasin (n.31 jan 1907)  
SP: Candido Pietrobon (c.21 jul 1926)
  - 3. Teresa Tommasin (n.24 jun 1908)  
SP: Primo Rizzi (c.3 set 1927)
  - 3. Vitória Maria Tommasin (n.24 jun 1908)  
SP: Valentino Biazus (c.29 out 1932)
  - 3. Catarina Tommasin (n.17 nov 1910)  
SP: Anselmo (Avelino) Biasin (c.24 mai 1930)



- 3. Angelica Madalena Tommasin (n.19 ago 1912)  
SP: Germano Marcos Pastorello (c.26 abr 1933)
- 3. Antonio Fernando Tommasin (n.14 nov 1914)  
SP: Elizabetha Chimello (c.3 set 1941)
- 3. Vitório Pedro Tommasin (n.7 mar 1916)  
SP: Dominga Teresa Capovilla (c.26 jul)
- 3. Francisco Tommasin (n.6 ago 1917)  
SP: Gema Gréggio
- 3. Braz Tommasin (n.20 jan 1919)  
SP: Luiza Basso
- 3. Domingos Tommasin (n.5 jul 1920)
- 3. Gregório Tommasin (n.1 set 1921)  
SP: Rosa Capovilla
- 3. Adelina Otávia Tommasin (n.10 dez 1923)  
SP: Angelo Capovilla
- 3. Oliva Tommasin (n.27 mar 1926)  
SP: Fiorindo Da Campo
- 3. Antonio Tommasin  
SP: Teresinha De Toni



## *Aniversário dos Descendentes da Família Ferrazi*

### JANEIRO

01.01.1986	Diego Tumelero Venturela	12.01.1982	Gisele Celina Franz
02.01.1998	Carlos Henrique Moreira	12.01.1966	Romildo Ferrari
02.01.1970	Nilva Susana Leoncio	13.01.1986	Ronaldo Felipe Ferrari
03.01.2004	Ana Luiza Ferrari	13.01.1982	Gustavo De Bortoli
03.01.1977	Fernanda Sberse	13.01.1932	Severino Ferrari
03.01.1978	Eliana Ferrari	14.01.1970	Marcio Ferrari
05.01.1963	Luiz V. B. de Mello	14.01.1962	Mercedes Tognon
05.01.1977	Naira Ferrari	16.01.1976	Jucimar Rigo
05.01.2002	Luiz Victor Franz	16.01.1978	Rosangela Ferrari
06.01.1959	Marines Coghetto	16.01.1974	Valdir Fabricio
06.01.1942	Antonio Pedro De Bona	17.01.1986	Nadia Maso
06.01.1994	Pablo Ferrari de Souza	18.01.1957	Miraci Mossi Gemelli
07.01.1948	Dionisio de Bortoli †	18.01.2002	Lucas Henrique Ferrari
07.01.1992	Natan Vidal dos Santos	18.01.1965	Lourenço de Bortoli
07.01.1955	Jurema Poloni	19.01.1962	Izabete Tumelero
07.01.1959	Solange Maria Poloni	20.01.1965	Ivanete De Toni
08.01.1958	Reunilce Raimundi	20.01.1974	Alexandre Faccin
08.01.1956	Vilson Adão Poloni	20.01.1919	Braz Tommasin †
08.01.1978	Roni Hoffman Rodrigues	21.01.1960	Celino Guisso
08.01.1972	Silvana Mosconi	21.01.1968	Rejane Ferrari
08.01.1957	Terezinha Chinello	22.01.1982	Flavio Argenton
08.01.1989	Leonardo Ferrari	22.01.1946	Antonio Ferrari
09.01.1999	Wellinton Carvalho da Silva	22.01.1984	Maycon Ferrari
09.01.1970	Valeria Ferrari	22.01.1988	Franciele Rodrigues da Silva
10.01.1962	Mirian Gubert	25.01.1982	Wagner Paulo Ferrari
10.01.1999	Emely Ferrari Rogowski	26.01.1848	Santo Santolin Ferrari
10.01.1982	Franciele dos Santos	26.01.1955	Maristela Ferrari
11.01.1994	Renata Ferrari	27.01.1980	Rosane Ferrari
12.01.1966	Sonia Sassi	27.01.1994	Christopher Ferrari Thums
12.01.1985	João Carlos Gubert	27.01.1961	Fiorelo Paese
		28.01.1951	Geni Predebom



28.01.1941	Alcides Dalla Costa		13.02.1951	Natalino Ferrari	
29.01.1957	Edir Tumelero	†	14.02.1983	Mariani Cristina Arend	
30.01.1982	Aguimara Rigon		14.02.1974	Vantecir A. Cenci	
30.01.1963	Nair Franceschini		15.02.1973	Carla Ferrari	
30.01.1950	Célio Ferrari		15.02.2005	Rickielmi Normann	
31.01.2000	Juliana Da Cunha		15.02.1952	Edilho José Bergamaschi	
31.01.1907	Stella Eloisa Tommasin	†	15.02.1974	Cristina Dalla Costa	
<b>FEVEREIRO</b>					
01.02.1972	César Magno Ferrari		16.02.1978	Alysson Fabio Ferrari	
01.02.1960	Viviane M. De Caetano		16.02.1936	Irma Thereza Zandoná	
01.02.1978	Daiane Dala Zen		17.02.1942	Claudino Dalla Costa	
02.02.1957	Dorival Sbabo		17.02.1948	Francisco José Ferrari	
02.02.1962	Maria Ferrari		17.02.1977	Valéria Araujo	
02.02.1985	Fabiola Ferrari		17.02.1961	Gilberto Ferrari	
02.02.1973	Fatima Ferrari	†	18.02.2003	Julia Acorsi Paese	
03.02.2004	Rafael Bono		18.02.1956	Valdir Ferrari	†
04.02.1987	Laerte De Toni		18.02.1971	Vilma M. Tomasi	
04.02.1991	Priscila Ferrari		18.02.2002	João Pietro Ferrari	
04.02.1988	Airton Ferrari		18.02.1963	Monica Mattia	
05.02.1972	Artur Zorzi		19.02.1979	Laura Kickow	
05.02.1974	Tânia Rubbo		20.02.1947	Vitorino Zandoná	
05.02.1946	Rosa Maria Possamai		20.02.1953	Valdir Sonaglio	
05.02.1952	Décio Ferrari		20.02.1964	Idalino Pegoraro	
06.02.1961	Manoel João de Souza		20.02.1987	Tania Pavan	
06.02.1946	Valdecir Ferrari		20.02.1960	Delvino Guizzo	
06.02.1957	Diana Lourdes Luchesi		21.02.1947	Felicio Meireles	
08.02.1956	Remi Ferrari		21.02.1991	Cássio Rubbo	
08.02.1969	Marelei Zortéa		22.02.1962	Ivanir Ferrari	
08.02.1882	Luigia Giovanna Ferrari	†	23.02.1925	Carmelina Mazzocco	
08.02.1876	Francesco Ferrari	†	23.02.1957	Valdir Pedro Rigon	
08.02.1925	Simão Massocco	†	24.02.1956	Antonio Valduga	
08.02.1979	Rodrigo De Bortoli		24.02.1944	Maria Ilza Mendonça	
08.02.1959	Ivanir Sonaglio		24.02.2003	Diego Signor	
09.02.1956	Valdir Ferrari		25.02.1959	Marlene Tumelero	
09.02.1969	Valter Orestes Poloni		25.02.1940	Ciro Pedro Zandoná	
10.02.1960	Marlene Ferrari		25.02.1950	Luiz Fabricio	
11.02.1929	Thereza Ferrari	†	26.02.1955	Beloni Verza	
11.02.1989	Ana Paula Da Campo		27.02.2001	Marcelo Sonaglio	
11.02.1985	Samuel Valduga		27.02.1963	Gilmar Rigon	
11.02.1996	Caroline Ferrari		27.02.1944	Maria Ilza Mendonça	
12.02.1952	Laura Ferrari		27.02.1957	Helena Ferrari	
12.02.1962	Ivani Marcolin		27.02.1980	Marcia Elias	
12.02.1988	Larissa Massocco		28.02.1982	Valérie M. de C. Mazzocco	
			28.02.1974	Luciane Marini	



## MARÇO

01.03.1953	Navilho João Bergamaski		14.03.1957	Nilse Rubbo	
01.03.1972	Rogério Dalla Costa		14.03.1911	João Zandoná Sobrinho	†
01.03.1958	Maristela Tumelero		15.03.1942	Leonice Josefina Menin	
01.03.1967	Eliane Marcolin		17.03.1999	Lucas Schmitt	
01.03.1979	Fabiano Rubbo		17.03.1991	Cristhian Ambrosi	
01.03.1976	Nédio Ferrari Regowski		17.03.1964	Pedro Ferrari (filho de Cristiano)	
02.03.1950	Terezinha Da Campo		17.03.1942	João De Bortoli	
02.03.1970	Elias Ferrari		17.03.1986	Alexandre Dala Zen	
03.03.1902	João Batista Tomasin	†	18.03.2005	Enzo Augusto Ferrari	
03.03.1971	Adriane Maria Tonin		18.03.1997	Daniel Henrique Ferrari	
03.03.1998	Ana Cristine Ferrari		19.03.1989	Jean Ferrari	
03.03.2004	Maicon Augusto Ferrari		19.03.1902	Maria Rosa Ferrari	†
03.03.1907	Angelo Ferrari	†	19.03.1975	Luciano Ferrari	
05.03.1986	Daiane Paese		19.03.1993	Greice Rizzardo	
05.03.1933	José Tumelero		20.03.1945	Maximilia Pavan	
05.03.1961	Mario Foresti		20.03.1964	Helena Pegoraro	
06.03.1948	Valdecir De César		20.03.1966	Eliane Maria Poloni	
06.03.1979	Monicielle Mazzocco		20.03.1989	Rudimar Guisio	
06.03.1981	Alex Fernando Ferrari		21.03.1997	Juliana Da Campo	
06.03.1988	Sheila Ferrari		21.03.1982	Fernanda Acorsi	
06.03.1981	Tiago Crippa		21.03.1997	Juliana Sbabo	
06.03.1948	Teresinha Tomasini		21.03.1904	Angela Ana Tomasin	†
06.03.2004	Iago Trivillin		22.03.1969	Helena Pegoraro	
07.03.1916	Vitório Pedro Tomasin		22.03.1976	Sidnei Carlos Baretta	
08.03.1959	Francisco A. de Souza		22.03.1955	Danilo Ferrari	
08.03.1931	Guilherme Gemelli	†	22.03.2004	Caroline S. Sonaglio	
08.03.1960	Moacir Rubbo	†	22.03.1972	Simone Formalioni	
08.03.1997	William Sonaglio		23.03.1984	Edson Da Campo	
08.03.1973	Adriane Tavela		23.03.1973	Angela Chiaramonte	
09.03.1963	Gilberto De Bortoli		23.03.1983	Fabiana Ferrari	
09.03.1945	Delvino Rubbo	†	23.03.1901	Angela Tomasin	†
10.03.1963	Adélia Maria Berwanger		23.03.1971	Celiane Scussel	
10.03.1959	Vilso J. Francio		23.03.1999	Fernando Henrique T. Sampaio	
11.03.1954	Generino Da Campo		24.03.1914	Antonio Luiz Ferrari	†
11.03.1997	Aline Guisio		24.03.1985	Fernanda Francio	
12.03.1996	Natalia Gemelli		25.03.2000	André Luiz de Mello	
12.03.1959	Ivete De Bortoli		25.03.1971	Leandro Antonio Massocco	†
12.03.1975	Evandro Samuel Ferrari		26.03.1983	Vanda De Bortoli	
13.03.1944	Aurora Zanelatto		26.03.1928	Domingos Ferrari	
13.03.1954	Inês Pietrobom		27.03.1926	Oliva Tomasin	
13.03.1956	José Pires		28.03.1954	Pedro Bernardo Ferrari	
13.03.1929	Joanna Rosa Sartorello		29.03.1953	Domingos Olivo Bergamaski	
13.03.1943	Danilo Rubbo		30.03.1965	Justino Ferrari	
			30.03.1961	Marli Pozzatti	





30.03.1982	Patricia Rigon		16.04.2005	Victor Bento Gemelli	
31.03.1977	Fabiano De Bortoli		16.04.1951	Terezinha Bazanella	
31.03.1947	Deonilda Ferrari		16.04.1965	Marlene Sonaglio	
31.03.1927	Severino Ferrari	†	17.04.1990	Nilson Ferrari de Lima	
31.03.1956	Ivete Fornazier		17.04.1968	Marcelo Sampaio	
31.03.2003	Sara Toniolo Spadini		17.04.1907	Rosa Parisotto	†
31.03.1997	Ana Paula Magnaguagno		18.04.1973	Marilusa G. Fitarelli	
			19.04.1972	Fernando Lucio Ferrari	
			19.04.1956	Claudia Berton	
ABRIL			19.04.1956	Inacio Berton	
01.04.1999	Leandro Casagrande		19.04.1950	Natalino Paese	
01.04.1999	Leonardo Casagrande		19.04.1980	Cátia Fernanda Ferrari	
01.04.200	Elania Bergmann		19.04.1964	Gilmar Ferrari	
01.04.1966	Roberto Sonaglio		20.04.1949	Justino Rogowski	
01.04.1983	Fernanda Trivillin		20.04.1962	Vilson Paese	
02.04.1989	Samira Valduga		20.04.1963	Elizete Sonaglio	
02.04.1987	Jean Carlos De Bortoli		21.04.1951	Darci Ferrari	
02.04.1920	Alfonso De Bortoli		21.04.1903	Pedro Tomasin	†
03.04.1998	Adeniz Eduardo Ferrari Braga		22.04.1939	Alcides Toniolo	
03.04.1971	Sonia Beatriz Ferrari		23.04.1970	Selma Ferrari	
03.04.1963	Odelce Trivillin		23.04.1970	Deonir De Toni	
04.04.1960	Angelina Guisso		24.04.1967	Vania Maria Ferrari	
04.04.2005	Jenifer Rigon Rodrigues		24.04.1960	Roberto Ferrari	
04.04.1943	Dionisio Ferrari		27.04.1939	Nelva Bortolozzo	
06.04.1956	Reni Da Campo		27.04.2002	Kamilla Rubbo	
07.04.1960	Luiz C. Rodrigues		28.04.1949	Severino Luiz Ferrari	
07.04.1933	Pedro Ferrari (esp. Aurora Coghetto)		28.04.1980	Fabiano Rigon	
08.04.2001	Giovani Sonaglio		28.04.1956	Geni Ferrari	
09.04.1987	Julio Ferrari		30.04.1972	Marisete Ferrari	
09.04.1985	Cleiton De Bortoli		30.04.1980	Géssica Marta Viana	
10.04.1972	Fernanda Lucia Ferrari		30.04.1886	Eustaquio Santolin	†
10.04.1961	Leocádia Teresa Poloni				
10.04.1953	Neida Predebom		MAIO		
11.04.1992	Regiane Terezinha F. de Lima		01.05.1958	Sérgio Ferrari	
11.04.1951	Dorvalino Rizzardo		01.05.1952	Maria Gabiatti	
11.04.1859	Colomba Durante	†	01.05.1960	Marines Tumelero	
12.04.1968	Edson Zandoná		01.05.1994	Leticia de Siqueira	
12.04.1956	Rubens Ferrari		01.05.1943	Nair Passaia	
13.04.1988	Lilian Ferrari		02.05.1975	Valdecir Berghmann	
13.04.1927	Fausto Massocco		03.05.1957	Itaner Luis Venturela	
14.04.1987	Marcia Andréia Bergamaschi		03.05.1965	Genoveva Guisso	
14.04.1958	Inês Ferrari		04.05.1989	Lidiane Anderle	
14.04.1999	Franciele Zortea Tumelero		04.05.1980	Marcelo Maso	
15.04.1978	Volnei De Bortoli		04.05.1998	Milena Ferrari	
15.04.1997	Isabel De Bortoli				



05.05.1996	Guilherme Conci	21.05.1968	Sandra Lucia Foresti
06.05.1987	Jociane Raquel De Bortoli	22.05.1965	Daniel Ferrari
06.05.1951	Lurdes Maria	22.05.1952	Cleimar Massocco
06.05.1976	Joacir Francisco de Lima	23.05.1944	Vilma Rigon †
06.05.1961	Lorenço Ferrari	23.05.1974	Juliano Massocco
06.05.1937	Julia Maso	24.05.1987	Fabiane Gomes da Luz
06.05.1978	Enio Dorival Wolfarth	24.05.1882	Teresa Elizabetha Santolin †
06.05.1963	Cleodemar Zandoná	24.05.1997	Camila Romagna
07.05.1972	Magda Brandeli	24.05.1989	Luana Cristina De Bortoli
07.05.1988	Vinicius de Siqueira	24.05.1997	Lucas Guisso
07.05.1999	Julia Carolize Anderle	25.05.1982	Jeferson Simonaggio
08.05.1994	Alex Ferrari	26.05.1976	Larissa Schau
08.05.1965	Ana Ferrari (filha de Dionisio)	26.05.1985	Patricia Ferrari
09.05.1984	Marcio Antonio Maso	28.05.1996	Grace Kelly Ferrari
09.05.1964	Volmar Moroni	29.05.1996	Lucas Ferrari
09.05.1949	Laudemiro De Bortoli	29.05.1980	Cristiane Regina Ferrari
09.05.1931	Maria Tochetto	29.05.1992	Douglas De Bortoli
10.05.1955	Maria Ferrari	30.05.1997	Carmela De Bortoli
10.05.1993	Gustavo Ferrari	30.05.1958	Miraci Mossi
10.04.1984	Anderson Ferrari	30.05.1958	Sergio Gemelli
10.05.2003	Mariana De Toni	31.05.1943	Danilo De Bortoli
11.05.1938	Dionisio Ferrari (filho João Baptista)	31.05.1993	Everton Rubbo
11.05.1939	Onilda Pavan	31.05.1928	Benjamin Sonaglio
11.05.1961	Eliane Ferrari		
11.05.1942	Pedro Antonio Ferrari		
12.05.1966	Adriana Polesso	JUNHO	
12.05.1989	Ana Paula Paese	01.06.1949	Martina Bohn
12.05.1962	Pedro Rubbo	02.06.1967	Eduardo Gemelli
13.05.1968	Rosa Rogoski	02.06.1977	Luci Maria Wons
13.05.1965	Pedro Bartolomeu Schimidt	02.06.1955	Nelson Ferrari
14.05.1959	Celio Ferrari (filho Dionisio)	04.06.1989	Elisangela Ferrari
14.05.1978	Claudete Berton	04.06.1999	Luiza Ferrari da Silva
15.05.2002	Bruna Daniela M. de Camargo	04.06.1928	Ana Poloni †
15.05.1903	Santa Joana Ferrari †	05.06.1932	Oliva Massocco †
15.05.1961	Gelson De Toni	06.06.1982	André Guilherme Paese
16.05.1948	Severino Rubbo	06.06.1954	Vanderlei dos Santos
16.05.2000	Mateus Ferrari	06.06.1970	Sadi Conci
17.05.1900	Isabel Santolin †	06.06.1981	Claudiano José Heiderscheidt
17.05.1963	Silvana Maria Ferrari	06.06.1966	Maria Ferrari
17.05.1944	Nair Costa	06.06.1998	Douglas Rigon De Bastiani
19.05.1980	Ivan De Bortoli	07.06.1980	Denize Ferrari
20.05.1991	Juliane Guisso	07.06.1966	Marilia Filippon
20.05.1965	Rosane Suardi	08.06.1975	Marijane Paese
20.05.1976	Gilberto Normann	09.06.1978	Gabriel Henrique Dalla Costa
		09.06.1915	Angela Colomba Ferrari †



09.06.1930	Severino Ferrari	†	25.06.1948	Tercila Marini	
10.06.1955	Delfino J. F. da Cunha		25.06.1966	Gleci Rubo	
10.06.1981	Silvana Ferrari		26.06.1994	Thais Francine Tumelero Lotis	
10.06.1977	Rodrigo Rubbo		26.06.1969	Roseni Fatima De Bona	
10.06.2001	Mariana Ferrari		26.06.1983	Rovani Ferrari	
10.06.1988	Ana Méri Rubbo		27.06.1980	Silvana Andretta	
11.06.1972	Cesar Ferrari		27.06.1948	Luiz Franz	
11.06.1915	Cecilia Poloni	†	28.06.1922	Josephina Da Campo	
11.06.1995	Romario Foresti		28.06.1904	João Baptista Ferrari	†
11.06.1977	Lorivane De Biasi		28.06.1941	Ida Salvatti	
12.06.1946	Ulisses Casanova		28.06.2004	Ana Paula Wolfarth	
12.06.1973	Marco Antonio Ferrari		28.06.1983	Cátia Zandoná	
13.06.1952	Carmem Ferrari		28.06.1943	Maria Zandoná	
14.06.1973	Adriano Casanova		29.06.1978	Marcio Ferrari	
16.06.1957	Antonio Sonaglio		29.06.1979	Lairton Cardoso de Carvalho	
16.06.1990	Janaina de Souza		29.06.1957	Vilma P. Sonaglio	
16.06.2005	Lucas De Toni		30.06.1907	Amélia Belluzzo	†
16.06.2001	Isaac Trivillin		30.06.1924	Vitorio Ferrari	†
17.06.1953	Metilde Ferrari		30.06.1988	André Felipe Christ	
17.06.1968	Vanderlei Dalla Costa		30.06.1995	Patricia Moroni	
17.06.1979	Lucimara Anderle				
18.06.1964	Gilmar Massocco		JULHO		
18.06.1959	Hermes Ferrari		01.07.1975	Monalisa Baretto	
18.06.1927	João Ferrari	†	01.07.1955	Jairo Casonatto	
19.06.1950	José Rosenk		01.07.1922	Maria Teresa Massocco	†
20.06.1990	Cassio Iuri Ferrari		02.07.1946	Helena Rigon	
20.06.1937	Lourdes Ferrari		02.07.1940	Ivo Crippa	
20.06.1984	Alfeo Pozza Junior		02.07.1942	Lucia Guisso	
20.06.1963	Valdemir Rubbo		02.07.1997	Elisa Ferrari	
21.06.1972	Claudia Adriele Ferrari		03.07.1961	Jackson Chioquetta	
21.06.1944	Olivia Ferrari	†	03.07.1992	Renan Carvalho da Silva	
21.06.1943	Luiz Pavan	†	03.07.1953	Oliva De Bortoli	
21.06.1943	Izidoro Paese		03.07.1953	Célio Zandoná	
21.06.1958	Luis Carlos Ferrari		04.07.1963	Lorena Ferrari	
22.06.1971	Adriane Rubbo		04.07.1949	Domingos Casagrande	
23.06.1970	Maria Regina Ferrari		04.07.1966	Solange Signor	
23.06.1991	Ingrid Pires		05.07.1934	Zeferino Maria Zandoná	
24.06.1981	Rodrigo Ferrari		05.07.1987	Jocimar Rigon	
24.06.1958	Roberto P. da Silva		05.07.1931	Gema Massocco	
24.06.1957	Nilce Predebom		05.07.1935	Maria Lurdes Bottin	
24.06.1970	Adriana Ferrari		05.07.1920	Domingos Tomasin	†
24.06.1908	Teresa Tomasin		06.07.1966	Vania Maria Ferrari	
24.06.1908	Vitória Maria Tomasin		06.07.1991	Gabriela De Bortoli	
25.06.1975	Leomar De Bortoli		06.07.1986	Elisa Valduga	



06.07.1966	Maria Gorete Ferrari		24.07.1971	Elizabete Cristina De Bona	
08.07.1926	Diles Maria Bottin	†	24.07.1966	Cristina Ferrari	
08.07.1982	Fabio José Ferrari		24.07.1978	Cristiane Meirelles	
08.07.1970	Valmor Ferrari		24.07.1989	Greice Pires	
09.07.1954	Lurdes Massocco		24.07.1953	Iva Joanna Ferrari	
09.07.1960	Valdir Domingos Magnaguagno		25.07.1952	Aleixo Nelson Rubbo	
09.07.1912	Ernesto Ferrari	†	25.07.1941	Ana Pavan	
10.07.1910	Otilia Fochesatto	†	27.07.1934	Pedro Ferrari (filho de João Baptista)	
10.07.1966	Gilmar De Bortoli		27.07.1968	Silvana Trivillin	
10.07.1946	Ciro De Bortoli		28.07.1956	Nelson Sonaglio	
11.07.1993	Romario Foresti		28.07.1984	Eliane Marca	
12.07.1958	Leda De Bortoli		28.07.1963	Maricelci Locatelli	
12.07.1965	Claudice Bem		30.07.1950	Diles Rigon	
12.07.2005	Ana Julia Sberse Massoco		30.07.1917	José Rubbo	
12.07.1965	Simone Tonin				
12.07.1966	Sadi Toniolo		AGOSTO		
12.07.1965	Marilene Marta Trivillin		01.08.1940	Gema Ferrari	
13.07.1984	Luciana Tumelero da Rocha		02.08.1965	Jairo Ferrari	
13.07.1896	Antonio Santolin	†	02.08.2001	Bianca Dalla Costa Zorzi	
14.07.1985	Carlos André P. Lima		03.08.1966	Rosamari Gubert	
14.07.1970	Moacir Ferrari		03.08.1966	Rosane Gubert	
14.07.1998	Jéssica Cenci		03.08.1938	Delvino Zandoná	†
15.07.1968	Adair Rizzardo		03.08.1962	Valdecir Ferrari	
15.07.1963	Rezane Adiles Mazzocco		03.08.1952	Juraci Crestani	
16.07.1960	Margaret Basso		04.08.1972	Paulo Três	
16.07.1979	Maristela Schulz		04.08.1987	Gabriele dos Santos	
17.07.1953	Valdemir C. da Silva (Edgar)		04.08.1970	Ademir Trivillin	
17.07.1978	Luciane Anderle		04.08.1964	Marlise Gubert	
17.07.1978	Lucilene Anderle		04.08.1920	Maria Josephina Ferrari	†
18.07.1967	Nair Massocco		04.08.1977	Wilson Roberto de Carvalho	
18.07.1936	Lurdes Ferrari		05.08.1934	Teresa Ferrari Gemelli	
19.07.1979	Vanderlei Fabricio		05.08.1934	Guilherme Gemelli	
19.07.1948	Antonio Ferrari	†	05.08.2000	Gabriel dos S. de Carvalho	
20.07.1937	Lourdes Ferrari		05.08.1934	Teresa Ferrari (filha de José)	
20.07.2000	Eric De Bortoli		06.08.1917	Francisco Tomasin	†
20.07.1993	Bruna Ferrari		07.08.1946	Celina Rubbo	
20.07.1976	Felipe Zandoná		07.08.1951	Adélia Gilmara Caprara	
21.07.2000	Arthur Eduardo T. Sampaio		08.08.1965	Airton Lotis	†
21.07.1967	Mirian Leopoldina Jacinto		08.08.2000	Eduardo Miguel Anderle	
21.07.1974	Daniel Dalla Costa		09.08.1952	Cirineu Luiz Anderle	
22.07.1986	Rogério Ferrari		10.08.2000	Giovani Ferrari	
23.07.1959	Anita Rigon		11.08.1957	Danilo Simonaggio	
23.07.1970	Volnei Thums		12.08.1947	Ladir De Bortoli	
24.07.1969	Rosangela Teresinha Ferrari		12.08.1994	Lucas Sganzerla	



12.08.1973	Eliane Rossatto	31.08.1982	Diego De Césaro
13.08.1998	Cesar Augusto Ferrari		
13.08.2004	Julia Faccin	SETEMBRO	
14.08.1989	Caroline Trivillin	01.09.1948	Zenaide Rigon
14.08.1986	Francine De Souza	01.09.1921	Gregório Tomasin †
14.08.1957	Luis da Rocha	02.09.1988	Greice Baldin
14.08.1977	Leandro Paulo Dobner	02.09.1982	Elton da Cunha
14.08.1983	Daniel Ferrari	02.09.1935	Narciso Massocco
14.08.1905	Assunta Teresa Piva †	02.09.1955	Luiz C. Parisotto
15.08.1945	Antonio Tadeu Ferrari	03.09.1919	José Luiz Rigon
15.08.1962	Ivocir José Baldin	03.09.1957	Nelson De Bortoli
15.08.1979	Luciano De Bortoli	04.09.1961	Gilberto Ambrosi
15.08.1848	Angela Furlan †	04.09.2004	Jheniffer Bergamaski
16.08.1957	Terezinha Ferrari (filha de Cristiano)	05.09.1978	Rodrigo Valentin De Bona
16.08.1971	Luciano Zandoná	05.09.1969	Luis Tumelero
16.08.1994	Veronica Ferrari	05.09.1982	Lorizete Anderle
17.08.1987	Daian Rizzardo	06.09.1977	Evandro Paese
18.08.1982	Elizandra Mara Bergamaski	06.09.1951	Dorvalinbo Martins Massocco
18.08.1898	Mathilde Joana Santolin	07.09.1987	Evandro De Bortoli
18.08.1992	Vanessa Ferrari	07.09.1995	Willian Carvalho da Silva
19.08.1993	Ricardo Paese	07.09.1966	Adriana Maria Ferrari
19.08.1912	Angelica Madalena Tomasin	07.09.2005	João Paulo Conci
19.08.1928	Cristiano Rocco Ferrari †	08.09.1962	Vilson Gemelli
19.08.1932	Maria Teresa Ferrari (filha de José)	08.09.2003	Gabriel Kickow Ferrari
19.08.1942	José Ferrari	08.09.1925	Dionisio Ferrari (filho de Pietro)
20.08.1972	Adriano De Bortoli	08.09.1924	Mario Severino Predebom
20.08.2004	João Mauricio Ferrari	08.09.1962	Leomar De Bortoli
21.08.1997	Jhonatan E. Rogowski Ferrari	08.09.1960	Marlene M. Sonaglio
21.08.1935	Lourdes Zandoná	09.09.1986	Ramiro Rosenk
21.08.1947	Terezinha Ferrari (filha Santo)	09.09.1960	Lucir Telmo Christ †
22.08.1979	Marcio De Bortoli	09.09.1986	Juliana Mislene Ferrari
23.08.1955	Vanilda M. Sonaglio	09.09.2005	Enzo Ferrari
23.08.1938	Mercedes Zandoná	09.09.1995	Gisela Ferrari
23.08.1964	Maria Rubbo	09.09.1983	Bruna Buba
24.08.1969	Eliane Paese	09.09.2002	Jennifer Sonaglio
24.08.1969	Eliane Bigolin	11.09.1945	Vilma Predebom
24.08.1975	Leandro Parisotto	12.09.1879	Pietro Ferrari †
25.08.1952	Teresinha Rigon †	13.09.1905	Joana Angela Tomasin
26.08.1992	Thaise F. Sganzerla	13.09.1948	Vitorino Rodrigues da Silva
27.08.1976	Luciane Anderle	14.09.1965	Anisio José da Silva
29.08.1969	Rosangela De Bortoli	14.09.1970	Maria das Graças Souza
29.08.1949	Zenaide Zandoná	14.09.1956	Neusa Ferrari
30.08.2005	Nicholas Ferrari Rogowski	14.09.1995	Francielli Schmitt
30.08.1887	Angela Elvira Basso †	14.09.1944	Danilo Ferrari



15.09.1991	Franciele Ferrari		02.10.1999	Gabriel Tonin Ferrari
15.09.1981	Cristian De Toni		02.10.1998	Carolina Poloni
16.09.1984	Willian Ferrari		02.10.1951	Aurora De Bortoli
16.09.1900	Antonio Rubbo	†	03.10.1913	Avelino Foresti
17.09.1978	Simara Ferrari		03.10.1964	Geremias Ferrari
17.09.1989	Fabiola Ferrari		03.10.2001	Maria Carolina M. Souza
17.09.1929	Angelo Ferrari		03.10.1942	Armando Ferrari
17.09.1957	Liria Francisca De Bortoli		04.10.1961	Otobrina Ferrari
18.09.2002	Lucas Rigon		04.10.1991	Vanessa Massocco
19.09.2004	Vitor Augusto Paese		05.10.1959	Maristela Gemelli
18.09.1983	Ludimara Anderle		05.10.1976	João Rodrigo Franz
19.09.1991	Leonardo Guisso		05.10.1960	Fernando L. C. Signor
19.09.1976	Odirlei De Césaro		05.10.1977	Lessandra Domingues Sonaglio
20.09.1974	Nadia Rogowski Ferrari		06.10.1959	Solange Morgado
20.09.1974	Marcia C. de Rodrigues		06.10.1953	Helena Ferrari
20.09.1990	Luan Alexandre De Bortoli		06.10.1918	Severino De Bortoli
21.09.1988	Fernando da Cunha		07.10.1997	Vinicius Ferrari Thums
22.09.1954	Terezinha Pizzato		07.10.1966	Ademir Giovanaz
22.09.1979	Rafael Caprara Ferrari		07.10.1967	Maria Fornasier Ferrari
23.09.1983	Vanessa Rubo		08.10.1996	Bruno Ferrari
23.09.1944	Antonio De Bortoli		09.10.1987	Alessandra Ferrari
24.09.1963	João Carlos Ferrari		09.10.1968	Ivone Maria Cosme
24.09.1949	Vilma Simonaggio		10.10.1938	Delvino A. Ferrari
25.09.1905	José Ferrari	†	10.10.1974	Cassio Ferrari
25.09.1916	Regina Gentilia Bettoni		11.10.1963	Neusa Tognon
25.09.1999	Emili Caroline Wolfarth		11.10.1936	José Ferrari
25.09.1985	Gabriela Paese		11.10.1973	Antenor Ferrari
26.09.2001	Guilherme Dalla Rosa		12.10.1940	Luiz Trivillin
28.09.1989	Rafael Diego S. da Silva		12.10.1994	Felipe Pires
28.09.1971	Marcio Longo		12.10.1861	Giuseppe Foresti
28.09.1974	Graciela Salvatti		12.10.1994	Felipe Ferrari
28.09.1934	Ortelina Salvatti		12.10.1939	Margarida Foresti
28.09.1959	Lourdes Ferrari		12.10.1938	Angela Ferrari
29.09.1945	Gema Ferrari		12.10.1958	Domingos De Toni
29.09.1957	Ari Pedro Sganzerla		13.10.1970	Valdecir Rubbo
29.09.1962	Moacir Miguel Orso		13.10.1969	Suzana Zandoná
30.09.2004	Tiago Tavela Ferrari		14.10.1894	Gaetano Santolin
30.09.1955	Lorena Gemelli dos Santos		14.10.1989	Aline Roberta Ferrari
30.09.1987	Henrique Alfredo Gemelli		14.10.1965	Anselmo Ferrari
30.09.1963	Fernando Ferrari		15.10.1955	Terezinha M.Massocco
			17.10.1967	Roberto Trivillin
			18.10.1925	Adele Poloni
			18.10.1940	José Assis Oliveira dos Santos
			18.10.1948	Gládis Peruffo
OUTUBRO				
01.10.1956	Iraci Fussinger Ferrari			
01.10.1950	Pedro Ferrari			





18.10.1990	Cristine Paese		03.11.1962	Ademir Ferrari	
18.10.1965	Marlene Colleoni		03.11.1995	Fernando Francio	
19.10.1988	Cristiane Mara Bergamaski		04.11.1990	Luanda Anderle	
20.10.1992	Keneddy De Bortoli		04.11.1966	Marisa Ferrari	
21.10.1934	Selvino Rubbo		05.11.1966	Rudimar Paese	
21.10.1934	Aurora Coghetto		05.11.1960	Alcir Ferrari	
21.10.1941	Diloé Merlin De Caetano		05.11.1963	Maria Aparecida Ferrari	
21.10.1985	Vinicius De Toni		05.11.1934	Teresa Ferrari	
21.10.1967	Saete Ferrari		06.11.1977	Cassiano Ricardo Ferrari	
22.10.1949	Nadir Favretto		07.11.1982	Romilda Felski	
22.10.1930	Orestes Poloni		07.11.2000	Vinicius Longo	
22.10.1956	Helena Gemelli		07.11.1960	Hadair Ferrari	
22.10.1961	Claudio Ferrari		08.11.1996	Guilherme Sonaglio	
23.10.1985	Marcia Gomes da Luz		08.11.1968	Marisa Ferrari	
23.10.1997	Wesley Carvalho da Silva		08.11.1977	Leocádio De Bortoli	
23.10.1992	Gustavo Rigon		08.11.1992	Ricardo Ambrosi	
24.10.1940	João Ferrari		09.11.1981	Sonia B. Sonaglio	
25.10.1951	Assunta De Césaró		09.11.1959	Jorge Furti	
25.10.1969	Vanderlei Rigon		10.11.1964	Moisés F. da Cunha	
25.10.1963	Gilmar Ferrari (filho Domingos)		10.11.1984	Lucimar Rossetto	
25.10.1917	Ana Maria Ferrari	†	10.11.1968	Saete Rubbo	
26.10.1936	João Ferrari		10.11.1997	Ana Ligia M. Chioquetta	
26.10.1932	Ana Ferrari	†	11.11.1953	Maria Cecilia	
26.10.1987	Dênis Abel De Bortoli		11.11.1937	Alfeo Pozza	
26.10.1998	João Paulo Ferrari		11.11.1967	Décio Ferrari (filho Dionisio)	
26.10.1980	Cassiano De Toni		11.11.1943	Hermes Ferrari	
27.10.1938	José Alcides Gubert	†	11.11.1949	Luis Maso	
28.10.1930	Maria Teresa Ferrari		12.11.2004	Rafael Argenton	
28.10.1970	Marilda Trivillin		12.11.2004	Gabrieli Catarina Argenton	
29.10.1968	Amauri Ferrari		13.11.1987	Ana Paula Tumelero Venturela	
29.10.2000	Luana Pelegrini De Bortoli		14.11.1914	Antonio Fernando Tomasin	†
29.10.1967	Gilberto Ferrari		14.11.1980	Sheila Parisotto	
30.10.1959	Luiz De Bortoli		14.11.1949	Teresinha De Bortoli	
30.10.1991	Bruno Guilherme M. Gemelli		14.11.1966	Neide Girardi	
30.10.1967	Alexandre Ferrari		14.11.1978	Ademir César Bergamaski	
			15.11.1975	Viviana Simara Franz	
			15.11.1979	Jordane Dos Santos Bettoni	
			15.11.1996	Lucas Ferrari	
			15.11.1956	Lidia De Bortoli	
			16.11.1993	Regina Ferrari	
			16.11.1957	Renato Ferrari	
			16.11.1910	Santo Ferrari	†
			16.11.1908	Maria Verônica Ferrari	†
			17.11.1910	Catarina Tomasin	†



17.11.1982	Clainor De Bortoli	09.12.1975	Simone Ferrari Paese
19.11.1972	Viviane Ferrari	10.12.1957	Domingos Ferrari
19.11.1969	Tânia Marise Reginatto	10.12.2001	Tatiane Moroni
19.11.1990	Daniel Cesar Anderle	10.12.1923	Adelina Otávia Tomasin
20.11.1965	Maria Agostinha De Souza	10.12.1975	Sefane Caprara Ferrari
21.11.1960	Ivori Pelegrini	11.12.1938	Celina Ferrari
21.11.2004	Rafael Argenton	12.12.1845	Giovanni Battista Frari †
22.11.1956	Larri Laerte De Toni	13.12.2000	Terezinha Ferrari de Lima
23.11.1980	Ismael Casanova	13.12.1997	Cristian Sonaglio
23.11.1978	Leandro De Bortoli	13.12.1990	Thaíse Ferrari
24.11.1987	Adriano Rigon	14.12.1968	Gilberto Spadini
24.11.1966	Ivania Crippa	15.12.1994	Rodrigo Rizzardo
24.11.1945	Leocádia Ferrari	15.12.1955	Terezinha Souza
24.11.1974	Luiz Vicente Costa Souza	15.12.1968	Nestor Bono
25.11.1979	Régis Zandoná	16.12.1940	Maria Benvinda De Paris
26.11.1953	Lucindo Ferrari	17.12.2002	Gabriel Zortea Tumelero
26.11.1981	Adriana De Bortoli	17.12.1965	Jaqueline De Conto
27.11.1967	Ivone De Toni	18.12.1949	Luci Flaiban
27.11.1954	Natalino Rigon	19.12.1936	Casemiro Trivillin
27.11.1964	Tania Toniollo	19.12.1963	Rene Rizzardo
28.11.1953	Lucinda De Bortoli	20.12.1993	Jéssica Rubbo
28.11.1975	Marcos Casagrande	20.12.1982	Marcio Rodrigues da Silva
29.11.1947	Florinda De Bastiani	21.12.1878	Giobatta Santolin †
29.11.1896	Angelo Massocco †	20.12.1996	Jennifer Graziela Ferrari
29.11.1996	Maria da Graças Souza	21.12.1959	José B. de Siqueira
30.11.1982	Cleonésio Casanova	21.12.1983	Andreisse Simonaggio
30.11.1994	Aline Ferrari	22.12.1988	Franciele Sonaglio
30.11.1954	Joel Gomes da Luz	23.12.1968	Luciano Antonio Massocco
		23.12.1966	Marizete Pessali
		23.12.1992	Beatriz Ferrari
		24.12.1880	Giuseppe Domenico Santolin †
		24.12.1985	Gilson Ferrari De Lima
		25.12.1963	Odete Natalina Poloni
		25.12.1949	Nivaldo Luiz Dala Zen
		26.12.1970	Fernando Rubo
		27.12.1952	Herculino Antonio Massocco †
		27.12.1988	Suzana Elisa Magnaguagno
		27.12.1937	Severino Foresti
		29.12.1957	Magdalena Sganzerla
		29.12.1971	Luiz Carlos Ferrari
		31.12.1958	Gema Massocco
		31.12.1929	Adelino Sonaglio †
DEZEMBRO			
01.12.1994	Gleise Islene Ferrari		
02.12.1978	Marcio Rigon		
02.12.1967	Marcos Sonaglio		
03.12.1981	Rudinei Rizzardo		
04.12.1997	Daniela Massocco		
04.12.2000	Manoela De Souza		
05.12.1946	Mario Darci Ferrari		
06.12.1960	Antonio Conci		
07.12.1885	Monica Maria Santolin		
07.12.1953	Terezinha Ferrari		
07.12.1954	Paulo Paese		
08.12.1950	Inês M. Mazzochin		

